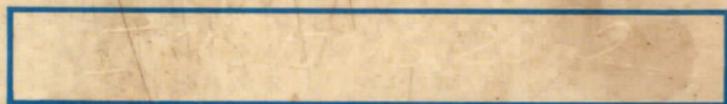


DENTON E. REBOK

CREDE EM SEUS PROFETAS



CREDE EM SEUS PROFETAS

DENTON EDWARD REBOK

Tradução de
Isolina A. Waldvogel

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Tatuf — São Paulo

Título do original em inglês:
BELIEVE HIS PROPHETS

Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados para a

Casa Publicadora Brasileira
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34
18270-000 – Tatuí, SP
Fone: (015) 250-8800
Atendimento Direto: (015) 250-8888
Fax: (015) 250-8900

Quarta edição
Três mil exemplares
12^o milheiro
1998

Editoração: Abigail R. Liedke
Programação Visual: Manoel A. Silva
Capa: Levi Gruber

IMPRESSO NO BRASIL
Printed in Brazil

ÍNDICE

	<i>Prefácio</i>	7
I.	<u><i>A Espécie de Povo que Deus Quer</i></u>	9
II.	<u><i>Três Conceitos Básicos de Cristianismo</i></u>	19
III.	<u><i>Veículos de Comunicação Entre Deus e o Homem</i></u>	28
IV.	<u><i>Aceitar ou Rejeitar os Profetas</i></u>	39
V.	<u><i>O Dom de Profecia no Movimento Adventista</i></u>	53
VI.	<u><i>Provas Bíblicas do Profeta Verdadeiro</i></u>	71
VII.	<u><i>Provas de que Ellen G. White Foi Usada por Deus</i></u>	95
VIII.	<u><i>Deus Revelou Segredos por meio de Ellen G. White</i></u>	108
IX.	<u><i>O Testemunho de Contemporâneos</i></u>	119
X.	<u><i>A Relação de Ellen G. White Para com a Bíblia</i></u>	139
XI.	<u><i>A Atitude de Ellen G. White Para com Seus Próprios Escritos</i></u>	158
XII.	<u><i>As Mensagens de Ellen G. White Sobre a Saúde</i></u>	182
XIII.	<u><i>A Mensagem de Ellen G. White Quanto ao Vestuário</i></u>	215
XIV.	<u><i>Que Espécie de Pessoas vos Convém Ser?</i></u>	239
XV.	<u><i>Minha Atitude Para com a Vida e Obra de Ellen G. White</i></u>	251

Prefácio

Em setembro de 1952, como membro do corpo de obreiros das Publicações de Ellen G. White, o autor apresentou na Conferência Bíblica dos Adventistas do Sétimo Dia uma série de três estudos bíblicos acerca desse tema: “O Espírito de Profecia na Igreja Remanescente.” Foram publicados no 1º volume dos relatórios da conferência, com o título: *Nosso Firme Fundamento*.

Então, em dezembro de 1953, ele foi convidado a fazer uma série de doze estudos sobre o mesmo tema para os obreiros reunidos em Poona, na Índia, por ocasião de um concílio da Divisão Sul-Asiática.

A comissão da Divisão solicitou licença para reunir aqueles estudos em um pequeno livro que deveria ser destinado aos nossos obreiros e leigos de língua inglesa. O livro foi publicado em princípios de 1955 sob o título — *Divine Guidance* [ou Guia Divina].

Devido ao grande interesse por parte de nosso povo, e a fim de satisfazer a uma necessidade ainda maior de matéria sobre esse assunto na verdade vital, o autor revisou e ampliou os estudos acima mencionados, oferecendo agora o resultado desse estudo e esforço neste volume, sob o título: *Believe His Prophets* [isto é, Crede em Seus Profetas].

Esperamos que este livro possa cumprir seus desígnios em reunir de tantas fontes aquilo que estabelecerá cada vez maior confiança nas mensagens que Deus houve por bem dar a Seu povo nestes dias, os últimos dias da história terrestre. Deus falou a Sua igreja remanescente, e Seu povo precisa dar ouvidos a essa voz e andar na luz desses conselhos.

D. E. Rebok

C A P Í T U L O I

A Espécie de Povo que Deus Quer

Nem vós nem eu tivemos palavra quanto à nossa vinda a este mundo; mas como e onde passaremos a eternidade está em nossas mãos, e depende inteiramente de nossa própria escolha.

Se preferirdes passar a eternidade no perpétuo reino de Deus, tendes então de pôr vossa vida em harmonia com os caminhos de Deus, com Seus ideais e normas, com Suas leis e padrões de vida. Pois Ele não mudará Seu reino para adaptá-lo às vossas conveniências ou conformá-lo com as vossas idéias. Seu reino é um reino de justiça e paz e alegria. Se qui-

serdes viver no reino de Deus precisais ser justos, viver em paz com Deus e o homem, e cheio de gozo.

O profeta Isaías enuncia o caso muito claramente e não deixa ninguém em dúvida quanto a quem fará as mudanças. Ele diz:

“Buscai ao Senhor enquanto Se pode achar, invocai-O enquanto está perto. Deixe o ímpio o *seu* caminho, e o homem maligno os *seus* pensamentos. ... Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os Céus são mais altos do que a Terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos.” Isa. 55:6-9.

Tal é a diferença entre o eterno reino de Deus e os reinos deste mundo. Aqui na Terra predominam as idéias e caminhos dos homens; mas no Céu, os pensamentos e normas de Deus mantêm inteiro domínio. Se não gostais deles, não estareis ali; pois Deus não vos quer em Seu reino eterno *a menos que queirais* estar lá e estejais dispostos a conformar vossa vida, em cada pormenor, com Seus caminhos e desejos, com Seu padrão de justiça e nobre viver.

Assim é, no que respeita a Seu reino, e Ele diz com efeito: Aceitai-o ou recusai-o. Não haverá forçamento, nem coerção, nem persuasão indevida. Não haverá mais transigências nem conformações. É isto ou nenhuma outra coisa. Deus liquidou com o pecado e os pecadores. Ele determinou um dia em que o pecado será desarraigado e destruído onde quer que for encontrado. Deus conhece a espécie de povo que Ele quer ter consigo através da eternidade em Seu reino de paz e alegria, onde não mais se encontrarão pecado, doença e dor.

Ao olhar Deus para este nosso mundo, não vê treze grandes religiões, ou modos de fé pelas quais

os homens vivem. Ele não vê sequer uma delas — cristianismo — dividido como se encontra em 258 seitas, grupos ou denominações. Esta divisão entre o povo cristão não se originou em Deus. Não é reconhecida nas Escrituras. Pois, se lemos corretamente o Salmo catorze, precisamos chegar à conclusão de que aos olhos de Deus não há senão duas grandes classes de pessoas. Diz o (versículo 2): “O Senhor olhou desde os Céus para os filhos dos homens, para ver se havia algum que tivesse entendimento e buscasse a Deus.”

Isto nos proporciona a base sobre a qual Deus divide o povo do mundo. Ele não pensa neles como cristãos, hindus, maometanos, confucionistas ou taoístas. Não pensa neles como pertencentes a qualquer das grandes religiões existentes hoje no mundo. Pensa neles como dois grupos apenas — os que O buscam e querem compreendê-Lo, e os que não se interessam nEle, não O buscam nem se importam de O compreender.

No Salmo 11, Deus nos deu os nomes dos dois grupos:

“O Senhor está no Seu santo templo, o trono do Senhor está nos Céus; os Seu olhos estão atentos, e as suas pálpebras provam os filhos dos homens.” V. 4.

Ora, que verifica Ele?

“O Senhor prova o justo, mas a Sua alma aborrece o ímpio e o que ama a violência. Sobre os ímpios fará chover laços, fogo e enxofre e vento tempestuoso: eis a porção do Seu copo. Porque o Senhor é justo, e ama a justiça; o Seu rosto está voltado para os retos.” Vs. 5-7.

De modo que, aos olhos de Deus não há senão duas classes no mundo. E a divisão é feita meramente na base das relações para com Deus, boa

vontade em conhecê-Lo e aceitá-Lo, ou a determinação de resistir-Lhe e rejeitá-Lo.

Assim sendo, acharemos estas duas classes de pessoas em todo país, toda cidade, toda vila, toda rua e *quasè* em toda casa. Não há fronteiras nacionais. Não há regiões geográficas a que se limite um dos grupos e não o outro. Encontram-se os dois grupos em toda parte. Era desígnio de Deus que os cristãos formassem um corpo unido, feliz, vivendo em paz com todo o mundo ao redor.

Ora, é justo que alguém pergunte: “Por que então está o cristianismo dividido em 258 seitas, denominações ou grupos de pessoas?”

É uma boa pergunta. Quando eu falava aos confucionistas, budistas e taoístas na China acerca do cristianismo, eles costumavam dizer: “Mas não podemos compreender. Batistas, metodistas, presbiterianos, adventistas, católicos, congregacionalistas, e todos os demais — por que tantos grupos?”

À primeira vez que cheguei a Hong Kong, no verão de 1917, encontrei esse mesmo problema. Era um dia excessivamente quente, e eu não tinha coisa alguma senão os habituais ternos de lã usados na América do Norte — na verdade desconfortáveis para a estação quente. De modo que a primeira coisa que fiz, foi dirigir-me a um alfaiate chinês. Em nossa palestra, ele disse: “Eu sou cristão”; ao que respondi: “Que bom!” Então ele acrescentou: “Sou batista.” “Muito bem”, disse eu, “isto é bom. Tenho muitos bons amigos batistas.” Alguns minutos depois, ele disse: “Eu sou também presbiteriano.” Em minha surpresa, perguntei: “Como é isto? Por que o senhor é tanto batista como presbiteriano?” Ele exclamou: “Pertencer aos batistas, uma probabilidade de ir para o alto. Pertencer aos presbiterianos, duas probabili-

dades de ir para o alto.” Como vedes, os chineses são um povo muito prático.

É na verdade desconcertante, e *devemos* nos perguntar a nós mesmos: Por que divisões? Penso que a razão é dada em II Timóteo, primeiro capítulo, versículo 12:

“Por cuja causa padeço também isto, mas não me envergonho; porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia.”

A divisão entre os cristãos não se originou em Cristo. A dificuldade é que não pensamos no cristianismo em termos de uma Pessoa, ou de união com uma Pessoa, mas sim como um sistema de doutrinas, ensinamentos e crenças sujeitos a interpretações individuais por pessoas que têm diferentes bases, e portanto, opiniões diversas.

O cristianismo está dividido sobre o *que* e não sobre o *quem*. Cristo é um, e o cristianismo não tem senão “um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos”. Mas, de um modo ou de outro, os cristãos entraram em dificuldade, e nós, cristãos adventistas do sétimo dia, não estamos inteiramente livres dela. Quando começamos a discutir o cristianismo, nossa mente parece concentrar-se no *que* dele, e bem pouco dizemos acerca do *quem* — o Homem Cristo Jesus. A interpretação das mensagens, as doutrinas apresentadas nas Escrituras, segundo são vistas de vários prismas, opiniões e convicções, têm dado em resultado as 258 seitas de cristãos.

Mas dizeis: “Penetra isto entre os adventistas do sétimo dia?” Devemos concordar francamente: “Sim, até certo ponto.” Há agora vários grupos de “reformistas”, a maioria deles bem pequenos, que se chamam “adventistas do sétimo dia”. Eles vieram à existência porque alguns dentre nós se estão esquecendo do *quem* do cristianismo, e argumentando acerca do *quê*.

Estas divergências da igreja adventista do sétimo

mo dia têm vindo em grande parte da diferença de opiniões com referência ao Espírito de Profecia. Não há diferença com relação ao sábado. Todos esses grupos chamados "reformistas" observam o descanso do sétimo dia. Não há dificuldade quanto à segunda vinda de Cristo, nem nenhuma outra das grandes doutrinas fundamentais mas a dificuldade vem acerca de uma *interpretação e aplicação dos ensinamentos do Espírito de Profecia*, e esta é uma razão de meu interesse em procurar compreender melhor o verdadeiro significado e sentido desse dom na Igreja.

A dificuldade origina-se de uma tendência, por parte de alguns, de pegar uma sentença ou um parágrafo dos escritos, e dar-lhes sua própria interpretação, sua própria acentuação, e focalizá-la a seu jeito, e assim diferem de seus irmãos. Isto é para mim uma coisa muito séria. Estou certo de que Deus nunca pretendeu que o Espírito de Profecia se tornasse causa de divisão ou tropeço. Creio que o Espírito de Profecia foi dado de modo a que ficássemos mais estreitamente unidos, e todavia achamos estas palavras de advertência:

"Mensagens de toda ordem e espécie têm instado com os adventistas do sétimo dia para que tomem o lugar da verdade que, ponto por ponto, foi buscada mediante estudo secundado de oração, e atestada pelo miraculoso poder do Senhor. Porém os marcos indicadores do caminho que nos têm feito o que somos, devem ser conservados, e sê-lo-ão, como Deus significou mediante Sua Palavra e o testemunho de Seu Espírito. Ele nos manda que nos agarremos firme, com o segurar da fé, aos princípios fundamentais que se baseiam em inquestionável autoridade." — *Counsels to Writers and Editors*, pág. 52.

Os adventistas do sétimo dia são um povo da Palavra e, como Martinho Lutero, assentam sua posição no firme fundamento que ela oferece. A Bíblia, e a Bíblia unicamente, é sua regra de fé e prática. Esta é a fonte

dos marcos que nos tornaram um povo, e só seremos conservados como tal, à medida que permitirmos que a luz da Palavra de Deus brilhe em nosso caminho.

Além da Bíblia, os adventistas do sétimo dia têm como um povo abundância de matéria admiravelmente boa — uns quinze ou dezesseis milhões de palavras escritas por alguém que declarou ser a mensageira do Senhor. Temos agora essas mensagens em quarenta e cinco volumes encadernados e em vários mil artigos que apareceram nas revistas da igreja durante estes muitos anos. Deus no concedeu abundante matéria que tem derramado luz em nosso caminho e nos tem feito viver vida melhor que outro qualquer grupo de cristãos do mundo. “A qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá.” E assim devemos conhecer nossas mensagens e estar habilitados a viver por elas.

Seja-me permitido volver-me a uma porção da Escritura que era uma das passagens favoritas da Sra. White, e se encontra no capítulo sexto de Oséias, no quinto versículo. É-me dito que em sua casa, ao reunir-se a família de obreiros para o culto matutino e vespertino, uma das secretárias lhe passava a Bíblia, e ela abria muitas vezes naquela passagem e lia do verso um a cinco. Leremos apenas o versículo cinco: “Por isso os cortei pelos profetas.” [Esta passagem no inglês, usa *hewed* onde temos cortei.] A palavra *hewed* quer dizer “ajustar”, “moldar”, “cortar”, “esculpir”. Quer simplesmente dizer “a-feiçoar”, “fazer”. O versículo significa pois: “Por isso os fiz [ou moldei, ou ajustei] pelos profetas.”

Esta é, pois, uma declaração breve, concisa, quanto à ocupação ou desígnio dos profetas. Por meio de Suas mensagens Deus quer fazer de nós o que Ele quer que sejamos a fim de podermos ter um lugar em Seu reino. Por outras palavras, Deus tem em mente um modelo, um molde, um certo ideal para o

povo que Ele quer ter em Seu reino através da eternidade. Quer que vós e eu saibamos justo o que Ele tem em mente, e então deixar que sejamos feitos segundo essa espécie de povo. Isto se fará por meio das mensagens dos profetas. Essas mensagens podem e hão de moldar-nos e ajustar-nos e fazer-nos aquela espécie de povo que Deus quer que sejamos.

Em verdade não fizemos nenhuma escolha quando viemos a este mundo. Viemos, e o que somos, somos; não assim, porém, no eterno reino de Deus. Vós e eu só estaremos naquele reino por nossa própria escolha, por nossa própria decisão individual. Se eu não quiser estar ali, Deus não me irá forçar a entrar em Seu reino. Se não preferirdes ser moldados segundo o modelo de Deus, então também não *estareis* lá tampouco. Esse fato nos traz, a cada um de nós, soleníssima responsabilidade, daquelas que se não podem passar a outros, não se podem evitar ou negligenciar sem espantosas conseqüências para nós. Vós não podeis escolher para mim, nem eu o posso fazer para vós. É simplesmente uma questão pessoal, individual. Entretanto, podeis influenciarme em minhas escolhas, e aconselhar-me quanto à direção de minhas ações. Podeis indicar-me os possíveis e prováveis resultados de minha decisão.

Assumo, desta maneira, certa soma de responsabilidade, pois cada um de nós é em verdade uma parte e parcela de cada homem que encontramos. Consciente ou inconscientemente, levo a vós o impacto de minhas palavras, de meus atos, meus hábitos de vida. O que vedes em mim e de mim ouvis, pode fazer com que façais certas escolhas ou tomeis decisões de importância vital para vossa vida aqui e no porvir.

Por esse motivo preciso ser cauteloso quanto à maneira por que vivo, por causa da influência que

minha vida pode ter sobre vós, e deveis ser ainda mais cautelosos quanto ao que aceitais ou rejeitais de minha vida.

Não admira que o apóstolo Paulo nos aconselhe seriamente a todos nós, e diga em especial aos jovens:

“Ninguém despreze a tua mocidade: mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza.” “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina: persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem.” I Tim. 4:12 e 16.

Sou na verdade “guardador de meu irmão”, e em maior escala do que posso querer reconhecer, minhas palavras e obras podem ter muito que ver com a vossa vida hoje e amanhã. Assim um deslize de minha língua, um encolher de ombros, um minuto de condescendência comigo mesmo, uma palavra descortês, impensada, descuidosa de minha boca, pode fazer com que enveredeis por direção errada, cujo fim pode ser a morte eterna, o completo aniquilamento.

Minha oração diária, precisa ser: Ó Deus, ajuda-me a de dia em dia viver de tal maneira que seja um meio de ajudar aos que me rodeiam no trilho ascendente que conduz à vida eterna, em Teu eterno reino.

Deus não nos deixou patinhar neste mundo turbado e sem esperança. Ao contrário, fez o que era possível para assegurar-nos a possibilidade de conhecer o caminho direito e melhor para nossa vida, e a melhor maneira de influenciar os outros. Para fazer isto, Deus nos deu Seus profetas a fim de nos moldarem e ajudarem a tornar-nos a espécie de povo que alcance a norma divina — a norma que Ele estabeleceu para o Seu reino. Não traz isto grande responsabilidade aos profetas? A mensagem deles precisa então provir de Deus. Quando nela pensa-

mos assim, os profetas se tornam realmente pessoas muito importantes. Transmitem ao povo do mundo, da parte de Deus, as Suas idéias, ideais, normas e padrões.

Se me submeto, se me sujeito a esse processo de moldagem, se permito que Deus me transforme por Suas mensagens, dadas por intermédio de Seus profetas, tenho então esperança de estar em Seu reino. Mas, se me recuso a submeter-me, se não coopero, se digo: “Bem, isto não é importante e aquilo não é importante; farei isto, mas não farei aquilo”, então Deus não me quer ter em Seu reino, porque eu manifestaria o mesmo espírito lá. É justamente esse espírito que tem sido a causa da maioria de nossas perturbações aqui neste mundo. É, então, minha idéia individual em conflito com a idéia de Deus; e quando não concordo com Deus me separo dEle.

A reconciliação é então o único meio pelo qual posso volver a Ele, e o chamado à reconciliação é a obra dos profetas. Como parte do plano de Deus, vós e eu temos uma obra a fazer em chamar a atenção do povo de toda parte para as mensagens desses profetas. Esta é nossa parte na obra de reconciliação, e isto explica a razão da seriedade do tema e do interesse universal nele.

C A P Í T U L O II

Três Conceitos Básicos de Cristianismo

Os adventistas do sétimo dia, juntamente com todos os outros cristãos, têm firmado suas esperanças quanto à vida presente e a futura em três grandes fatos, que para os não cristãos, são meras conjecturas, mas para os cristãos, fatos da fé.

Ao pensar no cristianismo chegamos à conclusão de que precisamos começar com esses três conceitos básicos.

O *primeiro* e mais importante é a crença na existência de Deus. Como sabemos que Deus existe? Podemos nós ir ao laboratório, tomar uma proveta

e, manipulando certas substâncias químicas e coisas semelhantes, provar que Ele existe? Não. Como então poderíeis provar que Deus existe?

O fato é que a maioria de nós como cristãos não pede provas. Dizemos simplesmente: “Bem, Deus existe.” E isto é em si mesmo uma manifestação de nossa fé implícita nEle. Para nós, a crença na existência de Deus é simples, mas para os não cristãos, os descrentes, é mais difícil — é por vezes uma pedra de tropeço. Para nós, a existência de Deus é um fato, mas um fato de fé. Para eles, é simples loucura. Exigem provas. Exigem evidências. Naturalmente podemos empregar evidências como o belo pôr-de-sol, a sementeira da semente, o crescimento das árvores, e a produção de frutos — tudo isso. Podemos facilmente provar que tudo quando existe precisa ter um criador, e por dedução chegar à conclusão de que Deus é o Criador do mundo e do Universo. Assim, para mim como cristão, e para todos os cristãos em geral, não há absolutamente dificuldade quanto a esse primeiro grande fato em que se baseia o cristianismo — o fato de que Deus existe.

Devido à nossa fé implícita e ilimitada em Deus, temos por certo que Ele existe. Sabemos simplesmente que Deus “está no Seu santo templo”; portanto, “cale-se diante dEle toda a Terra” (Habacuque 2:20), “porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe, e que é galardoador dos que O buscam”. (Heb. 11:6.) (Ver também Jó 22:21 e 26.)

Sem hesitação ou uma palavra de prova, Cristo admoesta todos quantos professam Seu nome: “Tende fé em Deus” (S. Mar. 11:22); e os adventistas do sétimo dia de todos os cantos da Terra, declaram: “Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade.”

É importante sabermos que Deus existe? A importância é esta: Unicamente ao saber eu que Deus

existe, que Ele está no Céu, que está olhando para a Terra, que *me vê e me ouve*, tomo cuidado com o que faço e digo. Minha fé em que Deus existe faz-me viver de maneira que diante dEle, em Sua presença, andarei e falarei de maneira a agradar-Lhe.

Pensei nisto outro dia, quando um amigo e eu fomos dirigindo um carro através do campo. Ele tinha um carro novo. Queria mostrar-me quão bom era esse automóvel. Notei que ele olhou à frente, e depois ao espelho. Olhou para todos os lados, e então disse: "Agora, vamos experimentá-lo." Quando chegamos a correr mais de 120 km por hora, eu disse: "Você tem um bom carro; agora vamos diminuir a marcha." Notei que ele olhava outra vez. Sois capaz de conjecturar quem buscava ele com os olhos? Ora, a polícia rodoviária. Estivesse a polícia atrás, pensais vós que ele teria posto a marcha a 140 km por hora? Certamente não!

Nós somos todos como aquele homem. A natureza humana é desse jeito, e assim vós e eu precisamos primeiro crer na existência de Deus e que estamos vivendo cada momento em Sua presença. Chamo isto o primeiro grande fato do cristianismo — que Deus existe, que Deus vê e ouve, registra e julga tudo quanto fazemos, cada palavra que dizemos. Compreendeis agora? O primeiro grande fato do cristianismo é um fato de fé — Deus existe.

O segundo grande fato da fé é algo semelhante a isto. Para ser cristão, preciso crer que *a Bíblia é o livro de Deus*. Como o sei? Como posso prová-lo? Oh, possuímos várias provazinhas simples, ou evidências, que procuramos aplicar a isto. Mas quanto a mim, não peço as provas. Creio simplesmente que ela é o Livro de Deus. Este é o segundo grande fato de fé em que se baseia o cristianismo. Esta Bíblia, meus amigos, é o Livro de Deus. Como o sei? De que outra maneira o poderíeis saber?

Uma das respostas é que poderíeis ir à Palestina, a algum daqueles antigos lugares, e ali encontrar algumas pedras contendo inscrições que falam acerca dos hebreus e que mencionam os israelitas. Algumas dessas antigas pedras falam dos egípcios, do Dilúvio, e de muitas outras coisas mencionadas na Bíblia. Nós as temos como testemunho externo da correção interna, da validade, da genuinidade deste Livro. Não preciso ir à Palestina ou ao Egito ou a qualquer outro lugar para encontrar aquelas coisas a fim de fazerem-me crer que este é o Livro de Deus. Creio apenas nele, e o mesmo se dá com todo e qualquer cristão.

A Bíblia é uma revelação de Seu amor, Sua vontade, Seu plano, Seu desígnio, e Sua norma para os homens de todos os séculos e todos os climas. O conselho de Paulo a Timóteo é a Palavra de Deus a todos os homens que, pela fé, têm aceitado a Bíblia desde o Gênesis até ao Apocalipse.

“Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido, e que desde a tua meninice sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra.” (II Tim. 3:14-17.)

Os adventistas do sétimo dia recebem as Escrituras como a voz de Deus falando-lhes diretamente. Temem e tremem à Palavra de Deus, pois para eles todo pensamento, toda sentença, todo versículo, todo capítulo, é uma mensagem do Deus vivo, dada por meio de Seus escolhidos mensageiros da antiguidade. Os adventistas do sétimo dia abrem o coração e a mente para recebê-la, pois nela estão os mandamentos de Deus, rogos, conselhos, apelos, ad-

vertências e promessas. Aceitam-na francamente, de boa vontade, literal e plenamente como a Palavra de Deus, e portanto nunca para ser tratada levemente ou desprezada. Eles tampouco lhe acrescentam ou tiram dela. Não lhes cabe aceitar isto e rejeitar aquilo, segundo seus próprios caprichos, fantasias ou conveniências. É na verdade "Palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes".

I Tess. 2:11-13.

O terceiro grande fato da fé é simplesmente que Deus falou por meio de Seus profetas e deu-nos este Livro — a Bíblia. Como sei isto? Como posso prová-lo? Eu não estava lá quando Samuel vivia, nem quando Daniel tinha seus sonhos e visões. Mas na terça-feira, 24 de novembro de 1953, tive a fortuna de ir da cidade de Bagdá, por uns cem quilômetros, ao sítio da antiga cidade de Babilônia, onde agora só há montes de areia e de lixo e calça. Enquanto eu olhava para aqueles montes, disse comigo mesmo: "Como posso saber que isto é o lugar em que Daniel vivia?" Ao chegarmos um pouco mais perto do lugar em que o arqueólogo alemão escavara mais daquelas grandes pilhas de lixo, meu guia, Melvin Jacobson, disse: "Este é o próprio caminho em que Daniel andava." Eu olhei para ele e disse comigo mesmo: "Como eles sabem?"

Enquanto eu ia andando pelo local, olhei em redor, e vi as inscrições nos tijolos, lembrei-me de meus livros de História e outros livros que descrevem esses lugares. E disse: "Bem, irmão, isto é realmente um cumprimento de profecia." Exatamente então, em meio de todo aquele silêncio, em que nem um homem se via, ou qualquer sinal de vida se encontrava, saltou repentinamente um animal de um montículo para outro e fugiu por cima dos outeiros. Eu disse: "Também isto é cumprimento da profecia de Jeremias." (Ver Jer. 50:39.)

Vedes, temos tais demonstrações que me ajudarão até certo ponto a crer no livro. Entretanto, não necessito de tais provas. Simplesmente creio que este é o Livro de Deus, e quanto mais firmemente o creio, tanto mais cuidadoso serei em observar o que ele me diz para fazer. Mas se digo que esse Livro é como qualquer outro livro, não sou capaz de dar-lhe nenhuma atenção particular.

No primeiro capítulo de Hebreus, no primeiro versículo, leio: “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes e de muitas maneiras aos pais, pelos profetas, ...”

Aqui está toda demonstração de que necessito. Deus diz isto; portanto, assim é. É assim que o compreendo, porque é assim que Deus o declara. Uma vez que eu creio em Deus, e sei que Ele não pode mentir, pego-Lhe na palavra, nisto como em outras questões. Diz Pedro daqueles profetas que eles eram “homens santos... inspirados pelo Espírito Santo”. Diz o próprio Amós: “Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o Seu segredo aos Seus servos, os profetas.” Amós 3:7. Ora, como sei que tudo isto é verdade? Que prova tenho eu de que esse é realmente o Livro de Deus? e que Deus falou as palavras deste Livro por meio de Seus profetas? A resposta sincera é que apenas temos fé, e por esse ato de fé eu creio que esse método de comunicação é aquele empregado por Deus desde o mais primitivo período da história do homem até nossos dias. “Se entre vós houver profeta, Eu, o Senhor, em visão a Ele Me farei conhecer, ou em sonhos falarei com ele.” Núm. 12:6.

Se pela fé os cristãos aceitam o fato da existência de Deus, e reconhecem a Bíblia como a Sua Palavra, então não é senão natural e lógico que os cristãos aceitem o fato de que Deus escolheu profetas como porta-vozes Seus. Os cristãos não hão de,

portanto, pedir mais prova para a grande suposição do que para a outra — ambas igualmente são assuntos de fé.

Quanto aos profetas e as suas mensagens vindas de Deus, diz o apóstolo Paulo:

“Em tudo dai graças; porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco. Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias; examinai tudo. Retende o bem; abstenede-vos de toda aparência do mal. E o Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.” (I Tess. 5:18-23.)

A salvação vem pela fé no Senhor Jesus. A santificação e a suma perfeição vêm pela presença permanente do Espírito Santo. Por meio dos profetas Deus apresentou na Bíblia e nos escritos do Espírito de Profecia uma norma de vida cristã que nos mostra a espécie de povo que os cristãos precisam ser aqui e no reino eterno; pois se quisermos ser santos no reino vindouro, precisamos ser santos no mundo agora. A preocupação do cristianismo não é tanto a maneira de introduzir um homem no Céu, como a de introduzir o Céu no coração de um homem. Tal é a obra dos profetas tanto nos tempos do Velho como do Novo Testamento, bem como na atual igreja remanescente.

Tirai a fé, e que vos resta? Nada de Deus. Nada da Bíblia. Nem profetas. Nem reconhecimento da pecaminosidade do homem. Nem necessidade do Salvador. Nem Salvador, Jesus Cristo. E que resta do cristianismo ao haverdes tirado tudo isto? Coisa alguma.

Caso nosso raciocínio seja correto, houve profetas nos tempos antigos, e deve haver profetas nos tempos modernos. O fato importante é que Deus disse que havia profetas por meio de quem Ele fala-

va no passado, e que deveria haver profetas por quem Ele falaria em nossos dias. Se eu creio em Deus, então preciso aceitar Seus profetas.

Temos tido muitos movimentos na história da igreja cristã que brotaram da liderança de algum indivíduo que pretendia ser profeta. Tem havido profetas, e todos nós concordamos com isto. Mas, dizeis: “Como podereis dizer se eles eram verdadeiros ou falsos?” A isto preciso replicar: “Isso é nosso único problema agora.” Como posso saber que quem quer que seja que se apresente pretendendo ser profeta é na verdade um profeta verdadeiro?

Os cristãos de toda parte estão prontos a aceitar o primeiro fato — *que Deus existe*. Estão todos prontos a aceitar o segundo fato — *que a Bíblia é o Livro de Deus*. Mas o único fato posto em dúvida é o terceiro. Mesmo este fato é parcialmente aceito, no que respeita a Daniel, Ezequiel, Isaías, Jeremias, Malaquias e João que escreveu o Apocalipse. Eles aceitarão tudo isso. Por que se detêm aí? Detêm-se apenas na última parte deste grande terceiro fato de fé, isto é, que Deus planeja falar por meio de Seus servos nos tempos modernos. Aí está o problema. É aí que os cristãos se separam.

Isto torna claro que os adventistas do sétimo dia não têm muito a provar. Tudo quanto temos a provar é que Deus falou pelo menos por meio de um profeta em nossos próprios dias.

Caros irmãos e irmãs, o que precisamos acima de tudo o mais, é chegar a uma conclusão em nossa maneira de pensar com relação à Palavra de Deus, conclusão a que chegaram os cristãos de Tessalônica mil e novecentos anos atrás:

“Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós, como o pai a seus filhos, para que vos conduzísseis dignamente para com Deus, que vos chama

para o Seu reino e glória. Pelo que também damos sem cessar graças a Deus, pois havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homem, mas (segundo é na verdade), como Palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes." 1 Tess. 2:11-13.

Qual é a ocupação dos profetas que escreveram essa palavra? Diz Oséias: "Por isso os cortei pelos profetas." (Cortar, formar, fazer a golpes de instrumento.) Diz Paulo: "Palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes." Qual é então o desígnio da mensagem dos profetas contida neste Livro, a Palavra de Deus? A Bíblia declara que o objetivo de Deus é que essas mensagens operem efetivamente em nosso interior para nos tornarem a espécie de homens e mulheres que Deus quer que sejamos — a espécie que Ele quer ter em Seu reino.

Vedes agora que vos estou conduzindo a uma conclusão; e quase chegastes a essa conclusão em vosso pensamento, porque credes nos grandes fatos do cristianismo. Não *necessito* oferecer-vos *todas* as provas e evidências, porém farei breve recapitulação nesta série de estudos, de maneira a não haver dúvidas em qualquer espírito quanto a haver Deus escolhido falar à igreja remanescente por intermédio de alguém a quem conhecemos pelo nome de Ellen G. White.

C A P Í T U L O III

Veículos de Comunicação Entre Deus e o Homem

Aceitar a existência de Deus é aceitar Sua declaração quanto ao meio por Ele escolhido para comunicar-Se com o homem. Não é razoável nem judicioso aceitar a Deus e depois negar ou rejeitar o que Ele diz acerca dos profetas por meio de quem escolheu falar ao homem aqui na Terra. A Bíblia não oferece prova científica nem sequer um argumento bem raciocinado pró ou contra os profetas. Declara simplesmente que há profetas por intermédio de quem Deus fala:

“Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho.” (Heb. 1:1 e 2.)

Deus Falou em Várias Ocasões Pelos Profetas

No Éden, Deus falou diretamente a Adão e Eva (Gênesis 2 e 3). “E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia.” Gên. 3:8. Este pensamento é ampliado por Tiago White.

“Outrora o homem andava com Deus no Éden. De face descoberta contemplava a glória do Senhor, e falava com Deus, e Cristo e os anjos no Paraíso, sem o atenuante véu de permeio. O homem caiu de sua retidão moral e inocência, e foi expulso do jardim, da árvore da vida e da visível presença do Senhor e de Seus santos anjos.” — Introdução ao *The Spirit of Prophecy* de Ellen G. White, vol. 1, pág. 7.

Ao vir o pecado, formou uma parede de separação entre Deus e o homem. Deus, porém, não rejeita a obra de Suas mãos nem dela Se descuida. Achou por bem comunicar-Se com os homens, primeiro por meio de *profetas* (Gên. 20:6 e 7); mas também por vezes mediante *sacerdotes* (Gên. 14:18) e *anjos* (Gên. 16:7-13. Ver também II Crôn. 36:15; Jer. 35:15; II S. Ped. 1:21.

Declara Ellen G. White:

“Aprove a Deus comunicar Sua verdade ao mundo mediante instrumentos humanos, e Ele próprio, por Seu Espírito Santo, habilitou-os a fazer esta obra. Guiou a mente na escolha do que convinha falar, e do que escrever. O tesouro foi confiado a vasos de barro, e todavia nem por isso é menos do Céu. O testemunho é transmitido pela imperfeita expressão da linguagem humana, mas não obstante é o testemunho de Deus; e o obediente e crente filho de Deus nEle vê a glória de um poder divino, cheio de graça e de verdade.” — *The Great Controversy*, C. II. L. 8. 9.

O homem de Deus escolhido para fazer essa obra mui essencial e todo-importante era geralmente co-

nhecido como profeta, porém há outros nomes ou títulos a ele aplicados nas Escrituras: *profeta* em I Samuel 9:9; *filho do homem*; *vidente* em II Crôn. 16:7; *anjo [mensageiro]* em Malaquias 3:1; *embaixador* [ou mensageiro], Ageu 1:13; *boca* [ou porta-voz] em Êxo. 4:16; *conservo* em Apoc. 22:9; 19:10; *servo de Deus* em I Crôn. 6:49; *homem de Deus* em I Sam. 9:6; II S. Ped. 1:21; *atalaias* em Isa. 52:8.

A obra de todos esses homens, seja qual for o título por que sejam conhecidos, é bem declarada nestas palavras:

“Desde os primeiros tempos, os profetas eram reconhecidos como ensinadores divinamente designados. Na mais alta acepção da palavra, o profeta era alguém que falava por direta inspiração, comunicando ao povo as mensagens de Deus.” — *Educação*, págs. 45 e 46.

É muito natural que esperemos ver profetas entre o povo de Deus, e na verdade tem havido muitos que pretenderam ser profetas de Deus. Isto está em harmonia com as Escrituras, e portanto somos aconselhados a não desprezar “as profecias”, antes “examinai todas as coisas”, “retende o bem”. I Tess. 5:20 e 21.

O próprio Jesus, olhando no futuro, a nossos dias, disse: “Surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até aos escolhidos.” S. Mat. 24:24. Por meio de João, Ele acrescenta esta advertência: “Amados, não creiais a todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.” I S. João 4:1. De algum modo, espera-se que onde existe o verdadeiro, é provável haver o falso; onde há o genuíno, aí está igualmente o imitado. Nossa ocupação é experimentar, provar os profetas para achar o verdadeiro e rejeitar o falso.

O Chamado ao Ofício de Profeta

O chamado ao ofício profético está nas mãos de Deus, que sabe o que quer e quando, onde, e por que o quer a qualquer tempo determinado. Não é, portanto, responsabilidade do homem, o dirigir a escolha do profeta. Esta vocação não vem por medidas tomadas numa comissão ou por planos e idealizações humanas. Como acontece com o sacerdócio, “ninguém toma para si esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Arão”. (Heb. 5:4; ver II S. Ped. 1:21.) Os homens de Deus são escolhidos individualmente, preparados, chamados, e dirigidos por Ele, e todavia isto é feito de maneira que a vocação ao ofício profético vem ao indivíduo com poder convincente, e suficiente demonstração de que tanto ele como seus companheiros o sabem com certeza.

O chamado de Amós é um exemplo nesse caso. “Eu não era profeta, nem filho de profeta, mas boieiro, e cultivador de sicômoros. Mas o Senhor me tirou de após o gado, e o Senhor me disse: Vai, e profetiza ao Meu povo Israel.” Amós 7:14 e 15.

Por outro lado, o chamado de Deus a Isaías foi de natureza inteiramente diversa. O jovem entrou no Templo, e enquanto ali estava, Deus lhe abriu os olhos e deu-lhe *uma visão* do trono de Deus e dos anjos ao redor desse trono, que parecia alto e sublime. Isaías obteve aquela visão de Deus em toda a Sua glória e majestade celestial. Sentiu imediatamente sua *humilhação* e experimentou a própria indignidade. Queria fugir da presença de tão tremenda santidade e grandeza, mas o Senhor tomou uma brasa viva do altar e, por assim dizer, pô-la nos lábios, e disse: “Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniquidade foi tirada de ti e purificado o teu pecado.” Isa. 6:7. A *purificação* tornou-o pronto para ser servo de Deus, e Seu mensageiro. Então,

em resposta ao chamado: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós?” Isaías, em sua juventude, respondeu: “Eis-me aqui, envia-me a mim.”

Isaías, como escolhido porta-voz de Deus, tornou-se o profeta do evangelho do Novo Testamento, e deixou ao mundo cristão uma peça de literatura de inexcelsível beleza. O testemunho de Jesus mediante Isaías é um exemplo do dom profético em ação sublime e poderosa.

Nomes Aplicados às Mensagens dos Profetas

É importante que encontremos os vários termos empregados na Bíblia para designar as mensagens faladas ou escritas pelos profetas. Há nestas um guia quanto a seu uso, aplicação e significação. São como segue:

1. Profecia ou profecias (II Crôn. 9:29; 15:8; I Cor. 13:8).
2. Palavra de Deus (I Sam. 9:27; I Reis 12:22).
3. Mensagem do Senhor (Ageu 1:13).
4. Testemunhos (II Reis 17:15; Nee. 9:34).
5. Conselho (Isa. 44:26).
6. Peso (Jer. 23:33 e 38; Isa. 13:1; 15:1).

A palavra “testemunho” ou “testemunhos” é freqüentemente usada, e tem, entre outras significações, a de “intencões” [ou “desígnios”]. “O testemunho de Jesus”, portanto, seriam “intencões” de Deus segundo foram reveladas por intermédio de Jesus, Seu anjo, e Seu profeta ao povo. A expressão “o testemunho de Jesus” é usada apenas três vezes em toda a Bíblia, em Apoc. 12:17 e 19:10. O significado bíblico do termo encontra-se no último versículo: “Porque o testemunho de Jesus é o Espírito de Profecia.”

Os adventistas do sétimo dia, aceitando a Bíblia

toda, desde Gênesis 1:1 a Apocalipse 22:21, crêem em Deus, e em Sua Palavra como uma revelação das "intenções", ou vontade, segundo são reveladas por meio dos profetas. Eles crêem que os dons de Deus são proveitosos agora da mesma maneira que o eram nos tempos apostólicos.

Profetas na Igreja do Novo Testamento

J. Peter Lange, no *Commentary on the Holy Scriptures*, tem isto a dizer relativamente a S. Luc. 2:26:

"Se o Espírito de Profecia se havia afastado de Israel desde os dias de Malaquias, segundo a opinião dos judeus, a volta desse Espírito poderia ser considerada um sinal do Advento do Messias."

Sem discutir nem a opinião dos judeus nem o comentário de Lange, é interessante notar que o evangelista Lucas reconhece que João Batista, o precursor do Messias, era na verdade um profeta (S. Luc. 1:76; 7:28). Em S. Mat. 21:11 e S. Luc. 7:16, é igualmente reconhecido que Jesus mesmo era um profeta entre os homens. E quando Ele ascendeu ao Céu, "deu dons aos homens", "uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores". Efés. 4:8 e 11.

O objetivo desses obreiros na igreja do período apostólico era habilitar Seu povo para o serviço, edificar a igreja, ajudar todos a chegarem à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus para atingirem a plena estatura de homens em Jesus Cristo em vez de permanecerem criancinhas na vida cristã; e deixarem de ser levados em volta por todo vento de doutrina mas se apegarem à verdade mediante a união com Cristo (Efés. 4:12 e 15).

Paulo admoestou os Efésios quanto a não deve-

rem os cristãos viver mais como os gentios mas se tornarem novos homens que segundo Deus são criados “em justiça e santidade” — preparados para o eterno reino de Deus e para a sociedade dos anjos (Efés. 4:17-24).

Esses versículos juntamente com os de I Coríntios 14:3, 4, 20 e 22, deve levar-nos à conclusão de que os profetas são postos na igreja por Deus, antes de tudo para benefício da própria igreja. Lemos na última citação:

“Mas o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação. O que fala língua estranha edifica-se a si mesmo, mas o que profetiza edifica a igreja. ... Irmãos, não sejais meninos no entendimento, mas sede meninos na malícia, e adultos no entendimento. ... De sorte que as línguas são um sinal, não para os fiéis, mas para os infiéis; e a profecia não é sinal para os infiéis, mas para os fiéis.”

Podemos assim acentuar este mui importante princípio: A obra dos profetas é essencialmente para os membros da igreja — para reprovação aos errantes e para “edificação, exortação e consolação” dos crentes. As palavras de conselhos e instruções vindas de Deus por meio dos profetas aos crentes, destinam-se a ajudá-los a renascidas criancinhas espirituais, a ir “crescendo” por seu uso do “leite racional, não falsificado” [da Palavra] (I S. Ped. 2:2) “a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo. Para que não sejamos mais meninos”. (Efés. 4:13 e 14).

A principal ocupação dos profetas na igreja tem sido guiar os crentes na senda que conduz ao Céu, indicar as tabuletas guadoras ao longo do caminho de maneira que os crentes andem e trabalhem inteligentemente. Eles não são salvos pelas tabuletas nem pelas instruções dadas ou pelos atos praticados e quanto vão a caminho. Não há senão um Salva-

dor, pois “nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”. - AT. 4; 12

É claro que qualquer homem que ouve o evangelho do Senhor Jesus Cristo, se apercebe de que é um pecador necessitado de Salvador, e reconhece Cristo como seu Salvador, torna-se imediatamente membro da família de Deus — um crente. Então, depois que crê, e se tornou “um filho de Deus”, começa um processo de crescimento na graça, pelo qual ele se torna lúcido cristão.

Tudo isto se acha em harmonia com a passagem que lemos em II Timóteo 3, que diz que toda a Escritura é dada por inspiração, a fim de fazer o homem santo e perfeito, perfeitamente preparado para toda boa obra. Tiramos portanto a conclusão de que o dom de profecia se destina a vós e a mim. Os Testemunhos são primeiramente para os que já crêem. É o evangelho que transforma os crentes “em filhos de Deus”, e são as mensagens dos profetas que edificam os crentes, tornando-os cristãos lúcidos.

Não há, portanto, salvação neste ou naquele dado histórico; não há nenhum destino eterno em jogo nesta ou naquela profecia cumprida ou por cumprir; não há salvação em qualquer ponto de vista particular das doutrinas ou teorias meramente acidentais, ou no que a Sra. White mesma chama “questões indefinidas, frívolas”, “pontos obscuros, sem importância”, “sofismas ociosos”, coisas “não essenciais à nossa salvação”, “questões não necessárias ao aperfeiçoamento da fé”, “e fábulas ociosas”.

Devemos estabelecer claramente em nosso espírito o fato de que, no que respeita à salvação, há uma, e unicamente uma doutrina fundamental — que eu sou um pecador em necessidade de Salvador, e Jesus Cristo é meu Salvador, se tão-somente eu creio nEle e O recebo no coração pela fé.

Circundando essa grande doutrina fundamental da igreja cristã, acham-se “marcos indicadores”, “tabuletas indicadoras”, “cavilhas e pregos” que nos têm tornado o *inteligente povo cristão adventista do sétimo dia*. Estas coisas só nos conservam como um povo se as entendermos claramente e por elas vivermos, permitindo que nos moldem e afeiçoem o caráter, e determinem todo pormenor nos hábitos de nosso viver diário. Nosso final objetivo é tornar-nos aptos a viver para sempre no reino eterno de Deus, e para isto, Deus pôs na igreja profetas a fim de nos ajudarem no preparo para a entrada no Céu.

Profetas na Igreja Remanescente

Declarou certo escritor: “A igreja que Ele [Cristo] fundou foi uma igreja em que a profecia devia ser um bem contínuo.” — G. C. Joyce em *The Inspiration of Prophecy*, pág. 139.

Diz Ellen G. White:

“Quando vier aquele Espírito de verdade, Ele vos guiará em toda a verdade; ... e vos anunciará o que há de vir.” ... *S. João 16:13*. As Escrituras claramente ensinam que estas promessas, longe de se limitarem aos dias apostólicos, se estendem à igreja de Cristo em todos os séculos.” — *O Grande Conflito*, pág. 10.

O mesmo se verifica relativamente à igreja de Deus no tempo do fim e no fim do tempo. A Bíblia se refere ao povo escolhido de Deus dos últimos dias como “o remanescente”.

As seguintes especificações bíblicas ajudam-nos a identificar a igreja remanescente:

Eles serão outra vez adquiridos (*Isa. 11:11*); distinguir-se-ão dos outros (*Miq. 5:7 e 8*); guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus (*Apoc. 12:17*); não cometerão iniquidade nem fala-

rão engano (Sof. 3:13); serão salvos no reino de Deus (Rom. 9:27; Dan. 7:18).

Um estudo da história da igreja mostra que no decorrer dos séculos tem havido sempre grupos de cristãos que têm pretendido o dom profético entre eles.

À igreja que aguarda a vinda do Senhor, escreveu Paulo a mensagem:

“Porque em tudo fostes enriquecidos nEle, em toda a palavra e em todo o conhecimento [como foi mesmo o testemunho de Cristo confirmado em vós]. De maneira que nenhum dom vos falta, esperando a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo.”
I Cor. 1:5-8.

A Sra. White acrescenta:

“Em tempos antigos Deus falava aos homens por boca dos profetas e apóstolos. Hoje em dia lhes fala pelos Testemunhos de Seu Espírito. Jamais houve tempo em que Deus instruisse Seu povo mais fervorosamente do que os instrui hoje, acerca de Sua vontade e do procedimento que Ele deseja que sigam.” — *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 488.

Os adventistas do sétimo dia crêem que são a igreja remanescente porque satisfazem a todas as especificações escriturísticas para isso. Entre eles há também o dom de profecia, ou o “testemunho de Jesus”, que “é o Espírito de Profecia”. Não é para os cristãos negarem, rejeitarem ou desprezarem, antes *provarem* o dom segundo foi reivindicado por Ellen G. White, que por setenta anos falou em nome do Senhor, e pretendia ter visões e revelações em que Deus manifestava Suas “intenções” para indivíduos e para a igreja como um todo. Em virtude da própria natureza da guia divina dada por meio de Ellen G. White, adventistas do sétimo dia têm em alto apreço os conselhos, admoestações, advertências, reprovações, animações e confortos contidos em suas mensagens.

Agora, que se passou mais de um século desde as primeiras manifestações do dom de profecia entre nós, devem os adventistas deter-se a fim de avaliar o dom de Deus na igreja remanescente, e aplicar as provas bíblicas. De que maneira resiste a obra de Ellen G. White à prova do tempo? Tem a igreja prosperado em resultado de dar ouvidos a seus conselhos e moldar seus métodos em harmonia com os "testemunhos" dela? Estas perguntas são razoáveis e lógicas, e merecem uma resposta sincera, imparcial, não tanto para demonstrar que Deus tem escolhido e usado homens e mulheres como Seus mensageiros proféticos, mas antes para mostrar que Ellen G. White era uma dentre os assim escolhidos por Deus.

C A P Í T U L O IV

Aceitar ou Rejeitar os Profetas

Este estudo nos traz face a face com uma questão vital:

Havemos nós de aceitar ou rejeitar os profetas de Deus? Para lição escriturística, citamos mais uma vez a Oséias, o sexto capítulo:

“Vinde, e tornemos para o Senhor, porque Ele despedaçou, e nos sarará; fez a ferida, e a ligará. Depois de dois dias nos dará a vida; e ao terceiro dia nos ressuscitará, e viveremos diante dEle. Conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor; como a alva será a sua safada; e Ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra. Que te farei, ó Efraim? que te farei, ó Judá? porque a vossa beneficência é como a nuvem da

manhã, e como o orvalho da madrugada, que cedo passa. Por isso os abati [ou cortei, talhei, moldei] pelos profetas." (Versos 1-5)

Como foi anteriormente mencionado, a principal obra do profeta é trazer uma mensagem de Deus, mensagem destinada a moldar e ajustar e fazer-nos segundo o modelo que Deus estabeleceu para o Seu reino. Esse pensamento é assim expresso em (S. João 17:17), que diz: "Santifica-os na verdade; a Tua Palavra é a verdade."

De modo que as palavras dos profetas se destinam a fazer de nós um povo santificado ou santo. É assim que devemos ser moldados e ajustados e talhados pela Palavra de Deus, segundo o Seu padrão. Em II Timóteo, no terceiro capítulo, encontram-se algumas palavras familiares:

"Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido, e que desde a tua meninice sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus." (Versos 14 e 15)

O desígnio das Escrituras, pois, é moldar-nos, ajustar-nos e fazer-nos sábios para a salvação pela fé que há em Cristo Jesus.

"Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça." V. 16

Declara-se novamente aqui a obra dos profetas no talhar, ajustar, moldar, fazer-nos sábios para a salvação. Portanto, as Escrituras, segundo foram dadas pelos profetas, são boas para ensinar, redarguir, corrigir, instruir bem, e o objetivo é "que o homem de Deus seja perfeito" (versos 15 e 17). Nesses poucos textos da Escritura temos posto diante de nós o próprio desígnio que Deus tinha em

mente quando mandou profetas à igreja. "Havendo Deus antigamente falado... aos pais pelos profetas." Heb. 1:1. Uma vez que isto é um fato que devemos aceitar, o objetivo pelo qual Ele falou é igualmente um fato; e isto nos prepara agora para entrar no pensamento deste estudo.

Segundo foi mencionado já no princípio, é uma questão de aceitar ou rejeitar os profetas, e vós e eu, pessoal e individualmente precisamos tomar essa decisão. Eu não a posso tomar por vós; não a podeis vós tomar por mim.

Eu tenho que aceitar ou rejeitar.

Vós tendes que aceitar ou rejeitar.

No princípio, era plano de Deus falar ao homem diretamente, vir e falar-lhe face a face, a fim de que o homem tivesse acesso direto a Deus, e estivesse em Sua própria presença. Caso o homem não houvesse pecado, haveria continuado essa relação; mas o pecado ergueu uma barreira entre Deus e o homem. No capítulo 59 de Isaías, no versículo 2, declara-se isto muito positivamente. O que se interpõe entre o homem e Deus é o pecado, e quando o pecado se introduziu na vida humana, não mais Deus falou diretamente com o homem. Daí em diante, em vista do pecado, o homem não podia chegar e falar com Deus face a face; de modo que para vencer essa barreira, Deus arranjou outro plano, e começou a falar aos homens por intermédio daqueles que Ele chamava profetas e sacerdotes, e às vezes por anjos.

Surge agora a pergunta: Que faremos com os profetas, ou aqueles que pretenderam o dom de profecia? Consideremos esta pergunta em face de (I Tess. 5:19-21): "Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias; examinai tudo. Retende o bem."

Assim, o que vos cumpre a vós, e me cumpre a mim, não é dizer precipitadamente: "Não quero ter nada que ver com esse dom. Não quero ter nada que

ver com uma pessoa que pretende ter revelações do Céu, ou visões, ou sonhos.”

Ao contrário, nossa atitude deve ser: “Hei de fazer prova desse dom de profecia; verificarei; hei de prová-lo para ver se há qualquer coisa nele ou não; depois chegarei a minhas conclusões.” Por outras palavras, precisamos experimentar e provar antes de tirar conclusões, em vez de concluir antecipadamente e recusar-nos a ter qualquer coisa que ver com isso. Isto tem sido uma questão para o povo de Deus no decorrer dos séculos. Diz-nos I S. João 4:1: “Amados, não creiais a todo espírito, mas provaí se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.” Se há muitos falsos profetas, torna-se tanto mais importante prová-los.

Falei acerca deste assunto no Oriente Médio, e depois da reunião uma jovem senhora veio ter comigo. Ela disse: “Não sou cristã; sou muçulmana, e não gostei de algumas coisas que o senhor disse esta manhã. O senhor deu a entender que meu profeta podia ser verdadeiro ou podia ser falso, e que tudo quanto eu tinha a fazer era experimentar e provar a Maomé. Ora, isto é inconcebível!”

Não querendo ofender, ou arrazoar, perguntei: “Como chegou a senhora a esta conclusão? Acaso já investigou algum dia, para provar realmente se seu profeta é verdadeiro ou falso? ou simplesmente aceitou-o sem objeção?” Ela respondeu: “Bem, creio que simplesmente o aceitei como minha mãe, meu pai e toda a minha família o têm crido sem qualquer dúvida ou qualquer indagação. Ora, naturalmente ele era um profeta verdadeiro!”

Então ela chegou diretamente ao âmago da questão: “Quer o senhor que eu tome as provas que o senhor deu e as aplique a Maomé?” Respondi: “Creio

que, se a senhora deseja saber se Maomé era verdadeiro ou falso, terá de aplicar estas provas." Então ela chegou a uma conclusão na verdade vital, e disse: "Sendo assim, seria difícil fazê-lo."

Eu não queria forçar ninguém a uma conclusão sem primeiro examinar a evidência, mas seja-me permitido expô-lo assim: Vossa ocupação e a minha não é declarar que Maomé era falso, antes experimentar e tentar provar Maomé como profeta, e se ele suportasse a prova, teríamos então de concluir que era verdadeiro. Caso não resistisse à prova, aí chegaríamos à conclusão de que ele não era profeta verdadeiro.

O mesmo se dá quanto a Ellen G. White. Caso ela não resista às quatro provas dadas nas Escrituras, teremos de concluir que era uma falsa profetisa. Creio que acima de tudo temos de ser razoáveis, temos de ser justos, de ser sinceros, ter o senso do equilíbrio e proporção no lidar com o profeta dos mórmons ou o profeta dos maometanos, ou o profeta da igreja remanescente. Precisamos ser igualmente justos e igualmente sinceros e honestos. Isto nos traz agora à questão: Quais são as provas?

Desejo tratar das provas em outro capítulo, pois isto é por si mesmo um assunto. Neste estudo agora, desejo chamar vossa atenção para o que devemos fazer quanto aos profetas em geral, e o que foi feito relativamente aos profetas do passado. Talvez devamos ler um texto da Escritura que nos ajude a conhecer a atitude do povo do passado quanto aos profetas.

Começaremos com esta passagem de II Crôn.
36:15:

"E o Senhor, Deus de seus pais, lhes enviou a Sua Palavra pelos Seus mensageiros, madrugando, e enviando-lhos; porque Se compadeceu do Seu povo e da Sua habitação. Porém zomba-

ram dos mensageiros de Deus, e desprezaram as suas palavras e mofaram dos Seus profetas até que o furor do Senhor subiu tanto, contra o Seu povo, que mais nenhum remédio houve.”

Jeremias repetiu a mesma idéia. Disse que Deus mandava de tempos a tempos Seus mensageiros com mensagens para o povo. Alguns aceitavam, muitos rejeitavam; e dos que rejeitaram encontramos frisante exemplo no sexto capítulo de Jeremias, onde temos a experiência do rei Jeoaquim. Estais lembrados de que naquele capítulo Deus disse a Jeremias: “Toma o rolo de um livro, e escreve nele todas as palavras que te tenho falado... desde o dia em que Eu te falei a ti.” De modo que Jeremias tomou o rolo do livro e chamou seu secretário, Baruque, e lhe disse: “Senta-te e escreve, e eu ditarei a mensagem que Deus deu.”

Quando as mensagens foram escritas no rolo, foram levadas ao povo para ler. Efetivamente, o próprio Baruque tomou as mensagens e começou a ler ao povo as palavras do profeta. Alguns dos que ouviram eram príncipes do próprio palácio do rei, e ficaram tão impressionados, que acharam que o mesmo rei precisava ouvir aquelas palavras. Levaram então o rolo ao palácio e começaram a ler ao rei. O relato nesse ponto diz que Jeoaquim estava sentado perto de um braseiro.

Ao escutar, interessou-se, porém não gostou do que ouviu. Pegou o rolo, e com o canivete, cortou em pedaços e lançou ao fogo, até que tudo se consumiu. Esta é a atitude de algumas pessoas para com as mensagens dos profetas de Deus.

Ora, sinceramente, podeis vós livrar-vos das mensagens de Deus rasgando-as em pedaços e atirando-as ao fogo? Não vos podeis livrar de Deus. Não vos podeis livrar das mensagens de Seus mensageiros por essa maneira. Algumas pessoas, mesmo hoje,

são inclinadas a tratar os profetas e as mensagens dos profetas de maneira semelhante.

Acode-me à memória uma velha história de um homem por nome Estêvão Smith. Talvez a tenhais lido. Ele era homem de meia-idade, que aceitou a mensagem adventista por volta de 1850, e acreditava realmente na segunda vinda de Cristo. Era homem deveras promissor, tão bem dotado na palavra, que todos gostavam de ouvir-lhe as mensagens. Mesmo a velha e boa revista denominacional, a *Review and Herald*, declarou que ele era um homem que esperavam poder ir em breve para outros lugares a pregar a mensagem. E então ele ficou em oposição a esta idéia do Espírito de Profecia, porém disse em seu coração que não queria ter nada que ver com uma pessoa que pretendia ser profetisa, mensageira do Senhor. Estêvão Smith abanava a cabeça, e dizia: “No que respeita a sonhos e visões e revelações por meio de uma mulher como aquela, não quero ter nada com isto.”

Tempos mais tarde, Estêvão Smith recebeu pelo correio um grande envelope tendo como remetente Ellen G. White, e pensou consigo: “Aí está. Ela pensa que me vai dar um de seus testemunhos. Não quero nada com ele.” De maneira que não o abriu. Levou-o para casa, abriu a porta, foi para o quarto, e olhou em redor a ver onde o poderia pôr. Ali estava o velho baú. Destrancou-o, abriu-o, colocou aquele envelope lá bem no fundo. Deixou cair a tampa, e murmurou: “Não terei nada que ver com isso.” E assim ele ficou fora de seu caminho.

Estêvão Smith, porém, teve uma experiência singular; pois toda idéia estranha que lhe atravessava o caminho, era absorvida por ele, assim como um mata-borrão absorve a tinta, ora esposava esse movimento, ora aquele. Entregou-se efetivamente ao fanatismo. Não tinha coisa alguma que o guiasse.

Durante os tempos em que surgiam essas novas idéias, Ellen G. White ali estava para orientar nosso povo, porém Estêvão Smith não tinha nada que ver com ela. Não lhe agradava a idéia de receber mensagens de uma mulher. Isso era demasiado para ele. E assim seguiu seu caminho, e não tardou a que se pusesse em desarmonia com o nosso povo. Não concordava com eles em muitos pontos e, naturalmente, tiveram de cortá-lo da comunhão, e ele se foi para fora da igreja.

Estêvão Smith tornou-se muito amargo. Aquela sua língua, dada a falar tão fluentemente e tão depressa, virou-se para falar as palavras mais cáusticas e mais sarcásticas que se possam imaginar, as mais acerbas. Tornou-se conhecido para os adventistas observadores do sábado naquela parte do país, como um homem assaz crítico.

Envelheceu, naturalmente, e por volta de 1884, uns vinte e oito anos depois que recebera aquele envelope, estava um dia sentado em sua sala. Sua boa esposa permanecera fiel durante todo esse tempo, e semana após semana ela colocara o número da *Review and Herald* na mesa da sala. Nesse dia, Estêvão, agora velho, grisalho e curvado, sentou-se próximo à mesinha e pôs-se a olhar a revista. Leu um artigo de Ellen G. White, e disse: "Isto é a verdade." Na semana seguinte, ao chegar a revista, ele lá estava junto à mesa, e apanhou-a. Leu outro artigo de Ellen G. White. E disse: "É muito bom. Isto é a verdade de Deus."

Compreende-se que ele não queria que ninguém o visse lendo aquelas revistas, porém semana após semana lia, e numa daquelas revistas, em princípios de 1885, leu que Eugênio Farnsworth voltava a Washington, New Hampshire, onde crescera quando menino, e onde Estêvão Smith o conhecera como amigo. Conheciam-se bem. O Pastor Farnsworth era

enviado a Washington, New Hampshire, para dirigir uma série de reuniões de reavivamento na velha igreja. Estêvão Smith disse consigo mesmo: "Bem, creio que irei ouvir o que Eugênio tem para dizer."

De modo que caminhou mais de vinte quilômetros de onde morava para Washington. Durante a reunião do sábado de manhã, ficou muito impressionado com a mensagem dada por Eugênio Farnsworth. Quando o orador se sentou, o velho Estêvão mexeu-se um pouco e ergueu-se. Quando se pôs de pé, o povo todo deu uma espécie de suspiro, e pensou: "Ele de volta! Teremos de ouvir agora outra tirada!" Havia ouvido tantas vezes aquele velho através dos anos, mas parecia não haver nada que fazer senão deixá-lo falar. De modo que se recostaram nos assentos, e esperaram.

Desta vez, quando Estêvão Smith se ergueu, disse: "Não quero que fiquéis com medo de mim, irmãos, pois não vim para criticar-vos. Abandonei essa espécie de ocupação." Volveu, então, ao passado, como numa recapitulação. Disse como se opusera à organização da igreja e a quase tudo o mais. Referiu-se a sua ligação com várias facções, inclusive a do Mensageiro, e esse e aquele grupo. Disse tudo. Afinal, concluiu: "Os fatos são coisas obstinadas, porém os fatos são que aqueles que se opuseram a esta obra deram em nada, ao passo que os que são seus amigos têm prosperado — desenvolveram-se melhor, são mais piedosos, mais semelhantes a Deus. Os que se lhe opuseram só aprenderam a combater e a debater, perderam toda a sua religião. Nenhum homem honesto pode deixar de ver que Deus está com eles e contra nós. Eu quero estar em comunhão com este povo no coração e na igreja."

Eles não haviam ouvido coisa semelhante de Estêvão Smith por longo, longo tempo. Com o decorrer dos dias, considerou sua própria condição. Ten-

cionara permanecer em Washington para a reunião do sábado seguinte. Porém na quarta-feira da próxima semana lembrou-se da carta no fundo do baú e, pela primeira vez em vinte e oito anos, quis saber o que ela continha. De modo que, na quinta de manhã, percorreu os mais de vinte quilômetros de volta a sua casa, aí entrou, abriu o velho baú, e procurou no fundo do mesmo e, ali estava ainda o envelope, um tanto amarelado pelos anos. Abriu o envelope, e começou a ler. Era uma mensagem muito interessante. Dizia-lhe que Deus o amava e estava ansioso por salvá-lo, e mais que, se ele procedesse assim e assim, e assim e assim, sua vida seria — e ela esboçava exatamente o que sua vida havia de ser. Então a carta dizia também o que seria sua existência caso seguisse seus próprios caminhos.

Enquanto lia, aquele ancião pensava: “Aqui está um retrato de minha vida, simplesmente o que eu tenho vivido durante esses vinte e oito anos, e aqui está o que eu poderia ter sido.” Aquilo o impressionou deveras. Ele dobrou a carta e pôs-se a caminho de volta para Washington, New Hampshire, a fim de assistir à reunião de sábado.

O Pastor Farnsworth pregou sobre o Espírito de Profecia no movimento adventista, e mal havia ele terminado o sermão, Estêvão Smith se pôs novamente de pé. Desta vez, ele disse: “Eu próprio recebi um testemunho há vinte e oito anos, e levei-o para casa, e o coloquei no fundo de um baú, e nunca o li até esta quinta-feira.” Disse mais que temera lê-lo e enlouquecer, mas acrescentou: “Estive quase louco todo o tempo” — louco para todos e para tudo. Disse mais: “Irmãos, cada palavra do testemunho que me foi dirigido é verdade, e eu o aceito, e cheguei ao ponto em que acredito firmemente em que eles são todos de Deus. E se eu houvesse dado ouvidos ao que o Senhor me enviou, bem como aos

demais, isso haveria mudado todo o curso de minha vida, e eu teria sido um homem bem diferente. Qualquer homem honesto dirá que eles encaminham sempre o homem para Deus e a Bíblia. Se o homem for sincero, assim o dirá; se não o quiser dizer, não é honesto. Caso eu lhes houvesse dado ouvidos, isto me haveria poupado um mundo de aflições. Os testemunhos disseram que não deveria haver mais pregação de tempo definido depois do movimento de 1844, mas achei que eu sabia tanto como as visões de uma velha, como eu costumava classificar. Que Deus me perdoe! Mas, para minha dor, verifiquei que as visões estavam certas e o homem que julgava saber tudo estava completamente errado, pois preguei o tempo em 1854 [tempo em que um pequeno grupo julgava que Cristo havia de vir] e gastei tudo quanto tinha, quando, se lhes houvesse dado ouvidos, haver-me-ia poupado a tudo isso e muito mais. Os testemunhos estão corretos e eu estou errado.” Depois acrescentou: “Estou demasiado velho para desfazer tudo quanto fiz. Estou demasiado fraco para ir às nossas reuniões grandes, mas quero que digais ao nosso povo em toda parte que mais um rebelde se rendeu.” E o velho Estêvão Smith sentou-se. Segundo ouvi, os derradeiros anos de sua vida foram passados em confiança para com Deus, e aprazível comunhão com os irmãos. Era um homem mudado.

Sabeis, querido amigo, talvez não tenhamos recebido mensagens pessoais dessa maneira, mas estou convencido de que a maioria de nós possui nas prateleiras em casa as mensagens encadernadas. Hesito em perguntar quantos de nós lêem essas mensagens. Meu nome não foi diretamente escrito em qualquer delas — quanto eu saiba, e tenho lido quantidade delas — mas encontro o meu estado descrito em tantas dessas mensagens, que acredito o

Senhor havê-las em intenção me dirigido, da mesma maneira que a vós. A dificuldade é que, se bem que vós e eu tenhamos essas mensagens, e não as cortemos em pedaços nem as atiremos ao fogo como fez Jeoaquim, inclino-me todavia a pensar que talvez alguns de nós as deixem ficar nas prateleiras dia após dia, e nunca as leiam. Inclino-me a pensar que em muitos casos somos quase tão culpados como Estêvão Smith.

Entretanto, há na Bíblia outro tipo de todo diverso do registro do rei Jeoaquim. Refiro-me ao relato acerca de Davi, para o qual gosto de voltar. Estais lembrados de que quando Davi era rei, fez uma coisa deveras estranha. O incidente acha-se registrado em II Samuel, no undécimo e duodécimo capítulos. Difícil é compreender como um bom homem de Deus podia descer a fazer coisa tão terrível como fez. Ele quis, em suma, a mulher de outro; e para se livrar do marido, ordenou que ele fosse posto mesmo na frente da batalha, sabendo justamente onde mais renhido seria o combate e o perigo maior, de maneira que fosse morto. Então Davi tomou a mulher daquele homem. Acho que isto foi engano da mais baixa espécie, quase tão desprezível como o que se possa achar nos registros. Ora, que fez Deus a esse respeito? A Bíblia diz que Ele falou a Seu servo. Deve ter dito mais ou menos assim: "Natã, tenho um pequeno serviço para ti esta manhã. Quero que vás ter com o rei, ao seu palácio, e lhe contes uma historiazinha."

Natã era um homem de Deus, e quando Ele lhe dizia para fazer alguma coisa, ele a fazia. Sob tais circunstâncias, não era muito agradável levar a mensagem ao rei, porém Deus lhe mostrou exatamente o que acontecera. Quando Natã foi à presença do rei, não foi logo dizendo: "Ora, rei Davi, fizeste uma coisa muito má", pois isto haveria sido uma infeliz

maneira de se aproximar. Natã teve mais tato, de modo que deu sua mensagem por meio de uma história. Davi escutou muito atentamente, e ao chegar Natã ao desenlace, perguntou: “Que pensas que se deveria fazer, ó Rei, com o homem que fizesse uma coisa assim?”

A resposta de Davi foi pronta e decisiva. Estava realmente indignado, quando respondeu. “Esse homem deve restituir quadruplicado. É preciso tratar sumariamente com ele.” Foi muito pronto em dar seu veredicto, seu juízo, num caso daqueles. Então Natã, dirigindo para ele o indicador, disse: “Tu és este homem.” Imediatamente o rei se reconheceu como aquele a quem ele julgara.

Em tal situação, o rei poderia haver feito prender o profeta e matá-lo. Poderia haver-se livrado dele muito depressa. Poderia haver-se zangado e obrigá-lo a sair do palácio, dizendo: “Não quero ter nada contigo e tua mensagem”. Mas que disse Davi? A Bíblia registra exatamente o que poderíamos esperar de um homem como o rei Davi: “Pequei contra o Senhor.”

Que um rei reconhecesse que havia pecado, penso, era boa demonstração da espécie de homem que ele era no íntimo. Oh sim, ele cometera erros! Fizeram coisas muito estranhas. Por vezes nós mesmos fazemos coisas que não podemos compreender, nem nossos melhores amigos podem compreender. Mas me alegro tanto por haver um Deus no Céu que compreende a fragilidade da natureza humana, e a fraqueza de nossa carne! Quando, pela nossa parte, manifestamos atitude de humildade, arrependimento, e tristeza, e quando reconhecemos que cometemos um erro e com lágrimas nos arrependemos, temos um Deus que está pronto a perdoar.

A Bíblia não nos diz tudo quanto foi dito e feito em relação com esse caso particular, porém o capí-

tulo doze, versículo treze de II Samuel, encerra o incidente com essas palavras: "Também o Senhor traspassou o teu pecado; não morrerás." Nosso coração dever-se-ia regozijar em palavras como estas.

Como vedes, quando aceitamos as mensagens do profeta, mensagens que vêm de Deus para nós, elas operam uma mudança; tem lugar uma reforma no coração e na vida. Temos diante de nós esses dois casos frisantes — o rei Jeoaquim, que rejeitou, rasgou e queimou as mensagens; e o rei Davi, que aceitou as mensagens de reprovação, o conselho, e aproveitou a instrução.

Nossa oração deve ser que, de algum modo, não sejamos semelhantes a Jeoaquim nem a Estêvão Smith, mas nos assemelhemos a Davi. Oxalá tenhamos a coragem de, não somente ler, mas aceitar e crer as palavras dos profetas, e então essas mensagens podem operar em nós e trazer maravilhosa transformação.

C A P Í T U L O V

O Dom de Profecia no Movimento Adventista

Volvamos agora, na imaginação, ao ano de 1844. Tendo à frente Guilherme Miller, muitos pregavam fervorosamente que a vinda de Cristo e o fim do mundo ocorreriam a 22 de outubro de 1844. Crescia de ponto a excitação. Milhares e milhares estavam seriamente se preparando para encontrar-se com Cristo quando viesse nas nuvens do céu. Centenas de milhares ficavam de parte, um pouco desassossegados e incertos, mas esperando tomar a decisão justa perto do dia predito, temerosos de que Ele viesse, ao mesmo tempo esperando que não fosse assim.

Vários anos atrás D. E. Robinson, minha esposa e eu, fizemos uma viagem à Nova Inglaterra, visitando aqueles velhos lugares de interesse histórico quanto ao movimento adventista, e chegamos, em nossas viagens, à velha fazenda de Guilherme Miller. Era quase ao pôr-do-sol, quando saímos para trás do celeiro, a uma grande rocha de feitio chato, que se ergue qual uma cúpula no velho campo. Estivemos sobre aquela rocha nessa tarde, e observamos o pôr-do-sol, mas pensamos no pequeno grupo de adventistas que lá de reuniu a 22 de outubro de 1844.

O Pastor Robinson contou a história com grandes pormenores. Gostaria que estivésseis lá a fim de ouvir aquela emocionante narrativa. Eu nunca ouvi antes nem depois com tantas minúcias e com tanto sentimento como ele a contou naquela tarde. De pé ali sobre aquela rocha em forma de cúpula, podíamos ver em todas as direções, e o firmamento estava deveras lindo. Nossa vista estendia-se em todas as quatro direções sem qualquer obstáculo. No silêncio do crepúsculo, enquanto ele contava a história, quase me podia sentir entre aquele grupo de 22 de outubro, a olhar o céu, aguardando o aparecimento de Cristo como uma pequenina nuvem, que se aproximaria mais e mais. Mas o Sol se pôs naquele anunciado dia, e Ele não veio. Eu podia na verdade sentir a decepção daquele primeiro grupo de adventistas. Meu coração dilatou-se para eles em sua amarga decepção.

Passou-se a tarde, e eles esperaram pela noite antes de compreenderem plenamente que haviam firmado suas esperanças em alguma coisa que se não havia cumprido; foi na verdade terrível desgano. Dessa decepção de 22 de outubro gerou-se confusão, e uma dispersão dos crentes adventistas. Não tardou a que quase cada um tivesse uma idéia

ou razão diferente quanto ao aparente fracasso de suas esperanças, e desse fracasso proveio muita tristeza e descontentamento.

Para os crentes adventistas a passagem de 22 de outubro sem incidente foi na verdade terrível desapontamento, dando em resultado frustração, confusão, divisões, fanatismo e um sentimento de derrota e solidude. Isto subiu de ponto com as zombarias dos adversários. Algo havia na verdade de errado. Como era de esperar, muito crente adventista descaiu para o mundo, não mais andando com o povo peculiar de Deus. Muitos outros pensaram que o movimento estava certo, mas havia erro no tempo, e formaram um grupo que marcava data após data. Um bem pequeno número de crentes adventistas estudou a fundo a questão outra vez, e concluiu que o tempo estava certo, mas o acontecimento estava errado. E isto aconteceu na última parte de 1844.

A Vocação de Ellen Gould Harmon

Foi num tempo assim de perturbação e infelicidade entre o povo de Deus, que Ele decidiu dar a conhecer Suas intenções e planos por meio de uma jovem de dezessete anos, por nome Ellen Gould Harmon. Em dezembro daquele ano, ela teve inesperada e estranha experiência. A esse respeito, de quando ela estava ajoelhada humilde e tranqüilamente em oração junto com quatro irmãs em Cristo, em casa da Sra. Haines em Portland, no Maine, diz ela: "O poder de Deus veio sobre mim como eu nunca dantes sentira." — *Life Sketches* de Ellen G. White, pág. 64.

O revestimento do poder trouxe-lhe a primeira visão, na qual a essa menina de dezessete anos foi mostrada a jornada do povo do advento da decepção de 1844 à cidade de Deus (*Primeiros Escritos*, págs.

14-20). Seguiu-se pronta ordem para ela ir e relatar aos outros o que lhe fora revelado. Seus sentimentos são descritos da seguinte maneira:

“Depois que saí da visão, estava excessivamente perturbada. ... Dirigi-me ao Senhor em oração e supliquei-Lhe que colocasse a responsabilidade sobre outra pessoa. Parecia-me que não a poderia suportar. Fiquei sobre o meu rosto por longo tempo, e toda a luz que pude obter, foi: ‘Dá a conhecer aos outros o que te revelei’.” — *Idem*, pág. 20.

Aquela jovem ergueu-se da oração para assumir a responsabilidade e falar por Deus, desempenhando-se muito bem e fielmente por setenta anos. Saíram de sua pena nada menos de vinte e cinco milhões de palavras, muitas das quais foram publicadas em quarenta e três livros e vários milhares de artigos em revistas. Naturalmente houve críticos de sua vida e sua obra, porém seus ataques pouca ou nenhuma impressão causaram na grande obra mundial que se tem desenvolvido em resultado de seguir-lhe os conselhos e as revelações.

Declara Francis D. Nichol:

“Depois de cem anos as diversas corporações adventistas — fora dos adventistas do sétimo dia — brotadas do movimento milerita dos princípios de 1840, somam menos de 50.000 membros, o que não excede ao total dos crentes do advento em 1844. Não faz muito, fruímos deleitável comunhão de alguns dias com idoso e santo líder de uma dessas corporações adventistas. Ele falou da expansão dos adventistas do sétimo dia, de suas escolas, casas editoras, instituições médicas, e então acrescentou: ‘Vossos homens tiveram mais visão que os nossos e fizeram melhores planos.’ Respondemos: ‘Não, nossos homens não foram mais sábios do que os vossos, porém tivemos uma frágil serva do Senhor em nosso meio, a qual declarava que mediante visões de Deus via o que devíamos fazer e como devíamos delinear os planos para o futuro.’ Nenhuma outra explicação poderia em verdade ser dada quanto à vitalidade, a clareza e previsão reveladas no que respeita ao

desenvolvimento do movimento adventista no mundo." — *Ellen G. White and Her Critics*, págs. 23 e 24.

Esta representa nossa atitude para com a vida e a obra de Ellen G. White hoje, mas não foi tão facilmente vista e aceita em 1844 e 1845. Então, era simplesmente a palavra de uma menina de dezessete anos, pretendendo que Deus lhe estava falando por meio de Seu anjo. Devemos lembrar que os dirigentes no movimento do advento haviam aconselhado contra fanáticos e iludidos por chamadas visões e sonhos. Em sua conferência em Boston, em 29 de maio de 1843, haviam tomado a seguinte resolução: "Não temos nenhuma confiança em quaisquer visões, sonhos ou revelações particulares." — *Signs of the Times* de 7 de junho de 1843, pág. 107.

Podeis imaginar a surpresa daquele pequeno grupo de mulheres junto com uma jovem de dezessete anos, após o período de oração que tiveram, ao dizer-lhes essa jovem o que vira em visão. Fico a pensar quantas de vós, senhoras, caso houvésseis estado naquele grupinho, haveriam dito: "Bem Ellen, estamos certas de que o que dizes é certo, e te aceitamos e cremos que és profetisa. Certamente és um dos grandes profetas de Deus." Haveríeis vós dito isto? Duvido-o. Penso antes que algumas daquelas senhoras duvidaram um pouco do que a irmã Ellen dissera.

Reações dos Primeiros Pioneiros Quanto às Reivindicações de Ellen G. White

De que maneira receberam os antigos pioneiros e crentes em geral, as reivindicações de Ellen Harmon e as demonstrações físicas de sua vocação? Viram eles nela os indícios de que Deus estava novamente falando mediante um ser humano, da mes-

ma maneira que fizera no decorrer da história de Seu povo? Ela esperava que o povo não somente criticasse, mas fosse mesmo cético, pois eram humanos, da mesma maneira que nós somos hoje.

Em princípios de 1847 um crente escreveu um bilhete a Tiago White exprimindo sua reação às visões de Ellen G. White:

“Não posso endossar as visões da irmã White como de inspiração divina, como vós e ela pensais que são; todavia, não suspeito absolutamente de qualquer sombra de desonestidade da parte de qualquer de vós nesta questão. ... Penso que o que ela e vós considerais como visões vindas do Senhor, são apenas divagações religiosas, nas quais a imaginação se solta sem controle sobre temas nos quais ela tem profundo interesse. ... Não penso de modo algum que suas visões sejam como algumas do diabo.” — Citado de Tiago White em *A Word to the "Little Flock"*, pág. 22.

Como vedes, ele foi muito bondoso em dizer: “Não penso que elas são do diabo, mas simplesmente não as posso aceitar como vós.” Assim era nos anos que se seguiram a 1844 e 1845 — muitos voltavam as costas à irmã White, e foi para ela um tempo trabalhoso.

Podemos quase sentir com ela durante aqueles anos, ao tentar reviver aqueles acontecimentos. Porém nem todos foram tão francos como esse irmão, pois temos, nas palavras do próprio Tiago White, o seu testemunho, e cremos que ele falou por muitos como ele. Eis suas palavras, escritas em 1847:

“Os sonhos e as visões acham-se entre os sinais que precedem o grande e notável dia do Senhor. E como os sinais daquele dia se têm cumprido e ainda se estão cumprindo, precisa ser claro a todo espírito despreconcebido, que chegou plenamente o tempo em que os filhos de Deus podem esperar sonhos e visões do Senhor.

“Sei que esta é uma atitude deveras impopular a tomar-se

quanto ao assunto, mesmo entre os adventistas; mas prefiro crer na Palavra do Senhor a esse respeito a crer nos ensinamentos dos homens. Estou bem apercebido dos preconceitos de muitos espíritos neste assunto; mas como isto tem sido produzido principalmente pela pregação de adventistas populares e a falta de correta visão deste assunto, tenho esperado humildemente com a 'espada do Espírito', cerceá-lo de alguns espíritos pelo menos." — *Idem*, pág. 13.

Esse é o testemunho escrito de Tiago White acerca de sua atitude. Talvez ele falasse também por alguns outros. Muitos não estavam esclarecidos quanto a estas manifestações e revelações. Necessitavam alguma demonstração que os convencesse de que o que ela dizia se originava em uma mensagem de Deus, e era verdadeiro e exato, fidedigno, alguma coisa em que se podia pôr a confiança.

A história da mudança de atitude quanto às visões de Ellen Harmon, da dúvida e incerteza, por parte do capitão Bates, para a plena fé e confiança, é algo impressionante. José Bates entrou para suas aventuras de mercador marítimo em verdes anos, começando como grumete e avançando por vários estágios em responsabilidade, até que se tornou afinal capitão e proprietário de navios mercantes. Nessa qualidade, tornou-se uma espécie de autoridade em astronomia. Lia com avidez tudo quanto podia achar sobre o assunto e interessou-se muito na descrição de Lord John Rosse quanto à "abertura no céu", aparecida no *Illustrated London News* de 19 de abril de 1845.

O capitão Bates assistiu a uma conferência dos crentes adventistas em Topsham, no Maine, em novembro de 1846. Naquele tempo ele ainda não estava convencido das visões. Certa ocasião procurou interrogar a Sra. White (ela desposara Tiago White) quanto ao que ela sabia acerca de astronomia. Achou-a tão ignorante como a maioria de nós nesse

assunto, e ficou decepcionado de que ela nunca houvesse lido um livro ou um artigo sobre isto. Em verdade ela não tinha nenhum pendor sequer para ouvir falar no assunto.

Imagine-se a surpresa de Bates certa tarde; durante a conferência, de não somente ver Ellen G. White em visão, mas ouvir-lhe a descrição do que ia vendo. Ela começou a falar a respeito das estrelas e dos rosados anéis em volta de uma delas. Ela disse: "Vejo quatro Luas." O capitão Bates murmurou: "Oh, ela está vendo Júpiter!" Então ela descreveu um planeta com anéis que mudavam de cor, e disse: "Vejo sete Luas!" "Ela está descrevendo Saturno", observou o velho capitão de marinha. Veio em seguida maravilhosa descrição oral de outro planeta e suas seis Luas, mas quando ela começou a descrever a "abertura no céu" com toda a sua beleza e imensidade, o capitão Bates exclamou: "Oh, como desejaria que Lord John Rosse estivesse aqui esta noite!" Não sabendo quem fosse John Rosse, o Pastor White perguntou: "Quem é Lord John Rosse?" José Bates contou-lhe alguma coisa acerca desse astrônomo inglês e de sua descrição da "abertura" no céu (J. N. Loughborough em *The Great Second Advent Movement*, pág. 258).

Isto bastou para José Bates. Ficou satisfeito de ver que as visões vinham de um poder fora do conhecimento e controle de Ellen G. White. Não admira que concluísse: "Creio que a obra é de Deus, e é dada para conforto e fortalecimento de Seu 'povo aturdido', 'disperso', 'desmembrado'." — *A Word to the "Little Flock"*, pág. 21.

Nem todos foram ganhos para inteiro e pleno apoio a Ellen G. White e suas singulares manifestações espirituais. Alguns ficaram apenas intimidados e silenciosos pelo que viram e ouviram. Tal foi o caso de Robbins e Sargent, que chefiavam um gru-

po de crentes adventistas em um sério tipo de fanatismo em Boston, Massachusetts. Temos a história em manuscrito de Otis Nichols, em volta de cujo lar essa história teve sua origem. É também apresentada pela Sra. E. G. White em seu livro *Spiritual Gifts*. Ela dá a narração que apresentamos aqui, substituindo os nomes originais pelas iniciais usadas na primeira edição:

“A convite dos irmãos, Sr. Nichols, minha irmã Sara e eu fomos novamente a Massachusetts, fazendo de sua casa o nosso lar. Havia em Boston e vizinhanças um grupo de fanáticos, que afirmavam ser pecado trabalhar. Sua principal mensagem; era: ‘Vendei o que tendes e dai esmolas.’ Diziam achar-se em jubileu, que a terra devia descansar, e os pobres precisavam ser sustentados sem trabalho. Sargent, Robbins e alguns outros eram os líderes. Eles acusavam minhas visões de serem do diabo, por me haverem sido mostrados seus erros. Eram severos com todos aqueles que não criam como eles. Enquanto nos achávamos de visita em casa do irmão Nichols, Robbins e Sargent vieram de Boston a pedir um favor do irmão Nichols, e disseram que tinham vindo fazer uma visita, e passar a noite com ele. O irmão Nichols disse que estimava que tivessem vindo, pois as irmãs Sara e Ellen estavam em sua casa, e desejavam que eles se relacionassem conosco. Imediatamente mudaram de idéia, e não puderam ser persuadidos a entrar em casa. O irmão Nichols perguntou se eu podia relatar minha mensagem em Boston, e se eles ouviriam, julgando então. ‘Sim’, disseram, ‘vinde a Boston no próximo sábado, apreciaríamos o privilégio de ouvi-la.’

“Conseqüentemente, fizemos menção de ir a Boston, mas à tardinha, no começo do sábado, foi-me mostrado em visão que não devíamos ir a Boston, mas em direção oposta, a Randolph; que o Senhor tinha uma obra para fazermos ali. Fomos a Randolph, e encontramos uma grande sala cheia de congregados, e entre eles aqueles que haviam dito que apreciariam ouvir minha mensagem em Boston. Ao entrarmos, Robbins e Sargent se entreolharam surpreendidos, e começaram a suspirar. Havia prometido encontrar-se comigo em Boston, mas pensavam decepcionar-nos indo a Randolph, e enquanto estivéssemos em Boston, prevenir os irmãos contra nós. Não tiveram muita liberdade. Num intervalo, um deles disse que seria apresentado um bom assunto à tarde. A irmã Nichols respondeu: ‘Creio.’ Robbins disse a minha irmã que eu não poderia ter uma visão em sua presença.

“À tarde, a bênção do Senhor repousou sobre mim, e fui tomada em visão. Foram-me novamente mostrados os erros de Robbins e Sargent e outros a eles unidos. Vi que não podiam prosperar: que a verdade triunfaria afinal, e o erro seria derribado. Foi-me mostrado que eles não eram sinceros, e fui então levada ao futuro, sendo-me mostrada alguma coisa da direção que eles haviam de seguir, que continuariam a desprezar os ensinamentos do Senhor, desprezar a reprovção, e que seriam deixados em completa escuridão, a resistir ao Espírito de Deus até que sua loucura fosse a todos manifesta. Foi-me mostrada uma cadeia de verdades das Escrituras, em contraste com seus erros. Quando saf da visão, ardiam as velas. Eu estivera em visão por cerca de quatro horas.

“Como eu estivesse inconsciente do que se passava ao redor de mim quando em visão, copiarei da descrição daquela reunião, feita pelo irmão Nichols.

“A irmã Ellen foi arrebatada em visão com extraordinárias manifestações, e continuou falando em visão com voz clara, que podia ser distintamente compreendida por todos os presentes, até cerca do pôr-do-sol. Sargent, Robbins e French estavam muito exasperados, bem como excitados de ouvir a irmã White falar em visão, que eles declararam ser do diabo; esgotaram toda a sua influência, e as forças físicas para destruir o efeito da visão. Uniram-se para cantar muito alto, e depois alternadamente falavam e liam a Bíblia em voz alta, a fim de Ellen não ser ouvida, até que suas forças se exauriram, e as mãos lhes tremiam de modo que não podiam ler a Bíblia. Porém em meio de toda esta confusão e ruído, a voz clara e penetrante, enquanto falava em visão, era claramente ouvida por todos os presentes. A oposição desses homens continuou enquanto puderam falar e cantar, não obstante alguns de seus próprios amigos os repreenderam, e exigiram que parassem. Mas diz Robbins: “Estais curvados perante um ídolo; estais adorando um bezerro de ouro.”

“O Sr. Thayer, o dono da casa, não estava muito convencido de que sua visão fosse do diabo, como declara Robbins. Queria que ela fosse de algum modo provada. Ouvira dizer que visões de poder satânico eram detidas abrindo-se a Bíblia e colocando-a sobre a pessoa em visão, e perguntou a Sargent se ele a provaria dessa maneira, o que ele recusou fazer. Então Thayer apanhou uma grande e pesada Bíblia de família, que jazia sobre a mesa, e era raramente usada, abriu-a, e pô-la sobre o peito de Ellen enquanto estava em visão, pois ela estava então inclinada para trás contra a parede, no canto da sala. Imediatamente depois que a Bíblia foi posta sobre ela, ela se ergueu, pondo-se de pé, e

caminhou até ao meio da sala, tendo a Bíblia aberta em uma mão, e levantou-a o mais alto que lhe foi possível, e com os olhos firmemente voltados para cima, declarou de modo solene: "O inspirado Testemunho de Deus", ou palavras semelhantes. E depois continuou por longo tempo, enquanto a Bíblia estava estendida em uma mão e os olhos voltados para o alto e não na Bíblia, a voltar as folhas com a outra mão, e a pôr o dedo sobre certas passagens, dizendo corretamente as palavras das mesmas, em voz solene. Muitos presentes olharam as passagens indicadas por seu dedo, a ver se as dizia corretamente, pois seus olhos, enquanto isto, fitavam o alto. Algumas das passagens citadas eram juízos contra os ímpios e blasfemos; e outras eram admoestações e instruções relativas a nossa condição presente.

"Nesse estado continuou ela toda a tarde até perto do pôr-do-sol, quando saiu da visão. Quando Ellen se ergueu na visão, segurando a pesada Bíblia, e andou pela sala, dizendo as passagens da Escritura, Sargent, Robbins e French silenciaram. Durante o resto do tempo, ficaram perturbados juntamente com muitos outros; mas fecharam os olhos e tornaram-se ousados, sem reconhecer de qualquer modo os seus sentimentos." — *Spiritual Gifts*, vol. 2, págs. 75-79.

A "Review and Herald" e as Visões

Convém analisar outro capítulo de nossa primitiva história, que tem que ver com a atitude de nossos primeiros pioneiros para com o dom de profecia. Uma porção de divisões foram publicadas no *Present Truth* em 1849 e 1850. Devemos lembrar, entretanto, que a *Review and Herald*, que se seguiu em 1850 e daí em diante, era ao mesmo tempo a revista denominacional e o instrumento para apresentar a verdade aos que não eram membros da igreja. Alguns dos irmãos temiam que as visões e testemunhos destinados antes de tudo aos membros da igreja (I Cor. 14:3, 4 e 22), levaria preconceitos aos leitores da *Review* que não eram membros. Acharam que tal matéria devia ser impressa em folhas separadas e postas em revistas que se destinassem unicamente a nosso próprio povo.

Tiago White explicou tudo isto em uma *Review and Herald Extra*, nas seguintes palavras:

“Esta folha é a forma do jornal que esperamos publicar de quinze em quinze dias. ... Não destinamos este extra a circulação tão geral como a revista regular, pelo motivo de existir forte preconceito em muitos espíritos contra parte de seu conteúdo. Aqueles que julgam um assunto antes de ouvir, são desavisados. Diz Paulo: ‘Não desprezeis as profecias; examinai tudo. Retende o bem.’ (I Tess. 5:20 e 21).

“Cremos que Deus é imutável, que é ‘o mesmo ontem, e hoje, e eternamente.’ E que é Seu querer e desígnio ensinar. Seu povo provado neste período, o mais importante na história do povo de Deus, da mesma maneira que nos tempos passados. Porém como muitos se acham prevenidos contra as visões, julgamos melhor presentemente não inserir coisa alguma dessa espécie na revista regular. Publicaremos portanto as visões separadamente, para benefício dos que crêem que Deus pode cumprir Sua palavra e dar visões ‘nos últimos dias’.” — 21 de julho de 1851.

Durante cinco anos a *Review* não publicou nenhuma das visões da Sra. White, e apenas cinco artigos de sua pena, artigos de natureza exortatória em geral. Os dirigentes achavam sua atitude sã e louvável, porém os resultados entre o povo do advento não foram tão saudáveis. Isto parecia dar em resultado geral falta de apreciação pelo dom, e um abaixamento de seu lugar de importância na obra. Esta foi a tendência geral no decorrer dos anos — tanto da parte do adventista individual, como da do movimento como um todo — quando houve negligência do dom profético. “Não havendo profecia, [ou havendo indiferença para com ela] o povo se corrompe”, parece ser tão verdadeiro em nossos dias como o era no tempo do antigo Israel.

Uma reunião geral realizada em 1855 trouxe certa compreensão de que não ia tudo bem. Parecia haver parcial retenção do dom de profecia. Tiramos de duas fontes a conclusão de que a desconsidera-

ção pelo dom e o desejo de empurrá-lo de algum modo para o fundo, havia atraído o desfavor do Céu.

Primeiro, notamos uma resolução tomada pela reunião de negócios da conferência de 1855, que reza: "Que José Bates, J. H. Waggoner e M. E. Cornell sejam designados para se dirigirem aos santos em nome da Conferência, no que respeita aos dons da igreja." O relatório que a pequena comissão traçou em resposta a essa resolução foi publicado na *Review*. Dele extraímos algumas sentenças-chave:

"CONFISSÃO"

"Em vista do baixo estado da preciosa causa de nosso bendito Mestre, sentimos dever humilhar-nos diante de Deus, e confessar nossa infidelidade e afastamento do caminho do Senhor, pelo que o espírito de santidade tem sido ofendido, opressa nossa própria alma, sendo dada ocasião ao inimigo de toda justiça para regozijar-se pelo declínio da fé e da espiritualidade entre o rebanho disperso."

"DONS"

"Nem apreciamos o glorioso privilégio de reclamar os dons que o bendito Mestre tem concedido a Seu povo; e tememos grandemente haver ofendido ao Espírito com o negligenciar as bênçãos já conferidas à igreja."

"APRECIADO EM DIAS ANTERIORES"

"Também, em nossa vida passada, fomos alegrados com a bondade de nosso Deus, que manifestou Seu cuidado por Seu povo guiando-nos no caminho de Sua escolha e corrigindo os nossos erros mediante a operação do Espírito; e a maioria dos observadores do sábado na terceira mensagem angélica, tem crido firmemente que o Senhor chamava Sua igreja para sair do deserto pelo meio designado a trazer-nos à unidade da fé. Referimo-nos às visões que Deus prometeu à igreja remanescente nos 'últimos dias'."

"NÃO PARA TOMAR O LUGAR DA BÍBLIA"

"Nem, como afirmam alguns, exaltamos esses dons ou suas manifestações acima da Bíblia; ao contrário, provamo-los por

ela, tornando-a a grande regra de juízo em tudo; de modo que aquilo que não se acha em harmonia com ela no espírito e nos ensinamentos, rejeitamos sem hesitação. Mas como não podemos crer que uma fonte deite ao mesmo tempo água doce e água amarga, ou que uma árvore má dê frutos bons, assim não podemos crer que seja do inimigo aquilo que tende a unir o coração dos santos, a conduzir à mansidão e à humildade e ao santo viver, e que incita a profundo exame de coração diante de Deus, e à confissão de nossos erros."

"UMA ATITUDE DESAGRADÁVEL A DEUS"

"Ao passo que temos essas visões como emanadas da Mente divina, queremos confessar a incoerência (que acreditamos ter sido desagradável a Deus) de professar crer que são mensagens de Deus, e pô-las em realidade no nível de invenções humanas. Tememos que isto haja sido resultado de uma indisposição para levar o vitupério de Cristo (que é na verdade maior riqueza que os tesouros da Terra) e do desejo de conciliar os sentimentos dos adversários; porém a Palavra e nossa própria experiência nos têm ensinado que Deus não é honrado nem Sua causa promovida por tal atitude. Uma vez que as consideramos como vindas de Deus, e inteiramente em harmonia com Sua palavra escrita, cumpre-nos reconhecer-nos sob a obrigação de apegar-nos aos seus ensinamentos e ser corrigidos por suas admoestações. Dizer que elas são de Deus, e não querer todavia ser provados por elas, é dizer que a vontade de Deus não é uma prova ou regra para os cristãos, o que é incoerente e absurdo." — Relatório da Assembléia na *Review and Herald* de 4 de dezembro de 1855, págs. 78 e 79.

A assembléia começou em 15 de novembro de 1855, e a declaração de confissão e negligência foi feita pelos irmãos. Então, a 20 de novembro, Ellen G. White teve uma visão, da qual ela escreveu:

"Em 20 de novembro de 1855, enquanto me achava em oração, o Espírito do Senhor veio súbita e poderosamente sobre mim, e fui arrebatada em visão. Vi que o Espírito do Senhor tem estado a extinguir-Se na igreja." — *Testemunhos Seletos*, vol. I, pág. 29.

Algumas semanas mais tarde, a Sra. White escreveu:

“As visões têm sido ultimamente cada vez menos freqüentes, e foram-se meus testemunhos para os filhos de Deus. Pensava que minha obra na causa de Deus findara, e que eu não tinha mais dever a cumprir, senão salvar minha própria alma, e atender cuidadosamente a minha pequena família. ...

“Em nossa última conferência em Battle Creck, em novembro, Deus operou em nosso favor. O espírito dos filhos de Deus foi movido quanto aos dons da igreja, e se o desagrado de Deus estivera sobre Seu povo por causa de os dons haverem sido negligenciados e menosprezados, havia aprazível perspectiva de que Sua aprovação volveria a estar sobre nós, e de que Ele havia de graciosa e misericordiosamente reviver outra vez os dons, e eles estariam na igreja para animar a alma desfalecida, e corrigir e reprovar o errante.” — *The Review and Herald* de 10 de janeiro de 1856, pág. 118.

Dr. Brown Vem Escarnecer, Foge Consternado

A manifestação de tal fenômeno na igreja era de molde a produzir uma variedade de reações. Alguns acreditavam e aceitavam. Outros zombavam e escarneciam. Um deles, o Dr. Brown de Parkville, Michigan, médico espírita, disse que ele podia controlar a Sra. White em visão, caso tivesse um dia oportunidade.

Esta oportunidade veio um dia inesperadamente em um sábado, no dia 12 de janeiro de 1861, quando o Pastor e a Sra. White assistiram pela primeira vez a reunião do culto naquele lugar. Ao fim de seu sermão naquele sábado, a irmã White foi tomada em visão. Imediatamente alguém pensou no Dr. Brown e em suas jactâncias. Ele foi convidado a ir e examiná-la. Isto ele fez sem nenhuma hesitação.

Uma testemunha ocular narra o que aconteceu:

“Antes de ele haver chegado à metade do exame, voltou-se mortalmente pálido, e tremendo como uma folha. O Pastor White disse: ‘Quer o doutor declarar a condição dela?’ Ele respondeu: ‘Ela não respira’, e dirigiu-se rapidamente para a porta. Os

que ali se achavam, e sabiam de suas jactâncias, disseram: 'Volte, e faça o que o senhor disse que havia de fazer; tire essa mulher da visão.' Em grande agitação ele segurou a maçaneta da porta, mas não lhe permitiram abri-la enquanto os que estavam perto da porta fizeram indagações: 'Doutor, que é?' Ele respondeu: '*Só Deus o sabe; deixem-me sair desta casa*'; e saiu." — *The Great Second Advent Movement*, pág. 211.

Assim o "testemunho de Jesus", que é o "Espírito de Profecia" foi introduzido entre os crentes do advento, e fez sentir mais e mais Seu poder e influência à medida que se passaram os anos.

Os Crentes Adventistas Aceitam o Repouso do Sétimo Dia

Em Washington, New Hampshire, no ano de 1844, um zeloso grupo de crentes adventistas estavam-se preparando para a vinda do Senhor. Um deles, Raquel Oakes Preston, batista do sétimo dia, veio àquela comunidade e ouviu a pregação sobre a vinda do Senhor a 22 de outubro. Os crentes, naturalmente, insistiram com ela para unir-se a eles em aguardar a vinda de Jesus, porém ela, por sua vez, insistiu para eles observarem o sétimo dia, caso quisessem estar prontos para a volta do Senhor. Alguns crentes adventistas de Washington, New Hampshire, aceitaram a verdade do sábado e começaram a observar fielmente esse dia.

Em princípios de 1845, após o terrível desapontamento, T. M. Preble escreveu um artigo sobre o repouso do sétimo dia para o jornal denominado *The Hope of Israel*. Por este artigo José Bates, zeloso pesquisador da verdade, convenceu-se de que devia observar o sábado bíblico, e tornou-se um apóstolo da verdade do sábado.

Em começos de 1846 Ellen Harmon e sua irmã e Tiago White visitaram José Bates em New Bed-

ford. O que estava em seu coração era o sábado. Ele insistiu para que eles aceitassem o sábado bíblico, e eles, por sua vez, insistiram com ele quanto ao que mais chegado lhes estava ao coração.

Quanto ao sábado, Ellen G. White escreveu em *Life Sketches*:

“Não lhe senti a importância, e pensei que ele [Bates] errava em atentar mais para o quarto mandamento do que para os outros nove.” — Pág. 95.

Na verdade ela não estava impressionada com o entusiasmo de José Bates pela idéia do sábado. Entretanto, ao tempo de seu casamento, em agosto de 1846, Tiago e Ellen leram o folheto de Bates, *The Seventh-day Sabbath a Perpetual Sign*, e pelos versículos bíblicos usados, acharam que também eles precisavam observar o sétimo dia como dia de repouso. Diz ela: “No outono de 1846 começamos a observar o sábado bíblico, e a ensiná-lo e defendê-lo.” — *Testimonies*, vol. 1, pág. 75.

Como uma prova a mais nesse corpo de testemunhos de que as grandes verdades ensinadas pelos adventistas do sétimo dia vieram primeiro da Bíblia e não da Sra. White, consideremos uma carta escrita por ela em 1874, declarando:

“Acreditei na verdade quanto à questão do sábado antes de ter visto em visão qualquer coisa com referência a ele. Passaram-se meses depois de eu começar a guardar o sábado antes de me ser mostrada sua importância e seu lugar na terceira mensagem angélica.” — Ellen G. White, Carta 2, 1874.

Foi no primeiro sábado de abril, em 1847, que ela teve a primeira visão quanto ao sábado. Juntando *Testimonies*, vol. 1, págs. 75, etc., e uma carta a José Bates, escrita a 7 de abril de 1847, que aparece agora em *Primeiros Escritos*, págs. 32-35, temos

toda a história do que ela viu e ouviu. Ela parecia ser levada da Terra ao Céu, e era, em visão, conduzida através do santuário celeste, onde viu o lugar santíssimo, e a arca contendo a lei. Ficou surpreendida ao ver o quarto mandamento brilhando mais que todos os outros em glória, tendo em volta como um halo de luz. Foi-lhe contada a mudança do sábado, a significação da aceitação desse dia e sua observância, especialmente nos perturbados tempos por vir, quando ele se tornará um sinal ou marca para o povo que preferiu obedecer a Deus em vez de ao homem.

“Foi-me mostrado que o terceiro anjo, proclamando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, representa o povo que recebe esta mensagem e ergue a voz de advertência para o mundo, para guardar os mandamentos de Deus como a menina dos olhos, e que em resposta a esta advertência muitos haviam de abraçar o sábado do Senhor.” — *Testimonies*, vol. 1, pág. 77.

Eis aqui o povo de Deus mencionado em Apocalipse 12, tendo o “testemunho de Jesus”, que é o “Espírito de Profecia” (dezembro de 1844), e observando os mandamentos — todos os dez — inclusive o sábado do sétimo dia. Aí nasceu a igreja remanescente, e estas duas significativas verdades a identificam.



C A P Í T U L O VI

Quatro Provas Bíblicas do Profeta Verdadeiro

O Novo Testamento afirma repetidamente que haverá profetas na igreja. Declara semelhantemente: *Também* “houve entre o povo *falsos* profetas” (II S. Ped. 2:1). É claro que podemos esperar tanto profetas verdadeiros como falsos na igreja. Não devemos “extinguir” o Espírito Santo e Suas manifestações nem desprezar as profecias, mas sim “provar”, essas profecias. Em resultado de tal procedimento, cumpre-nos reter “o bem” (I Tess. 5:19-21).

Ellen G. White não tinha a pretensão de ser

profetisa. Preferia o termo “mensageira”. Vemo-la assim explicar:

“Eu disse que não pretendo ser profetisa. Não me pus perante o povo reclamando esse título, se bem que muitos me chamassem assim. Fui instruída a dizer: ‘Sou mensageira de Deus, enviada a trazer uma mensagem de reprovação aos errantes e de animação aos mansos e humildes’.” — *The Review and Herald*, 26 de janeiro de 1905, págs. 5 e 6.

Escrevendo sobre isto posteriormente, ela explicou:

“Alguns tropeçaram no fato de eu dizer que não pretendia ser profetisa; e perguntaram: Por que isto?

“Não tenho tido reivindicações a fazer, apenas de que *Eu estou instruída de que sou a mensageira do Senhor*; que Ele me chamou em minha mocidade para ser Sua mensageira, receber Sua palavra, e dar uma mensagem clara e decidida em nome do Senhor Jesus.

“Nos princípios de minha mocidade, fui várias vezes interrogada: És profetisa? Sempre respondi: Sou a mensageira do Senhor. Sei que muitos me têm chamado profetisa, porém eu não tenho reclamado esse título. Meu Salvador declarou ser eu Sua mensageira. ‘Teu trabalho’, instruiu-me Ele, ‘é ser portadora de Minha palavra. Surgirão coisas estranhas, e em tua mocidade te separo para levares a mensagem aos errantes, levares a palavra diante dos descrentes, e pela pena e pela voz reprovares segundo a Palavra as ações erradas. Exorta pela Palavra. Abrir-te-ei Minha Palavra. Ela não será como uma linguagem estranha. Na verdadeira eloquência da simplicidade, pela voz e pela pena, as mensagens que Eu der serão ouvidas por uma pessoa que nunca aprendeu nas escolas. Meu Espírito e Meu poder estarão contigo.

““Não temas o homem, pois Meu escudo te protegerá. Não és tu que falas: é o Senhor que dá as mensagens de advertência e reprovação. Nunca te desvies da verdade sob *quaisquer circunstâncias*. Transmite a luz que Eu te der. As mensagens para estes últimos dias serão escritas em livros, e ficarão imortalizadas, para testificarem contra os que uma vez se regozijaram na luz, mas foram levados a abandoná-la por causa das sedutoras influências do mal.’

““Por que não tenho eu pretendido ser profetisa? — Porque nestes dias muitos que ousadamente o pretendem são uma vergonha para a causa de Cristo; e porque minha obra inclui muito mais que a palavra ‘profetisa’.” — *The Review and Herald* de 26 de julho de 1906.

Todo membro da igreja remanescente precisa enfrentar esta questão de Ellen G. White, suas visões, e seus testemunhos. Em toda a imparcialidade para com nós mesmos, para com ela, e para com Deus, por quem ela disse falar, devemos aplicar as reconhecidas provas bíblicas a fim de ficar satisfeitos quanto a sua genuinidade, e depois decidir o que faremos quanto às suas mensagens, conselhos e testemunhos. Esta é uma decisão de tremenda e vital importância pessoal, pois essa decisão moldará e ajustará as particularidades de nossa vida diária; sim, ela as transformará.

Vamos, portanto, primeiro aplicar as provas de um profeta, a ver se Ellen G. White as satisfaz, e depois consideraremos as decisões finais e vitais.

A Prova das Predições Cumpridas

Predições de coisas por vir são de interesse para todos, pois sem exceção, nós gostamos de espiar através do véu do futuro. Fazer predições ou anunciar de antemão, não é senão um aspecto da obra do profeta.

Há quatro passagens na Escritura a serem conservadas em mente quando se fala acerca das predições de um profeta quanto a acontecimentos por vir:

1. As coisas secretas pertencem a Deus (Deut. 29:29).
2. Deus revela segredos aos profetas (Amós 3:7).
3. Predições não cumpridas feitas em nome do Senhor são presunçosas; as cumpridas mostram que o profeta foi enviado pelo Senhor (Jer. 28:9).
4. Algumas profecias são condicionais (Jer. 18:7-10)

Os profetas têm sido os escolhidos porta-vozes de Deus, e por meio deles Ele tem dado a conhecer coisas futuras. Daí não é senão natural que os homens observem com ansioso interesse para ver se tais predições na verdade se vêm a cumprir. Um

fracasso no cumprimento tornar-se-ia claramente um fator na aceitação ou rejeição daquele que pretende ser profeta.

Na obra de Ellen G. White, esperaríamos encontrar algumas predições definidas e seu igualmente definido cumprimento. Passemos rápido olhar a algumas delas.

Torrentes de Luz Publicada Circundando o Globo. — Em 1848, quando nossos primeiros pioneiros estavam sem um centavo, foi-lhe mostrado, a ela, que devia ser publicada uma revista, e que desse pequeno começo a obra de publicações seria como torrentes de luz que iriam por toda a volta do mundo (*Life Sketches*, 125). Certamente temos visto estas palavras cumpridas quando os adventistas distribuem milhões de dólares de literatura em muitas línguas.

Citamos em mais pormenor outra ilustração:

As Pancadas de Rochester Tornar-se-iam um Engano Mundial. — Estas misteriosas pancadas começaram com as irmãs Fox no Estado de Nova Iorque, em 1848. A 24 de março de 1849, Ellen G. White fez a seguinte predição:

“Vi que as batidas misteriosas em Nova Iorque e outros lugares eram o poder de Satanás, e que essas coisas seriam cada vez mais comuns, abrigadas em vestes religiosas, a fim de adormentar os enganados e fazê-los sentirem-se em segurança maior e a atrair a mente do povo de Deus tanto quanto possível, para essas coisas, e levá-lo a duvidar dos ensinamentos e poder do Espírito Santo.” — *Primeiros Escritos*, pág. 43.

A 24 de agosto de 1850, Ellen G. White predisse outra vez:

“Vi que logo... [as pancadas misteriosas] se alastrariam mais e mais, e o poder de Satanás cresceria, e alguns de seus devotados seguidores teriam poder para operar milagres.” — *Idem*, pág. 59.

Quatro Provas Bíblicas do Profeta Verdadeiro

Ainda outra vez, em 10 de janeiro de 1854, a Sra. White acrescentou mais esses pormenores:

“Vi o engano das pancadas — o progresso que estava fazendo — e que se fosse possível enganaria os próprios escolhidos. Satanás terá poder para trazer perante nós o aparecimento de formas que pretendem ser nossos parentes ou amigos que agora dormem em Jesus. Far-se-á parecer como se esses amigos estivessem efetivamente presentes; as palavras que proferiram enquanto estiveram aqui, com as quais estamos familiarizados, serão pronunciadas, e o mesmo tom de voz que tinham quando vivos, cairá em nossos ouvidos. Tudo isso visa enganar os santos e enlaçá-los na crença deste engano.” — *Supplement to the Christian Experience and Views* de Ellen G. White, págs. 5 e 6. (Ver *Primeiros Escritos*, pág. 87.)

Lembraí as datas dessas predições. Não havia então na América médiuns, transes ou mensagens de espíritos, nenhum grupo organizado de espíritas. Era uma ousada predição, porém cada palavra se tem tornado uma realidade. Um livro intitulado *Centennial Book of Modern Spiritualism in America* (1848-1948), foi editado pela Associação Espírita Nacional dos EUA, o qual resume a história deles e suas consecuições. O espiritismo pretende agora ter milhões de adeptos — juízes eminentes, médicos, cientistas, redatores, escritores, poetas, clérigos, educadores e estadistas de vários países.

Segundo a Declaração de Princípios adotada pela Associação Espírita Nacional, os que saíram deste mundo se acham conscientes, e podem-se comunicar conosco; portanto, o espiritismo é a mensagem de Deus aos mortais, declarando que não há morte, que todo aquele que se foi vive ainda, e há esperança na vida além para o maior pecador. O espiritismo ensina que toda alma progredirá através dos séculos a sublimes e gloriosas alturas.

Tudo isto é hoje história que registra o cumprimento de outra das predições de Ellen G. White.

É Predito o Terremoto de S. Francisco. — De 1902 em diante ela advertiu da vindoura destruição de S. Francisco e Oakland, bradando que “não muito depois destes dias essas cidades sofrerão sob os juízos de Deus”. — Ellen G. White, no manuscrito 114, 1902; *Evangelismo*, pág. 403. Perguntai a qualquer antigo morador de S. Francisco ou Oakland, e ele vos dirá como se cumpriu essa predição.

As Condições da Guerra Mundial Preditas em 1890. — Em um artigo publicado em *Signs of the Times*, a Sra. White escreveu:

“Vem a tempestade, e precisamos preparar-nos para sua fúria, mediante arrependimento para com Deus, e fé em nosso Senhor Jesus Cristo. O Senhor Se levantará para sacudir terrivelmente a Terra. Veremos (1) perturbações de todos os lados. (2) Milhares de navios serão arremessados à profundidade do mar. (3) Esquadras afundarão, e (4) vidas humanas serão sacrificadas aos milhões. (5) Irromperão inesperadamente incêndios, e nenhum esforço humano será capaz de extingui-los. Os palácios da Terra serão devorados na fúria das chamas. (6) Tornar-se-ão cada vez mais freqüentes os desastres de estrada de ferro; (7) confusão, colisões e morte sem um momento de advertência ocorrerão nas grandes linhas de viagem. ... Oh, busquem a Deus enquanto Ele pode ser achado, invocai-O enquanto está perto!”
— 21 de abril de 1890, pág. 242.

GIS 55:6

Em 1910 a Sra. White advertiu: “Em breve irromperá contenda entre as nações, com uma intensidade que não prevemos agora.” — *The Review and Herald* de 17 de novembro de 1910, pág. 8. O cumprimento desta predição vindo quando os homens de toda parte estavam proclamando a idade de ouro da paz e da segurança, está muito vivo em nossa memória para precisar citação de minúcias.

Predições Quanto a Nossa Obra em Londres. — Em relação com predições divinamente feitas, recordo-me de um incidente ocorrido em janeiro de 1953. O Pastor Branson chamou-me a seu escritório certa

manhã, e disse: “Gostaria que o irmão me trouxesse todas as passagens dos escritos de Ellen G. White com referências a nosso trabalho na Inglaterra, particularmente em Londres.” Sorri, e disse: “Pastor, creio que sei o que o senhor tem em mente. O senhor está pensando na mesma coisa que eu. Agora é o tempo de fazer alguma coisa por Londres, e me parece que devemos procurar o caminho de cumprir as predições relativas à obra em Londres.”

Naturalmente ele estava muito interessado em que meu espírito estivesse girando no mesmo sentido, e começamos imediatamente a pensar em termos daquilo que poderíamos fazer pela obra em Londres, de molde a dar-nos a espécie de colocação que a Sra. White descrevera uns cinqüenta anos antes.

Lembro-me muito bem desta passagem encontrada em *Testimonies for the Church*, vol. 6, págs. 25 e 26:

“Há uma grande obra a ser feita na Inglaterra. A luz a irradiar de Londres deve resplandecer em raios claros, distintos, para regiões além. Deus tem operado na Inglaterra, porém esse mundo de língua inglesa tem sido terrivelmente negligenciado. A Inglaterra tem necessitado muito mais obreiros e muito mais recursos. Londres mal tem sido abordada. Meu coração se comove profundamente ao ser-me apresentada a situação daquela grande cidade. ...

“Na cidade de Londres apenas, não menos de uma centena de obreiros deve ser empregada. O Senhor registra a negligência de Sua obra, e breve haverá rigoroso ajuste de contas.”

Várias semanas atrás, ao passar eu por Londres, tive o privilégio de descer a *Regent Street*, que é a Quinta Avenida de Londres, uma das mais importantes de todas as ruas comerciais dessa cidade. Vi ali assinalada transformação efetuada na chamada Nova Galeria. Dizia-se estar situada em terreno pertencente à Coroa, e era antigamente uma gale-

ria de arte, lugar favorito dos reis e rainhas, e desde 1916 bem conhecido teatro.

Quando nosso povo começou a procurar um lugar em Londres, tinham em mente uma porção de edifícios, mas parecia que o Senhor estava justamente abrindo o caminho e dirigindo-nos para aquele determinado lugar. Quando olhei para ali e vi a completa transformação de um teatro em um salão de pregações adventistas, disse comigo mesmo: “Isto é na verdade um cumprimento de profecia!”

Tal transformação não podeis imaginar. Todas aquelas pinturas que tinham que ver com o teatro haviam sido apagadas. Até o velho tapete do teatro com seus símbolos e insígnias especiais, tendo entretencido nele o nome do teatro, havia desaparecido. Os antigos assentos haviam sido tirados, e o edifício inteiramente renovado. O povo de Londres chama a isto a “conversão do teatro”. E ele foi totalmente convertido na verdade!

Naquela tarde, enquanto nos achávamos em comissão, o Pastor Armstrong, presidente da União Britânica, disse: “Nasci em família adventista. Quando menino costumava ler aquelas declarações nos escritos da serva do Senhor, e cogitava como se haveriam elas de realizar um dia. Agora, pensar que o Senhor achou por bem colocar-me aqui como presidente desta união para dar cumprimento a essa predição de tantos anos atrás!” Então ele me chamou a atenção para um parágrafo que eu passara por alto. Ellen G. White, mais de cinquenta anos antes, escrevera:

“Parece-me que a necessidade da obra na Inglaterra é uma questão muito importante para nós neste país [América]. Falamos acerca da China e de outros países. Não esqueçamos os países de língua inglesa em que, se a verdade fosse apresentada,

muitos haveriam de recebê-la e praticá-la." — *Boletim da Associação Geral*, 22 de abril de 1901; *Evangelismo*, pág. 415.

"Bem", disse eu, "Não é interessante?!"

Foi por causa da crise na China, a qual tornou impossível enviar fundos para aquele país, que os tivemos à disposição, do orçamento da velha China, para prover um grande centro evangelístico em Londres. Não fora a crise na China, e não teríamos tido esse dinheiro.

A crise na China significa o cumprimento de uma predição referente à cidade de Londres. Repito, caros amigos, temos muito por que ser agradecidos em relação com este movimento adventista. Não há crise para o Senhor. O que se nos afigura uma crise, não é senão uma oportunidade disfarçada.

Cumpriram-se Sempre as Predições da Sra. White?

Quando examinamos estas primeiras predições provadas, cumpridas, devemos perguntar-nos a nós mesmos com toda a sinceridade e honestidade: "Acaso fez a Sra. White algumas predições que não se cumprissem?"

Podemos dizer francamente, desde já, que somos com freqüência interrogados: "Que dizer da declaração de Ellen G. White, feita em 1856, ao fim de uma reunião de obreiros, ou conferência, quando ela disse: 'Há aqui alguns que estarão vivos para ver a vinda do Senhor, e há alguns que serão pasto para os vermes?'"

Esta declaração foi feita no ano de 1856, cem anos atrás. Uma vez que muitos têm estado procurando por vários meios apurar quando Cristo há de voltar, era de esperar que algumas boas pessoas empregassem essa declaração como um meio possível de verificar o tempo exato.

Ficaram naturalmente decepcionadas, pois, pelo que sabemos, todos aqueles cujos nomes foram anotados como estando presentes àquela reunião em 1856, já desapareceram. O escritório de Publicações White tem recebido muitas cartas indagando acerca dessa predição, chamando atenção ao fato de que aquelas pessoas todas já morreram, e perguntando por que o Senhor ainda não veio. Só posso explicar essa predição não cumprida, dizendo que é uma profecia condicional. O homem deixou de fazer sua parte; portanto, o Senhor não fez como havia prometido.

A natureza condicional de todas as predições divinas que têm que ver com as ações humanas, ou a humana resposta à vontade de Deus, é claramente salientada na Bíblia. O próprio Deus o explica mediante o profeta Jeremias:

“No momento em que falar contra uma nação, e contra um reino para arrancar, e para derribar, e para destruir, se a tal nação, contra a qual falar, se converter da sua maldade, também Eu Me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe. E no momento em que falar de uma gente e de um reino, para edificar e para plantar, se ela fizer o mal diante dos Meus olhos, não dando ouvidos à Minha voz, então Me arrependerei do bem que tinha dito lhe faria.” Jer. 18:7-10.

Uma boa ilustração bíblica do trato de Deus com o homem baseado em predições condicionais, é o caso de Jonas em Nínive:

“E levantou-se Jonas, e foi a Nínive, segundo a palavra do Senhor. ... E começou Jonas a entrar pela cidade caminho de um dia, e pregava, e dizia: Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida. E os homens de Nínive creram em Deus; e proclamaram um jejum, e vestiram-se de saco, desde o maior até ao menor. ... E Deus viu as obras deles, como se converteram do seu mau caminho; e Deus Se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria, e não o fez.” Jonas 3:3-5 e 10.

Implícita na profecia de Jonas estava a condição “se não vos arrependerdes”. Os ninivitas arrepen-deram-se, e portanto Deus mudou Seu plano.

É verdade que algumas das predições de Deus não são condicionais. Por exemplo: A promessa de Cristo de voltar à Terra pela segunda vez para salvação de Seu povo, é uma declaração do assentado desígnio de Deus. O plano da salvação seria incompleto sem isto. Porém o tempo do segundo advento pode ser apressado ou retardado pelas decisões e ações dos homens.

É interessante ler em relação com isto alguns dos primeiros documentos escritos por Ellen G. White. Ela sempre apresentava o segundo advento como muito próximo, mesma às portas. Por exemplo, em 1849, ela escreveu: “Vi que o tempo para Jesus permanecer no lugar santíssimo estava quase terminado e esse tempo podia durar apenas um pouquinho mais.” — *Primeiros Escritos*, pág. 58. Quando em anos posteriores o povo lhe perguntava alguma coisa quanto à demora da vinda do Senhor e ao sentido de suas primeiras declarações, ela escreveu:

“Os anjos de Deus em suas mensagens aos homens, representam o tempo como muito curto. Assim me tem ele sido sempre apresentado. É verdade que o tempo tem-se prolongado mais do que esperávamos nos primeiros dias desta mensagem. Nosso Salvador não apareceu tão depressa como esperávamos. Mas falhou acaso a Palavra do Senhor? Nunca! *Cumpra lembrar que as promessas e ameaças de Deus são igualmente condicionais.* ...

“Houvesse todo o corpo de adventistas [depois da decepção de 1844] se unido nos mandamentos de Deus e na fé de Jesus, quão vastamente diversa teria sido a nossa História! Não era vontade de Deus que a vinda de Cristo demorasse assim.” — Manuscrito 4, 1883, citado em *Evangelismo*, págs. 695 e 696. (Grifo nosso.)

Em 1896 ela escreveu:

“Se aqueles que professavam ter viva experiência nas coisas de Deus houvessem feito a obra que lhes era indicada segundo a ordem do Senhor, o mundo inteiro haveria sido advertido antes

disto, e o Senhor Jesus teria vindo com poder e grande glória.”
— *The Review and Herald*, 6 de outubro de 1896, 629.

É assim claro que Deus pretendia dar fim à história deste mundo muito depressa, depois de 1844. As predições na visão de 1856 eram parte das intenções de Deus, as quais dependiam da correspondência dos homens à vontade de Deus e a Seu desígnio. Os homens fracassaram a Deus, e assim Ele foi forçado a retardar Seus planos. O fracasso não deve ser lançado à conta de Deus, pois Suas promessas e ameaças são igualmente condicionais.

Folgo muito em afirmar-vos que em vista de tantas outras predições se haverem cumprido, não me vou perturbar por uma que só podemos explicar na base de ser ela uma profecia condicional.

As predições divinas cumpridas são grande prova para qualquer profeta. Porém o deixar uma predição de se verificar talvez não prove que o profeta é falso.

Devemos ter em mente que a obra de Ellen G. White não era primariamente a de fazer predições. Sua obra era de natureza diversa.

A Prova da Guia Divina em Tempos de Crise no Movimento Adventista

Há três textos que devemos conservar em mente ao estudarmos a guia de Deus quanto a Seu povo:

1. “E o Senhor te guiará continuamente (Isa. 58:11)
2. “Ele nos instrui no caminho que devemos seguir” (Salmo 32:8)
3. Por um profeta o Senhor conduziu e guiou o Israel da antigüidade (Oséias 12:13).

Aqui o profeta se torna um “preanunciador” — alguém que fala a “palavra do Senhor” quando essa

palavra é mais urgentemente necessária; alguém que se apresenta quando o povo de Deus não sabe que direção tomar ou que fazer; ou alguém que adverte de iminentes perigos quando eles vão em direção errada, ou dos terríveis resultados se prosseguirem no mesmo rumo.

Este aspecto da obra do profeta requer notável coragem, senso do momento oportuno, e específicas instruções para enfrentar circunstâncias específicas. Cometer um erro aí seria fatal tanto para o próprio profeta como para a situação que ele poderia remediar ou salvaguardar. Nisto está uma prova do profeta.

Repetidamente Ellen G. White, dirigida apenas por Deus, aparecia em situações críticas e salvava a igreja pela mensagem que dava. Caso o espaço o permitisse, poderíamos contar algumas dessas interessantes experiências — como a denominação foi salva ao fim do século na crise motivada pelos ensinamentos panteístas, e noutra ocasião, quando do movimento da “carne santa”. Poderíamos dar os pormenores da obra dos falsos profetas e do modo por que a situação foi enfrentada. Em muitas ocasiões, mensagens recebidas justo no momento crítico, protegeram a igreja ou evitaram algum erro sério. Um incidente frisante deve ser suficiente.

A Visão de Salamanca. — Na noite de 3 de novembro de 1890, Deus, olhando a uns quatro meses adiante, viu uma reunião de pequeno grupo de homens que se havia de realizar posteriormente, na noite de 7 de março de 1891. Dir-se-iam e far-se-iam naquela reunião, coisas que não seriam convenientes ao interesse de nossa obra. Para impedir o perigo que ameaçava a causa se fosse tomada certa direção, e para impressionar devidamente os que haviam de participar da reunião mencionada, e convencê-los sem sombra de dúvida de que Deus ainda estava na direção de Sua obra,

Ele deu uma visão a Sua serva Ellen G. White na noite de 3 de novembro de 1890, e mostrou-lhe uma cena daquela mesma reunião. Ela viu um homem erguer-se e levantar um exemplar do *American Sentinel*, bem alto no ar, e apontar a vários artigos, declarando que assuntos tais como o sábado e a segunda vinda de Cristo não deviam achar lugar num jornal que servia de porta-voz à Associação de Liberdade Religiosa.

Por várias vezes a Sra. White começou a contar o que vira na visão em Salamanca, Nova Iorque. De cada vez ela vacilava e não podia lembrar um único pormenor. Afinal depois de quatro meses, ela veio a Battle Creek para assistir à assembléia, que teve lugar de 5 a 25 de março, no ano de 1891. Falou aos ministros em suas reuniões às 5:30 da manhã. No dia 7 de março o presidente perguntou-lhe se ela voltaria no domingo de manhã, 8 de março, e ela declinou, achando que havia dado já suficientes instruções.

Encerrou-se o sábado, concluiu-se a reunião da tarde, e a irmã White, com todos os outros, retirou-se. Disse eu “todos os outros?” Não foi bem isto, pois um pequeno grupo de homens foi para o escritório da *Review and Herald* para uma reunião estritamente secreta, deles mesmos. Fecharam a porta e resolveram não sair daquela sala sem que seu problema de altas discussões fosse resolvido. Passou-se hora após hora. A meia-noite os encontrou mergulhados em seu debate. Soaram uma hora, duas, e quase três, quando eles afinal adiaram e foram a seus respectivos quartos para dormir e descansar.

Pouco depois do encerramento daquela reunião, Ellen G. White, na reclusão de seu quarto, foi despertada. O anjo do Senhor ordenou-lhe que fosse assistir à reunião das cinco e meia e apresentasse o

que vira em Salamanca, meses antes. Volveu-lhe toda a cena, e ela escreveu página por página, até chegar ao tempo da reunião dos ministros, às cinco e meia. Apanhou seus manuscritos e dirigiu-se ao Tabernáculo. Os ministros estavam na plataforma. W. W. Prescott e O. A. Olsen estavam preparados para falar, mas ao verem a Sra. White entrar no recinto com seus papéis, o Pastor Olsen perguntou se ela tinha uma mensagem. “Efetivamente, tenho”, respondeu a Sra. White.

A Mensagem Dada a Tempo. — Ela declarou que não tencionara estar presente àquela reunião, mas fora despertada às três horas, e lhe fora mandado apresentar certas coisas que vira em visão em Salamanca, Nova Iorque, a 3 de novembro de 1891.

O. A. Olsen, que devia falar naquela manhã, relata o que foi dito e feito:

“Ela começou então a ler, descrevendo uma reunião que lhe fora mostrada como se realizando em uma das salas no escritório da Review, onde uma porção de irmãos estavam juntos. Descreveu sua atitude e veemência, e a posição que haviam tomado; pois fora uma calorosa discussão, visto não poderem concordar em certas questões a decidir.

“Pessoalmente, eu me achava ali em confusa perplexidade. Não sabia a que ela se referia. Eu nem ouvira nem tivera nenhum conhecimento das coisas que ela apresentava, nem de tal reunião, como a que ela descrevia. Fiquei na verdade tão surpreendido, e as coisas que ela apresentava como havendo ocorrido naquela reunião pareciam tão irrazoáveis, que eu estava de todo perplexo quanto ao que isso significava.” — *White Publications Document File*, nº 107f.

Havendo a irmã White terminado seu testemunho, os homens presentes olharam em torno, desconcertados, porém isso não demorou muito.

A. F. Bellenger, então secretário da Associação de Liberdade Religiosa, ergueu-se e declarou que a reunião descrita pela serva do Senhor fora realizada

na noite anterior. Declarou que ele era a pessoa que erguera o exemplar do *American Sentinel* e apontado ao artigo sobre o sábado e o Segundo Advento. Confessou também que estivera no lado errado da discussão.

O capitão Eldridge, presidente da Associação Internacional de Liberdade Religiosa, levantou-se e disse:

“Eu estava naquela reunião. ... A noite passada, depois do encerramento da Conferência, alguns de nós nos reunimos em minha sala, no escritório da Review, onde nos fechamos à chave, e ali abrimos e discutimos as questões e o assunto que nos foram apresentados esta manhã. Permanecemos naquela sala até às três da manhã.” — *Ibidem*.

Ele declarou ainda:

“Se eu devesse fazer uma descrição do que ocorreu, e da atitude pessoal dos que se achavam na sala, não poderia haver feito tão exata e corretamente como o foi pela irmã White. Vejo agora que eu estava em erro; que a posição que eu tomei não era certa; e segundo a luz que foi concedida esta manhã, reconheço que estava errado.” — *Ibidem*.

Unicamente uma mensageira em íntima comunhão com Deus poderia dar um testemunho tão fora do comum e tão absolutamente exato acerca de uma reunião a ser efetuada quatro meses no futuro.

O tempo e o espaço nos impedem de considerar muitas outras histórias de intenso interesse quanto a crises enfrentadas mediante guia divina. Volve-mo-nos agora para a terceira prova.

A Prova de Harmonia com a Bíblia

O verdadeiro profeta precisa falar e escrever mensagens que estejam em harmonia com a lei e o testemunho, do contrário é porque “não têm ilumi-

nação" (Isa. 8:20). Todo profeta verdadeiro estará de acordo com a lei de Deus e o testemunho de todos os outros profetas verdadeiros. Em resumo, precisamos provar agora os vinte e cinco milhões de palavras escritas por Ellen G. White, a maioria das quais apareceram em mais de cinquenta volumes encadernados e nos vários milhares de artigos em revistas denominacionais. Uma vez que ela escreveu tanto, as oportunidades de discrepâncias aumentam grandemente. Acaso ela ensinou e advogou o que está em harmonia com as Escrituras?

Consideramos aqui o profeta como um preanunciador, alguém que fala por Deus, que expõe, aclara e explana. Nessa qualidade Ellen G. White fez a maior parte de sua obra. Não acrescentou nada novo em doutrina, porém exaltou as Escrituras, e deu-lhes uma posição central em todos os seus escritos. Sua obra foi a de uma lente de aumento fazendo simplesmente com que os detalhes do objeto observado sobressaíssem em linhas mais distintas, mostrando a beleza original mais perfeitamente. Cabe-lhe uma espécie de comentário inspirado sobre a Bíblia.

Tão claro é este ponto da concordância dos ensinamentos de Ellen G. White com os da Bíblia, que é desnecessário recapitular aqui sua obra em face desta prova.

A Bíblia salienta vários característicos do verdadeiro profeta em relação à lei e aos profetas, ou as Escrituras tais como as conhecemos:

① Ele exaltarà o verdadeiro Deus (Deuteronomio 13:1-4).

② Ele ensinarà obediência à lei de Deus (II Crônicas 24:19 e 20; Deuteronomio 13:4).

③ Ele crerá e ensinarà que Jesus Cristo veio em carne (I S. João 4:2 e 3).

4. Ele falarà segundo é inspirado pelo Espírito Santo (II S. Pedro 1:21).

Os escritos de Ellen G. White não somente dão provas de que ela era a espécie de pessoa indicada nesses textos, mas sua obra concorda em todo pormenor com os requisitos de Deus, segundo são delineados em Sua Palavra. Ela passa com toda certeza nesta terceira prova. Há uma harmonia a caracterizar toda a sua obra, desde sua primeira visão aos dezessete anos de idade através de todos os setenta anos de seus labores. Há uma continuidade, uma unidade, uma concordância por demais maravilhosas e quase miraculosas!

Não faz muito, tomei sobre mim a tarefa de comparar os escritos do Espírito de Profecia com os ensinamentos da Bíblia. Escolhi vinte diferentes assuntos, como por exemplo, "cristão", pondo em uma coluna tudo quanto a Bíblia diz a respeito de um cristão. Passei então os quarenta e três volumes e algumas das revistas que contêm vários milhares de artigos, escolhendo ao acaso declarações feitas pela Sra. White relativamente a um cristão, e pondo-as em uma coluna paralela. Foi um dos mais interessantes estudos que já fiz.

Se quereis um estudo cheio de interesse, fazei um dia como fiz. Aconselho-vos a tomar cerca de uma semana, pois um dia não é suficiente. Ficareis tão absorvido em vosso estudo, que ao fim do dia nem quereis ir para a cama; pois quando começardes um estudo dessa natureza — comparar os escritos, as mensagens de Ellen G. White com os ensinamentos das Escrituras — verificareis ser tanto maravilhoso como altamente curioso.

**A Prova da Espécie de Fruto Produzido
na Vida e nas Obras**

Setenta anos são um longo tempo para viver e trabalhar perante o público, sob o olhar crítico de

milhões de pessoas, em grande parte cépticos, duvidosos, incertos, suspeitosos, e ainda em alguns casos francamente hostis. Se quaisquer faltas, erros ou incoerências existissem, seriam expostos com grande satisfação pelos adversários.

A Sra. White viveu em vários lugares — na Nova Inglaterra, Michigan, Suíça, Austrália e Califórnia. Viajou extensivamente por muitas partes dos Estados Unidos, da Europa e da Austrália, porém o fruto de sua vida e seus labores atestam-lhe a piedade, sinceridade, zelo e diligência, o caráter reto e nobre, e a coerência em seu próprio procedimento e vida cristãos.

O Testemunho de Urias Smith. — O testemunho de uma pessoa que se achava num ponto estratégico de observação, deve bastar. Urias Smith, por muitos anos redator-chefe da revista denominacional, a *Review and Herald*, em constante contato com a Sra. White e sua obra, por vezes recipiente de seus testemunhos e conselhos, devia ser apto a julgar-lhe a obra pelos frutos ou resultados. Em 1866, ele escreveu:

“Todas as provas a que se podem submeter tais manifestações, demonstram serem elas genuínas. A evidência que lhes serve de apoio, interna ou externa, é concludente. Elas concordam com a Palavra de Deus e consigo mesmas. São dadas, estando presente o Espírito de Deus, de maneira especial, a não ser que as pessoas melhor qualificadas para julgar estejam invariavelmente enganadas. Tranqüilas, nobres e impressionantes, impõem-se a todos os que as contemplam como efetivamente o contrário daquilo que é falso e fanático.

“Seu fruto é de molde a mostrar que a fonte de que elas procedem é contrária ao mal.

“Elas tendem à mais pura moralidade. Desacoroçoam todo vício, exortam à prática de toda virtude. Indicam os perigos pelos quais havemos de passar para irmos ao reino. Revelam os ardis de Satanás. Previnem-nos de suas ciladas. Têm surpreendido ainda em estado embrionário plano após plano de fanatismo que o inimigo tem procurado introduzir em nosso meio. Elas têm

desmascarado hedionda iniquidade, trazido à luz faltas ocultas, e posto a descoberto os maus intuitos dos que têm coração falso. Têm-nos despertado e redespertado para maior consagração a Deus, mais zelosos esforços pela santidade de coração, e maior diligência na causa e serviço de nosso Mestre.

“Elas nos conduzem a Cristo. Como a Bíblia, apresentam-nO como a única esperança e único Salvador da humanidade. Retratam diante de nós, em vívidos caracteres, Sua vida santa e Seu exemplo piedoso, e com apelos irresistíveis instam conosco para seguirmos Seus passos.

“Elas nos conduzem à Bíblia. Apresentam esse livro como a Palavra de Deus, inspirada e inalterada. Exortam-nos a tomar essa Palavra como nosso conselheiro, e a regra de nossa fé e prática. E, com um poder que nos impele, solicitam-nos a estudar suas páginas, longa e diligentemente, e nos familiarizarmos com seus ensinamentos, pois ela deve julgar-nos no último dia.

“Elas têm trazido conforto e consolação a muitos corações. Têm fortalecido o débil, animado o fraco, reerguido o desanimado. Da confusão elas têm tirado a ordem, tornado direitos os lugares tortos, e lançado luz sobre aquilo que era negro e obscuro. Pessoa alguma, com o espírito destituído de preconceitos, poderá ler seus comoventes apelos para uma moralidade mais pura e elevada, sua exaltação de Deus e do Salvador, sua denúncia de todo mal e suas exortações a tudo que é santo e de boa fama, sem que seja compelida a dizer: “Estas palavras não são de endemoninhado.”” — Citado em *Vida e Ensinamentos* de Ellen G. White, págs. 255-257.

A Atitude de Ellen G. White Para com Jesus Cristo. — Se um dos sinais de um profeta verdadeiro é elevar e enaltecer e engrandecer a Jesus Cristo como o Filho de Deus, o Filho do homem, o Salvador da raça caída, então os frutos de tal ensino se podem achar em cada página de seus escritos e na vida de adventistas do sétimo dia em todo o mundo.

Onde encontrareis palavras mais belas do que estas?

“Exaltai a Jesus, vós que ensinai o povo, exaltai-O nos sermões, em cânticos e oração. Que todas as vossas forças convirjam para dirigir ao ‘Cordeiro de Deus’ almas confusas, transviadas, perdidas. Erguei-O, ao ressuscitado Salvador, e dizei a todos quantos ouvem: Vinde Àquele que ‘vos amou, e Se entregou a Si mesmo por nós’. Efés. 5:2 Seja a ciência da salvação o tema

central de todo sermão, de todo hino. Seja Ele manifestado em toda súplica. Não introduzais em vossas pregações coisa alguma que seja um suplemento a Cristo, à sabedoria e ao poder de Deus. Mantende perante o povo a palavra da vida, apresentando Jesus como a esperança do arrependido e a fortaleza de todo crente. Revelai o caminho da paz à alma turbada e acabrunhada, e manifestai a graça e suficiência do Salvador.” — *Obreiros Evangélicos*, págs. 155 e 156.

Apenas um parágrafo, porém há centenas como ele. Digo-vos, irmãos e irmãs, lêde os livros por vós mesmos. Enchei a mente e o coração com as mensagens, e vede se elas vos levarão ou não a uma vida mais nobre, ou ao que é baixo e ignóbil. “Pelos seus frutos os conhecereis.”

A Prova Exterior. — As escolas de igreja, de 2º Grau, colégios, faculdades e os alunos que há nelas, e o valor dessas propriedades adventistas, de muitos milhões de dólares, tudo testifica da obra de Ellen G. White no terreno da educação cristã.

Os hospitais e clínicas, os médicos institucionais, o Colégio de Evangelistas Médicos, o valor dessas instituições, tudo dá testemunho da obra de Ellen G. White no campo da saúde e da cura.

As casas editoras, o valor da propriedade de publicações denominacionais, os milhares de fiéis colportores, a venda de literatura adventista *cada* mês do ano — tudo dá seu poderoso testemunho à obra de Ellen G. White no sentido do ministério de publicações adventistas do sétimo dia.

As Escolas Sabatinas, os milhões de membros dessas escolas, os milhões de dólares anuais de ofertas da Escola Sabatina para as missões estrangeiras — tudo testifica do poder de seus conselhos quanto à obra da Escola Sabatina.

A organização mundial da Associação Geral dos adventistas do sétimo dia, com suas uniões organizadas, suas associações locais e missões, suas igre-

jas, seus obreiros evangelísticos, e membros batizados da igreja, refletem o fruto desse dom.

A vida coerente, piedosa, dos adventistas ao redor do mundo, exemplificando em sua vida diária os princípios exarados nas mais de quatro dezenas de livros de Ellen G. White, testificam do dom profético — tudo isso é a prova exterior do poder da influência da obra de Ellen G. White para o erguimento espiritual do povo de todas as nações.

Tudo isso, digo, ergue-se hoje como testemunho irrefutável do poder da influência da vida e obra da mensageira que falou e escreveu o que ela chamava *as mensagens de Deus* ao povo da igreja remanescente. Estas mensagens têm estimulado, animado e dirigido o gênio inventivo, a habilidade executiva, o pensamento construtivo e os esforços consagrados de homens e mulheres que têm sido instrumentos nas mãos de Deus para efetuar tão grande consecução. Extirpai seus escritos e tirai do movimento dos adventistas do sétimo dia a vida e influência de Ellen G. White, e que vos restaria? Talvez algo semelhante do que tendes hoje com o nome de igreja adventista da promessa.

A Sra. White diz em um lugar que o Senhor nos abençoará em nossa obra proporcionalmente ao modo como seguimos Suas instruções. Quisera que todos nós púdessemos seguir plenamente as instruções em tudo, de modo a termos cem por cento das bênçãos celestes em tudo quanto fazemos. E lembremo-nos de que, quanto mais à risca seguirmos as prescrições, tanto maior será a bênção que repousa sobre nossa obra.

Durante os últimos meses, tenho-me interessado muito em verificar exatamente a espécie de obra médica que Deus quer que os adventistas mantenham. Tenho reunido muitas páginas de matéria. Nunca li coisa tão inspiradora. Não compreendo co-

mo os médicos adventistas possam ler essas mensagens sem sentir que foram postos no mundo para cumprir a profecia. Dou graças a Deus por nossos médicos adventistas — homens que têm o senso de sua responsabilidade não somente para a cura do corpo, mas também para a restauração da alma.

Ellen G. White foi aquela que nos deu conselho, direção acerca da obra médica. Se não tivéssemos essas palavras, não teríamos necessidade de dirigir um colégio médico nosso mesmo, nenhuma necessidade de manter instituições médicas adventistas, pois o mundo pode fazer um bom trabalho em dirigir um hospital comum, porém não podem e nunca serão capazes de fazê-lo a um sanatório adventista do sétimo dia. E a parte interessante a esse respeito é que o povo do mundo o reconhece.

Pergunto-vos, irmãos e irmãs, de onde veio nosso ministério médico? Foi-nos dado mediante o instrumento de Sua escolha. O mundo não o pode dar.

Na cidade de Washington, D.C., não há muito, eu estava falando com um especialista em medicina interna no colégio médico da Universidade Jorge Washington. Ele me disse: “Sr. Rebok, nós mandamos nosso povo para seu sanatório, não porque seus doutores sejam hábeis — eles são como nós, homens comuns — porém porque seu serviço de enfermagem é fabuloso. Não há nada que o iguale.” E concordo com ele.

Meu próprio cunhado é católico, e bom católico. Caiu doente não há muito tempo, e naturalmente pensei que ele quisesse ir para um hospital católico. Mas, para minha grande surpresa, ele disse: “Quero ir para o Sanatório de Washington”, e foi para lá. Na primeira noite, depois de a enfermeirinha haver terminado seus cuidados, adiantou-se para junto de seu leito, e disse: “Sr. A., sentimos tanto que o senhor esteja doente! Temos por costume fazer uma

breve oração por nossos doentes antes de eles adormecerem. Importar-lhe-ia que eu orasse pelo senhor?" Ao contar-nos esse incidente, ele disse: "Ela disse isto com uma voz tão delicada, e era uma senhorita tão agradável, que eu lhe respondi: Se quer orar por um católico, então ore, pois necessito de todas as orações que me seja possível obter de todos."

Não admira que ele ficasse comovido, pois não há muitos hospitais em que se preste tão nobre serviço. Quanto à oração da enfermeira, ele disse: "Nunca ouvi em toda a minha vida uma tão suave oração como a daquela pequena enfermeira que estava ao lado de minha cama a noite passada." Noite após noite aconteceu-lhe o mesmo, e agora, ele tem mandado não pequeno número de amigos ao Sanatório de Washington. Foi tão delicadamente tratado, com tanta bondade, que quer que outros fruam a mesma espécie de cuidado cristão que ele tanto apreciou.

Estai certos, prezados irmãos, quando seguimos as instruções que nos são dadas quanto à nossa obra médica e à maneira por que a devemos levar avante, algo há que tem poder de atrair as pessoas para Deus, e esse poder vem pelo serviço prestado por nossos médicos e enfermeiras. Ponde de lado todas as instruções de Ellen G. White, deixai de seguir todos aqueles bons conselhos relativos a nossa obra médico-missionária, e que vos restará? Simplesmente *outro* hospital onde eles empurram o paciente o mais depressa possível — põem-no fora do caminho com o mínimo possível de incômodo para os médicos e enfermeiras. Tal pessoa torna-se apenas o caso número tanto, para ser mandado embora porque o quarto é necessário para outro. Não acontece assim nos sanatórios e hospitais adventistas do sétimo dia. Devemos dar hoje graças a Deus pelas instruções dadas por meio de Ellen G. White quanto a nossa obra médica. ||

C A P Í T U L O VII

Provas de que Ellen G. White Foi Usada por Deus

Rogamo-vos também, irmãos, que admoesteis os desordeiros, consoleis os de pouco ânimo, sustenteis os fracos, e sejais pacientes para com todos. Vede que ninguém dê a outrem mal por mal, mas segui sempre o bem, tanto uns para com os outros, como para com todos. Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo dai graças; porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco. Não extingais o Espírito. Examinai tudo. Retende o bem; abstende-vos de toda a aparência do mal. E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará." **I Tess. 5:14-24.**

Depreendemos desses versículos que o desígnio de toda a Escritura é preparar um povo que esteja irrepreensível de corpo, alma e espírito, e pronto quando o Senhor Jesus voltar. Esta é a obra dos profetas, e tem que ver com cada um de nós pessoal e individualmente. Precisamos, portanto, ter clareza quanto ao próprios profetas, e compreender-lhes as mensagens.

Examinamos agora as quatro provas bíblicas do verdadeiro profeta. Fizemos assim o que este passo nos diz que façamos — provar — e confio que conservaremos em mente estas quatro provas ao ler as instruções e conselhos dados pela mensageira do Senhor. Um estudo cuidadoso, intensivo, da vida e obra de Ellen G. White, leva-nos à conclusão de que ela satisfaz e cumpriu as quatro provas.

Caso seja necessário mais demonstração — e creio que é bom procurar todas quantas nos seja possível encontrar — desejaria apresentar seis tipos de provas além das quatro que já ventilamos.

1. Oportunidade das mensagens.

2. Natureza prática das mensagens.

3. Certeza absoluta das mensagens.

4. Reconhecimento dispensado pelos contemporâneos.

5. Relação para com influências exteriores.

6. Fenômenos físicos que acompanhavam as visões.

Não necessitamos senão de volver atrás, à atarefada vida e aos prolíferos escritos de Ellen G. White para encontrar qualquer quantidade de experiências ou demonstrações correspondentes a algum ou a todos esses seis tipos.

Oportunidade das Mensagens

De quando em quando os conselhos dados pelo Senhor para alguma pessoa em particular chega-

vam no momento exato em que eram mais necessários. Sendo demasiado cedo, não haveriam sido apreciados; muito tarde, não haveriam servido a seu desígnio. Isto impunha grande responsabilidade à mensageira do Senhor, pois a procrastinação teria significado fracasso para os planos e desígnios de Deus. Isto exigia muitas vezes que ela se levantasse muito cedo, escrevendo diligentemente hora após hora, que se apressasse para o correio a fim de apanhar determinado trem ou navio. Porém o Senhor provia a todos esses pormenores e a serva do Senhor correspondia ao chamado de seu Mestre a qualquer hora do dia ou da noite.

Em junho de 1871, dois de nossos ministros, J. N. Loughborough e um companheiro evangelista, começaram uma série de conferências em tenda, na cidade de S. Francisco. A seu tempo as reuniões foram transferidas da tenda para um salão, e em 1º de dezembro de 1871, cerca de cinquenta pessoas haviam sido batizadas e trazidas para a igreja.

Com muito pesar dos obreiros e crentes e para vergonha da causa de Deus, o companheiro de evangelismo do Pastor Loughborough caíra em algumas companhias e ações duvidosas. Sua conduta chegou a ser de molde a suscitar sérias questões quanto a suas relações com a igreja e deu certamente margem a crítica da parte dos que se opunham a nossa obra naquela cidade. Ele tomou a atitude de dizer que tinha o direito de fazer o que lhe aprouvesse, e passar pelas ruas que lhe agradasse passar, e com quem ele quisesse.

Quando aconselhado e admoestado pelos irmãos, sua única resposta, era: "Isto não é de sua conta", o que naturalmente não é verdade, pois é da conta da igreja a maneira por que vós e eu nos conduzimos. No sábado, 27 de janeiro, de 1872, foi resolvido que a Igreja investigasse a situação no domingo, 28 de janeiro, às 9 horas da manhã.

Quando o Pastor Loughborough partiu para aquela reunião da manhã de domingo, encontrou-se com o referido irmão próximo à calçada da pensão. Chorava, e dava demonstrações de um espírito quebrantado. Olhando para cima, disse:

— Irmão Loughborough, não vou hoje à reunião.

— Não vai à reunião? — disse o Pastor Loughborough. — A reunião se refere ao seu caso.

— Sei isto — disse ele — mas estou inteiramente errado. O senhor está certo na atitude que tem tomado quanto a mim. Aqui está uma carta de confissão que escrevi à igreja; leve-a e leia-a para eles.

— Que ocasionou esta grande mudança em você desde ontem? — indagou o pastor.

— Fui ao correio a noite passada, depois do sábado, e recebi uma carta da irmã White, de Battle Creek, Michigan. É um testemunho que ela escreveu para mim — respondeu. — Leia-a, e veja como o Senhor vê o meu caso.

Ora, que faríeis com um testemunho assim, caso estivésseis em situação idêntica? Tive em mãos o manuscrito original desse testemunho. Fora posto no correio a 18 de janeiro de 1872. Muito cedo naquela manhã, a irmã White fora despertada em seu quarto em Battle Creek. Foi-lhe ordenado que se levantasse e mandasse o testemunho do que vira em visão a 10 de dezembro de 1871, enquanto se achava em Bordoville, Vermont. A 27 de dezembro ela escrevera o que vira acerca desse obreiro em S. Francisco, porém não o enviara para o correio, pois o Senhor lhe dissera que não o mandasse ainda.

Sem um momento de demora, ela se levantou, pois fora impressionada a mandar aquele testemunho para a Califórnia imediatamente, para pô-lo na mala seguinte, pois ele era de fato necessário. Justo antes do desjejum, ela chamou seu filho Edson, e ordenou-lhe: “Leva esta carta ao correio, porém

não a ponhas na caixa. Entrega-a ao agente do correio, e certifica-te de que ele a ponha na mala que sai esta manhã.”

Assim esta carta datada de 27 de dezembro e posta no correio a 18 de janeiro chegou a S. Francisco a 27 de janeiro, quando o obreiro em aflição dela necessitava mais urgentemente. Não, meu irmão, minha irmã, tais coisas não acontecem simplesmente por acaso. A própria oportunidade das mensagens é uma prova de sua origem divina. (J. N. Loughborough e, *The Great Second Advent Movement*, págs. 386 e 390.)

Ao ler a mensagem, ela o levou naturalmente à compreensão de que há um Deus no Céu que tudo sabia a seu respeito e de seus atos. Sim, Deus podia ver o que ele estava fazendo, sabia exatamente onde estava indo, e com quem se estava relacionando, e o amorável Pai celeste instruíra Sua mensageira a escrever uma mensagem particularmente para esse jovem. Isto causou profunda impressão em seu espírito. Fez com que visse seu erro e se arrependesse de seus caminhos. Sentou-se imediatamente e escreveu sua carta de confissão, achando que não havia necessidade de um julgamento por parte da igreja, pois reconhecia que tudo quanto ele estava fazendo era conhecido de Deus, e fora revelado à serva do Senhor, embora ela dele se achasse separada por mais de três mil quilômetros.

Reconheço, prezados irmãos e irmãs, que tal espécie de mensagem não podia provir da mente, ou da imaginação de quem quer que fosse, de perto ou de longe. E da mesma maneira reconheço que para aquela mensagem chegar não a 29 de janeiro, ou a 1º de dezembro, mas exatamente no dia, no próprio momento em que era necessária, não é senão demonstração de que Deus estava operando por meio de Sua serva, Ellen G. White.

Seja-me permitido acrescentar outro incidente de natureza idêntica, e este, estou certo, será conhecido de alguns de nossos obreiros mais idosos, talvez pessoalmente, e até intimamente. Em 1891, Ellen G. White foi mandada para a Austrália a fim de ajudar no estabelecimento das instituições, e de nossa obra em geral. As crescentes exigências da obra a detiveram ali por tempo considerável. Enquanto ela estava na Austrália, o povo da América ia levando avante o movimento e fazendo o máximo ao seu alcance sob as circunstâncias em que estavam. Naturalmente, todos estavam interessados na longa ausência da Sra. White, e preocupados com ela.

Por aquela época, princípios da década de 1890, em Battle Creek, uma jovem por nome Ana Philips pretendeu haver tido uma visão, uma revelação do Senhor. Ela morava então em casa de um de nossos ministros. Começou a escrever suas mensagens e, naturalmente, alguns dentre o nosso povo ficaram muito interessados. Uns achavam que era muito razoável que enquanto a irmã White estivesse ausente na Austrália, o Senhor escolhesse outra pessoa para levar avante sua obra nos Estados Unidos. De maneira que liam as mensagens dela com grande interesse, e alguns começaram a comparar as mensagens da irmã White com as de Ana Philips.

Cerca de meados de abril, A. T. Jones sentiu-se muito impressionado quanto a dever pregar um sermão a esse respeito no Tabernáculo um sábado de manhã. Foi para aquela reunião com a mensagem de que Deus escolhera outra mensageira. Tornou claro que não pensava que fosse necessariamente verdade que o Senhor falasse unicamente por um instrumento. Julgava possível que Ele achasse por bem empregar muitos. Ali estava outro. Levou uma hora inteira a comparar a obra de Ellen G. White e a de Ana Philips.

Leu as mensagens, pô-las ao lado uma da outra, e declarou que eram justamente a mesma coisa, tendo o mesmo timbre, o mesmo conteúdo, e que eram escritas quase na mesma linguagem. Isto apresentou ele como prova de que Deus escolhera outra mensageira. E assim insistiu com o povo de Battle Creek a aceitá-la como outra serva de Deus.

Ao terminar o serviço naquela manhã, podeis estar certos de que umas poucas pessoas não foram para casa tão depressa como de costume. Ficaram ao redor em pequenos grupos em volta do Tabernáculo e comentaram o caso, e cogitavam se era possível que Deus houvesse mandado outra mensageira. Alguns estavam bem certos de que ela não fora chamada a falar da parte de Deus. Outros duvidavam de que todas as mensagens estivessem em harmonia, ou se haveria alguma contradição entre elas. Que faria a irmã White a esse respeito? E que diria quando soubesse daquele caso em Battle Creek? Tais eram algumas das interrogações que os perturbavam. Estavam todos excitados e agitados com o sermão.

Na manhã seguinte, no domingo, A. T. Jones dirigiu-se à sucursal do correio na Review and Herald. Chegou à janela e perguntou se havia correspondência para ele. Foi-lhe passado um longo envelope, grosso, carimbado da Austrália. Abriu-o e leu-o ali mesmo no correio. A data, naturalmente, era de algumas semanas antes do dia em que a carta foi recebida.

Vinha de Ellen G. White. Podemos dar-vos apenas a substância do conteúdo. Ela perguntava ao Pastor Jones quem o designara para pregar tal sermão como ele pregara no Tabernáculo, quem lhe dera autoridade para julgar num tal assunto como se Deus escolhera outra mensageira, e por que se pusera diante do povo e comparara a mensagem

dessa pessoa com as mensagens que Deus enviara por intermédio dela. Ela prosseguiu e traçou com pormenores exatamente o que se passara naquela determinada manhã de sábado no Tabernáculo de Battle Creek. Tornou claro que Deus não chamara Ana Philips ao ofício de profetisa. Rogava-lhe que não fizesse qualquer coisa que embaraçasse, entravasse ou confundisse o povo de Deus. Era uma mui poderosa mensagem, muito direta, e muito oportuna.

Enquanto o pregador estava ali sentado no bando no correio, olhando e lendo essa mensagem, certo jovem estava próximo, de pé, tendo vindo para escrever um cartão postal para casa. Vendo o Pastor Jones sentado no banco, demorou-se um pouco mais a escrever, mas estava naturalmente observando o que se passava.

Nessa ocasião entrou ali o Pastor O. A. Tait, e o Pastor Jones chamou-o para sentar-se.

— Oscar — disse ele — ouviste-me pregar aquele sermão ontem?

Havendo recebido resposta afirmativa, disse:

— Lê isto — e passou-lhe a carta da Sra. White, datada de 15 de março. Depois de alguns momentos de silêncio, perguntou:

— Quem disse à Sra. White um mês atrás que eu ia pregar aquele sermão a respeito de Ana Philips como profetisa?

— Ah, você sabe, Alonzo — respondeu o Pastor Tait.

— Sim, eu sei. Deus sabia o que eu ia fazer.

Unicamente o Deus do Céu conhece nossos pensamentos de longe, antes de eles nos passarem pela cabeça. Unicamente o Deus do Céu sabe onde estamos e o que estamos fazendo e tudo quanto nos diz respeito. Ele sabe. Podeis negar que o Deus do Céu enviou aquela mensagem a Ellen G. White na Austrália tanto tempo antes e tão longe, e que Ele tinha

algo que ver com o fato de essa mensagem chegar ali justo naquele determinado dia?

Na manhã do sábado seguinte A. T. Jones voltou ao púlpito do Tabernáculo de Battle Creek, e deu sua mensagem. Foi um poderoso sermão. Nele reconhecia que unicamente o Deus do Céu conhece os pensamentos de um homem um ou dois meses antes que ele o pense, e só o Deus do Céu tem poder de pôr esses pensamentos na mente de outra pessoa a milhares de quilômetros de distância, antes que esse próprio homem os pense.

Considerai agora a oportunidade daquela mensagem. Aí trazemos novamente da vida e das palavras de Ellen G. White um incidente que com certeza nos prova que tais mensagens não eram devidas a qualquer esforço de sua imaginação. Um simples devaneio religioso não poderia haver produzido uma experiência dessas. Não, irmãos e irmãs, ao considerarmos essas coisas maravilhosas que ocorreram na vida de Ellen G. White, tornamo-nos muito humildes, e dizemos: “Deus, se nos conheces tão bem e tão intimamente como conhecias A. T. Jones e o jovem que estava trabalhando com o Pastor Loughborough em S. Francisco, convencemo-nos de que devemos ser a espécie de homens que queres que sejamos.”

Natureza Prática das Mensagens

A natureza prática das mensagens de Ellen G. White podem bem ser ilustradas por uma de suas experiências na Austrália. Ela para ali foi a fim de ajudar a pôr firmes alicerces na edificação de nossa obra naquela parte do mundo. Credo grandemente na juventude como herança de Deus na igreja, e compreendendo que dirigentes preparados para a igreja de amanhã dependem do preparo de rapazes

e mocas de hoje, ela propôs imediatamente a fundação de um colégio, um centro de preparo adventista do sétimo dia — e este não devia ser apenas *outro* colégio, mas uma instituição tal como Deus lhe mostrara ser Sua espécie de escola.

Quão impossível parecia aos nossos poucos membros pobres da igreja na Austrália levar a cabo um tal plano! Porém havia o conselho dado como instrução do Senhor. Nem todos os irmãos australianos estavam convencidos de que era um plano sábio, e alguns manifestaram seus sentimentos. W. C. White escreveu acerca dessa atitude:

“Um dia um influente e talentoso membro da igreja de Melbourne, depois de ouvir nossos planos para o estabelecimento de uma escola assim como tínhamos em Healdsburg, disse-me: “Irmão White, esse plano do estabelecimento de tal escola não é absolutamente um plano australiano; a necessidade de tal escola não é uma necessidade australiana. A idéia de estabelecer uma escola neste tempo, quando nossa causa é tão tenra e fraca, não é uma idéia australiana.”” — Citado em *Divine Predictions* de Mrs. Ellen G. White Fulfilled, compilados por F. C. Gilbert, pág. 340.

Tudo isso era perfeitamente verdadeiro e claro. Nem era tampouco plano ou idéia de Ellen G. White; mas tanto o plano como a idéia eram de Deus. A Austrália possuía colégios e universidades — e bons — porém a espécie de escola que Deus queria fosse estabelecida na Austrália não era uma escola comum. Ele sabia exatamente a espécie de escola que queria se fundasse naquele país, e por que razão enviava Sua mensageira ali para dirigir a mente do povo na consecução de Seu desígnio.

À medida que a irmã White continuava na descrição da escola a ser estabelecida, os irmãos australianos abanavam a cabeça, e alguns deles chegaram à conclusão de ela estar inteiramente errada.

Não era uma idéia australiana; era de Deus. Não era uma exigência australiana; era plano de Deus.

Era, portanto, o que Deus queria expresso por meio de Sua serva, Ellen G. White.

Penso, prezados irmãos, que há aí algo que todos nós devemos apreender como significativo. Não estamos seguindo idéias nem projetos humanos; mas as idéias e os planos de Deus. Quanto mais de perto seguirmos o modelo, tanto mais nos aproximaremos da execução das especificações da edificação do reino de Deus, e tanto maiores as bênçãos que repousam sobre nós ao executarmos o plano divino. Espero que todos nós tenhamos sempre em mente que esta obra não é a nossa obra. O êxito ou o fracasso desta obra não depende inteiramente de nós ou de nossos esforços. Deus velará por Sua obra até chegar a uma bem-sucedida conclusão. Vós e eu poderíamos pôr-nos um pouco em Seu caminho e estorvar por algum tempo os Seus planos, porém não por muito. Deus finalizará Sua obra e vê-la-á consumada a Seu próprio tempo e modo.

Os irmãos na Austrália olhavam-se uns aos outros, cogitando: "Onde encontraremos a espécie de lugar que ela quer que usemos para uma escola assim?" A irmã White estava certa de que Deus tinha algures, na Austrália, um lugar. Sugeriu que procurassem um sítio afastado da cidade. De maneira que eles indicaram uma comissão para procurar o local adequado, mas a cada vez eles voltavam com a notícia de que o preço estava muito além de nossos recursos financeiros.

A seu tempo a comissão encontrou um terreno de 1.500 jeiras próximo a Cooranbong, a uns 120 quilômetros ao norte de Sydney. Não tinha senão um aspecto recomendável — era barato, a três dólares uma jeira. Nesse preço só se poderia adquirir terra "fraca, arenosa, estéril". Os membros da comissão ficaram decepcionados, porém parecia ser o melhor que eles podiam encontrar dentro de seus recursos.

Resolveram solicitar um perito agrícola do governo, para examinar a terra e dar opinião franca e

sincera a seu respeito. Seu comentário foi que a terra era tão pobre que se um canguru quisesse atravessar as 1.500 jeiras, teria de levar o almoço consigo em uma cesta, pois nada haveria para comer. Isto não animou muito os irmãos. Achava-se que a irmã White devia unir-se ao grupo em sua visita final à propriedade a fim de tomarem a decisão.

Reunimos os dados de várias fontes, de modo a compor a história. Parece que parte da comissão foi adiante, deixando a Sra. White fazer a viagem com o pastor e a Sra. G. B. Starss. No trem ela contou aos Starss o sonho que tivera, no qual ela e eles se achavam na propriedade, olhando-a, e chegaram a um marcado sulco de mais de 25 cm de profundidade e de dois metros de extensão. Ela viu dois irmãos, que haviam sido criados no rico solo de Iowa, solo profundo, de pé ao lado dos sulcos, e dizendo: "Isto não é boa terra; o solo não é favorável." Ao proferirem eles essas palavras, Alguém que muitas vezes lhe dera conselhos, disse à irmã White: "Tem-se dado falso testemunho dessa terra" — e explicou o valor das diferentes camadas do solo e seu uso.

A seu tempo ela e seu grupo chegaram a Coorانبong, e examinaram a propriedade sem chegar a uma decisão naquele dia. Na manhã seguinte, 25 de maio de 1894, todo o grupo se ajuntou na cabana de um pescador a fim de terem uma reunião de oração. A irmã White sentia a impressão de dever orar para que o irmão McCullog fosse divinamente curado de sua tuberculose. Enquanto ela orava por ele, esse irmão experimentou a sensação de uma onda elétrica a passar-lhe pelo corpo todo, e ergueu-se daquele período de oração completamente restaurado. Viveu mais de trinta e cinco anos depois disso.

Esta manifestação da presença divina assegurou-os a todos da guia do Senhor na decisão que deviam tomar naquele dia. O grupo espalhou-se a

examinar mais os vários trechos da propriedade. Os Starss e a irmã White caminhavam pelo terreno, e chegaram a um local em que havia um sulco bem aberto, arado com mais de 25 cm de profundidade e dois de comprimento. Ao se deterem ali, olhando o solo revolvido; chegaram dois irmãos vindos de direções diversas. Ao verem a irmã White, observaram: "Isto não é boa terra; o solo não é favorável."

A irmã White contou-lhes então o sonho que tivera e seu cumprimento. Com esta prova e a prova da presença e do poder de Deus como foram vistos na cura do irmão McCullog, resolveram adquirir o terreno, e fizeram pagamento à vista.

Na primavera de 1895 foi adquirido o terreno segundo o conselho do Senhor e a despeito da opinião contrária do perito. Para mostrar sua confiança no que o Senhor lhe mostrara, a irmã White escolheu sessenta e seis jeiras da mesma terra, mudou-se para algumas tendas, e começou a trabalhar em sua terra, que denominou "Ensolarada". Ela demonstrou que, com o devido cultivo, o solo produziria abundantemente — e assim tem acontecido todos esses anos — esplêndida colheita de frutas e verduras e de boa juventude adventista do sétimo dia para obreiros nos campos da seara.

Eu nunca estive ali pessoalmente, porém tenho visto fotografias de lá. É um lugar aprazível, com bela relva verde, flores e árvores admiráveis, as mais belas espécies de árvores frutíferas. Digo-vos, prezados irmãos, as mensagens que vieram da serva do Senhor foram mensagens simples, práticas. Não temos sido por vezes capazes de ver a sabedoria dessas mensagens ou conselhos, e todavia quando nosso povo seguiu as instruções dadas não cometeu erros. Foi quando deixamos de seguir as instruções que os cometemos. A própria natureza prática de todas as mensagens dadas por meio da serva do Senhor deve apelar para nós como outra demonstração de que Deus está em Sua obra.

Deus Revelou Segredos por Meio de Ellen G. White

Volvemos agora a atenção para a *certeza das mensagens* que vieram por intermédio da serva de Deus. Quero contar uma história acerca desse aspecto da obra de Ellen G. White — uma das mais interessantes, e certamente uma das mais incomuns, que se nos deparam em nossa leitura quanto a sua obra. Antes dessa história, devemos ler alguns versos do **Salmo 139**, que nos proporcionam apropriada base para o incidente que vamos apresentar:

“Senhor, Tu me sondaste e me conheces. Tu conheces o meu assentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento.

Cercas o meu andar e o meu deitar, e conheces todos os meus caminhos. Sem que haja uma palavra na minha língua, eis que, ó Senhor, tudo conheces. Tu me cercaste em volta, e puseste sobre mim a Tua mão. Tal ciência é para mim maravilhosíssima; tão alta que não a posso atingir. Para onde me irei do Teu Espírito, ou para onde fugirei da Tua face? Se subir ao Céu, Tu aí estás; se fizer no sheol a minha cama, eis que Tu ali estás também. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a Tua mão me guiará e a Tua destra me susterá. Se disser: De certo que as trevas me encobrirão; então a noite será luz à roda de mim. Nem ainda as trevas me escondem de Ti, mas a noite resplandece como o dia; as trevas e a luz são para Ti a mesma coisa." (Salmo 139:1-12.)

Não podemos fugir da presença de Deus.

Pensar que Deus nos conhece individual e tão intimamente, e é capaz de olhar a nossa vida pessoal e dizer o que se está passando conosco, ultrapassa ao entendimento humano. É uma prova de que Deus conhece as coisas secretas e as pode revelar a Seus mensageiros.

Certeza das Mensagens

Eis aí um tipo de prova que é conclusivo e convincente, um daqueles em que não se poderiam cometer enganos sem terríveis conseqüências para as pessoas nisso envolvidas. Não há aí margem para conjeturas ou para invenções ou imaginações humanas. A mensagem ou era de Deus, ou positivamente não era.

Lá na Austrália, por volta de 1891, pouco depois da chegada da Sra. White ali, foi-lhe dada uma visão em que ela via uma porção de obreiros naquela parte do mundo. Entre as pessoas para quem sua atenção foi chamada de modo especial, havia um irmão chamado Faulkhead. N. D. Faulkhead era um comerciante de muito êxito. Possuía talentos fora do comum, sendo apreciado, não somente pelos ad-

ventistas quando ele se lhes uniu, mas pelo povo da cidade em que vivia — de tal modo, que era preeminente líder em cinco ou mais sociedades secretas.

Esse Sr. Faulkhead tornou-se adventista do sétimo dia, e no momento, não viu razão por que não continuasse a ser membro da maçonaria e das várias outras lojas. Ele diz a esse respeito: “Eu era Venerável da principal loja maçônica; era ainda Dignidade de Holy Royal of Canadá; também era preceptor dos Cavalheiros Templários, além de muitas outras lojas menores (cinco ao todo): Templários do Bem, Recabitas, Companheiros, e assim por diante.” Achava-se de fato envolvido em sociedades secretas!

Esse homem acreditava sinceramente poder continuar a ser dirigente dessas sociedades e ao mesmo tempo dedicado adventista do sétimo dia e obreiro na causa de Deus. Devido a sua capacidade financeira, foi feito tesoureiro da Casa Publicadora de Melbourne. A princípio prestou muito bom serviço, mas à medida que se passou o tempo, interessou-se mais e mais em seu trabalho nas lojas, e cada vez menos na obra da casa editora, até que por fim os irmãos ficaram bastante ansiosos quanto a sua vida espiritual.

Pouco depois de sua chegada à Austrália, em dezembro de 1891, a Sra. White teve uma visão, na qual via o Sr. Faulkhead. Depois dessa visão a respeito dele e outros, ela se sentou e escreveu o caso do irmão Faulkhead. Levou umas cinqüenta páginas manuscritas o apresentar sua situação, e ela o fez de maneira deveras notável, em muitos pormenores.

Entretanto, quando procurou pôr no correio esta comunicação para ele, qualquer coisa pareceu detê-la e dizer: “Ainda não! Ainda não!” De maneira que reteve essa mensagem por algum tempo. Foi, na verdade, uns doze meses mais tarde que lhe veio

a oportunidade de levar a mensagem à atenção dele. Ela estivera fora, em outra parte do país, e ao voltar, sentiu que precisava dar essa mensagem ao irmão Faulkhead.

No dia seguinte ao de sua volta a Melbourne, foi convocada uma reunião da comissão escolar. Pela manhã todos se regozijaram nos exercícios finais do primeiro termo da nova escola bíblica australiana. Naquela tarde, terça-feira, 13 de dezembro, o Sr. Faulkhead, como membro da comissão, atendeu aos assuntos da reunião. Ao concluírem-se os mesmos, o presidente W. C. White dirigiu-se ao Sr. Faulkhead, e disse: "Irmão Faulkhead, mamãe deseja vê-lo antes de o senhor se retirar."

O irmão Faulkhead naturalmente cogitou o que poderia ser, pois pouco tempo antes disto, ele vira em sonho que o Senhor mostrara sua situação à Sra. White e que ela tinha uma mensagem para ele. Endurecera-se contra a idéia, e estava justo à espera de alguma sugestão assim, pois pouco tempo antes de seu sonho um irmão, Stockton, nosso primeiro crente na Austrália, falara com ele e lhe dissera francamente que todos estavam preocupados a seu respeito. Acreditavam que ele estava perdendo a espiritualidade por sua ligação com todas essas lojas, e por dar tanto mais tempo a elas e cada vez menos a seus deveres na casa editora. O irmão Stockton lhe perguntara que faria se a irmã White tivesse uma mensagem para ele. O irmão Faulkhead empertigara-se, e dissera: "Teria de ser uma declaração poderosamente forte para me fazer crer que o Senhor lhe dera uma mensagem para mim."

Ora, tudo isso lhe passou pela mente quando o Pastor White lhe disse: "Mamãe deseja vê-lo antes de o senhor se retirar." De modo que foi imediatamente encontrar-se com a Sra. White. Ele tinha grande consideração por ela como cristã, porém não

dava muito pelos testemunhos. Declarou: "Eu gostava de visitá-la e ouvi-la falar, mas no que dizia respeito a ela dar testemunhos, como se declarava que fazia e havia feito todo o tempo, eu era um tanto cético."

Assim, sua atitude era de incerteza. Não acreditava bem nos testemunhos, e não se interessava muito no que respeitava a alguma coisa para ele próprio, pois pensava ser apenas a imaginação dela ou alguma coisa semelhante. Realmente, tinha pouca confiança no dom de profecia.

Com tudo isto em mente, foi ter com a irmã White, e perguntou se tinha alguma coisa para ele. Ela o saudou cordialmente, e respondeu que a preocupação de seu caso lhe pesava no coração e gostaria de vê-lo e a sua esposa juntos, para uma mensagem que lhes dizia respeito a ambos. Ele respondeu:

— Por que não ma deixa receber agora?

— Bem — respondeu ela — se o senhor deseja receber a mensagem agora, terei prazer em dá-la.

Ela se dirigiu à estante e tirou um manuscrito de cinquenta páginas, escrito por ela doze meses antes.

Ao escutar ele as palavras — ela não somente lia o testemunho, mas falava com ele, explicando-o enquanto prosseguia — começou a ficar muito interessado, pois no correr de sua mensagem e explanações, ela falou de certas reuniões a que ele vinha assistindo, e do que dissera nessas reuniões, onde se sentava, a espécie de assento em que se sentara, o cargo que ocupava na loja, e a atitude que manifestava em transações de negócios, pois era um de seus mais preeminentes homens. Faulkhead escreveu mais tarde: "Pensei que isto estava chegando cada vez mais perto, quando ela começou a falar-me com referência ao que eu estava fazendo nas lojas."

No decurso de sua descrição do que fizera e dis-

sera, e do cargo que ocupava, ela fez um sinal com a mão, e disse:

— O anjo me deu esta mensagem para o senhor, porém não posso relatar tudó quanto me foi dado.

— Calou-se.

— Como, irmã White — disse ele — a senhora sabe o que fez?

Ela não percebera que fizera alguma coisa fora do comum. Então ele lhe disse que ela dera o sinal secreto conhecido apenas dos maçons.

Ela prosseguiu por mais um pouco, e disse-lhe que ouvira dirigirem-se a ele como “Venerável Mestre” e outros nomes e títulos dessa natureza. Falou da Franco Maçonaria e da impossibilidade de um homem ser um livre maçom e ao mesmo tempo adventista do sétimo dia. Mais uma vez ela fez um certo movimento que declarou haver sido feito para ela por seu anjo assistente.

Novamente o Sr. Faulkhead ficou sobressaltado e empalideceu mortalmente.

— Irmã White, a senhora sabe o que fez? Mulher alguma sabe isto. Mulher alguma já teve permissão de ouvir ou ver o que se passa naquelas reuniões, e todavia a senhora descreveu uma reunião particular em que eu tomei parte muito importante, e disse não somente o que eu disse, mas o que eu fiz.

Posteriormente ele contou em carta sua reação a tudo isso. Escreveu: “Isto me convenceu de que seu testemunho era de Deus. Posso afirmar-vos que me causou um sentimento muito estranho. Mas, como a irmã White disse, ‘o Espírito do Senhor viera sobre mim e tomara posse de mim’. Ela continuou a falar e ler como se nada houvesse acontecido, mas notei que sua fisionomia se iluminou quando a tornei a interromper e falei-lhe acerca do sinal. Ela pareceu surpreendida de haver-me dado tal sinal.

Imediatamente a declaração por mim feita ao irmão Stockton de que teria de ser poderosamente forte antes que eu pudesse crer que ela tinha para mim uma mensagem do Senhor, passou-me como um relâmpago no espírito.”

É uma história interessante, e uma narração admiravelmente bela a que fez o irmão Faulkhead, pois foi uma experiência deveras estranha para um homem de sua espécie e posição. Revelava certamente em sua vida alguma coisa ignorada dos outros, mesmo de sua esposa; e depois que toda essa prova fora dada pelos sinais e pelas expressões específicas, juntamente com a descrição do que ocorrera nas reuniões daquelas lojas, descrevendo exatamente a atitude das pessoas presentes, eis o que ele disse: “Aceito cada palavra. Todas se adaptam a mim. Aceito a luz que o Senhor me mandou pela senhora. Procederei segundo ela. Sou membro de cinco lojas, três outras se acham sob minha direção; faço todas as suas transações de negócios. Agora não assistirei mais às suas reuniões, e encerrarei minhas relações de negócios com elas o mais depressa possível.”

Dou graças a Deus por tal reação. Somente Ele podia saber o que aquele homem fizera secretamente naquelas lojas. Ele unicamente podia ver onde se sentava e o que estava fazendo, podia ouvir o que dizia, e saber sua própria atitude em todas aquelas reuniões. Deus achou por bem revelar tudo isso a Sua serva a fim de esse homem ser reavido, e sua fé nela ser assim fortalecida.

Ora eu gosto do resto do seu testemunho: “Folgo tanto por que a senhora não me haja enviado aquele testemunho, pois assim ele não me teria sido proveitoso. O ler a senhora mesma a reprovação, tocou-me a alma. O Espírito do Senhor me falou por seu intermédio, e aceito cada palavra que a senhora

dirigiu especialmente a mim, e o assunto em geral também se aplica a mim. Todo ele me visa. O que a senhora escreveu relativamente a minha ligação com os maçons livres, eu o aceito. ... Cheguei simplesmente ao mais elevado grau na maçonaria, porém cortarei minhas ligações com as lojas. ... Ser-me-ão precisos nove meses para concluir minhas relações de negócios com as três sob minha direção.”

Era tarde quando eles terminaram sua entrevista. Ele tomou o bonde e partiu para casa e, por esta ou aquela razão, o carro atrasou sua chegada a certa estação onde ele devia mudar de veículo. Exatamente quando ia chegando, viu o trem de Preston partir; de modo que teve de seguir a pé os seis quilômetros restantes, para casa. Foi-lhe aprazível a tranqüila caminhada, pois proporcionou-lhe o ensejo de estar só e pensar bem em tudo que lhe acontecera naquela tarde e noite. Chegou a esta conclusão: Deus olhara do Céu e o vira e Se dignara ajudá-lo a desviar-se de uma direção que o teria levado para longe da verdade e do reino.

Não conheço nenhuma história registrada na vida e nas obras de Ellen G. White que seja de maior significação do que este caso do irmão Faulkhead. Na quinta-feira seguinte, esse irmão, acompanhado da esposa, teve outra entrevista com a Sra. White. Entrementes, ela escrevera mais a respeito do caso — creio que umas vinte e oito páginas — e leu todo aquele testemunho a ambos. Ambos o aceitaram — a reprovação e conselho vindos do Senhor. Afinal, ele disse à Sra. White: “Desejo que a senhora saiba como considero esta questão. Considero-me grandemente honrado pelo Senhor. Ele achou por bem mencionar-me, e não estou desanimado, mas encorajado. Seguirei a luz que me é dada pelo Senhor.”

Então veio a verdadeira batalha. Ele a combaterá toda naquela noite enquanto caminhava para ca-

sa, porém não estava ainda inteiramente vencida. Foi para o escritório na manhã seguinte, e ditou uma porção de cartas, incluindo seu pedido de demissão de cada uma e de todas aquelas organizações, e para que não enfraquecesse, passou as cartas a A. G. Daniells, dizendo: "Pastor Daniells, aqui estão elas. Estou livre de todas aquelas coisas que me ligavam ao mundo. Ponha-as no correio por mim!" Ao relatar esta parte da história, o Sr. Faulkhead diz: "Como seus olhos cintilaram de prazer ao pensar que o Senhor alcançara afinal Seu objetivo, e suas orações haviam sido atendidas!"

Depois de haver dado as cartas ao Pastor Daniells para pôr no correio, começou a pensar em tudo, e cogitava como se iria desenredar de todas as relações e ligações com aquelas lojas. Sentiu-se quase esmagado, mas declarou: "Irmãos, não desistirei do conflito. Não esperava que fosse tão renhido. Pensava poder cortar minhas ligações com facilidade; mas verifico ser maior a luta para romper as ligaduras do que eu antecipara. O Senhor, porém, me honrou grandemente em falar-me por meio da irmã White. Ele lhe apresentou meu caso e chamou-me por nome, e darei ouvidos às instruções do Senhor. Oh, o Senhor me tem gravado nas palmas de Suas mãos!"

Ao chegar-lhe uma mensagem do Senhor, Ellen G. White nunca teve quaisquer dúvidas quanto à significação dessa mensagem e seu dever referente a ela. Nunca duvidou. Nunca ficou arredia cogitando se o Senhor queria realmente dizer o que dissera. Não hesitava, e cogitava o que o povo pensaria quando desse sua mensagem. Não pensava em mudar nem abrandar a mensagem para atenuar o golpe ou torná-lo mais aceitável à pessoa envolvida.

Uma vez, em visão, não viu o rosto — apenas ouviu a voz — e o anjo do Senhor instruiu-a de que,

quando ouvisse aquela voz, devia dar determinada mensagem. E deu-lhe a mensagem. Isso foi tudo quanto recebeu — apenas uma voz, e uma mensagem para essa voz. Aí não há margem para conjectura nem para invenções ou imaginações humanas.

Passou-se algum tempo até que a Sra. White tornasse a ouvir *aquela voz*. Chegou então o dia em que ela e seu marido chegaram a certo acampamento. Eles viajavam de carruagem, havendo um irmão ido encontrá-los na estação da estrada de ferro, e ao se aproximarem do acampamento, o irmão sugeriu que se dirigissem à tenda em que os White haviam de ficar. Mas a irmã White desejou assistir imediatamente a reunião.

O povo estava congregado, e havia um orador na plataforma, em meio de seu sermão. Ellen G. White parou um momento ao aproximar-se, e sem qualquer hesitação tomou o braço de Tiago White e andaram pelo corredor, direto ao lugar diante do púlpito. Tiago White sentou-se. Ela olhou para o homem, e apontando para ele o dedo, disse em alta voz: “Meu irmão, não vos compete estar nesse púlpito falando a este povo.”

Naturalmente o homem se calou; todos os olhos estavam fixos nele e em Ellen G. White ali de pé. Ela nunca vira o homem antes, nem sabia qualquer coisa a seu respeito, *exceto* o que o Senhor lhe revelara. Ouvira apenas o som de sua voz, e o Senhor lhe dissera que quando ela ouvisse aquela voz desse a mensagem àquela pessoa. “Dize-lhe que não é homem apto para pregar ao povo. Há noutro Estado uma mulher que o chama de marido e filhos que o chamam pai, e há uma mulher aqui no acampamento que o chama de marido e filhos que o chamam pai.”

O homem desapareceu. Nunca terminou o sermão. Seu próprio irmão, sentado ali no auditório, concordou com o que a irmã White disse, que o

homem estivera vivendo em bigamia e merecia a franca repreensão. O efeito daquela mensagem foi imediato. O Espírito de Deus penetrou no acampamento, seguindo-se grande reavivamento.

Imaginemos que a irmã White houvesse cometido um erro. Suponhamos que se houvesse dirigido a outro homem. Suponhamos que a mensagem houvesse sido para outra reunião campal. Fácil é imaginar muitas coisas numa situação assim, porém Ellen G. White estava certa de suas revelações vindas do Senhor, unicamente porque reconheceu a voz que ouvira na visão. O Senhor não erra.

Não, se é que o Senhor operava por meio dela, as mensagens haviam de estar certas e ser muito específicas. Tais mensagens só podiam vir de Deus; nenhum espírito humano poderia inventar tais coisas com tão terrível exatidão. Ela nunca vira aquele homem. Ouvira só a voz, mas ao ouvir aquela voz vinda da plataforma, sabia haver chegado o momento de dar sua mensagem. A ninguém fez perguntas. Quem haveria ela de interrogar? Caminhou direto por aquele corredor, e apontando o dedo para o homem declarou que ele não era homem em condições de estar ali no púlpito.

Isso, irmãos, exigia quantidade de coragem. Porém requeria mais que isto. Exigia quantidade de fé e confiança na Fonte daquela mensagem. Tal era sua confiança, e tal sua fé na obra que Deus lhe dera para fazer.

Que Deus nos ajude ao lermos as maravilhosas mensagens dEle vindas por intermédio de Sua serva, para termos cada vez maior confiança na guia divina concedida a este povo no decorrer de toda a sua história. Nada temos a temer do futuro, a não ser que esqueçamos o modo por que Deus nos conduziu no passado.

C A P Í T U L O IX

O Testemunho de Contemporâneos

Volvamos a atenção a outra espécie de prova — ao povo que rodeava Ellen G. White. Por setenta anos, ela foi o centro de grande atividade. Foi mulher que viveu vida de atividade incomum. Sua obra levou-a à Europa, à Austrália e a muitas partes dos Estados Unidos. Foi conhecida de milhares, ou antes, centenas de milhares de pessoas.

Ora, fazemos bem em deter-nos aqui e verificar qual o reconhecimento que lhe dispensaram seus contemporâneos. Isto se torna um interessantíssimo estudo, e de certo modo boa espécie de demons-

tração pela qual somos habilitados a julgá-la e medir o escopo e a natureza de sua obra.

Reconhecida dos Contemporâneos

Os contemporâneos são de três espécies — os interessados no assunto que o aprovam ou aceitam, os interessados no assunto que o desaprovam e rejeitam, e os que se não interessam mas que o podem aceitar ou rejeitar. A Sra. E. G. White tinha as três espécies de contemporâneos durante os setenta anos de seu ministério, e é razoável que consideremos as três espécies de reações ou maneiras de reconhecer.

Ora, tratando-se de um período mui curto de existência e de trabalho, difícil seria servir-nos do testemunho dos contemporâneos. Mas numa longa vida de serviço e com tão abundante matéria como a que proveio de sua pena, não parece haver falta de prova em que basear um juízo.

Os Interessados que Aprovavam. — Se eu quisesse saber alguma coisa acerca de W. H. Branson, ex-presidente de Associação Geral, seria muito natural dirigir-me aos companheiros mais achegados, e aos seus amigos mais íntimos. Parece-me que eles seriam capazes de fazer uma apreciação dele e de sua obra. Se eu quisesse conhecer os fatos que dizem respeito a Ellen G. White, não pensaria por certo em ir em busca de D. M. Canright ou outro homem que muito teriam a dizer contra ela. Não iria a seus confessos adversários para procurar minha primeira e mais íntima apreciação de Ellen G. White. Irieis vós? Seria isto justo?

Seria simplesmente razoável que fôssemos aos amigos de um homem, aqueles com quem teve mais íntimo convívio, aos que o conhecem melhor e mais intimamente. Por esta razão quero começar com aquele grupo de pessoas — os amigos, os que me-

lhora conheciam Ellen G. White e mais de perto trabalharam com ela.

O presidente da Associação Geral em 1883 era George I. Butler, que estava em uma relação única entre a Sra. White e o povo. Ele se relacionava bem de perto tanto com o povo de Deus como com Sua mensageira, e deixá-lo-emos falar pelos que lhe aprovavam a vocação e a obra. Ele sabia de que falava quando disse:

“Cremos nessas visões porque a Bíblia as ensina. Servimo-nos das regras dadas nesse santo Livro e somos compelidos a concluir que estas manifestações são obra do Espírito de Deus. Em lugar de exaltarmos essas visões acima das Escrituras, e à parte delas, como outra regra de autoridade como pretendem nossos adversários, professamos que ninguém pode realmente tomar a Bíblia e aplicar com justiça os seus ensinamentos, sem aceitar essas visões como de Deus. A Bíblia é a autoridade suprema no decidir esta, bem como outras questões. Quando ela nos diz que provemos ‘os espíritos’, examinemos ‘tudo’, e retenhamos ‘o bem’, é nosso dever fazer isto. Verificamos, assim fazendo, que essas visões se harmonizam perfeitamente com as Escrituras, e que elas de maneira alguma se contradizem a si mesmas ou à Bíblia. Em toda parte ensinam a mais pura doutrina, e mesmo seus mais acerbos inimigos concordam em que uma pessoa se salvará, caso lhes dê obediência.

“Como um povo, temo-las provado por cerca de um quarto de século, e achamos que prosperamos espiritualmente quando lhes damos ouvidos, e sofremos grande detrimento quando as negligenciamos. Temos verificado que sua guia é nossa segurança. Elas nunca nos induziram ao fanatismo em qualquer caso, porém sempre reprovaram homens fanáticos e irrazoáveis. Em toda parte elas nos dirigem às Escrituras como a grande fonte de verdadeira instrução, e ao exemplo de Jesus Cristo como o modelo genuíno. Nunca pretendem haver sido dadas para tomarem o lugar da Bíblia, mas simplesmente para serem uma manifestação de um daqueles dons espirituais postos na igreja por seu divino Senhor, e como tais devem ter o devido peso.

“Concordamos em que sua influência sobre os adventistas do sétimo dia na história passada, tem sido ponderável, mas sempre para o bem, e com a tendência de tornar-nos um povo melhor. Havendo estado em exercício por tantos anos entre nós, estamos com certeza preparados para julgar a esta altura

a natureza de seus ensinios." — *The Review and Herald*, 9 de junho de 1874.

J. N. Loughborough, achegado companheiro de trabalho, testifica:

"Faz agora cinqüenta e oito anos que o signatário viu pela primeira vez a Sra. Ellen G. White em visão profética. Durante esses anos muitas declarações proféticas foram feitas por ela quanto às coisas que haviam de acontecer. Algumas dessas predições se relacionam com acontecimentos já cumpridos, e outros estão em processo de cumprimento, ao passo que outros estão ainda no futuro. Quanto às que dizem respeito a acontecimentos passados ou presentes, não sei de um único caso em que falhasse." — *The Prophetic Gift in the Gospel Church*, pág. 72.

"Verificamos que a contínua instrução dada por meio da Sra. E. G. White tem sido o traço de unidade e harmonia, admoestando a 'aconselhar-nos uns com os outros' e 'avançarmos juntos' para estar em união com Cristo, assegurando assim verdadeira comunhão e união uns com os outros." — *Idem*, pág. 99.

O testemunho de uma pessoa que se achava em ponto estratégico de observação deve ser muito valioso. Urias Smith, durante muitos anos redator-chefe da revista denominacional, *The Review and Herald*, em constante contato com a Sra. White e sua obra, e por vezes recipiente de seus testemunhos e conselhos, devia ser apto a julgar sua obra pelos frutos ou resultados dessa obra.

"'A Bíblia, e a Bíblia unicamente', 'A Bíblia em sua pureza', 'A Bíblia uma regra suficiente e a única regra de vida digna de confiança', etc., etc., é agora o grande brado dos que dão expansão a sua oposição às visões, e trabalham com suas forças para prevenir outros contra elas. Essa maneira de proceder faz-nos lembrar as baixas intrigas e manobras a que recorrem os políticos demagogos para atingir seus abomináveis fins. ... Tais armas são indignas em mãos de pessoas cristãs; todavia alguns, pesa-nos dizer, que professam esse nome, não hesitam em usá-las.

"O princípio protestante, de 'A Bíblia e a Bíblia tão-somente', é em si mesmo bom e verdadeiro; e firmamo-nos nele tão

fortemente quanto alguém o possa fazer; mas quando repetido em relação com exageradas acusações contra as visões, tem espiciosa aparência do mal. Assim empregada, encerra encoberta insinuação, muito eficazmente calculada a torcer o juízo dos desprevenidos, de que crer nas visões é deixar a Bíblia, e apegar-se à Bíblia é rejeitar as visões. ...

“1. Quando professamos estar com a Bíblia e a Bíblia tão-somente, obrigamo-nos a receber, inequívoca e plenamente, tudo quanto ensina. Sendo esta uma proposição que se evidencia por si mesma, passamos a indagar o que a Bíblia ensina quanto ao derramamento do Espírito, Suas operações, o dom de profecia, visões, etc. ...

“Em vista de todas estas considerações, que concluiremos? Os que rejeitam estas manifestações, fazem-no, não só sem provas, mas contra elas. Os que professam estar com a Bíblia e a Bíblia tão-somente, estão obrigados a receber o que ela lhes diz que há de existir, e lhes ordena respeitar.

“Será de proveito uma ilustração para esclarecer ainda mais este assunto. Imaginemos que estamos para sair de viagem. O dono do navio nos dá um livro de orientações, dizendo-nos que contém instruções suficientes para toda a jornada, e que se lhes dermos ouvido, chegaremos a salvo ao porto de destino. Verificamos que seu autor estabelece princípios gerais para nos regerem durante a viagem, e nos instrui o máximo possível, tocando as várias contingências que podem surgir até ao fim; diz-nos ainda, porém, que a última parte da viagem será especialmente perigosa; que o aspecto da costa muda sempre em virtude de areias movediças e tempestades; ‘mas para esta parte da viagem’, diz ele ‘providenciei um piloto para vós, o qual vos encontrará, e dará orientações segundo as circunstâncias e perigos ao redor o exigirem; e a ele deveis dar ouvido’. Com essas orientações chegamos ao perigoso tempo especificado, e o piloto, segundo a promessa, vem ao nosso encontro. Alguns dos tripulantes, porém, ao oferecer ele seus serviços, insurgem-se contra ele. ‘Temos o livro original de orientações’, dizem, ‘e isto nos basta. Ficamos com aquilo, e aquilo somente; não queremos nada de ti.’ Quem dá então ouvidos ao livro original de orientações? os que rejeitam o piloto ou os que o recebem, segundo as instruções a eles dadas pelo livro? Julgai vós.

“Alguns, porém, por falta de percepção, ou de princípios, ou pela efervescência de um preconceito invencível, um ou todos combinados, podem enfrentar-nos a esta altura por esses termos: ‘Então quereríeis que tomássemos a irmã White como piloto, quereríeis?’ É para prevenir quaisquer esforços nesse sentido, que escrevemos esta sentença. Não dizemos tal coisa. O que

dizemos é claramente, isto: que os dons do Espírito nos são dados como nosso piloto através desses tempos perigosos, e onde quer que, e em quem quer que seja que encontremos genuínas manifestações dos mesmos, estamos obrigados a respeitá-los, e não podemos fazer o contrário sem com isto rejeitar a Palavra de Deus, que nos dirige no sentido de recebê-los. Quem está agora firmado na Bíblia, e na Bíblia tão-somente?" — "Rejeitamos Nós a Bíblia por Endossar as Visões?" em *The Review and Herald*, 13 de janeiro de 1863.

Os Interessados que Desaprovavam. — Um dos mais rigorosos e implacáveis críticos da Sra. White foi D. M. Canright, outrora pregador do povo adventista. Olhai de três pontos de vista a atitude de Canright para com a Sra. White: primeiro, como adventista do sétimo dia; segundo, como oponente das mensagens; afinal, como um ancião, demasiado orgulhoso para reconhecer um erro, demasiado fraco para colocar-se ao lado da verdade.

Desejamos, portanto, dar-vos a história de D. M. Canright, e mostrar como veio a deixar de concordar com o Espírito de Profecia e com o movimento adventista. Era homem muito capaz. Possuía notáveis talentos. Era um belo orador; arguto controversista. Era daqueles que podem levar temor e tremor a qualquer adversário; e então começou a julgar-se demasiado bom, um perito em seu ramo, bom demais para uma denominação tão pequena. Ora, amigos, é perigoso que um homem se tenha em alta estima e considere muito suas qualidades e aptidões, pois às vezes isto lhe transtorna a cabeça, levando-o a julgar-se um bocado superior. Chamamos a isto um eu inflado.

D. M. Canright errou por considerar-se demasiado grande e bom demais para tão pequena denominação. E quando os irmãos não o aceitaram segundo a estimativa que fazia de si próprio, voltou-se contra a denominação e começou a escrever contra este povo.

Volvamos entretanto primeiro ao tempo em que D. M. Canright era interessado amigo deste movimento, e leiamos algumas palavras de sua pena. Em 1885, exatamente dois anos antes de ele deixar a igreja adventista, escreveu em *The Review and Herald*, para serem lidas por todos, as seguintes palavras acerca de Ellen G. White:

“Ao ler atentamente o primeiro, o segundo e o terceiro volumes do ‘Espírito de Profecia’, o Céu afigurava-se-me demasiado perto de mim. Se o Espírito de Deus não nos fala nesses escritos, então eu desesperaria de O distinguir. Oh, quão precioso parece o querido Salvador! Quão infinitamente valiosa a salvação de uma alma! Quão aborrecível e indesculpável parece o pecado! Deus é bom, e a coisa mais doce na Terra é amá-Lo e servi-Lo.” — 6 de janeiro de 1885, pág. 16.

“Tenho lido muitos livros, mas nunca li nenhum que me interessasse tão intensamente e me impressionasse tão profundamente como o volume IV do *O Grande Conflito* da Sra. White. Talvez seja em parte porque vejo as coisas diversamente; mas estou certo de que isto não é toda a razão. A parte histórica é boa, porém a que foi de interesse mais intenso para mim, foi a última parte, começando com a ‘Origem do Mal’. As idéias referentes à natureza e aos atributos de Deus, ao caráter de Cristo e a rebelião de Lúcifer no Céu, trazem em si mesmas a prova de sua inspiração. Moveram-me as profundezas da alma, como coisa alguma já o fizera. Sinto que possuo nova e mais alta concepção da bondade e longanimidade de Deus, da terrível maldade de Satanás, e do terno amor de Cristo. Desejaria que todos pudessem ler isto, quer fossem de nosso povo, quer não. Adquiri-o, irmão, e lede-o com cuidado.” — *Idem*, pág. 9.

Em 1877, dez anos antes de volver afinal as costas à igreja adventista e a Ellen G. White, escreveu:

“Quanto ao caráter cristão da Sra. White, peço permissão para dizer que sei alguma coisa a seu respeito. Tenho mantido relações com ela por 18 anos, mais da metade da história de nosso povo. Tenho estado no meio de sua família repetidas vezes, ocasiões por uma semana. Eles têm estado em nossa casa e família muitas vezes. Tenho viajado com eles quase para toda parte; tenho estado com eles na intimidade e em público, em

reuniões e fora delas, e tenho tido as melhores oportunidades de conhecer alguma coisa da vida, do caráter e espírito do irmão e irmã White. Como ministro, tenho tido de lidar com toda espécie de pessoas, e toda sorte de caracteres, de modo que penso poder julgar um pouco do que é uma pessoa, pelo menos depois de anos de íntimo relacionamento.

“Sei que a irmã White é uma nobre senhora, despretensiosa, modesta, boa de coração. Esses traços em seu caráter não são simplesmente superpostos, cultivados, porém brotam graciosa e facilmente de sua disposição natural. Ela não é presumida, justa aos próprios olhos e importante, como são sempre os fanáticos. Tenho estado com freqüência em contato com fanáticos e sempre os tenho achado cheios de pretensões, de orgulho, prontos a dar sua opinião, jactanciosos de sua santidade, etc. Mas sempre tenho achado a irmã White o contrário de tudo isso. Qualquer um, o mais pobre e o mais humilde, pode ir ter com ela desembaraçadamente em busca de conselho e conforto sem ser repellido. Ela está sempre em busca dos necessitados, dos que sofreram perdas, dos sofredores, providenciando em favor deles e pleiteando-lhes a causa. Nunca travei relações com quaisquer pessoas que tão constantemente tivessem diante de si o temor de Deus.” — *The Review and Herald*, 26 de abril de 1877, pág. 132.

Estranho como tão rapidamente o mecanismo mental de algumas pessoas pode passar para o inverso. Creio que D. M. Canright tenha sido homem sincero e honesto em haver dito o que queria dizer, pelo menos quando o estava dizendo. Ou ele dizia verdades ou dizia mentiras. Ouvi agora algumas palavras escritas algum tempo depois pelo mesmo homem, e julgai por vós mesmos qual Canright diz a verdade:

“Mantive boas relações com a Sra. White por cerca de trinta anos; estive às vezes por semanas em meio de sua família, e ela esteve muitas vezes entre minha família. Estou familiarizado com toda a sua obra e todos os seus livros. Estou convencido de que tudo isso é um engano. Suas visões têm sido constante fonte de questões e divisões entre eles mesmos. Muitos de seus homens mais capazes, e milhares de outros, têm-nos deixado por causa disto. Há um forte partido contrário às visões agora. ...

“Os êxtases da Sra. White são simplesmente resultado de

doença e de excitação religiosa — histeria. Na idade de nove anos ela recebeu um golpe na cabeça, o qual lhe quebrou o nariz e quase a matou. Isto estragou-lhe o sistema nervoso irrecuperavelmente, afetando-lhe a mente no sentido da melancolia e até à insânia. Ela era fraca, doentia, desmaiando com freqüência, e não esperava viver. Nestas condições foi ela tomada do fanatismo milerita, e entrou em êxtases com outros. Tudo isto ela própria o declara em *Spiritual Gifts*, vol. 2, págs. 7-48. ...

“Que dano causa ela? Muito em toda maneira. Ensina uma falsa doutrina, escreve uma nova Bíblia, induz seu povo a ser estreito, viver a modo de tribo, ser beato e opor-se ao trabalho de todas as outras igrejas e do necessário domingo e leis de temperança. Ela tem dividido famílias, desmembrado igrejas, levado alguns à infidelidade e outros ao desespero. Leva seus advogados a enganarem. Temendo que os prejudique se for sabido em que aspecto eles realmente consideram suas visões, negam que isto seja assunto de importância para eles. Isto é falso e enganoso, pois as consideram sagradas como a Bíblia. Para defender seus enganos e erros, tanto ela como seus apologistas têm de negar os fatos mais positivos e recorrem a declarações não verdadeiras. O temor de sua autoridade compele muitos a professar fé nela quando não têm nenhuma, tornando-se assim hipócritas.” — D. M. Canright “Nº 4. Mrs. White and Her Visions”, em *Adventism Refuted in a Nutshell* (1889), págs. 2-7.

Passaram-se muitos anos, e D. M. Canright tornou-se pastor emérito na igreja batista bereana em Grand Rapids, Michigan. Em 1919 publicou um livro, *Life of Mrs. E. G. White*, no qual tomou toda uma página para esclarecer sua “atitude atual”:

“Desde que me retirei dos adventistas, há mais de trinta anos, eles têm continuado a dizer que tenho lamentado havê-los deixado, tenho buscado voltar, repudiei os livros que escrevi e confessei que sou agora um homem perdido. Não há nem uma palavra de verdade em qualquer desses dizeres. Espero que digam que me retratei em meu leito de morte. Tudo isto é feito para prejudicar a influência de meus livros. Reafirmo agora tudo quanto tenho escrito em meus livros e folhetos contra aquela doutrina.

“Vários ministros adventistas prestaram valioso auxílio no preparo destas páginas. Outrora eram crentes na inspiração divina da Sra. White, porém, fatos positivos compeliram-nos afinal a renunciar à fé em seus sonhos.” — Pág. 15.

Chegamos agora à questão: Acaso D. M. Canright mostrou algum dia quaisquer sinais de pesar por sua conduta? Acaso algum dia indicou que sentia a guerra ativa e franca por ele movida contra Ellen G. White? Em seu livro publicado em 1919 ele declarou que não. Mas em 1915, quando a Sra. White descansava em seu esquife em Battle Creek, após a cerimônia fúnebre, o povo passava em silêncio por ela, para render o tributo final a uma grande e nobre, porém humilde serva de Deus, e D. M. Canright se achava entre eles. Ele e seu irmão passaram uma vez e depois voltaram segunda vez. Pousou a mão na borda do ataúde e, com cálidas lágrimas a correrem-lhe pelas faces, disse: "Foi-se uma nobre mulher cristã." — W. A. Spicer, em *The Spirit of Prophecy in the Advent Movement*, pág. 127.

Essa declaração é a mais aproximada que temos de qualquer coisa que pudesse indicar sentimento. Não, ele nunca aplacou; nunca se retratou de sua forte oposição. Seu principal antagonismo era contra Ellen G. White. Mas seu sobrinho, na reunião campal de Lynwood, Califórnia, em junho de 1953, apresentou um aspecto muito interessante do modo de pensar do próprio Canright durante os anos posteriores a sua saída da igreja.

Esse sobrinho, que vivera por algum tempo em casa de D. M. Canright, e cujo lar o tio costumava visitar, estava em condições de oferecer informações em primeira mão, as quais vos transmitimos em razão do interesse que tem em relação com esta história. Uma vez um ministro metodista queria desafiar um ministro adventista a debate com relação ao sábado. Pensava que se tão-somente pudesse chegar a D. M. Canright, com certeza poderia arranjar a matéria de que necessitava, e então havia de achatar aquele ministro adventista com o próprio trovão de D. M. Canright.

Dirigiu-se então à casa de Canright, e disse: "Te-

nho em perspectiva um debate com um ministro adventista do sétimo dia quanto à questão do sábado. Pensei que o senhor seria por certo o homem para me proporcionar toda a matéria de que necessito para o achatar. Assim, aqui estou. Disponho de três dias!" D. M. Canright, em presença de seu sobrinho, disse ao ministro metodista: "Irmão, aconselho-o a não ter debate com os adventistas quanto ao sábado. Eles têm todos os fatos de seu lado nessa questão!" Não precisou três dias para dizer àquele homem que ele fazia melhor em cuidar com um debate sobre o sábado. Não, não precisa três dias para dar-se a alguém os fatos da história do sábado ou do domingo.

D. M. Canright, estamos informados, exprimia com freqüência a idéia de que os adventistas estavam certos em suas doutrinas gerais, e nos ensinios da igreja. Discordou primariamente na questão das visões, revelações, e da relação de Ellen G. White para com a igreja e a Bíblia.

Os Desinteressados que Aprovavam. — O último grupo de contemporâneos a expor seu pensamento quanto a Ellen G. White, são os não adventistas que nem eram amigos nem inimigos, mas simples espectadores ou pessoas à parte, que observavam muito mas diziam pouco. Viam-na como mulher, vizinha, cidadã, obreira atarefada que ia daqui para ali. Não tinham razão especial para dizer qualquer coisa de bom ou de mau a seu respeito.

Todavia vinde comigo a Battle Creek, onde Ellen G. White viveu por muitos anos. Os dirigentes da cidade estavam-se preparando para uma grande reunião em massa. Estavam ansiosos de causar boa impressão e atingir determinado objetivo em algo de interesse para todos os cidadãos de Battle Creek. Queriam um orador público que possuísse poder persuasivo, o dom da oratória, e uma personalidade que atraísse e prendesse as multidões.

Para quem se voltaram eles? Não foi para nenhum outro senão uma de suas próprias cidadãs no Extremo Oeste — Ellen G. White. O prefeito Austin, W. H. Skinner, caixa do Primeiro Banco Nacional, e C. C. Peavey foram comissionados para os arranjos. Eles convidaram a Sra. White porque a conheciam e a sua obra. Escrevendo acerca dessa ocasião, ela diz:

“Falei na enorme tenda, no domingo à noite, no dia 1º de julho (1877), sobre o tema da temperança cristã. Deus me ajudou naquela noite; e se bem que eu falasse por hora e meia, a multidão, de bem cinco mil pessoas, escutou em perfeito silêncio.” — *Testimonies*, vol. 4, pág. 275.

No ano seguinte (1878) foi publicado um livro intitulado *American Biographical History of Eminent and Self-Made Men of the State of Michigan, Third Congressional District*. Os autores deste livro observavam e pensavam independentemente quanto à Sra. White:

“A Sra. White é mulher de organização singularmente equilibrada. Benevolência, espiritualidade, conhecimento interior e idealismo, são seus traços predominantes. Suas qualidades pessoais são de molde a granjear-lhe as mais entusiásticas amizades de todos com quem ela entra em contato, e a inspirar-lhes a máxima confiança. ... Não obstante seus muitos anos de trabalho público, conserva toda a simplicidade e sinceridade que lhe caracterizavam os primeiros anos de vida.

“Como oradora, a Sra. White é uma das mais bem-sucedidas das poucas senhoras que se têm destacado como conferencistas neste país, durante os últimos vinte anos. O uso constante tem-lhe fortalecido os órgãos vocais de maneira a dar-lhe à voz rara profundidade e vigor. Sua clareza e força de articulação são tão grandes que, quando falando ao ar livre, ela tem sido com frequência distintamente ouvida a quilômetro e meio. Sua linguagem, conquanto simples, é sempre vigorosa e elegante. Quando inspirada pelo assunto, é às vezes maravilhosamente eloquente, mantendo os mais vastos auditórios fascinados durante horas, sem um sinal de impaciência nem fadiga.

“O assunto de seus discursos é sempre de natureza prática,

tratando em especial dos deveres familiares, da educação religiosa dos filhos, da temperança e tópicos semelhantes. Em ocasiões de reavivamento, ela é sempre a oradora mais eficiente. Tem falado com freqüência a imensos auditórios, em grandes cidades, sobre seus temas favoritos, sendo sempre recebida com grande agrado. — Pág. 108.

Eis um admirável testemunho. Muito poucas pessoas podem receber tal testemunho a seu respeito e de sua obra.

D. M. Canright fala de Ellen G. White como de pessoa doentia, um tanto frágil e fraca; mas se ela tinha uma voz que podia ser distintamente ouvida à distância de quilômetro e meio sem microfone, possuía alguma coisa que bem poucos oradores têm hoje.

Consideramos esse testemunho do livro como provindo de pessoas que não tinham nela interesse especial, que não pretendiam para ela títulos especiais, mas a conheciam simplesmente como oradora pública, uma das oradoras mais eficientes da época.

Relação com Influências Exteriores

Seria simplesmente humano indagar e cogitar se por vezes Ellen G. White não era influenciada por qualquer pessoa que estivesse próxima dela, ou para ela trabalhasse, ou talvez pelo presidente da Associação Geral, que poderia dar a suas mensagens certo pendor. Alguns têm cogitado até que ponto o *Paraíso Perdido* de Milton a poderia haver influenciado na Série de *O Conflito dos Séculos*, ou se ela havia lido os Drs. Trall e Jackson antes de sua “visão quanto à saúde”, em 1863.

São boas e justas perguntas, e portanto merecem a mesma espécie de respostas. Primeiro, olhe-mos à questão do *Paraíso Perdido*. Na primavera de 1858 ela teve longa visão em que lhe foram reve-

ladas as cenas do grande conflito entre Cristo e Satanás. Ficou tão comovida pela mensagem, que a contou aos crentes de Battle Creek nos cultos matinais e vespertinos.

J. N. Andrews ouviu a descrição da queda de Satanás, da queda do homem, e do plano da salvação. Perguntou à Sra. White se ela havia lido o livro de Milton. Ela respondeu que nunca o vira nem lera. Pouco depois J. N. Andrews deu-lhe um exemplar mas, sem o abrir, ela o colocou em uma alta prateleira fora de alcance, até que houvesse terminado de escrever o que lhe fora mostrado.

Perguntas acerca da mensagem quanto à saúde em 1863, levaram-na a escrever estas palavras:

“Quando apresentei a amigos o assunto da saúde... e falei contra as drogas e os alimentos cárneos, houve freqüentemente a réplica: ‘A senhora fala muito semelhantemente às opiniões ensinadas no *Laws of Life* e outras publicações dos Drs. Trall, Jackson e outros. Acaso leu essa revista e essas obras?’ Minha resposta foi que eu não a lera, nem as leria enquanto não escrevesse inteiramente minhas visões, para que não se dissesse que eu recebera luz quanto ao assunto da saúde por meio de médicos e não do Senhor.” — *The Review and Herald*, 8 de outubro de 1867, pág. 260.

No mesmo ano tornou a declarar: “Minhas visões foram escritas independentemente de livros ou opiniões de outros.” — Manuscrito 27, 1867, citado por Arthur L. White em *Ellen G. White, Messenger to the Remnant*, pág. 16.

Alguém dirá imediatamente: “Mas esperai um momento. Que direis daquelas citações de livros de História, que temos em *O Conflito dos Séculos*? De onde vieram elas? Como entraram elas nos escritos? Estas perguntas são a propósito, e merecem por certo respostas satisfatórias. É uma longa história, porém eu vos posso dizer resumidamente como es-

sas passagens entraram naquele livro na Série do *Conflito dos Séculos*. Aí também faremos bem em volver a suas próprias palavras em busca da razão que parecem satisfazer-lhe.

Ao ser escrita pela primeira vez a história de O Conflito dos Séculos, história que aparece correntemente na última parte de *Primeiros Escritos*, nem uma citação de um livro secular de História se pode encontrar. Achamos, entretanto, citações no manuscrito de 1883, que se tornou a edição de 1884. Aí alguns excertos se acham entre aspas, ao passo que outros não. Aparecem mais citações na edição de 1888, porém não é senão na edição de 1911 que encontramos todas as citações devidamente documentadas e reconhecidas. Ora, por quê?

A Sra. White responde à pergunta nessas palavras:

“Os grandes acontecimentos que assinalaram o progresso da Reforma nas épocas passadas, constituem assunto da História, bastante conhecidos e universalmente reconhecidos pelo mundo protestante; são fatos que ninguém pode negar. Esta história apresentei-a de maneira breve, de acordo com o escopo deste livro e com a brevidade que necessariamente deveria ser observada, havendo os fatos sido condensados no menor espaço compatível com sua devida compreensão. Nalguns casos em que algum historiador agrupou os fatos de tal modo a proporcionar, uma visão breve e compreensiva do assunto, ou resumiu convenientemente as minúcias, suas palavras foram citadas textualmente; em alguns casos, porém, não se nomeou o autor, visto como as transcrições não são feitas com o propósito de citar aquele escritor como autoridade, mas porque sua declaração provê uma apresentação do assunto, pronta e positiva. Narrando a experiência e perspectivas dos que levam avante a obra da reforma em nosso próprio tempo, fez-se uso semelhante de suas obras publicadas.” — *Introdução de O Grande Conflito*, págs. 13 e 14.

Ouvimos de W. C. White, que trabalhou com sua mãe na edição de 1911 do referido livro, que “o leitor encontrará na nova edição mais de quatrocentas referências a oitenta e oito autores e autoridades”, e posteriormente, ela nos instruiu com rela-

ção às “referências dos historiadores citados, que procurássemos e inseríssemos as referências históricas. Instruiu-nos também a verificar as citações, e a corrigir quaisquer negligências encontradas; e onde se fizessem citações de passagens traduzidas diversamente por diferentes tradutores, a servir-nos da tradução que considerássemos mais correta e autêntica”. — Declaração feita perante o concílio da Associação Geral, a 30 de outubro de 1911, 2 e 3.

Ora, naqueles tempos havia mais liberdade no sentido de um escritor usar as palavras e frases de outro ao frisar o que apresentava. Assim o século dezenove viu muitos escritores tomando por vezes emprestado de outro sem que tivesse sempre de usar as aspas, e com freqüência sem declarar o nome do autor. Verificamos assim que algumas das citações empregadas nas primeiras edições de *O Grande Conflito* estavam sem aspas nem referências.

— Porém outra questão é: Que efeito tem o emprego de *qualquer* matéria de outros escritores na questão da inspiração de seus escritos como um todo? Lembremo-nos de que, com a mente iluminada em visão, a Sra. White falava e escrevia as mensagens. As palavras empregadas transmitiam os pensamentos, e por diversas vezes poderia usar palavras diferentes para exprimir o mesmo pensamento; e se encontrava no escrito de outra pessoa uma descrição mais em harmonia com o que lhe fora revelado, poderia empregar uma frase ou uma sentença, ou mesmo mais, como explicou em sua introdução de *O Conflito dos Séculos*. O assunto da inspiração é tratado no capítulo seguinte, mas seja-nos permitido lembrar aqui mesmo as palavras de W. C. White, na declaração acima citada:

“Mamãe nunca pretendeu inspiração verbal, e não vejo que meu pai [Tiago White], ou os Pastores Bates, Andrews, Smith

ou Waggoner tivessem essa pretensão. Caso houvesse inspiração verbal no escrever seus manuscritos, por que haveria de sua parte trabalho de acréscimo ou de adaptação? É um fato que mamãe toma muitas vezes um de seus manuscritos e o repassa todo, fazendo acréscimos que ampliam mais o pensamento.”

} A Sra. White reivindicava inspiração de pensamento, porém nunca a inspiração verbal. A própria maneira por que seu trabalho era feito excluiria tal pretensão. Em 1906 fez mui importante declaração a esse respeito. Disse:

“Enquanto meu marido viveu, foi um ajudador e conselheiro no envio das mensagens que me eram dadas. Viajávamos extensivamente. Por vezes me era concedida luz durante a noite, outras de dia, perante grandes congregações. A instrução que recebia em visão era fielmente escrita por mim, segundo eu tinha tempo e forças para o trabalho. Posteriormente, examinávamos juntos a matéria, meu marido corrigia os erros gramaticais e eliminava as repetições desnecessárias. Então, ela era cuidadosamente copiada para as pessoas a quem se destinava, ou para o impressor.” — *The Writing and Sending Out of the Testimonies to Church*, pág. 4.

A isto acrescentou ela posterior explanação:

“À medida que o trabalho aumentava, outros me ajudaram no preparo da matéria para publicação. Depois da morte de meu marido, ajudantes fiéis uniram-se a mim, as quais trabalhavam infatigavelmente no trabalho de copiar os testemunhos, e preparar artigos para serem publicados. Porém as notícias postas em circulação, de que qualquer de minhas auxiliares tem permissão de acrescentar matéria ou mudar o sentido das mensagens que escrevo, não são verdadeiras.” — *Ibidem*.

Somos mais uma vez impressionados com o fato de nosso povo não dever reclamar para a Sra. White mais do que ela própria pretendia. Tampouco devemos reivindicar para ela menos do que ela própria o fazia. Isto é seguro ao mesmo tempo que judicioso.

No que diz respeito a influências exteriores sobre ela e sua obra, podemos com segurança dizer que em geral não faltavam palavras à Sra. White quando tinha de descrever o que via em visão e, portanto, encontrareis em todos os seus escritos geralmente muito poucas citações de qualquer fonte fora da Bíblia.

Fenômeno Físico que Acompanhava as Visões

Para os adventistas do sétimo dia em particular e o mundo em geral, os setenta anos de trabalho de Ellen G. White têm produzido tantos resultados de várias espécies, que ela e sua obra podem ser apreciadas e julgadas só por seus frutos. Não era assim em 1844 e nos anos que se seguiram. Necessitava-se então de provas tão incomuns, tão específicas que prendessem a atenção, produzissem convicção e fizessem com que homens e mulheres cressem nela e em suas revelações.

Os fenômenos físicos, tais como são descritos na Bíblia relativamente a profetas, sonhos e visões, forneciam essa prova. São descritos em Dan. 10:16 e 19, Núm. 24:3 e 4, II Sam. 23:2, II Cor. 12:2-4. A única pergunta que nos interessa aqui, é: Dava Ellen G. White na verdade prova desses indícios no domínio dos fenômenos físicos?

Poucos — se é que algum — dos que ora lêem estas palavras, podem dar testemunho pessoal de haverem-na visto em visão, quando dava evidências de tais manifestações físicas. O máximo e o melhor que nos é possível fazer é aceitar a palavra ou testemunho dos que tiveram esse conhecimento em primeira mão. Isto temos em abundância da parte de homens cuja veracidade e honra estão além de qualquer dúvida.

A descrição dos fenômenos físicos que acompa-

nhavam as visões da Sra. White, a qual nos foi dada por G. I. Butler, presidente da Associação Geral, em 1874, representa esse testemunho:

“Tudo quanto pedimos é que o povo seja razoável. Estamos preparados para apoiar com centenas de fiéis testemunhas vivas tudo quanto reivindicarmos no que respeita aos fatos, da própria manifestação, pois isto não se fez em um recanto. Por cerca de trinta anos passados estas visões têm sido dadas com maior ou menor freqüência, sendo testemunhadas por muitos, muitas vezes por descrentes da mesma maneira que pelos que nelas criam. Em geral, mas não sempre, elas ocorrem em meio de fervorosos períodos de interesse religioso, quando o Espírito de Deus Se acha presente de modo especial, como o podem atestar os que a elas assistiam. O tempo que a Sra. White permanece nesse estado, tem variado de quinze minutos a três horas. Durante esse tempo, o coração e o pulso continuam a bater, os olhos estão sempre bem abertos, parecendo fitar um objeto muito distante, e nunca fixos em qualquer pessoa ou coisa no aposento. Estão sempre voltados para cima. Têm expressão agradável. Não há olhar espantado nem qualquer aparência de desmaio. Pode-se aproximar de repente a mais brilhante luz de seus olhos, ou fingir que se atira alguma coisa dentro deles, sem que haja nunca o mais leve pestanejar ou mudança de expressão por causa disto; e leva por vezes horas e mesmo dias para ela recuperar sua vista natural, depois de sair desse estado. Ela diz que lhe parece que volta a um mundo escuro, e todavia sua vista não é de modo algum danificada por suas visões.

“Enquanto está em visão, cessa de todo o movimento respiratório. Nenhuma respiração escapa por suas narinas ou lábios quando nesse estado. Isto tem sido provado por muitas testemunhas, entre as quais médicos competentes, eles próprios incrédulos quanto às visões, em ocasiões indicadas por uma congregação pública para esse fim. Tem-se demonstrado muitas vezes apertando-lhe bem as narinas e a boca com a mão, e pondo um espelho diante delas de maneira que qualquer escape da umidade da respiração seria verificado. Nesse estado ela fala muitas vezes palavras e breves sentenças, e todavia não há o mínimo escape de ar. Ao passar ela a este estado, não há aparência de desfalecimento nem desmaio, as faces conservam a cor natural, e o sangue circula como de ordinário. Com freqüência perde temporariamente as forças e se reclina ou senta; mas de outras vezes, fica de pé. Move graciosamente os braços, e o rosto se ilumina muitas vezes com uma irradiação como se a glória do Céu sobre

ela repousasse. Ela está inteiramente inconsciente de tudo o que se passa ao seu redor, enquanto em visão, não tendo qualquer conhecimento do que se diz ou faz em sua presença. Uma pessoa pode beliscá-la e fazer coisas que lhe causariam grande e repentina dor em seu estado normal, e ela não o denotará pelo mais leve tremor.

“Não há nenhum dos desagradáveis trejeitos ou contorsões que acompanham de ordinário os médiuns espíritas, porém sua própria aparência, calma, digna e impressiva, enche o observador de reverência e solenidade. Não há nada de fanático em sua aparência. Quando sai desse estado, fala e escreve de quando em quando o que viu enquanto em visão; e o caráter sobrenatural dessas visões se vê ainda mais claramente no que ela revela por essa maneira, do que em sua aparência e condição enquanto nas visões, pois muitas coisas têm sido assim relatadas, que impossível lhe seria saber de qualquer outro modo.” — *The Review and Herald*, 9 de julho de 1874, pág. 201.

A Relação de Ellen G. White Para com a Bíblia

A relação de Ellen G. White para com a Bíblia é um dos mais importantes dos estudos desta série. Procuramos indicar nos estudos anteriores que nossa preocupação são três pontos fundamentais de fé: (1) que compreendamos e creiamos plenamente que Deus existe; (2) que compreendamos e creiamos plenamente que a Bíblia é a Palavra de Deus; e (3) que compreendamos e creiamos plenamente, e não tenhamos dúvidas nenhuma, de que nos dando esse Livro, Deus falou por meio de homens chamados profetas.

Se estamos convencidos quanto a esses três fa-

tos de fé, não temos razão de duvidar nada mais acerca do Espírito de Profecia na atualidade. Esses três fatos são absolutamente fundamentais, e não precisamos ter dúvidas ou incerteza qualquer a seu respeito. Havendo estabelecido esses três fatos em nosso próprio espírito, e havendo chegado à conclusão de que são na verdade fatos em que assenta a fé cristã, então não podemos duvidar de que Deus Se serviu de homens e mulheres como porta-vozes Seus, como Seus servos, Seus mensageiros.

Tomo por certo que na igreja adventista do sétimo dia de todo o mundo, muito seguramente ninguém havia de negar abertamente e desafiar a Deus e Sua simples declaração de que Ele decidiu falar aos homens por meio de Seus santos homens chamados profetas. Isto é básico e fundamental.

A questão que suscitamos neste estudo é simplesmente esta: "Foi Ellen G. White empregada por Deus como Sua profetisa ou mensageira na igreja remanescente?" Isto temos estudado, e julgamos que foram apresentadas suficientes provas para satisfazer a cada um de nós quanto a haver ela realmente sido escolhida por Deus, e ter sido por setenta anos empregada por Ele como Sua mensageira, e que Ele lhe deu Suas revelações, as quais ela escreveu fielmente e são agora publicadas para lermos.

Ao aceitar Ellen G. White como uma das mensageiras de Deus, e crer que ela manifestava o dom de profecia, precisamos apurar então relações de seus escritos para com a Bíblia. E isto, dizemos novamente, é uma questão um tanto difícil para alguns dentre nosso povo. Que atitude podemos com segurança tomar? Algumas pessoas tendem a ir para um extremo, ao passo que outras tendem a pôr-se no extremo oposto; e alguns gostam de ficar muito para trás, enquanto outros procuram correr muito na dianteira! Quanto a *mim*, a questão é: Onde me

colocarei? Já declarei que tomei minha atitude individual justo ao lado de Ellen G. White em todas essas questões. Não pretendo ir muito para a direita nem muito para a esquerda; tampouco desejo atrasar-me ou correr na frente dela. Estou decidido a ficar-lhe justamente ao lado. Então sei que estarei seguro em todos os acontecimentos.

Alguns adventistas do sétimo dia se inclinam a dar a impressão de que os escritos de Ellen G. White estão a par com a Bíblia, e alguns, bem poucos, tendem a pôr as Escrituras de lado e dar o primeiro lugar aos livros escritos pela irmã White. Sem dúvida o próprio emprego abundante que fazemos de parágrafos e sentenças de escritos seus em nossos sermões e lições da Escola Sabatina, dá lugar a acusações de nossos críticos, dizendo que fazemos desses escritos uma segunda Bíblia.

Entretanto, para compreender devidamente como os adventistas do sétimo dia como um grupo ou igreja consideram os escritos de Ellen G. White, cumpre-nos volver, em primeiro lugar para a própria Sra. White e verificar a relação que ela via entre seus escritos e a Bíblia, e depois examinar declarações feitas pelos dirigentes da denominação quanto à relação vista por eles entre a Bíblia e os escritos da Sra. White.

Ellen G. White Exaltava as Escrituras

Não se pode encontrar mais clara afirmação da pena de Ellen G. White quanto à relação de seus escritos para com as Escrituras do que as palavras com que ela concluiu seu primeiro livro (*Experiences and Views*) em 1851:

“Recomendo-vos, prezado leitor, a Palavra de Deus como regra de fé e prática. Por essa Palavra havemos de ser julgados.

Deus, nessa Palavra, prometeu dar visões nos 'ÚLTIMOS DIAS'; não como uma nova regra de fé, mas para conforto de Seu povo, e para corrigir os que se afastam da verdade bíblica. — *A Sketch of the Christian Experience and Views* de Ellen G. White, pág. 64; reimpresso em *Primeiros Escritos*, pág. 78.

No decorrer de toda a sua existência, ela exaltou a Palavra de Deus. Suas últimas palavras à Associação Geral em sessão, foram proferidas em 1909, enquanto segurava a Bíblia estendida nas mãos: "Recomendo-vos este Livro." — W. A. Spicer em *Certainties of the Advent Movement*, pág. 202.

Repetidamente reiterava ela a verdade da supremacia da Palavra de Deus:

"Aceito a Bíblia justamente como é, como a Palavra Inspirada. Creio em suas enunciações, em uma Bíblia inteira. Levantam-se homens que pensam encontrar alguma coisa que criticar na Palavra de Deus. Eles a despojam aos olhos dos outros, como demonstração de sabedoria superior. ...

"Irmãos, não permitais que um espírito ou mão se empenhe em criticar a Bíblia. ... Os homens devem deixar que Deus cuide de Seu Livro, Seus Oráculos Vivos, como Ele tem feito por séculos. ... Irmãos, apegai-vos à Bíblia, tal como ela reza, e cessai com vossa crítica a respeito de sua validade, e obedecerei à Palavra, e nenhum de vós se perderá. ...

"Homens de modestas aquisições, não possuindo senão limitadas capacidades e ocasiões de se tornarem familiarizados com as Escrituras, encontram nos Oráculos Vivos conforto, guia, conselho e o plano da salvação tão claro como um raio de Sol. Ninguém precisa perder-se por falta de conhecimento, a menos que seja voluntariamente cego. ...

"Damos graças a Deus por que a Bíblia está preparada para o pobre assim como para o letrado. Adapta-se a todos os séculos e a todas as classes." — Manuscrito 16, 1888, citado em *The Testimony of Jesus*, de F. M. Wilcox, págs. 13-15.

"Deus confiou o preparo de Sua Palavra inspirada a homens finitos. Esta Palavra, disposta em livros, o Velho e Novo Testamentos, é o livro guia para os habitantes de um mundo caído; a eles legado, para que estudando-o e obedecendo-lhe às orientações, nenhuma alma se extravie de seu caminho para o Céu." — *Idem*, pág. 13.

“A verdade divina é encontrada em Sua Palavra. Os que pensam deverem buscar noutra parte a verdade presente, precisam converter-se de novo. Têm hábitos errôneos para emendar, caminhos maus que abandonar. Precisam, uma vez mais, buscar a verdade tal como é em Jesus, para que a sua formação de caráter esteja em harmonia com as lições de Cristo. Ao abandonarem as suas idéias humanas e assumirem as obrigações de determinação divina, contemplando a Cristo e amoldando-se à Sua semelhança, dizem: ‘Mais perto, meu Deus, de Ti; mais perto de Ti.’” — *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 237.

“O irmão J confundira o espírito ao procurar fazer parecer que a luz que Deus tem dado por meio dos *Testemunhos* é um acréscimo à Palavra de Deus, mas nisto apresenta o assunto sob aspecto falso. Deus achou por bem nessa questão levar a mente de Seu povo a Sua Palavra, para dar-lhes mais clara compreensão dela.” — *Testimonies*, vol. 4, pág. 246.

“A Palavra de Deus é abundante de princípios gerais para a formação de corretos hábitos de vida, e os testemunhos, gerais e individuais, foram calculados de molde a chamar-lhes a atenção mais especialmente para esses princípios.” — *Idem*, pág. 323.

Para estudo posterior nessa parte do assunto, lede com atenção as seguintes referências: *Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 384; *Obreiros Evangélicos*, pág. 249; *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 291; *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 49; *Testimonies*, vol. 2, págs. 454 e 455; *Testemunhos Para a Igreja*, págs. 22-24; *Testemunhos Seletos*, vol. 2, págs. 281-283 e 272; *Testimonies*, vol. 6, págs. 402 e 403. Introdução ao *O Conflito dos Séculos*.

Por suas próprias declarações, podemos concluir que Ellen G. White acreditava que:

- ① A Bíblia inteira é a Inspirada Palavra de Deus.
- ② Os homens se devem “apegar” a sua Bíblia.
- ③ Os homens devem crer na Bíblia e obedecer-lhe e “nenhum” deles se perderá.
- ④ Na Bíblia se encontra “conforto, guia, conselho e o plano da salvação tão claro como um raio de Sol”.
- ⑤ A Bíblia é apropriada para as necessidades de

todos — ricos e pobres, letrados e ignorantes, “todas as idade e todas as classes”.

6. A “verdade de Deus encontra-se em Sua Palavra”.

7. Ninguém necessita “procurar em outro lugar a verdade presente”.

8. A Bíblia encerra tudo quanto o homem necessita para a salvação.

9. A Bíblia salienta o padrão de vida cristã.

10. Os Testemunhos só foram dados porque o homem negligenciou a Bíblia, e os Testemunhos o encaminham de volta a ela. Eles não são dados como “acréscimo à Palavra de Deus”, ou para tomar-lhe o lugar.

Estas dez conclusões são todas aceitas por homens do passado e homens do presente que foram mais diligentes e sérios estudantes do Espírito de Profecia. Agora, seja-me permitido introduzir outro pensamento: Se todas essas conclusões são verdadeiras, pretendeu acaso Ellen G. White algum dia haver dado aos adventistas do sétimo dia seu ensino doutrinário? seu sistema de teologia? Deu-nos ela algum dia nossas interpretações proféticas? Pretendeu que seus escritos suplantariam todos os outros escritos que tinham que ver com as Escrituras e as interpretações proféticas? A resposta a todas essas perguntas é Não.

A razão pela qual julgo que vós e eu devemos saber o que ela disse, e a maneira por que se relacionava com as nossas doutrinas, é esta: Muitas, muitas pessoas nos acusam, como adventistas, de possuir uma segunda Bíblia, ou de pôr a Bíblia à margem e usar apenas os livros *vermelhos*, como são por vezes chamados seus escritos. Essa acusação vem provavelmente pelo fato de muitos de nós, mestres e pregadores, usarmos o Espírito de Profecia em nosso ensino da Escola Sabatina, nos ser-

mões de sábado, em muitos de nossos escritos, porque gostamos da maneira por que ela exprime seus pensamentos e da bela linguagem em que se acham escritos. Em razão disto, muita gente tem tomado a atitude de dizer que estamos pondo a Bíblia à parte e usando os escritos de Ellen G. White em lugar das Escrituras. Isto não é verdade. A denominação jamais fez isto.

A Relação do Espírito de Profecia para com o Desenvolvimento da Doutrina

Alguém poderia dizer: “Não é um fato que nós adventistas tiramos nossas doutrinas fundamentais e interpretações de profecia dos escritos de Ellen G. White?”

Não há senão uma resposta: Não. Não o fizemos no passado e não o podemos fazer hoje. Nossas doutrinas vieram da Bíblia, e depois foram confirmadas por Deus em revelações dadas à Sra. White. Quanto a interpretação de profecias, L. E. Froom, em seus quatro volumes — *The Prophetic Faith of Our Fathers* — provou de maneira concludente que os adventistas do sétimo dia não fizeram senão algumas contribuições nesse sentido. Em parte alguma pretende Ellen G. White o direito ou distinção a quaisquer interpretações originais da profecia. Essa não era sua responsabilidade ou sua mensagem.

Em 1848 e 1849 o mais fervoroso grupo de adventistas observadores do sábado reuniram-se em uma série de conferências bíblicas. Reuniram-se em lugares como Rocky Hill, Connecticut, de 20-24 de abril de 1848; Volney, Nova Iorque, começando a 18 de agosto de 1848, no “celeiro do irmão Arnold”; Port Gibson, Nova Iorque, em 27 e 28 de agosto, no “celeiro de Hiram Edson”; Rocky Hill, Connecti-

cut, em 8 e 9 de setembro; e Topsham, Maine, de 20-22 de outubro, em “casa do irmão Howland”.

Declara o relato que, ao se reunirem pela primeira vez para esse estudo “difícilmente dois concordavam. Cada um era tenaz em seus pontos de vista”.

— *Spiritual Gifts*, vol. 2, pág. 97.

Diz a irmã White:

“Encontrei-me com eles, e estudamos e oramos fervorosamente. Muitas vezes permanecemos juntos até tarde da noite, e por vezes a noite inteira, orando em busca de luz e estudando a Palavra. ... Quando em seu estudo chegavam ao ponto em que diziam: ‘Nada mais podemos fazer’, o Espírito do Senhor vinha sobre mim, eu era arrebatada em visão, e me era dada uma clara explicação das passagens que estivéramos estudando, com instruções quanto à maneira por que deveríamos trabalhar e ensinar eficazmente.” — *Special Testimonies*, Série B, nº 2, pág. 57.

São de grande significação estas palavras:

“Durante todo esse tempo eu não podia compreender o raciocínio dos irmãos. Eu tinha a mente trancada, por assim dizer, e não podia entender o sentido das passagens que estávamos estudando. Esta era uma das maiores aflições de minha vida. Eu estava nesse estado mental até que todos os principais pontos de nossa fé se nos tornaram claros ao espírito, em harmonia com a Palavra de Deus. Os irmãos sabiam que, quando não em visão, eu não podia compreender esses assuntos, e aceitavam como luz diretamente enviada do Céu as revelações feitas.” — *Ibidem*.

Sem dúvida era desígnio de Deus que assim fosse, pois as verdades doutrinárias sustentadas pelos adventistas do sétimo dia vieram assim da Bíblia e não de Ellen G. White.

Não vos enganeis, prezados irmãos, nenhum grupo cristão no mundo tem um sistema de teologia mais estreitamente tecido, mais cuidadosamente integrado, que o dos adventistas do sétimo dia. Nossas doutrinas vieram da Bíblia. Vieram por meio de homens que

juntaram aqueles estudos doutriniais de tal modo, que parece não haver meio de responder ao argumento. Sabíeis vós que a Sra. White observou o sábado por sete meses antes de ter uma visão relativa a esse ponto? E o mesmo aconteceu com todas as nossas doutrinas. Elas provieram primeiro da Bíblia, enquanto homens e mulheres nobres examinavam a Palavra de Deus. Foram dadas visões que indicavam seus erros de raciocínio, e confirmavam suas conclusões. Fique claramente entendido que os adventistas não tiraram seu sistema de teologia dos escritos de Ellen G. White. Nosso sistema teológico provém unicamente das Escrituras.

A Luz Maior e a Luz Menor

A fim de não poder haver erro na relação dos escritos de Ellen G. White com a Bíblia, Deus lhe pôs na mente esse fato mediante um sonho que ela teve a 3 de abril de 1871.

A esse respeito, ela escreveu:

“Parecia-me estar assistindo a uma importante reunião, na qual se achava congregado um grande grupo. ...

“Tomei a preciosa Bíblia e rodeei-a de vários *Testemunhos para a Igreja* dados para o povo de Deus. Aqui, disse eu, são satisfeitos os casos de quase todos. Os pecados de que têm de fugir são indicados. Os conselhos que desejam podem ser aí encontrados, dados para outros casos semelhantes, aplicáveis a eles mesmos. Aproveu a Deus dar-vos regra sobre regra, mandamento sobre mandamento. Porém não há muitos de vós que saibam realmente o que se contém nos *Testemunhos*. Não estais familiarizados com as Escrituras. Se houvésseis tornado a Palavra de Deus o vosso estudo, com o desejo de atingir a norma bíblica e chegar à perfeição cristã, não teríeis necessidade dos *Testemunhos*. ...

“Os *Testemunhos* não são para diminuir a Palavra de Deus, mas para exaltá-la e atrair para ela a mente, para que a bela singeleza da verdade a todos impressione.” — *Testimonies*, vol. 5, págs. 664 e 665.

Há outra declaração que parece salientar a ati-

tude da própria Sra. White, e certamente não deixa margem a dúvida ou incerteza no assunto:

“Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma *luz menor* para conduzir homens e mulheres à *luz maior*.” — *The Review and Herald*, 20 de janeiro de 1903, pág. 15. (Grifo nosso.)

Deveríamos encerrar esta seção com as mais solenes palavras que ela já escreveu sobre o assunto:

“Na Bíblia a vontade de Deus é revelada a Seus filhos. Onde quer que seja lida, no círculo de família, na escola ou na igreja, todos devem dar-lhe quieta e piedosa atenção, como se Deus estivesse realmente presente e a falar-lhes.” — *Testimonies*, vol. 5, pág. 84.

O que Outros Têm Dito da Relação dos Testemunhos Para com a Bíblia

Ellen G. White não nos deixa dúvidas quanto a sua própria atitude para com a Bíblia. Agora é preciso descobrir a de seus irmãos, e a relação que eles viam entre aqueles escritos e a Bíblia.

Tiago White reproduziu em *The Review and Herald* de 16 de outubro de 1855, o que declarara primeiramente em um folheto em 1847. Disse ele:

“A Bíblia é uma revelação perfeita e completa. É nossa única regra de fé e prática. Isto, porém, não é razão para que Deus não mostre cumprimentos passados, presentes e futuros de Sua Palavra, nestes *últimos dias*, por meio de sonhos e visões, segundo o testemunho de Pedro. As visões verdadeiras são dadas para nos levar a Deus, e a Sua palavra escrita; mas as que são dadas para servirem de nova regra de fé e prática, separam da Bíblia, não podem ser de Deus, e devem ser rejeitadas.” — Pág. 61.

Ele cita então de outro de seus artigos sobre os dons da igreja evangélica:

“Todo cristão está portanto ligado por dever a tomar a Bíblia como uma perfeita regra de fé e dever. Deve orar fervorosamente para ser auxiliado pelo Espírito Santo ao investigar as Escrituras em busca de toda a verdade, e de todo o seu dever. Não está na liberdade de desviar-se delas para aprender seu dever por meio de quaisquer dons. Dizemos que no próprio momento em que assim o faça, coloca em posição errada esses dons, e toma atitude extremamente perigosa.” — *Ibidem.*

No número de 28 de fevereiro de 1856 de *The Review*, Tiago White esforçou-se para corrigir a atitude de nosso povo quanto ao mesmo assunto. Declarou sua atitude e ponto de vista por estas palavras:

“A Palavra deve estar adiante, e os olhos da igreja nela se devem fixar, como a regra a seguir, e a fonte de sabedoria da qual se aprenda o dever em ‘todas as boas obras’. Mas se uma parte da igreja se desvia das verdades da Bíblia, e se torna fraca e doentia, e o rebanho se vem a espalhar, de modo que parece a Deus necessário empregar os Dons do Espírito para corrigir, reavivar e curar os errantes, devemos deixá-Lo operar. Mais ainda, cumpre-nos orar a Ele para que opere, e rogar fervorosamente que opere pelo poder do Espírito, e traga as ovelhas dispersas a Seu aprisco. Louvado seja o Senhor, Ele operará.” — Pág. 173.

J. N. Andrews era grandemente respeitado por nosso povo nos primeiros anos de nossa obra. Ele devia representar uma atitude predominante em 1870, quando escreveu:

① Compreendemos que as Santas Escrituras são divinamente inspiradas, e contêm a verdade de Deus, capaz de fazer-nos sábios para a salvação.

② Mas não compreendemos que o dom das Escrituras à humanidade exceda ao dom do Espírito Santo ao povo de Deus.

③ Ao contrário, cremos que as Escrituras revelam plenamente o ofício e a obra do Espírito Santo; ofício e obra que nunca podem cessar enquanto o homem permanecer em graça.

④ Esta obra nos é revelada na doutrina bíblica dos dons espirituais.

"5. Ao passo, portanto, que aceitamos de coração as Escrituras como instrutoras de todo o dever do homem para com Deus, não negamos o lugar do Espírito Santo na igreja, lugar que a Escritura Lhe designa. ...

"8. A obra do Espírito Santo pode ser dividida em duas partes: Primeira, a que se designa simplesmente a converter e a santificar a pessoa afetada por ela. Segunda, a que visa abrir a verdade de Deus, corrigir o erro, reprovando e repreendendo os pecados secretos. Esta parte da obra é feita pelo que as Escrituras denominam dons espirituais. ...

"13. Ora a Bíblia expressamente ensina que a existência desses dons é tão necessária à igreja de Cristo, como os vários membros são necessários ao bem-estar do corpo. Se bem, portanto, que a Bíblia reconheça os dons do Espírito, estes não são dados para exceder à Bíblia, nem ainda para preencher o mesmo lugar que ela. ...

"16. ... Julgamos que todas as provas apresentadas na Bíblia devem ser aplicadas aos dons, e eles devem resistir à prova de tais exames. ...

"19. Um dos principais dons do Espírito de Deus, por Ele colocados na igreja do Novo Testamento, é o dom de profecia." — *The Review and Herald*, 15 de fevereiro de 1870, págs. 64 e 65.

Em 1874 G. I. Butler escreveu:

"Elas [as visões], em toda parte nos dirigem às Escrituras como a grande fonte de verdadeira instrução, e ao exemplo de Jesus Cristo como o modelo genuíno. Nunca pretendem ser dadas para tomar o lugar da Bíblia, mas simplesmente serem uma manifestação de um daqueles dons espirituais postos na igreja por seu divino Senhor; e, como tal, ter seu devido peso." — *Idem*, 9 de junho de 1874, pág. 202.

E novamente em 1883, ele disse:

"A maioria de nosso povo crê nas visões como sendo genuína manifestação dos dons espirituais, e, como tais merecem respeito. Não julgamos sejam superiores à Bíblia, ou em certo sentido iguais a ela. As Escrituras são nossa regra para provar tudo por elas — as visões bem como todas as outras coisas. Essa regra, portanto, é de suprema autoridade; o padrão é mais alto do que a coisa por ele aferida. Caso a Bíblia mostrasse que as visões não estão em harmonia com ela, a Bíblia subsistiria, e as visões

seriam renunciadas. Isto mostra claramente que temos a Bíblia como a mais alta, embora nossos inimigos pensem ao contrário.” — O Suplemento de *The Review and Herald*, 14 de agosto de 1883, pág. 12.

Por volta de 1887, Urias Smith falou com grande positividade acerca do assunto. Fazemos bem em ponderar suas palavras e seguir-lhe o raciocínio:

“Quanto à relação das visões com a Palavra de Deus, nossa atitude é, e tem sido sempre, a mesma que foi exposta na obra *Objections to the Visions Answered*, publicada em 1868. Nessa obra (pág. 127) dissemos:

“Talvez alguém diga: Então fazeis das visões um segundo Novo Testamento, uma Bíblia Mórmon em vosso sistema. Não o fazemos, como será mostrado nas seguintes razões: Temos sempre sustentado, como é exposto nesta obra, que a Palavra de Deus, a Bíblia, é a norma pela qual se podem provar todas estas manifestações. “À lei e ao testemunho: se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não têm iluminação.” Todos os dons do Espírito na igreja, precisam de ser assim provados. Ora, é evidente que aquilo que prova ocupa mais elevada posição do que aquilo que é provado por ele. Isto, em uma palavra, exprime nosso ponto de vista quanto à posição relativa que mantêm uma para com a outra a Bíblia e as visões. Mas quando as manifestações concordam com a Palavra, e dão toda demonstração de ser genuína manifestação do Espírito de Deus, submetemo-la ao que objeta para que ele próprio diga até que ponto podemos considerá-la de modo leve, ou desprezar ou transgredir seus ensinamentos impunemente.” — *Idem*, outubro de 1887, pág. 649.

Em março de 1888, G. I. Butler, ainda presidente da Associação Geral, proferiu uma série de palestras para os alunos do Colégio de Battle Creek. Como é nosso costume hoje ao apresentar a natureza e a obra do Espírito de Profecia à igreja remanescente, ele ofereceu oportunidade de se fazerem perguntas. Uma delas tinha que ver com o assunto em consideração e exprimia um ponto de vista denominacional naquele ano:

“Pergunta 14. Tenho ouvido indivíduos dizerem que se eles fossem obrigados a abandonar a Bíblia ou os Testemunhos, ele renunciariam à Bíblia. É certo fazer tais declarações, especialmente diante daqueles que não têm conhecimento das visões?

“Resposta. Eu deveria dizer que é muito desavisado e muito errado fazer tal declaração. Creio que os testemunhos são de Deus, porque concordam com a Bíblia — com a regra dada por ela para se provarem essas coisas. Creio nelas talvez tão vigorosamente como qualquer outro; porém nunca disse nem espero dizer nunca que os testemunhos devam ser colocados acima da Bíblia, ou mesmo em igualdade com ela. ... Senão aquilo que prova é superior ao que é provado. A Bíblia é a norma. E o que está em harmonia com a norma devemos aceitar. Mas ir tão longe que se diga: ‘Eu renunciaria à Bíblia de preferência aos testemunhos’, é uma declaração muito errônea. E se quem quer que seja diz que os testemunhos contradizem a Bíblia, devo adverti-lo a apegar-se à Bíblia: pois a Bíblia deve ser a prova pela qual se experimentam todas as coisas.

“Nossos inimigos fazem grande cavilação a esse respeito, justamente por causa de algumas declarações assim imprudentes, destituídas de senso. Não as façais. Essas pessoas são pouco menos que fanáticas.” — Palestras com os Alunos do “Curso Especial” no Colégio de Battle Creek, Arquivo de Documentos 105 ff nas Publicações White.

Ver as Escrituras Através dos Olhos do Espírito de Profecia

Se bem que Ellen G. White haja tornado bem claro que seus escritos não deviam de modo algum exceder, ultrapassar ou suplantar as Santas Escrituras, todavia declarou que eles auxiliariam o diligente estudante da Palavra a ver mais clara e distintamente as grandes verdades ensinadas nessa Palavra. Eles se tornam uma espécie de lente de aumento, ou microscópio, para habilitar o indagador da verdade a contemplar as maravilhosas belezas contidas na passagem em observação.

Tornam-se como que um comentário inspirado das Escrituras. Os professores de Bíblia em nossas

escolas, os professores das Escolas Sabatinas, e os pastores que usam os escritos da mensageira de Deus em relação com seus sermões e lições, são bem logo identificados como homens que têm algo a dizer, e o dizem com autoridade. Homens que vivem com a Bíblia e colocam os Testemunhos ao lado desse Livro ao fazerem suas pesquisas da verdade, são ricamente recompensados com jóias de pensamento, tesouros vindos da mente infinita de Deus, trazidos aos homens por intermédio dos profetas, antigos e modernos. Recomendo aos meus irmãos de toda parte esse método de estudo e esse uso dos estudos. Sereis ricamente recompensados por toda hora assim passada em estudo com o vosso Deus.

A experiência da Sra. S. M. I. Henry, por muitos anos preeminente obreira WCTU, (União Feminina de Temperança) com os escritos de Ellen G. White, ilustra o ponto em discussão. Ela aceitou a verdade do sábado e outros dogmas de nossa fé antes de relacionar-se com os Testemunhos e neles crer. Ao relacionar-se com o nosso povo naqueles críticos dias de reajustamento de idéias e de chegar a conclusões e decisões, ficava um tanto perturbada quanto ao que *via* e *ouvía*. Essas coisas nem sempre concordavam, e assim lhe causaram alguma preocupação até que viu os Testemunhos como simples lentes ou telescópio para, por seu intermédio, olharmos a verdade.

Seguem-se alguns parágrafos da carta da Sra. S. M. I. Henry que declara a relação que viu entre a Bíblia e os Testemunhos:

“Eu supunha que os Testemunhos fossem considerados um apêndice da Bíblia, e de autoridade igual a ela, que havia entre o nosso povo pessoas que julgavam mesmo a Bíblia por esses escritos. Quando cheguei à igreja, declarei aos irmãos com quem conversei que eu não sabia nada absolutamente a esse respeito,

mas confiava em que Deus me estava guiando para aí, e não me conduziria a nenhuma organização em que eu encontrasse insuperável barreira à fé; que se eles estivessem dispostos a aceitar-me com esta condição, eu de boa vontade entraria. ...

“Eu tinha tanta confiança na compreensão inteligente de meus irmãos, que aceitaram plenamente os Testemunhos, que não me era possível repudiar a reivindicação de ser este o meio de Deus ensinar Seu povo nestes dias. Lera apenas alguns parágrafos desses escritos, mas a tudo quanto lera ou ouvira sentira no coração uma corda correspondente; coisa alguma parecia estranha ou nova; eram sempre como um compasso ou verso de um velho cântico; uma repetição ou restabelecimento de alguma verdade que eu conhecera ou amara desde há muito; daí, não encontrara coisa alguma que pudesse levar a qualquer conflito. Uma interrogação, no entanto, me turbava. Imagine-se que eu encontrasse nesses escritos algum ponto com que não pudesse concordar, e que fosse de significação vital, de molde a tornar-se o fim da questão, que faria eu? Eu sabia que até onde qualquer luz que eu possuía me satisfizesse, ser-me-ia impossível subordinar meu próprio juízo a essa autoridade. A Bíblia tinha minha incondicional obediência; mas se bem que os Testemunhos fossem bons, são, proveitosos, não eram, eu fora forçada a observar, de autoridade suficiente para impor obediência e emudecer as questões entre aqueles que professavam ter sido sempre guiados por eles.

“Este fato deu lugar a triste e pesado fardo em minha alma. Pensara, em vista da solenidade da verdade, tal como a críamos e dos tempos em que vivíamos, que o povo conhecido como adventistas do sétimo dia havia necessariamente de crer da maneira mais fervorosa e esforçar-se por praticar tudo quanto aceitava como verdade. Mas, ao sair eu da reclusão do sanatório, e misturar-me com o povo lá fora, deparei com esta descrença prática entre nosso próprio povo, em especial no que respeita aos princípios de saúde. Era natural que eu observasse isso em particular, pois, como uma senhora da WCTU (União Feminina de Temperança), eu adotara e seguira todos os princípios que havíamos descoberto; e à medida que me viera mais esclarecimento, prontamente andara segundo ele. Mas agora encontrara em alguns lares adventistas total desconsideração para com esses princípios; e ouvi que havia discordância mesmo entre os irmãos que citavam e ensinavam segundo esses escritos.

“Por cartas e conversas me foi afirmado que esses escritos não mais eram considerados de autoridade pela Igreja; eram aceitos em

teoria, mas absolutamente como doutrinas obsoletas o eram por outras denominações; por exemplo, achavam-se no mesmo nível em que estava o ensino do tormento eterno em outras igrejas, reconhecidos, na melhor hipótese, com pronunciada reserva mental, mesmo por parte dos que os pregavam. E assim, cheguei afinal a duvidar mesmo da necessidade de considerar mais esta questão quanto a mim. Racionei que era em todos os pontos essenciais, adventista do sétimo dia. Eu não queria parecer que estava ao lado de alguma coisa em que não acreditava, mas, no momento, não via outro meio. Compreendia a importância de cuidar em tudo quanto escrevesse ou dissesse aos outros, e *era* cuidadosa, pois não podia deixar de ver quão proveitosos, inspiradores e cheios de verdade são esses escritos, ainda que não tivessem peso especial sobre nem acima do de qualquer homem bom ou mulher boa que tivesse esclarecimento e experiência na doutrina cristã. ...

“De meu ponto de vista, ver qualquer coisa na Bíblia, era crer nisso, aceitá-lo — era o fim de toda questão; e se os adventistas criam nos Testemunhos como investidos de autoridade do Espírito de Deus, como poderia haver todo esse conflito acerca de pontos sobre que haviam falado tão claramente?

“Minha atitude, vejo-o agora, deve ter sido como a de um descrente na Bíblia perante uma congregação de cristãos, caso ele visse as mesmas incoerências e o declarasse como poderia ter feito nas mesmas palavras; e o efeito sobre meus irmãos deve ter sido despertá-los para o mesmo sincero exame interior e consagração que qualquer cristão honesto teria feito em uma crise assim. Conheci imediatamente que as simpatias de meus irmãos se despertaram em meu favor, mas senti que eu estava fora de qualquer auxílio humano. Se os Testemunhos eram a Palavra de Deus para o tempo em que vivemos, se isto era o cumprimento da profecia de Joel, eu o queria saber, porém unicamente Deus me poderia fazer sabê-lo. Os irmãos fizeram o possível para me ajudar, porém tudo quanto foi dito só parecia aumentar minha perplexidade, até que enfim, sentindo não poder por mais tempo seguir em qualquer direção enquanto esta questão não fosse assentada, decidi entregar-me a isto com sacrifício de quaisquer e todas as coisas. O irmão Ballenger ergueu-se novamente para dar-me alguma coisa mais na esperança de esclarecer-me, porém pedi-lhe que esperasse enquanto eles se unissem comigo em oração para que o Espírito do Senhor viesse em meu auxílio.

“Assim, curvamo-nos todos em oração, e declarei o caso a Deus, com profundo senso de necessidade, como jamais sentira em minha vida. Todas as grandes e maravilhosas bênçãos de minha vida foram no momento esquecidas nesta necessidade presente e, como sempre acontecerá, fui atendida. A manifestação do poder do Espírito de Deus foi tão clara como a luz solar; e

àquela luz eu vi o Testemunho simplesmente como uma *lente* através da qual se olhe a Verdade. Imediatamente ele cresceu de lente a telescópio, um perfeito e belo telescópio dirigido ao campo celeste: — (esse campo é a *Bíblia*); sujeito a todas as condições e limitações de um telescópio.

“Podem interpor-se nuvens entre ele e o céu cheio de estrelas — nuvens de incredulidade, de contenção; Satanás pode promover tempestades em torno dele; ele pode ser empanado pelo hálito de nosso próprio egoísmo; o pó da superstição se pode aglomerar sobre ele; podemos meter-nos com ele, e desviá-lo do campo; ele pode ser focalizado em direção do espaço vazio; pode ser virado ao contrário, de modo que tudo pareça tão diminuído que não podemos reconhecer coisa alguma. Podemos mudar o foco de maneira que tudo fique fora de proporção, e se torne horrível. Pode ser tão encurtado que não apareça ao nosso olhar senão um grande pedaço de vidro opaco. Se a *lente* é tomada pelo *campo* não podemos receber senão mui estreita concepção do mais magnífico espetáculo a que o céu já convidou o nosso olhar; mas em sua própria função de meio de obter mais ampla e clara visão, como um *telescópio*, o Testemunho tem uma utilidade maravilhosamente bela e santa.

“Tudo depende de nossa relação para com ele e o emprego que dele fazemos. Ele é em si mesmo apenas uma luneta através da qual olhamos, porém na mão do Diretor Divino, devidamente montada, assestada para o devido ângulo e ajustada aos olhos do observador, com um campo limpo de nuvens, revelará *verdade* tal que vivifique o sangue, alegre o coração, e abra uma larga porta de expectativa. Transformará nebulosas em constelações; longínquos pontos de luz em planetas de primeira grandeza; e em sóis resplandecentes de glória.

“O fracasso consiste em compreender o que são os Testemunhos e como devem ser usados. Não são os céus, palpitantes de incontáveis esferas de verdade, porém conduzem os olhos e dão-lhes poder para penetrar nas glórias da misteriosa Palavra viva de Deus.

“Esta foi a mais bela experiência que já me foi concedida; ela avulta em mim de dia para dia. Creio sentir como Galileu deve ter sentido quando, com seu primeiro telescópio diante de si, colocou-se em posição de ver — simplesmente ver, por fim, para além das estrelas que vira, lá, nos vastos campos inexplorados em que mundos após mundos mantinham ritmado passo com o pulsar do coração do Infinito, cujos firmes influxos de energia marcaram o passo a tudo quanto se move. A simples posse dele deve ter dado um senso de força, mesmo antes que houvesse obtido um vislumbre através dele. Sabia que revelações como nunca os olhos haviam visto nem os ouvidos colhido o aguardavam assim que se humilhasse ao instrumento, reconhecesse seu direito a controlar-lhe a visão, e fixasse o olhar no ponto de observação. Tenho muitas vezes imaginado como o cora-

ção de Galileu haverá pulsado e toda a sua alma sido cheia, mesmo antes de ele obter um vislumbre; — e agora creio que sei.” — *The Gospel of Health*, janeiro de 1898, págs. 25-28.

A própria irmã White disse que a Sra. S. M. I. Henry apreendera a relação entre os escritos do Espírito de Profecia e a Bíblia tão clara e acuradamente como alguém pudesse exprimi-lo em palavras. Amo esses escritos porque me ajudam a compreender o Livro. Como professora de Bíblia nunca pensei em ir a uma sala de aulas ensinar qualquer parte das Escrituras, sem primeiro verificar o que o Espírito de Profecia tem para dizer a respeito dessas passagens.

Muita lição que marquei para meus alunos, era mais ou menos assim: “Verifiquemos para amanhã o que a Escritura quer dizer por intermédio dos olhos do Espírito de Profecia.” E quando vos aproximardes do livro de Isaías, do livro de Jeremias, do livro de Daniel, do livro de Apocalipse, dos Evangelhos, por meio dos olhos do Espírito de Profecia, desejo dizer-vos, prezados amigos, encontrareis uma opulência de matéria nesses escritos que não podeis achar em qualquer outro comentário, qualquer outro livro escrito por homem.

Tal é minha confiança nesses escritos. Chamamo-los *a luz menor* que nos ajuda a entender *a luz maior*. Chamamo-los o *microscópio* que ajudará a ampliar e tornar claros os pormenores das verdades da Palavra. Eles encerram poder para todos quantos os levam a sério para viverem segundo seus conselhos, suas instruções, suas reprovações. Corrigirão nosso modo de viver, e prepararão um povo para o reino de Deus. Tal é a relação entre os escritos do Espírito de Profecia e as Escrituras.

A Atitude de Ellen G. White Para com Seus Próprios Escritos

Nosso texto para este estudo é II Crônicas, capítulo vinte, versículo vinte: “Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos Seus profetas, e sereis prosperados.”

Precisamos chegar agora a uma conclusão em nossas considerações quanto à relação dos escritos de Ellen G. White para conosco como membros da igreja remanescente. Precisamos pensar em termos do que Deus quer que façamos, não somente com os profetas do Velho e do Novo Testamentos, mas com Sua serva escolhida, Sua mensageira, na igreja remanescente.

Estou convencido, prezados amigos, enquanto refletimos neste assunto, de que teremos de orar muito, porque os resultados se tornam deveras concretos, incisivos, pessoais. E eles nos compelem a fazer algo a seu respeito.

Tudo isto nos conduz, em nosso estudo, ao ponto em que precisamos assentar nossa própria atitude individual para com os escritos de Ellen G. White. A fim de ajudar-nos a chegar a esta conclusão, veremos primeiramente como a Sra. White considerava sua própria obra, e então procuraremos verificar a atitude dos irmãos para com seus escritos, tentando finalmente traçar uma declaração do que deve ser nossa atitude pessoal nos dias atuais.

A Reivindicação de Ellen G. White Quanto à Inspiração

Em todos os longos anos de sua existência, a Sra. White nunca teve qualquer dúvida quanto à sua vocação divina à obra profética, nem nenhuma questão relativamente à fonte ou natureza de suas mensagens. Centenas de vezes, talvez, em reuniões públicas e em seus escritos, reivindicou serem suas mensagens à igreja vindas de Deus mediante divina inspiração. Contou suas visões. Empregou repetidamente a expressão: "VI", e o que via em visão, dizia e escrevia.

Em linguagem simples descreveu sua vocação:

"Não foi muito tempo depois da passagem do tempo em 1844, que me foi dada minha primeira visão. Eu me achava de visita a uma querida irmã em Cristo, cujo coração estava como que entretecido com o meu. Cinco de nós, todas mulheres, estávamos de joelhos tranqüilamente no altar de família. Enquanto orávamos, o poder de Deus veio sobre mim como eu jamais sentira. Parecia-me estar circundada de luz, e sendo mais e mais erguida da Terra.' Nesta ocasião foi-me dada uma visão da experiência dos crentes adventistas, da vinda de Cristo, e da recompensa a ser dada aos fiéis.

“Em uma segunda visão, que se seguiu de perto à primeira, foram-me mostradas as provações pelas quais tenho que passar, e que era meu dever ir e relatar aos outros o que Deus me revelara.” — *Testimonies*, vol. 5, págs. 654 e 655.

Em obediência a esta vocação, falava em reuniões públicas e a indivíduos em particular, escrevia cartas a pessoas e grupos, escrevia o que chamava “testemunhos” tanto a indivíduos como a grupos, e escreveu mais tarde muitos artigos para revistas, e livros. Em tudo isto ela seguia as instruções a ela dadas por Deus.

Quanto a suas cartas-testemunho, escreveu:

“Fracamente, eu me levantei às três horas da madrugada para vos escrever. Deus falava por intermédio da argila. Poderíeis dizer que esta comunicação era apenas uma carta. Sim, era uma carta, porém inspirada pelo Espírito de Deus a fim de apresentar a vosso espírito coisas que me haviam sido mostradas. Nestas cartas que escrevo, nos testemunhos que dou, estou apresentando aquilo que o Senhor me tem apresentado.” — *Idem*, pág. 67.

Dos artigos fornecidos por ela semanalmente às revistas denominacionais, através dos anos, diz ela:

“Não escrevo na revista um artigo que exprima meramente minhas próprias idéias. Eles são o que Deus me tem revelado em visão — os preciosos raios de luz a irradiarem do trono.” — *Ibidem*.

Quanto a seus livros, eis o que escreveu:

“A irmã White não é originadora desses livros. Eles contêm as instruções que durante a obra de sua vida Deus lhe tem estado a dar. Encerram a preciosa luz confortadora que Deus tem dado graciosamente a Sua serva para ser dada ao mundo.” — *Colporteur-Evangelista*, pág. 36.

Sempre salientava os Testemunhos como a mensagem de Deus à igreja:

“Tenho repassado os *Testimonies* dados para os observadores do sábadó, e estou surpreendida com a misericórdia de Deus e Seu cuidado por Seu povo em dar-lhes tantas advertências, indicando-lhes os perigos, e apontando a exaltada posição que quer que ocupem. ...

“Tenho esperado ansiosamente, na esperança de que Deus ponha Seu Espírito sobre alguns e os use como instrumentos de justiça para despertar e pôr em ordem Sua igreja. ... Pergunto: Em que têm os que professam confiança nos *Testemunhos* buscado viver de acordo com a luz a eles dada? Em que têm considerado as advertências dadas? Em que têm dado ouvidos às instruções por eles recebidas?” — *Idem*, págs. 483 e 484.

“Nos tempos antigos Deus falou aos homens pela boca dos profetas e apóstolos. Nestes dias Ele lhes fala pelos Testemunhos de Seu Espírito. Nunca houve tempo em que Deus instruisse a Seu povo mais diligentemente do que o instrui agora quanto à Sua vontade, e à direção que quer que eles sigam.” — *Testimonies*, vol. 4, pág. 148.

Em tudo isto Ellen G. White reivindicava para si própria a mesma inspiração do Espírito Santo que moveu os antigos profetas a escreverem o que chamamos agora a Bíblia. As mensagens eram de Deus. A ela, da mesma maneira que aos antigos escritores bíblicos, “veio a Palavra do Senhor”.

Definição de Inspiração Dada por Ellen G. White

A natureza dessa inspiração, descreve-a a Sra. White da seguinte maneira:

“Os escritores da Bíblia tinham de exprimir suas idéias em linguagem humana. Ela foi escrita por criaturas humanas. Esses homens eram inspirados pelo Espírito Santo. Devido às imperfeições da compreensão humana da linguagem, ou da perversidade do espírito humano, engenhoso em evadir-se à verdade, muitos lêem e entendem a Bíblia para se agradarem a si mesmos. Não é que a dificuldade esteja na Bíblia. Políticos de oposição arrazoam sobre pontos da lei nos códigos, e adotam pontos de vista opostos em sua aplicação e nessas leis.” — Manuscrito 24, 1886, citado em *The Testimony of Jesus*, pág. 16, de F. M. Wilcox.

te, senhor, eu preferia cear primeiro, e então conversaremos.

Naturalmente, ele me deu seu nome. Reconheci-o como sendo o secretário de uma organização nacional de igrejas na China, homem muito distinto, de grande e boa reputação. Depois da ceia, voltamos ao camarote, e sentamo-nos.

— Tenho algumas perguntas — começou ele a dizer. — Tenho esperado longamente o ensejo de fazer essas perguntas a um adventista do sétimo dia.

— Torne-as fáceis, irmão, pois não sou teólogo — foi minha resposta.

— O senhor não as achará difíceis — afirmou ele. — Quero que me dê as bases escriturísticas de sua fé na próxima vinda do Senhor Jesus.

— Bem — suspirei — esta é fácil.

Tomei a Bíblia e comecei a ler passagem após passagem, com bem poucos comentários. Estabeleci a ligação entre elas, é claro, na seqüência que aprendera em minha classe de doutrinas bíblicas no colégio.

— Agora — observou ele — vejo suas conexões escriturísticas. Dê-me agora sua interpretação desses textos.

Procedi então a isto por cerca de duas horas, o que levou a uma discussão que durou outras duas horas. Por volta de uma da madrugada, ele disse muito seriamente:

— Se eu pudesse crer nessa Bíblia como o senhor, então seria forçado a chegar à mesma conclusão a que o senhor chegou. Mas — disse ele — irmão, o senhor sabe que esse Livro nunca foi destinado a ser tomado literalmente. Esse Livro destina-se a servir de guia espiritual para homens de mente espiritual. Acho que o senhor é uma pessoa de mente muito simples. Se pensasse em termos dos ensinamentos espirituais do Livro, nunca chegaria a tais conclusões.

A Sra. White diz: “Muitos lêem e compreen-

dem a Bíblia para se agradarem a si mesmos.” Nós havíamos conversado por cinco ou seis horas, sem chegar a nenhuma conclusão. Estava com a Bíblia a dificuldade? Não. A dificuldade era que ele trazia para a Bíblia uma espécie de espírito, e eu outra muito diversa. Assim, lendo justamente as mesmas passagens, chegávamos a duas conclusões muito diferentes. Era isto falta de inspiração das Escrituras? Não. Ele formara seu padrão de pensamento; eu formara o meu padrão. E eu julgava estar certo e ele errado, e ele achava estar certo e eu errado. Isto tornava um tanto difícil nos unirmos. A dificuldade não está nas Escrituras, nem nas palavras, mas em nossa interpretação das palavras. Vós e eu nos pomos em dificuldade quanto aos escritos do Espírito de Profecia justamente na mesma base e pela mesma razão.

Isto nos traz a um ponto que se deve aclarar. Precisamos compreender o sentido das palavras como a escritora inspirada pretendia fossem compreendidas, para que a mensagem de Deus nos seja gravada na mente. Como posso eu desenvolver a devida atitude mental? Ela vem unicamente por uma completa entrega de minha vontade e de meu desejo pessoal, de modo que Deus possa fazer segundo a Sua vontade. É quando eu me rendo de todo a Deus que Ele me dá a mente de Jesus, e com a mente de Jesus eu posso pensar Seus pensamentos. Isto é absolutamente essencial se queremos chegar a uma clara compreensão dos escritos do Espírito de Profecia. Uma entrega de nossas próprias idéias, de nossas próprias regras e motivos e objetivos, é essencial a fim de podermos saber e seguir a vontade de Deus.

Creio que isto se tornará mais claro ao proseguirmos neste estudo. Continuo a citar a Sra. White:

“A Bíblia não nos é dada em grande linguagem sobre-humana. A fim de aproximar-Se do homem onde está, Jesus Se revestiu da humanidade. A Bíblia deve ser dada na linguagem dos homens. Tudo quanto é humano é imperfeito. Sentidos diferentes são expressos pela mesma palavra; não há uma palavra para cada idéia distinta. A Bíblia foi dada para fins práticos. ...

“A Bíblia foi escrita por homens inspirados, porém não é a maneira de pensar e exprimir-Se de Deus. É a da humanidade. Deus, como escritor, não está representado. Os homens hão de muitas vezes dizer que tal expressão não parece de Deus. Porém Deus não Se manifestou em palavras, em lógica, em retórica, em julgamento na Bíblia. Os escritores dela eram os escritores de Deus, não Sua pena. Considerai os vários escritores.

“Não são as palavras da Bíblia as inspiradas, mas os homens é que eram inspirados. A inspiração não atua nas palavras do homem ou em suas expressões, porém nele próprio, que, sob a influência do Espírito de Deus, é imbuído de pensamentos. Porém as palavras recebem a impressão da mente individual. A mente divina difunde-se. A mente e vontade divinas combinam-se com a mente e vontade humanas; assim as enunciações do homem são a Palavra de Deus.” — *Idem*, págs. 17 e 18.

Na introdução de *O Conflito dos Séculos* também a Sra. White salienta sua compreensão da inspiração divina:

“Antes que o pecado entrasse no mundo, Adão gozava plena comunhão com seu Criador. Desde, porém, que o homem se separou de Deus pela transgressão, a raça humana ficou privada desse alto privilégio. Pelo plano da redenção, entretanto, abriu-se um caminho mediante o qual os habitantes da Terra podem ainda ter ligação com o Céu. Deus Se tem comunicado com os homens mediante o Seu Espírito; e a luz divina tem sido comunicada ao mundo pelas revelações feitas a Seus servos escolhidos. ‘Homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.’ II S. Ped. 1:21.

“Durante os primeiros vinte e cinco séculos da história humana, não houve revelação escrita. Os que tinham sido ensinados por Deus comunicavam seu saber a outros, e esse saber era transmitido de pai a filho, através de gerações sucessivas. A preparação da palavra escrita iniciou-se no tempo de Moisés. Incorporaram-se então revelações inspiradas em um inspirado volume. Esta obra continuou durante o longo período de dezesseis

seis séculos, desde Moisés, o historiador da criação e da lei, até S. João, que relatou as mais sublimes verdades do evangelho.

“A Escritura Sagrada aponta a Deus como seu autor; no entanto, foi escrita por mãos humanas, e no variado estilo de seus diferentes livros apresenta os característicos dos diversos escritores. As verdades reveladas são todas dadas por inspiração de Deus (I Tim. 3:16) acham-se, contudo, expressas em palavras de homens. O Ser infinito, por meio de Seu Santo Espírito, derramou luz no entendimento e coração de Seus servos. Deu sonhos e visões, símbolos e figuras; e aqueles a quem a verdade foi assim revelada, concretizaram os pensamentos em linguagem humana.

“Os Dez Mandamentos foram pronunciados pelo próprio Deus, e por Sua própria mão foram escritos. São de redação divina e não humana. Mas a Escritura Sagrada, com Suas divinas verdades, expressas em linguagem de homens, apresenta uma união do divino com o humano. União semelhante existiu na natureza de Cristo, que era o Filho de Deus e Filho do homem. Assim, é verdade com relação à Escritura, como foi em relação a Cristo, que ‘o Verbo Se fez carne e habitou entre nós’ (S. João 1:14)

“Escritos em diferentes épocas, por homens que diferiam largamente na posição social e ocupação, em dotes mentais e espirituais, os livros da Bíblia apresentam vasto contraste no estilo, bem como diversidade na natureza dos assuntos explanados. São empregadas diferentes formas de expressão pelos vários escritores; muitas vezes a mesma verdade é mais incisivamente apresentada por um do que por outro. E como diversos escritores apresentam um dado assunto sob vários aspectos e relações, pode parecer ao leitor superficial, descuidado e imbuído de preconceitos, haver discrepância ou contradição onde o pesquisador ponderado, reverente, com intuição mais clara, discerne a harmonia que jaz velada.

“Sendo apresentada por meio de indivíduos diferentes, a verdade é revelada em seus aspectos vários. Um escritor se impressiona mais fortemente com uma faceta do assunto; apanha os pontos que se harmonizam com sua experiência ou com sua capacidade de percepção e apreciação; outro apreende um aspecto diverso; e cada qual, sob a direção do Espírito Santo, apresenta o que mais vividamente lhe impressiona o espírito, resultando em aspecto diferente da verdade em cada um, mas uma harmonia perfeita no todo. E as verdades assim reveladas se unem para formar um todo perfeito, adaptado de maneira a satisfazer às necessidades dos homens em todas as circunstâncias e experiências da vida.

“Deus foi servido comunicar Sua verdade ao mundo por

intermédio de agentes humanos, e Ele próprio, por meio de Seu Espírito Santo, habilitou e capacitou homens para fazerem essa obra. Guiou a mente na seleção do que falariam ou escreveriam. O tesouro foi confiado a vasos terrenos, sem, contudo, perder coisa alguma de sua origem celestial. O testemunho é transmitido mediante a imperfeita expressão da linguagem humana, sendo todavia o testemunho de Deus; e nele o dócil, crente filho de Deus, contempla a glória de um poder divino, cheio de graça e verdade.

“Em Sua Palavra Deus conferiu aos homens o conhecimento necessário à salvação. As Santas Escrituras devem ser aceitas como autorizada e infalível revelação de Sua vontade. São a norma de caráter, o revelador das doutrinas, a pedra-de-toque da experiência religiosa. ‘Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra.’” II Tim. 3:16 e 17. — Introdução de *O Conflito dos Séculos*, págs. 7-9.

Eis a concepção de Ellen G. White quanto a inspiração. Para meu espírito é a mais explícita declaração que podeis encontrar de sua pena sobre a inspiração das Escrituras e de seus próprios escritos.

Talvez noteis duas ou três sentenças nas citações que acabamos de fazer, que suscitem alguma interrogação em vosso espírito. Provavelmente examinastes a sentença que declara: “Não são as palavras da Bíblia que são inspiradas, mas os homens é que eram inspirados.” E também: “Os escritores da Bíblia eram os escritores de Deus, não Sua pena.” Ou: “A inspiração não atua nas palavras do homem ou em suas expressões, porém nele próprio, que, sob a influência do Espírito de Deus, é imbuído de pensamentos.” — *The Testimony of Jesus*, pág. 18.

Todas estas sentenças, tomadas em conjunto, dizem simplesmente uma coisa: A Bíblia não é verbalmente inspirada; nem o são os escritos de Ellen G. White.

Com relação a seus próprios escritos, Ellen G. White exprimiu esta verdade nas seguintes palavras:

“Se bem que eu seja tão dependente do Espírito do Senhor para escrever minhas visões como o sou para recebê-las, todavia as palavras em emprego ao descrever o que vi são minhas mesmo, a menos que sejam as que me foram ditas por um anjo, as quais sempre ponho entre aspas.” — *The Review and Herald*, 8 de outubro de 1867, citado em *The Testimony of Jesus* de F. W. Wilcox, à pág. 87. (Grifo nosso.)

Isto será ilustrado por interessante história do passado.

Em 1906, o Dr. David Paulson, um dos homens mais entusiastas e interessantes que já conheci, escreveu à Sra. White uma carta, em que declarava sua opinião, suas convicções a respeito dela e de sua obra.

Temos essa carta no arquivo, porém não me interessa particularmente nela. Muito me interessa, entretanto, na resposta da Sra. White a ela. Seja-me permitido dar três parágrafos da carta escrita por ela em resposta ao Dr. Paulson. Cito:

“Falais, em vossa carta, no preparo que cedo tivestes para ter fé implícita nos Testemunhos, e dizeis: ‘Fui levado a concluir e a crer mui firmemente que toda palavra que já proferistes em público ou em particular, que toda carta que escrevestes sob quaisquer e todas as circunstâncias, era tão inspirada como os Dez Mandamentos.’

“Meu irmão, tendes estudado diligentemente meus escritos, e nunca encontrastes que eu fizesse quaisquer reivindicações como essas, nem encontrareis que os pioneiros de nossa causa tenham feito tais reivindicações.

“Em meu prefácio de *O Conflito dos Séculos*, ... lestes sem dúvida minha declaração quanto aos Dez Mandamentos e a Bíblia, a qual vos devia haver ajudado a ter correta compreensão do assunto em consideração.

Isto aparece no arquivo como carta nº 206, escrita no ano de 1906. Apareceu também em *Review and Herald* de 30 de agosto de 1906, pág. 8.

Ora, que diz ela? e que significa? Aí estava um

homem zeloso, distinto cavalheiro cristão, homem que queria acima de tudo o mais fazer o que era direito para Deus e ser justo com seus irmãos. Ele escreveu a Ellen G. White e deu-lhe sua impressão ou convicção de que toda palavra que ela já dissera em público e em particular, toda carta que escrevera, fosse de que natureza fosse, era semelhante e estava a par com os Dez Mandamentos. A Sra. White corrigiu-lhe a impressão por estas palavras: "Meu irmão, ... nunca encontrastes de minha parte uma reivindicação assim." Se Ellen G. White nunca fez tal reivindicação, então não a deveríeis tampouco vós, nem eu, fazer.

Inspiração e Infalibilidade

É possível que surja uma pergunta muito natural, a esta conjuntura: "Se a Bíblia e os escritos da Sra. White são inspirados, não podemos esperar que estejam isentos de todo erro ou enganos? Não são eles infalíveis?"

Respondemos: Inspiração e infalibilidade são coisas diversas. Ellen G. White nunca pretendeu inspiração verbal, seja para seus próprios escritos seja para a Bíblia mesma. Tampouco pretendeu ela infalibilidade para si ou para os escritores da Bíblia.

Quanto à infalibilidade, disse:

"No que respeita à infalibilidade, nunca a reclamei; unicamente Deus é infalível. Sua Palavra é verdadeira, e nEle não há mudança nem sombra de variação." — Ellen G. White, carta 10, 1891.

Noutra ocasião escreveu:

"Unicamente Deus e o Céu são infalíveis." — *The Review and Herald*, 26 de julho de 1892.

A infalibilidade não pertence a Ellen G. White.

Ela nunca a pretendeu. A infalibilidade não pertence ao *homem* — somente a Deus. Portanto, mesmo os autores das Escrituras estão sujeitos a possíveis erros humanos e a descuidos. O notável é haver tão poucos deles em todos os vinte e cinco milhões de palavras escritas pela Sra. White.

Se em qualquer tempo encontrardes nos escritos da Sra. White alguma coisa que vos pareça fora de dúvida um erro — um descuido histórico, um erro em geografia, aritmética, ou cronologia — lembrai-vos simplesmente que a Sra. White nunca pretendeu infalibilidade, e sua inspiração não é de modo algum prejudicada por tais cochilos da pena. Poder-se-ia mesmo verificar que a própria Sra. White não era absolutamente responsável pelo tal erro.

Creio que justo a esta altura será proveitoso que todos compreendêssemos como a Sra. White fazia seu trabalho; poderemos então ver a impossibilidade de ela ser infalível, e em que vinha a inspiração. Ellen G. White não era pessoa de grande instrução. Seu preparo escolar consistia em alguns anos apenas. Uma pedra atirada por uma menina da escola, feriu-a no rosto, quebrando-lhe o nariz, e ocasionando deformidade física. Devido ao abalo que sofreu, teve de sair da escola, e nunca teve oportunidade de prosseguir e aprender a escrever corretamente toda palavra do dicionário, nem com correção gramatical. Nunca fruiu esse privilégio, porém o notável é que Deus pôde tomar esse humilde instrumento, carecido de alguns daqueles requisitos que consideramos tão essenciais numa pessoa educada, e operar por meio dela para realizar as coisas maravilhosas que vemos em todos os grandes livros seus que hoje manuseamos. Isto é, na verdade, extraordinário acontecimento.

Ela própria diz que, ao começar a escrever, tinha a mão tão fraca, que não podia fazê-lo por mui-

to tempo sem sofrer dores. Mas o anjo disse: "Escreve, e escreve as coisas que te tenho estado a mostrar." Ela diz de si mesma: "Quanto mais eu escrevia, mais fácil se tornava o escrever", e em breve lhe era possível encher página após página, com mão leve, por horas a cada vez, sem nunca se cansar. Esta era outra coisa digna de nota com relação à serva de Deus.

Era-lhe dada uma visão de alguma coisa, ou alguma circunstância, situação, necessidade, lhe era apresentada, e então ela se sentava para escrever o que vira ou ouvira. A visão mais longa, de umas quatro horas, em que viu *O Conflito dos Séculos* de princípio a fim, levou-lhe muitas semanas a escrever.

Como escrevia ela? Tomava o papel e a pena e escrevia à medida que o Espírito de Deus a impressionava a escrever, expondo o que vira na visão. Prestava pouca atenção às vírgulas e ponto e vírgulas, aos pontos e aos períodos. Não se detinha sequer por uma palavra errada na ortografia. Ela escrevia para pôr o pensamento no papel.

Ora, eu não pretendo ser um escritor inspirado ou inspirador, mas quando escrevo, faço-o mais ou menos da mesma maneira por que o fazia a irmã White. E assim fazem muitos outros escritores.

Quando a Sra. White terminava o manuscrito, feito muito à pressa, ela o passava a uma secretária. Seja-me permitido acrescentar aqui que a caligrafia é um interessante estudo. Bem no princípio, era miúda e clara, e as letras eram bem formadas e cuidadas, mas, como acontece com nós outros, à medida que ela foi envelhecendo seus escritos se tornaram menos legíveis, e a caligrafia ao fim de sua vida não se pode ler tão facilmente. Todavia suas secretárias, que com ela trabalharam por muitos anos, podiam lê-la como se fosse tipo impresso.

Seu manuscrito era passado a uma secretária,

te", ao fim da cópia. Isto é o que chamamos inspiração do pensamento em contraste com a inspiração verbal. A Sra. White nunca reivindicou inspiração verbal, e podeis agora compreender a razão. O próprio método de fazer seu trabalho tornaria impossível possuir inspiração verbal.

Em Jeremias 36, versículo 2, Deus diz: "Toma o rolo de um livro, e escreve nele todas as palavras que te tenho falado."

Assim Jeremias chamou seu secretário, Baruque, e disse-lhe: "Baruque, traze um rolo, pega a tua pena e tinta, e apronta tudo. Vou ditar-te agora as mensagens que Deus me deu." Assim foi que ele ditou, e Baruque escreveu as mensagens.

Asseguro-vos, prezados amigos, ao pensarmos na obra do profeta como sendo feita desta maneira, não haverá dificuldade em nosso espírito se uma ou duas negligências aparecerem nos muitos livros impressos e nos milhares de artigos de revistas que saíram da pena de Ellen G. White. Bem poucas pessoas na história do mundo têm produzido mais em volume e quantidade, do que o fez Ellen G. White nos setenta anos de sua atividade como mensageira de Deus.

O que é digno de nota é que por tão longo período de serviço houvesse tal unidade e harmonia de pensamento através de todos os seus escritos, desde a primeira página até à última. Para mim, esta é uma das maiores demonstrações da inspiração da escritora.

Nem a todo o mundo foi dado o privilégio de passar uns seis meses sentado junto à caixa-forte no escritório das Publicações de Ellen G. White, lendo aqueles interessantíssimos e maravilhosos manuscritos. Eu tive esse privilégio. Considero-o o mais importante período de minha vida. Proporcionou-me uma oportunidade pela qual anelara, mas nunca julgara de possível cumprimento. Quero dizer-vos francamente que passar dias e semanas e meses

fazendo pouco mais do que viver com aqueles escritos, foi uma experiência maravilhosa. Dou graças a Deus por ela. Fruí-a plenamente, e seja-me permitido dizer que minha confiança no dom de profecia, e nos escritos do Espírito de Profecia, é hoje mais forte do que nunca. Não tenho dúvida alguma quanto ao dom ou ao instrumento usado por Deus.

A Sra. White era pessoa muito razoável. Se era alguma coisa, era pessoa muito humana. Ao ler eu aquelas cartas e manuscritos, encontrei umas dirigidas a Willie, ou Edson, ou outro membro da família, e eram cartas características de uma boa mãe, de uma bela cristã. Naquelas cartas falava ela muitas vezes dos negócios comuns da vida, suas viagens, os lugares que visitava e as pessoas que via. Eu diria que tais coisas não são inspiradas. Portanto, não devemos dizer que toda carta que escreveu sob quaisquer circunstâncias, eram um testemunho inspirado. Não devemos reclamar para ela aquilo que ela própria não reclamava para si.

A Sra. White mesma traçava uma distinção entre o comum e o sagrado. Eis como o exprimia:

“Há tempos em que as coisas comuns precisam ser declaradas, os pensamentos comuns precisam ocupar a mente, precisam-se escrever cartas comuns e dar informações que têm passado de um para outro dos obreiros. Tais palavras, tais informações, não são dadas sob especial inspiração do Espírito de Deus. Fazem-se por vezes perguntas que não são absolutamente acerca de assuntos religiosos, e essas perguntas precisam ser respondidas. Conversamos sobre casas e terras, negócios a serem feitos, locais para nossas instituições, suas vantagens e desvantagens.”
— *Manuscrito 167, 1909, citado por Arthur L. White em Ellen G. White, Messenger to the Remnant, pág. 117.*

Fica assim claro que Ellen G. White —

1) Nunca pretendeu *infallibilidade* tanto para si como para os escritores da Bíblia. “Unicamente Deus é infalível.”

2. Nunca pretendeu *inspiração verbal*, quer para seus próprios escritos quer para as Escrituras.
3. Reivindicou *inspiração do pensamento* tanto para seus escritos como para as Escrituras.
4. Não considerava seus escritos comparáveis aos “mandamentos de Deus”, mas como “reprovações”, “conselhos”, “advertências”, “animações”, “mensagens”, “testemunhos”, “admoestações”.

Como os Escritos Vieram à Existência

“Em princípios de meus labores públicos, fui mandada pelo Senhor: ‘Escreve, escreve as coisas que te são reveladas.’ Ao tempo que me veio esta mensagem, eu não podia firmar a mão. Minhas condições físicas tornavam-me impossível escrever. Mas novamente me veio a palavra: ‘Escreve as coisas que te são reveladas.’ Obedeci; e em resultado não tardou que eu pudesse escrever página após página com relativa comodidade. Quem me disse o que escrever? Quem me firmou a mão direita, e me fez possível usar a pena? — Foi o Senhor.” — *The Review and Herald*, 14 de junho de 1906, pág. 8.

Desígnio dos Testemunhos

“O Senhor designa advertir-vos, reprová-los, aconselhar, mediante os testemunhos dados, e impressionar-vos a mente com a importância da verdade de Sua Palavra. Os Testemunhos escritos não são para comunicar nova luz, mas para gravar vividamente no coração as já reveladas verdades da inspiração. O dever do homem para com Deus e seus semelhantes foi distintamente especificado na Palavra de Deus, todavia apenas poucos de vós sois obedientes à luz dada. Não é trazida verdade adicional; porém Deus tem, por meio dos *Testemunhos*, *simplificado as grandes verdades já dadas*, e a Seu próprio modo, apresentou-as ao povo para com elas despertar e impressionar o espírito, *para que todos fiquem inescusáveis.*” — *Testimonies for the Church*, vol. 5, pág. 665. (Grifo nosso.)

“Os *Testemunhos* não são para diminuir a Palavra de Deus, mas exaltá-la e atrair para ela a mente, para que a bela singeleza da verdade a todos possa impressionar.” — *Testimonies*, vol. 2, pág. 606.

“A Palavra de Deus é suficiente para esclarecer o espírito mais obscurecido, e pode ser compreendida pelos que tenham qualquer desejo de entendê-la. Não obstante tudo isto, alguns que professam fazer da Palavra de Deus seu estudo são encontrados a viver em inteira oposição a seus mais claros ensinamentos. Então, para que homens e mulheres fiquem inescusáveis, Deus dá claros e incisivos testemunhos, levando-os de volta à Palavra que negligenciaram seguir.” — *Idem*, págs. 454 e 455.

“A Palavra de Deus é abundante em princípios gerais para a formação de corretos hábitos de vida, e os testemunhos, gerais e individuais, foram calculados de molde a chamar-lhes a atenção mais especialmente para esses princípios.” — *Idem*, vol. 4, pág. 323.

“À medida que o fim se aproxima e amplia a obra de dar a última advertência ao mundo, mais importante se torna para os que aceitam a verdade presente terem clara compreensão da natureza e influência dos *Testemunhos*, os quais Deus, em Sua providência, ligou à obra da terceira mensagem angélica desde seu erguimento.” — *Idem*, vol. 5, pág. 654.

“O Senhor reprovava e corrigia o povo que professa guardar Sua lei. Aponta-lhes os pecados e expõe a iniquidade porque deseja separar todo pecado e iniquidade deles, para que aperfeiçoem a santidade em Seu temor. ... Deus os repreende, reprovava e corrigia, para que sejam refinados, santificados, elevados, e afinal exaltados a Seu próprio trono.” — *Idem*, vol. 2, pág. 453.

— Talvez eu pudesse ilustrar melhor as mensagens de Ellen G. White por essa maneira: Para mim, Cristo é o Grande Arquiteto, construindo um reino com muitas mansões em sua capital. Ele é também o formador do caráter do povo que quer naquele reino. Assim, como Grande Arquiteto, tem uma planta de Seu reino e da espécie de povo que quer ter consigo por toda a eternidade. Então, como todos os grandes arquitetos, tem um livro de especificações minuciosas, que dizem respeito à planta, e dão com mais pormenores tudo quanto tem que ver com o desenvolvimento de Seu reino.

Cristo é o Arquiteto. A Bíblia é a planta. Os escritos do Espírito de Profecia são as especificações em minúcias.

Penso que se analisardes um pouco esse pensamento, nele vereis, tremendas possibilidades. E agora, quando vos sentardes com esses livros — a Série de *O Conflito dos Séculos*, por exemplo — e lerdes do princípio do *Patriarcas e Profetas* ao fim de *O Conflito dos Séculos*, vereis o que quero dizer. Há as minuciosas especificações que ampliam grandemente a planta encontrada nas Escrituras, tudo que provém da mente do Grande Arquiteto. Quanto a mim, gosto destas especificações. Elas não tomam o lugar da planta, porém vão a par dela de maneira notavelmente interessante e vital. As grandes verdades que se encontram na Bíblia são representadas pela irmã White de modo tão simples, em tão belos pensamentos, que quem quer que as leia ficará grandemente impressionado pela mensagem, por pensar nela, pela inspiração que vem pela leitura e estudo da mesma.

Creio, prezados amigos, que é somente ao por-mos estas mensagens no coração e na mente, que elas nos podem talhar, moldar, ajustar, e fazer-nos a espécie de povo que Deus quer em Seu eterno reino. Do que temos achado até aqui, penso que todos podemos chegar à conclusão de que Ellen G. White foi pessoa muito judiciosa, muito humilde, muito boa. Estava bem apercebida dos perigos que poderiam vir à causa mediante os que não compreendiam bem a obra a ela confiada. Portanto, apresentou em seus escritos muitas instruções acerca da maneira porque nos devemos relacionar com suas obras e o emprego delas em nossa vida diária. Em suas próprias relações para com sua obra, ela nos deu um exemplo do que devemos ser e fazer.

Atitudes Para com os Testemunhos

Durante uma crise em 1903, Ellen G. White pintou claramente as várias atitudes que refletiriam a reação das pessoas quanto aos Testemunhos:

“Far-se-á em breve todo esforço possível para diminuir e perverter a verdade dos testemunhos do Espírito de Deus. Precisamos ter de prontidão as claras e diretas mensagens que têm vindo ao povo de Deus desde 1846.

“[1] Haverá pessoas que uma vez estiveram unidas conosco na fé, as quais buscarão doutrinas novas e estranhas, alguma coisa singular e sensacional para apresentar ao povo. Introduzirão todas as falácias concebíveis, e apresentá-las-ão como vindas da Sra. White, a fim de que enganem almas. ...

“[2] Os que trataram a luz dada pelo Senhor como coisa comum, não serão beneficiados pela instrução apresentada.

“[3] Haverá pessoas que interpretarão mal as mensagens que Deus tem dado, em harmonia com sua cegueira espiritual.

“[4] Alguns deixarão a fé, e negarão a verdade das mensagens, apontando-as como falsidades.

“[5] Alguns as tomarão em ridículo, trabalhando contra a luz que Deus tem estado a dar por anos, e alguns fracos na fé serão assim desviados.

“[6] Outros, porém, serão grandemente ajudados pelas mensagens. Conquanto não sendo a eles pessoalmente dirigidas, serão corrigidos por elas, e levados a evitar os males especificados. ... O Espírito do Senhor estará nas instruções, e desvanecer-se-ão as dúvidas existentes em muitos espíritos. Os próprios testemunhos serão a chave para explicar as mensagens dadas, como passagem é explicada por passagem. Muitos lerão com ansiedade as mensagens de reprovção ao erro, a fim de aprenderem o que poderão fazer para salvar-se. ... A luz raiará para o entendimento, e o Espírito impressionará a mente, ao serem clara e singelamente apresentadas as verdades bíblicas nas mensagens que Deus tem enviado a Seu povo desde 1846. Estas mensagens devem encontrar guarida no coração, e terão lugar transformações.” — Ellen G. White, Carta 73, 1903.

Emprego Errado dos Testemunhos

Ao passo que a maior parte dos membros da igreja adventista do sétimo dia se encontra na últi-

ma classe mencionada — os que são ajudados pelas mensagens à medida que a luz chega até eles corrigindo males e indicando o caminho da vida — há todavia alguns que se podem encontrar em qualquer das outras classes.

A Sra. White estava de todo apercebida da situação relativa a si e sua obra, e fez o que pôde para tornar clara a obra que Deus lhe designara, e porquê. Deu uma porção de advertências e sugestões a seus contemporâneos e, indiretamente, a nós, de modo que não fizéssemos injustificáveis reivindicações quanto a ela e seus escritos, nem indevido emprego de suas palavras e sua posição em relação a Deus e ao Espírito Santo.

A reprodução de algumas delas aqui, talvez nos ajude a manter uma atitude sensata, equilibrada, de meio-termo quanto a ela e sua obra:

1. Não empregueis os Testemunhos como argumento para os descrentes (*Testimonies*, vol. 1, págs. 119 e 120; vol. 5, pág. 669; *Test. Sel.*, vol 1, pág. 28).

2. Não os utilizeis como prova de discipulado (*Testimonies*, vol. 1, págs. 327-329).

3. Não os empregueis como pedra-de-toque de comunhão (*Testimonies*, vol. 1, págs. 382 e 383).

4. Não useis os Testemunhos como regra de ferro, ou clava. (*Testimonies*, vol 1, pág. 369.)

5. Não tomeis o sentido extremado do que tem sido mostrado em visões (*Testimonies*, vol. 1, pág. 166).

6. Não empregueis os Testemunhos para dar vigor a certos assuntos no intuito de impressionar os outros com eles (Manuscrito 23, 1911).

Cada um de nós deve ter em mente que, acima de tudo, os conselhos do Espírito de Profecia são mensagens individuais para nós. Há crescente tendência da parte de alguns de nós a aplicar os conselhos a outra pessoa, e empregar certas porções dos

escritos de Ellen G. White como uma espécie de clava na cabeça dos outros. Isto não é um justo emprego dos Testemunhos. Da parte de alguns, suas palavras são usadas para dar expressão a ásperas críticas a terceiros. Tudo isto traz à mente o seguinte parágrafo:

“Muitos há cuja religião consiste em criticar maneiras de vestir e costumes pessoais. Querem colocar a todos sob sua própria medida. Desejam alongar os que parecem demasiado curtos para sua norma, e encurtar outros que parecem muito longos. Perderam o amor de Deus do coração; porém julgam possuir espírito de discernimento. Pensam ser sua prerrogativa criticar, e pronunciar juízo; devem, porém, arrepender-se de seu erro e desviarem-se de seus pecados. ... Amemo-nos uns aos outros. Tenhamos harmonia e união em nossas fileiras. Tenhamos o coração santificado para Deus. Olhemos à luz que permanece para nós em Jesus. Lembremo-nos de quão sofredor e paciente foi Ele com os errantes filhos dos homens. Estaríamos em miserável estado se o Deus do Céu fosse como um de nós, e nos tratasse como nos inclinamos a tratar uns aos outros.” — *The Review and Herald*, 27 de agosto de 1889, pág. 530.

Ainda alguns há que isolam uma frase ou sentença, e lhe dão a significação mais extremada, e então procuram persuadir ou conduzir todos os mais à mesma conclusão. Tais pessoas deixaram de ordinário de estudar o pleno conselho, ajuntando declaração a declaração em um esforço de encontrar os grandes princípios básicos que devem conduzir a retas conclusões.

A Sra. White mantinha atitude muito sensata, equilibrada, de meio-termo em tudo quanto ensinava e fazia. Isto talvez pareça estranho quando pensamos em algumas pessoas que assumiram contra os escritos do Espírito de Profecia uma atitude que é tudo, menos judiciousa. A falta não está com Ellen G. White ou seus escritos. Deve estar em outra parte.

Repito, os Testemunhos foram escritos para nós

individualmente, e não para os empregarmos para outros. Mui certamente apresentamos mal e com freqüência interpretamos mal os escritos do Espírito de Profecia quando tomamos uma sentença aqui, um pequeno parágrafo ali e outro acolá, e depois os juntamos fora de seu contexto. Fazem, assim, com que eles ensinem o que o Espírito de Profecia não tinha absolutamente em vista, mas o que alguém quer usar para com seus irmãos. Este não é o modo correto de usar os escritos de Ellen G. White.

As Mensagens de Ellen G. White Sobre a Saúde

T rês textos escriturísticos apresentam o pensamento deste estudo.

“Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas, e que tenhas saúde, assim como bem vai à tua alma.” **III S. João 2.**

“Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.” **I Cor. 6:19 e 20.**

“Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus.” **I Cor. 10:31.**

A mensagem que os adventistas do sétimo dia

têm para o mundo em nossos dias, é de molde a preparar o povo para a segunda vinda de Cristo e para uma eternidade em uma nova Terra isenta de pecado, onde reinarão a justiça, e a paz e a alegria.

(Rom. 14:17; Apoc. 14:1-12.)

Isto pede uma demonstração que inclui a parte espiritual, a mental e a física — o coração, a mente e o corpo.

Os escritos de Ellen G. White, como a própria Bíblia, tratam dessa tríplice reforma necessária a todos os homens em toda parte. Suas mensagens não fazem senão reforçar o plano da salvação, que é o tema das Escrituras e o único plano pelo qual os homens se podem salvar de uma vida de pecado, e preparar-se para uma existência reta no pensar e no proceder.

Neste capítulo particular consideramos a mensagem quanto à saúde, tal como é apresentada nos escritos de Ellen G. White, e assim fazendo, desejamos acentuar que as instruções nesse assunto são abundantes e esparsas por todo o campo dos seus escritos. Torna-se portanto necessário ler extensivamente antes de a pessoa estar habilitada a dizer: "Isto é o que a Sra. White ensina quanto a este aspecto da todo-abrangente questão da saúde." Este capítulo apenas introduz o assunto, abre-o a estudos mais pormenorizados, e indica alguns perigos e precipícios em que alguns dentre nosso povo estão sujeitos a cair.

Mais uma vez devemos tomar nossa atitude ao lado da Sra. White, e não ir a extremos em qualquer direção. Muitas pessoas se voltam contra a igreja remanescente devido ao desavisado e não garantido emprego de sentenças e parágrafos tirados de seu contexto.

Uso de muita circunspecção neste sentido, e dir-vos-ei porquê. Em 1910, quando a verdade chegou

a minha família, eu era ainda menino, porém muito interessado em tudo quanto ouvia de um bom irmão leigo que estava fazendo trabalho missionário. Íamos muito bem na aceitação das mensagens que ele nos estava dando semanalmente. Justamente quando estávamos chegando ao ponto da decisão, veio à nossa cidadezinha uma senhora muito bem-intencionada. Ela era tão zelosa e tão sincera, que todos a recebiam, porém faltava-lhe tato e compreensão.

Levou a sério ir à nossa casa exatamente na hora das refeições — fosse o desjejum, fosse o almoço ou o jantar. Não ia todos os dias, porém cada visita que fazia, era à hora da comida — não uma hora antes, nem uma hora depois, mas justo a tempo de ser convidada para tomar parte na mesa com a família. E, naturalmente, uma vez que éramos bons holandeses da Pensilvânia, nossa mesa apresentava os apetecíveis pratos do sul da Pensilvânia. Esta senhora nunca recusou sentar-se conosco e comer.

Ao nos acharmos como família, sentados à volta da mesa, costumávamos dar graças a Deus pelo alimento e pedir-Lhe a bênção para ele. Então ela olhava ao que estava sobre a mesa, e dizia muito séria: “Aquilo não devia estar na mesa de um bom adventista do sétimo dia. Nenhum adventista do sétimo dia deve comer aquilo! Isto certamente não é próprio. Irmã, se a senhora começa a ser uma adventista e come coisas assim, nunca irá para o Céu!” Assim passava ela todo o tempo da refeição a criticar tudo quanto estava na mesa. Prezados amigos, isto não é correto nem apropriado. Minha mãe ficava muito ansiosa e preocupada durante cada uma daquelas ocasiões. O resultado foi que toda a família, com exceção de Mamãe e minha irmã mais velha e eu, se voltou contra a verdade. Não fomos capazes de vencer o preconceito assim criado

por aquela senhora bem-intencionada, porém imprudente e sem tato.

Irmãos e irmãs da igreja, precisamos aprender como devemos empregar os Testemunhos, e devemos saber onde e quando empregá-los. Podemos pôr outros contra esta verdade e endurecer-lhes o coração com o fazer indevido uso deles. Penso que é coisa muito séria, pois por causa dessa experiência de há mais de quarenta anos, minha família ainda hoje não pode ser atingida pela verdade. Ela os pôs contra a verdade. Falo muito seriamente e com muita sinceridade em virtude de uma experiência pessoal na família. Eu aceitei a verdade a despeito do que fez a irmã, não por causa do que ela fez ou disse. Não posso acentuar demasiadamente isto. Ellen G. White nunca haveria usado tal método. Digo-o confiantemente. Tampouco o devemos nós fazer. Cumpre-nos aprender o devido emprego dos Testemunhos, e lembrar que foram escritos primeiramente para nós, individualmente.

Mais ou menos um anos atrás, eu me achava em uma reunião campal, e um bom irmão veio correndo para mim um dia. Disse:

— Pastor Rebok, o senhor toma três refeições por dia?

— Sim, irmão — respondi. — Tomo três refeições por dia, quando as posso obter.

Ao que ele replicou:

— O senhor nunca entrará no reino do Céu se comer mais de duas refeições por dia.

— Bem — objetei — não estou tão certo disso. Onde arranjou tal idéia?

— Ora — disse ele — nos Testemunhos. A Sra. White o escreveu.

— Não me pode dizer exatamente onde isso está? — perguntei. — Gostaria de ler.

Ele hesitou e tartamudeou:

— Bem... mas... Irmão, não posso lembrar o livro, nem o capítulo, nem a página, porém está lá. Se o senhor come mais de duas refeições ao dia, nunca vai entrar no reino do Céu!

— Bem — disse eu — penso que posso ler para o senhor o que a Sra. White escreveu sobre o assunto.

Estávamos bem perto da tenda dos livros, de modo que fomos lá. Apanhei um volume intitulado *Medicina e Salvação*, e procurei a página 284. Eis o que li:

— “É claro que duas refeições ao dia é melhor do que três.”

— Então! — exclamou ele — é claro que é isto. Agora isto mostra ao irmão que o que eu disse é certo. E ainda o senhor come três refeições ao dia?

— Sim, senhor — disse eu.

Ele respondeu um tanto triunfante:

— Irmão, seu nome é apagado da página. Não há absolutamente esperança para o senhor!

Olhei-o então, e disse muito calmamente:

— Mas escute o resto do parágrafo: “Eu creio assim e o pratico, mas não tenho um ‘Assim diz o Senhor’ que seja errado que alguns tomem a terceira refeição.”

— Irmão, isto me diz respeito a mim — sorri eu.

— Porém ainda não é tudo. Escute o resto do parágrafo: “Não devemos ser como os fariseus, amarrados por regras e regulamentos fixos.”

Sua fisionomia mudou. E disse:

— Irmão, isto está aí?

— Não somente isto — repliquei. — Permita-me ler um pouco mais: “A Palavra de Deus não especificou horas fixas em que o alimento deva ser tomado. Devemos ser cuidadosos para não fazer leis como as dos fariseus, ou ensinar como doutrinas os mandamentos dos homens. Sejam os vossos regulamentos tão coerentes que apelem à razão mesmo”

dos que não foram educados para ver todas as coisas com clareza."

Olhei para o pobre homem, e disse:

— Irmão, que tirou de toda a passagem?

— Bem — disse abanando a cabeça — não sei o que dizer a esse respeito. Fui ensinado que toda pessoa que come mais de duas refeições ao dia, não se pode salvar, e que o Senhor vai julgar todo indivíduo por quantas refeições ele tomar por dia; se come duas, será salvo; se come mais de duas, não se salvará.

Com dó e tristeza de coração, eu lhe disse:

— Irmão, está completamente errado. Este não é absolutamente o ensino.

Ele ficou muito perplexo, e quis saber mais a respeito.

— Quando eu voltar ao escritório em Washington — assegurei-lhe — reunirei todas as instruções que puder encontrar quanto a essa questão de duas refeições por dia, e enviar-lhe-ei uma cópia.

Voltei ao escritório das Publicações de Ellen G. White, e encontrei umas catorze páginas de matéria muito interessante só sobre esse assunto. Creio, irmãs, que é acertado e próprio que sejamos justos com todos ao tratar de tais questões. Devemos ser coerentes e bem equilibrados em nossas convicções e no promover tais idéias. Para aquele prezado irmão o número de refeições ingeridas por todo e qualquer membro da igreja era uma questão muito séria, e foi para mim um assunto muito sério quando ele me estava condenando às regiões mais baixas por causa da terceira refeição que eu tinha o hábito de tomar.

Sou de opinião que quando tratamos com algum assunto no Espírito de Profecia, não devemos ficar satisfeitos com uma palavra, uma sentença ou um parágrafo. Devemos ajuntar tudo o que é dito acer-

ca do assunto, e depois considerar todo conselho e instrução. Sem que assim tenhamos feito, não estamos habilitados a julgar ninguém nem coisa alguma — verdadeiramente, não estamos aptos a julgar nem a nós mesmos. Esse mal-avisado e infeliz modo de usar os escritos do Espírito de Profecia é tão sério, que quero acentuar isto uma e muitas vezes. Quando falamos com outros acerca dos ensinamentos do Espírito de Profecia, estejamos certos de saber o que ele diz e ensina.

Seja-me permitido apresentar apenas alguns parágrafos muito interessantes desta coleção de declarações quanto ao número de refeições que um adventista do sétimo dia deve tomar diariamente.

“*Na maioria dos casos duas refeições ao dia são preferíveis a três. O jantar, quando muito cedo, incompatibiliza-se com a digestão da refeição prévia. Sendo mais tarde, não é digerido antes da hora de deitar. Assim o estômago deixa de conseguir o devido repouso. O sono é perturbado, cansam-se o cérebro e os nervos, é prejudicado o apetite para a refeição matutina, o organismo todo não se restaura, e não estará preparado para os deveres do dia.*” — *Educação*, pág. 205. (Grifo nosso.)

Isto parece na verdade muito razoável.

Leio outra vez no livro *A Ciência do Bom Viver*, à pág. 275:

“O costume de comer apenas duas vezes por dia, em geral, demonstra-se benéfico à saúde; todavia, *sob certas circunstâncias*, talvez algumas pessoas tenham necessidade de uma terceira refeição. Esta, porém, deve ser muito leve, e de comida de fácil digestão.” (Grifo nosso.)

Isto, também, parece muito razoável.

“*A maioria das pessoas goza melhor saúde tomando duas refeições ao dia, em vez de três; outras, sob as circunstâncias existentes, podem precisar de alguma comida na hora do jantar; mas esta refeição deve ser muito leve. Ninguém se julgue um*

critério para todos — que cada um tenha que proceder exatamente como ele.

“Nunca enganeis o estômago, levando-o a proceder diferentemente daquilo que a saúde requer, e nunca dele abuseis impondo-lhe uma carga que não deve levar. Cultivai o domínio próprio. Refreai o apetite; conservai-o sob o controle da razão.” — *Conselhos Sobre Saúde*, pág. 156. (Grifo nosso.)

Como vedes, o irmão andava com a idéia errônea de seu dever, e uma errada concepção da mensagem. A todos com quem se encontrava, dirigia a mesma pergunta: “Toma três refeições ao dia?” Naturalmente houve outros como eu, e ele lançou sobre todos a mesma condenação que atirou sobre mim. Isto, amigo, não é absolutamente o que diz a Sra. White.

Ela aconselha franca e positivamente: “Ninguém se julgue um critério para todos — que cada um tenha que proceder exatamente como ele.” Ora, gosto dessa instrução, e tenho tornado um hábito permitir a cada pessoa o assentar essas questões entre si mesmos e Deus. Fica inteiramente com a pessoa. Não me diz absolutamente respeito quantas refeições ela toma por dia. O que me importa, é verificar o que me assenta melhor, e fazer aquilo que me é melhor em minhas circunstâncias pessoais.

Para certificar-me de minha atitude nesta questão, aproximei-me de D. E. Robinson, que morou em casa da Sra. White por muitos anos, e perguntei-lhe: “Quantas refeições servia a Sra. White por dia em sua casa?” “Duas refeições por dia à mesa, e então ela dizia francamente a cada um: ‘Ora, se sentir necessidade de alguma coisa leve à noitinha, pode se sentir à vontade e ir à despensa ou à geladeira, e servir-se.’” E acrescentou: “E assim fiz sempre. Além disto, todos os outros naquela casa faziam o mesmo.”

A Sra. White comia apenas duas refeições, po-

rém não se empenhava em trabalho físico pesado. Sentia não necessitar daquele alimento extra, de modo que passava muito bem com suas duas refeições; porém nunca proibiu o resto de sua casa de comer a terceira. Ela dizia: "Se comerdes a terceira refeição, fazeis bem se tomardes uma refeição leve à noitinha." Este é meu costume, e sinto que passo muito bem com ele. Seja como for, gosto da maneira como dá seus conselhos e instruções, e sigo o plano que me parece de acordo com meus hábitos físicos, e satisfaz minha necessidade em manter boa saúde.

Eis outro interessante pedacinho de instrução vinda do volume IV dos *Testimonies*, págs. 501 e 502. Ao escrever esses testemunhos ela se referia ao irmão H ou irmão A ou irmão T, pois as instruções eram dirigidas a uma pessoa particular, e todavia poderia aplicar-se a outros em idêntica situação. É claro que a conduta do irmão H não havia sido o que deveria ter sido. A seu respeito, ela diz:

"Seus gostos e aversões são muito fortes, e ele não regeu seus próprios sentimentos pela razão. Irmão H, sua saúde está grandemente prejudicada pelo excesso no comer, e por comer a horas impróprias. Isto ocasiona uma limitação de sangue para o cérebro. A mente fica confusa, e não tendes o devido controle de vós mesmos. Pareceis como um homem cuja mente está desequilibrada. Tendes movimentos fortes, irritais-vos facilmente, e vedes as coisas sob aspecto exagerado e deturpado. Bastante exercício ao ar livre, e regime sóbrio, são essenciais a vossa saúde. Se sentis que deveis comer à noite, tomai um pouco de água fria, e sentir-vos-eis muito melhor pela manhã por não haver comido."

Como vedes, essa era uma instrução específica a um homem necessitado de tal conselho. Talvez haja uma porção de irmãos H ao redor do mundo. Quando os vejo amontoarem prato após prato, começo a cogitar se devo dizer alguma coisa, mas me refreio

pois isto não me pertence. Estou certo de que sabeis que comer em excesso é uma das maiores fraquezas entre os adventistas do sétimo dia em geral. Nossas mulheres aprenderam a preparar pratos tão deliciosos que a maioria de nós tende a comer demais. Mas não tomarei a meu cargo ir de um lado para outro dizendo quem está comendo demais e quem não está. Deus vos tem dado, a vós e a mim, igualmente, as mesmas instruções, e cada um de nós as pode ler.

Depara-se-me uma carta deveras interessante, escrita em 1901, sob o nº 145 de nosso arquivo. Encontra-se nela o seguinte parágrafo:

“Com respeito à questão do regime, esta questão deve ser tratada com tanta prudência que não dê a impressão de imposição. Deve ser mostrado que tomar duas refeições é muito melhor para a saúde do que três. *Não deve, porém, haver imposição autoritária. Ninguém ligado ao sanatório deve ser obrigado a adotar o sistema de duas refeições. É mais apropriada a persuasão do que a força.*” — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 177. (Grifo nosso.)

Isto foi também escrito a uma pessoa em determinada instituição, e por motivo bem específico. Há todavia nela uma admoestação a que fazemos bem em dar ouvidos.

Em 1902 a Sra. White escreveu uma carta, nº 200, na qual disse:

“Com respeito à terceira refeição, *não torneis compulsório o tomar apenas duas refeições. Alguns têm melhor saúde tomando três refeições leves, e quando se limitam a duas, sentem demais a mudança.*” — *Idem*, pág. 178.

Tive uma vez essa experiência, e cheguei à conclusão de que os que vivem com duas refeições por dia são em geral infelizes amostras da verdadeira

reforma de saúde entre nós como um povo. Comem mais em suas duas refeições do que a pessoa comum em três, moderadas.

Precisamos ser coerentes. Precisamos ser judiciosos. Precisamos viver de acordo com a razão. Se Ellen G. White foi alguma coisa, ela foi razoável, judiciosa e cuidou bem dos que a rodeavam.

Poderíamos ler muito mais a respeito desse assunto, porém há outros de muito maior importância. Uso-o apenas como exemplo de como nos podemos tornar extremistas em nossos pontos de vista e usar mal os escritos da serva do Senhor. Nenhum de nós quer fazer isto, estou certo.

A Sra. White descreve então outra classe, que em seu desejo de dar um bom exemplo, vão para o extremo oposto. A seu respeito, ela diz:

“Alguns não podem obter os alimentos mais desejáveis, e em lugar de usar aqueles que melhor lhes supririam a falta, *adotam regime pobre*. Sua alimentação não fornece os elementos necessários para formar um bom sangue. A saúde sofre, é prejudicada a utilidade, e seu exemplo testifica mais contra a reforma dietética do que em seu favor.

“Outros pensam que, uma vez que a saúde requer regime simples, pouca atenção precisa ser dispensada à seleção ou preparo do alimento. Alguns se restringem a uma alimentação bem escassa, não tendo a variedade suficiente para suprir as necessidades do organismo, e em consequência, sofrem.” — Ellen G. White, em *A Ciência do Bom Viver*, pág. 318. (Grifo nosso).

Estive há vários anos num lar em que havia uma espécie de máquina de misturar. A alface ia para dentro — o repolho, as cenouras, os tomates, as batatas, quase tudo quanto possais imaginar, tudo ia para dentro — e tudo cru. Dali saía uma espécie de líquido espesso. A senhora tomou um copo da mistura, e passando-o para mim, disse: “Aqui está seu almoço.” Eu o tomei juntamente com o resto da família.

Ellen G. White nunca empregou tais métodos em sua casa. As pessoas que moraram com ela por anos, falam da mesa abundante e atrativa de bem escolhidos e bem preparados alimentos. Havia sempre abundância para todos. Não, meus irmãos e irmãs, a reforma de saúde não exige que nos tornemos extremistas em coisa alguma. Ela espera que sejamos pessoas boas, sensatas, aptas para raciocinar de causa para efeito, prontas a escolher o que é saudável, e a rejeitar o que é nocivo.

Dos exemplos citados até aqui, torna-se claro que devemos ler tudo quanto a Sra. White escreveu sobre qualquer aspecto da reforma de saúde antes de estarmos habilitados a falar com autoridade quanto ao que ela ensinou exatamente ou advogou. Isto se torna mais claro à medida que lidamos com questões como o uso de ovos, leite, manteiga, queijo, carne e coisas semelhantes.

É alto tempo de enfrentarmos esses problemas e lidarmos franca e justamente com eles, de maneira a fazer justiça a uma pessoa que é tantas vezes citada, interpretada e compreendida erroneamente. Repito que em todas essas questões precisamos tomar atitude correta ao seu lado, dando a devida consideração a toda declaração, não indo para nenhum extremo, não correndo adiante dela, nem indo tão atrás que não lhe acompanhemos o passo.

Para nos certificarmos de nossa posição em todos esses discutidos assuntos, qualifiquemos suas instruções em três grupos: primeiro, as instruções que apresentam o ideal, aquilo que é melhor, mais positivo, mais estrito — o altamente desejável; segundo, as instruções que reconhecem as exceções, as emergências, as condições que não toleram o ideal, o perfeito, e que exigem um melhor secundário — o melhor que uma pessoa pode fazer sob as circunstâncias existentes; terceiro, aquelas declarações que

parecem ser um resumo ou conclusão de toda a matéria.

Quanto ao meu espírito, isto é uma maneira justa, razoável e judiciosa de abordar essas questões que se estão agora demonstrando perturbadoras e desconcertantes para alguns, e se tornando mesmo obstáculos e pedras de tropeço para outros. Quando todas as instruções acerca de qualquer tópico são estudadas, verifica-se que Ellen G. White apresenta o que precisa ser reconhecido com uma solução ou exposição bem equilibrada, razoável, altamente satisfatória.

Meu apelo a todos os adventistas do sétimo dia de toda parte, é que façamos justamente uma aproximação sadia e sensata, quanto a todos os conselhos e instruções contidos nos escritos de Ellen G. White. Assumindo por essa forma nossa posição ao seu lado, podemos e devemos estar corretos em nossa interpretação, devendo redundar em harmonia de pensamento e ação.

Apliquemos primeiro este princípio à questão relativa ao uso de ovos. Do volume II dos *Testimonies*, pág. 400, lemos:

“Não devem ser postos ovos em vossa mesa.”

Sem dar atenção ao contexto desta declaração, parece que ela abrange tudo, e tem uma finalidade que se acha além de transigência. E alguns dentre nosso povo dizem: “Portanto não comais ovos.”

Naquele segundo grupo de declarações que qualificam, leio isto:

“É verdade que pessoas de físico forte e em quem as paixões são vigorosas, precisam evitar o uso de comidas estimulantes. Especialmente nas famílias de crianças dadas a hábitos sensuais, os ovos não devem ser usados.” — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 320.

Ora isto dá uma idéia bem diversa do assunto. A primeira sentença disse: “Não devem ser postos ovos em vossa mesa.” Continuemos:

“Mas no caso de pessoas cujos órgãos produtores de sangue são fracos — especialmente se não se podem obter outros alimentos que forneçam os elementos necessários — leite e ovos não deviam ser de todo abandonados. Grande cuidado, no entanto, deve ser exercido para que o leite seja de vacas sãs, e da mesma maneira os ovos venham de aves sadias e bem alimentadas e cuidadas.” — *Ibidem*. (Grifo nosso.)

Volvemos agora para o volume 3 dos *Test. Sel.*, pág. 362, em busca da declaração final e resumida da Sra. White acerca de ovos:

“Posto que se tenha advertido contra o perigo de contrair enfermidades pelo uso de manteiga e contra os males provenientes do uso abundante de ovos por parte das crianças, não devemos considerar violação do princípio, usar ovos de galinhas bem tratadas e convenientemente alimentadas. Os ovos contêm propriedades que são agentes medicianis neutralizantes de certos venenos.” (Grifo nosso.)

Imaginemos que eu me detivesse na primeira sentença. Imaginemos que me detivesse nas duas primeiras. Não estaria então atendendo com justiça ao ensino do espírito de Profecia acerca desse assunto. Quer dizer que preciso ter todos os dados diante de mim a fim de compreender o significado e o sentido das instruções dadas.

Irmãos e irmãs, apelo para vós uma vez mais. Certifiquemo-nos de possuir todos os dados, todo o corpo de instruções, antes de proferirmos um juízo sobre alguém. Parece-me que devemos ser muitíssimo cuidadosos no uso dos escritos do Espírito de Profecia pela maneira por que Ellen G. White pretendia que fossem empregados.

Francamente, qual era a situação que deu lugar à declaração positiva da página 400 do volume 2? Um irmão e sua esposa estavam tendo dificuldade com os filhos. Estes tinham certos hábitos reprová-

veis, que lhes afetavam à saúde e a mentalidade. A Sra. White mandou-lhes um testemunho que encontramos no volume 2 dos *Testimonies*. O capítulo em que se encontra essa referida sentença, intitula-se "Sensualidade nos jovens". Aí encontrareis todo o quadro, e a razão para essa sentença, que tantos de nosso povo isolam de seu contexto. Empregam-na como base para todos, para toda parte, e declaram que o comer ovos é errado. Como vedes, precisais ler o capítulo todo, começando com a página 390, a fim de obter o quadro em sua clareza.

Mais que isto, deveis ler a pág. 390 de *A Ciência do Bom Viver*, o capítulo 9 dos *Testimonies*, e de fato, tudo quanto tem que ver com ovos, antes de começar a dizer a alguém o que deve fazer quanto a esse alimento.

O Dr. Daniel Kress, na Austrália, lá por 1900 e 1901, era mui cuidadoso observador da reforma de saúde, e em todos os sentidos, um belo e real cavaleiro cristão. Adotara, porém, um ponto de vista extremado quanto à reforma de saúde, caindo assim numa séria anemia. O Dr. Kress ia decaindo muito rapidamente, e suas perspectivas de vida iam-se tornando um tanto incertas. A Sra. White, que se achava na Califórnia, recebeu uma visão em que lhe foi revelado o estado do Dr. Kress, e as razões de sua saúde desequilibrada. Naturalmente, ele não usava carne, porém abandonara também os ovos, o leite, a manteiga e o queijo. Em visão, foi mostrado à Sra. White que ele devia voltar aos produtos de leite, e usar ovo cru em suco de uvas todo dia, pois isto lhe salvaria a vida. Ao contar a história, o Dr. Kress disse que ficara de todo surpreendido ante tal instrução da parte da Sra. White. Seguiu o conselho, desviando-se de sua extremada interpretação da reforma de saúde, e recuperou a saúde. Serviu à causa de Deus por cerca de cinquenta anos depois

disto, e ao ser isto escrito ainda vive, com bem mais de noventa anos de idade.

Eu disse anteriormente que Ellen G. White era muito judiciosa, e ela gostaria que assim o fôssemos também.

Voltemo-nos para outro problema de alimentação, e demos uma vista de olhos às instruções quanto aos produtos lácteos — leite, nata, e manteiga. Aqui também, há uma questão que aflige muitos dentre nosso povo. Mais uma vez devemos tomar nossa posição ao lado de Ellen G. White, caso queiramos compreender e representar devidamente seus pontos de vista quanto ao assunto.

Começo com as declarações sem reservas:

“A luz que me foi dada é que não tardará muito a que tenhamos de abandonar qualquer alimento animal. Mesmo o leite terá que ser deixado. Acumula-se rapidamente a doença. A maldição de Deus se acha sobre a Terra.” — *Australasian Union Conference Record*, 28 de julho de 1899, citado em *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 357.

“Diga-se-lhes que breve virá o tempo em que não haverá segurança no uso de ovos, leite, nata e manteiga, por motivo de as doenças nos animais estarem aumentando na mesma proporção do aumento da impiedade entre os homens.” — *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 138. (Publicado em 1902.)

As doenças entre os animais são a razão dada para estas declarações. A contaminação da fonte, e o método do manuseio, pareceria justificar o deixarem-se os produtos lácteos como alimento. Antes de chegar a uma conclusão, entretanto, voltamo-nos para as autorizadas instruções, e devemos dar-lhes consideração, porque elas também vieram da pena da Sra. White:

“Deus proveu o homem com abundantes meios para a satisfação de apetite não pervertido. Diante dele o Senhor espalhou os produtos da terra, uma generosa variedade de alimentos saudáveis ao gosto e nutritivos para o organismo. Dele diz nosso

benevolente Pai celestial que podemos comer livremente. Frutas, cereais e verduras, preparadas de maneira simples, isentos de condimento e de gordura de qualquer espécie, juntamente com leite ou nata fazem o mais saudável regime. Comunicam nutrimento ao corpo, e dão capacidade de resistência e vigor de intelecto que não são produzidos por regime estimulante.” — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 92. (Grifo nosso.)

Lemos mais adiante:

“Pode vir o tempo em que não seja seguro usar leite. Se, porém, as vacas são sadias e o leite cabalmente fervido, não há necessidade de criar antecipadamente um tempo de angústia.”
— *Idem*, pág. 357. (Grifo nosso.)

“Quanto a mim, assentei a questão da manteiga. Não a uso. *Esta questão deve ser facilmente assentada em todo lugar em que não se pode conseguir o artigo mais puro.* Temos duas boas vacas de leite, uma Jersey e uma Holstein. *Usamos nata, e todos estamos satisfeitos com isto.*” — *Idem*, pág. 351. (Grifo nosso.)

Foi em 1909, numa sessão da Associação Geral, que Ellen G. White pregou poderoso sermão sobre a reforma de saúde. Esse sermão aparece agora no volume 9 dos *Testimonies*, e eu o considero uma espécie de resumo de seus ensinamentos quanto a esse importante assunto. Todo adventista do sétimo dia faria bem em o ler e analisar. Dele tiramos várias declarações:

“Cumpra preparar o alimento de modo a ser não só apetitoso, como substancial... Os vegetais devem tornar-se saborosos com um pouco de leite, nata, ou algo equivalente. ... Abstendo-se de ovos, leite e manteiga, alguns deixaram de prover ao organismo o alimento necessário e, em conseqüência, se incapacitaram para o trabalho. Destarte a reforma de saúde perde o seu prestígio...”

“Tempo virá em que talvez tenhamos que deixar alguns dos artigos de que se compõe o nosso atual regime, tais como leite, nata, e ovos, mas não é necessário provocar perplexidades para nós mesmos com restrições exageradas e prematuras. *Esperai*

até que as circunstâncias o exijam e o Senhor prepare caminho para isso.” — *Test. Seletos*, vol. 3, pág. 362. (Grifo nosso.)

Alguns anos antes, ela escreveu:

“Leite, ovos e manteiga não devem ser classificados como alimento cárneo. Nalguns casos o uso de ovos é proveitoso. Não chegou ainda o tempo de dizer que deva ser inteiramente abandonado o uso de leite e ovos. Famílias pobres existem, cuja alimentação consiste grandemente em pão e leite. Usam pouca fruta e não podem comprar alimentos como nozes. *No ensino da reforma do regime alimentar, como em todo outro ramo do evangelho, devemos considerar as pessoas em sua verdadeira situação. Até que possamos ensiná-las a preparar alimento saudável que seja apetitoso, nutritivo, e ao mesmo tempo econômico, não temos a liberdade de apresentar-lhes as sugestões mais avançadas referentes à reforma alimentar.*” — *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 138. (Grifo nosso.)

Quando a mensagem da reforma de saúde é assim estudada, o dever e a responsabilidade se tornam visíveis a cada um. Não há necessidade nem base para idéias extremadas, fanatismos estreitos, restrições farisaicas, ou salvação pelas obras.

Raramente viajamos por qualquer parte do mundo hoje, e falamos a respeito do Espírito de Profecia, sem que alguma pessoa diga: “Ora, diga-nos tudo acerca da carne. Que tinha a Sra. White na verdade que dizer quanto a comer alimentos cárneos?”

É uma boa pergunta. Inclino-me a pensar que algumas pessoas se preocupam mais com isto do que convinha. Dá-me a impressão de que a questão alimentar é uma grande cruz para muitos de nosso povo, pois falam e se irritam tanto por causa disto. Quando minha mãe, minha irmã e eu nos tornamos adventistas em 1910, e aprendemos que a carne não fazia parte da alimentação adventista, pusemo-la imediatamente fora de casa, e de nossa vida. Nossa família costumava comer qualquer espécie de ali-

mento cárneo três vezes ao dia — no desjejum, no almoço e no jantar — e todavia ela foi retirada de nosso regime imediatamente. Não compreendíamos todas as razões porquê. Foi-nos simplesmente dito que não a devíamos comer. Não tomei tempo para ler todas as instruções por mim, mas quando nos disseram que ela não fazia parte da vida de um adventista do sétimo dia, riscamo-la, juntamente com tudo quanto era objetável.

Morávamos vizinhos do gerente do cinema. Ele tinha dois filhinhos, e queria que eles assistissem aos filmes todas as noites, de modo que eu os levava, e não pagava um centavo durante os anos em que morávamos ao lado daquela gente. Todavia, ao chegar até mim esta verdade, e eu verificar que o cinema não se enquadra na vida de um adventista do sétimo dia, acabei imediatamente com isto. Assim, uma coisa após outra foi abandonada, e não acho que saí perdendo por haver abandonado qualquer delas. Efetivamente elas não têm parte nem lugar em minha feliz vida cristã. Deus não nos pede que abandonemos coisa alguma que seja boa para nós. Só nos pede que deixemos aquilo que nos é nocivo. Assim, uma após outra, todas essas coisas desapareceram prontamente de nossa vida e nossa mesa, até que pensamos estar vivendo em harmonia com os ensinamentos de Deus.

A parte triste de minha experiência é que, depois de haver abandonado tanto, tornei-me realmente culpado no que respeita à verdadeira reforma de saúde, porém de maneira diferente — talvez diferente de qualquer coisa que tenhais ouvido ou feito. A despeito de haver deixado todas essas coisas — chá, café e carne e tudo o mais tornei-me culpado em outros assuntos igualmente importantes na plena mensagem da reforma de saúde.

Por uma razão ou outra, não sei porque, julguei ser meu dever levantar-me às três horas da manhã e

começar meu dia de trabalho. Achava que tinha tanto que fazer, e tão pouco tempo para fazê-lo, que precisava começar às três da madrugada. Durante anos, o fiz conscienciosamente, e trabalhei como escravo o dia todo por pensar que assim devia ser feito.

Como bom e consciencioso adventista do sétimo dia, pensava ser meu dever trabalhar mais duramente que qualquer outro, mas quando desposi uma jovem que não gostava daquele levantar tão cedo, mudei de hábito e passei a levantar-me às quatro e meia. Durante todos os meus vinte e três anos de trabalho na China, meu dia começava às quatro e meia ou às cinco, e findava por volta das onze.

Então, para tornar as coisa ainda piores, cheguei a pensar que devia me preocupar com todo o mundo dentro do terreno da escola. Tornei-me uma espécie de ansioso oficial por todos, e com essa espécie de programa — de pé às quatro e meia ou às cinco, na cama às onze da noite, e me preocupando com os problemas de todos entre as onze e as quatro da manhã — não tardou a que meu estômago fracassasse, e sofri por oito anos.

Ninguém me disse nunca que eu era um infeliz exemplo da reforma de saúde. Vivi simplesmente aquela espécie de vida. Nunca pensei em tomar tempo para repouso, para relaxar a tensão, para umas férias. Efetivamente, umas férias ou um feriado, eram para mim um desperdício de tempo e um terrível aborrecimento. Eu simplesmente não o podia suportar. Tinha de ter o que fazer cada minuto, do contrário me sentia o mais miserável dos homens. Sem uma licença para as montanhas, sem qualquer coisa semelhante, de 1917 a 1940, era um bom candidato para a volta permanente aos Estados Unidos, e para lá me mandaram com minha família.

Ao chegar nos Estados Unidos da América em junho de 1940, fui para nosso hospital, o White Memo-

rial Hospital, e paguei quantidade de dinheiro pelo raio X e todos os exames regulares e especiais, mas não fiquei muito impressionado com o que os médicos disseram. Para ser sincero, não dei muita atenção a isso, mas continuei indo até o outono de 1940, quando cheguei ao ponto em que não podia mais ficar ereto. Sofrendo contínuas dores no abdômen, tinha de andar curvado como velho, tendo afinal de ir para o médico.

Desta vez fui a um médico não adventista, porém especialista em medicina interna e professor da Universidade do Colégio Médico George Washington. Ele me examinou, e disse:

— Bem, Sr. Rebok, então o senhor é adventista do sétimo dia! Não crê em Deus? Não ora?

Um tanto perplexo e um bocadinho envergonhado, eu disse: — Certamente.

— Mas o senhor não pensa que Deus ouve as suas orações? — indagou ele.

— Bem — murmurei — penso que sim.

Ao que ele replicou com seriedade:

— O senhor, porém não procede em harmonia com isto. Não estaria nas condições em que está hoje, se acreditasse em Deus, e soubesse orar e trabalhar.

Lembrai-vos de que ele não era adventista do sétimo dia.

Depois, ele disse:

— Ora, sei naturalmente que no regime que lhe vou dar, o senhor prefere que não haja carne.

— É verdade — concordei — se me for possível obter um regime perfeitamente equilibrado sem ela.

Ele me assegurou que eu podia ter uma dieta perfeita sem carne, e prosseguiu a dar-me a mais simples qualidade de regime que era possível imaginar. Foi mais adiante, prescreveu:

— O senhor deve ficar na cama até às seis horas da manhã. Deve ir para a cama antes das dez da

noite. Precisa deitar-se para repouso por vinte minutos ao meio-dia ao voltar de seu trabalho, antes de comer.

Disse-me que eu devia fazer isto e aquilo, até que me deu um completo programa de atividade, e uma dieta simples e equilibrada para viver.

Ela se aproximava muito do que acho descrito nos livros de Ellen G. White. Nada de bolos, nada de tortas, nada de açúcar, nem doces de qualquer espécie. Nenhuma carne, nem condimentos — nada disto. Ele disse:

— Naturalmente, sei que não há necessidade de falar-lhe acerca do fumo e de bebida. Sei que não os usa. Se o fizesse, eles também teriam de sair.

Quando tudo fora dito e feito, ele me deu o programa pelo qual devia viver por dois anos.

Havendo eu seguido fielmente esse programa sem me desviar em qualquer sentido, por mais de um ano, disse:

— Acaso o senhor já leu nossos livros adventistas quanto à saúde?

— Não, nunca os vi — respondeu o médico.

— Bem — disse eu — o que o senhor me deu para comer, e o programa diário em que me pôs, corresponde muito de perto ao modelo apresentado em nossos livros, do que qualquer coisa que eu já visse.

Ao fim de dois anos eu estava completamente restabelecido, e não tive desde então nenhuma recaída daquele mal.

Qual foi a causa de toda a minha dificuldade? Em primeiro lugar, eu não sabia a maneira por que devia trabalhar. Em segundo lugar, não sabia como relaxar a tensão. Terceiro, não sabia a maneira de ter o devido exercício físico que na verdade me restauraria e revigoraria o corpo. Não tinha nenhuma questão no que respeita à comida, mas devo reconhecer que raramente pensei se é que o fiz nos oito fatores existentes na completa mensagem de saúde, e especialmente o oita-

vo, que é “confiança no poder divino”. De um modo ou de outro, eu simplesmente tomara isto como certo, mas precisamos estar mais apercebidos da presença e do poder de Deus em nossa vida diária.

Vivendo com aquele simples programa de trabalho e exercício e repouso, com a mais simples espécie de alimento nas mais singelas combinações, verifiquei que podia viver feliz, e manter-me perfeitamente bem. Tudo aquilo estava nos livros desde que eu aceitara a verdade em 1910, porém digo-vos sinceramente, amigos, a maioria de nós permite que tudo isso fique nos livros, sem atenção, e certamente é raro que o cumpramos em todos os pormenores.

Estou convencido de que o Senhor nos deu, por intermédio da Sra. White, um programa de saúde que inclui todos os aspectos do viver saudável. Achá-lo-eis declarado em uma sentença que se encontra à página 104 do livro *A Ciência do Bom Viver*. Desejaria que a decorásseis. Caso não seja decorada, lembrai-vos então onde está. “Ar puro, luz solar, abstinência, repouso, exercício, regime conveniente, uso de água e confiança no poder divino — eis os verdadeiros remédios.” Nossa mensagem de saúde encerra-se nessa sentença, e ela inclui todos os oito aspectos do viver, e não apenas um. Podemos ser sempre muito cuidadosos quanto ao que comemos, mas se faltamos no tocante aos outros sete fatores essenciais, que são de igual importância, não estaremos vivendo a verdadeira reforma de saúde. De modo que apelo a vós agora, para que aprendais o que a reforma de saúde na verdade significa e tudo quanto nela se acha incluído.

Chegamos agora à questão dos alimentos cárneos. Pergunta alguém: “Pode o senhor provar pela Bíblia que não se deve comer carne?” Minha resposta é: “Não, não podemos provar pela Bíblia. Esta apenas nos torna clara a dieta que Deus proveu

originalmente para o homem, e nisto vemos o plano de Deus, Sua intenção. Sob certas circunstâncias, Ele permitiu o uso de alimentos cárneos.” Portanto eu nunca me sirvo da Bíblia para provar que não devo comer carne. Meu apelo é ao desígnio original de Deus, aos fatos da Ciência, e a que a doença entre os animais é tão dominante, e que o preparo e a maneira de vender-se a carne bovina, bem como o peixe, são tão incertas, que fazemos bem em procurar mais segura fonte de alimentação. ✦

Leio em *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*:

“Repetidamente tem-se-me mostrado que Deus está trazendo de volta o Seu povo ao Seu desígnio original, isto é, que ele não dependa da carne de animais mortos. Ele gostaria que ensinásemos ao povo um caminho melhor...”

“Se a carne for abandonada, se o gosto não for estimulado nessa direção, se a apreciação por frutas e cereais for encorajada, logo será como Deus no início desejou que fosse. Nenhuma carne será usada por Seu povo.” — Pág. 82. (Grifo nosso.)

“Verduras, frutas e cereais, devem constituir nosso regime. Nem um grama de carne deve entrar em nosso estômago. O comer carne não é natural. Devemos voltar ao desígnio original de Deus ao criar o homem.” — Pág. 380. (Grifo nosso.)

Lendo mais adiante, encontramos estas palavras:

“Entre os que estão aguardando a vinda do Senhor, o comer carne será afinal abandonado; a carne deixará de fazer parte de sua alimentação. Devemos ter sempre isto em vista, e esforçarmos por trabalhar firmemente nessa direção. Não posso pensar que estejamos em harmonia com a luz que Deus tem sido servido de nos dar, nessa prática de comer carne.”

Lemos ainda a seguinte admoestação:

“Há pessoas que devem ser despertadas para o perigo de comer carne de animais, pondo assim em risco a saúde física, mental e espiritual. Muitos que são agora só meio convertidos

quanto à questão de comer carne, sairão do povo de Deus, para não mais andar com ele." — *Idem*, pág. 382.

"Não é tempo de que todos visem dispensar a carne da alimentação? Como podem aqueles que estão buscando tornar-se puros, refinados e santos a fim de poderem fruir a companhia dos anjos celestes, continuar a usar como alimento qualquer coisa que exerça tão nocivo efeito na alma e no corpo?" — *Idem*, pág. 380.

"É para o bem deles próprios que o Senhor aconselha a igreja remanescente a rejeitar o uso de alimentos cárneos, chá, café e outros alimentos nocivos. Há quantidade de outras coisas de que nos podemos alimentar, as quais são benéficas e boas." — *Idem*, pág. 381.

Assim se torna claro a todos que Deus quer que Seu povo tenha regime alimentar o mais próximo possível do regime original. As vantagens e bênçãos são claramente delineadas. Devemos, o quanto possível, viver pelo ideal, o melhor.

Aos que são absolutamente corretos e não levados pelas inclinações nessa questão de comer carne, devemos apresentar também as passagens que reconhecem as emergências, casos e situações especiais. Estas são conhecidas por alguns, e freqüentemente empregadas como justificação para o uso da carne mesmo quando há abundância de outros alimentos à disposição. Apresentamo-las a fim de termos o quadro completo diante de nós e sermos habilitados a chegar a conclusões certas.

Os compiladores do livro *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, fizeram à página 481 uma lista de alguns princípios que serviam de guia a Ellen G. White em seus hábitos dietéticos:

"Primeiro: 'A reforma dietética deve ser progressiva.' ...

"Segundo: 'Não indicamos nenhuma linha precisa a ser seguida em regime.' ...

"Terceiro: 'Não me ponho como critério para os outros.'"

A Sra. White escreveu a respeito de sua própria experiência:

“Aceitei a luz quanto à reforma de saúde ao ser-me ela comunicada. Tem sido grande bênção para mim. Tenho hoje melhor saúde, não obstante achar-me com setenta e seis anos de idade, do que tinha em meus tempos juvenis. Dou graças a Deus pelos princípios da reforma de saúde.” — *Idem*, pág. 482.

“Veio-me luz, mostrando o dano que homens e mulheres estavam causando às faculdades mentais, morais e físicas pelo uso da carne. Foi-me mostrado que toda a estrutura humana é afetada por esse regime, que por ele o homem fortalece as propensões animais e o desejo de bebidas alcoólicas.

“Cortei imediatamente a carne de meu cardápio. Depois disto fui por vezes colocada em situações em que me senti compelida a comer um pouco de carne.” — *Idem*, pág. 487. (Grifo nosso.)

Os compiladores acrescentam essa referência explicativa:

“[Compelida por vezes a comer um pouco de carne quando não havia à disposição outro alimento. — Pág. 699].”

À página 394 encontramos este parágrafo, nº 699:

“Onde é possível obter bastante leite, raro há uma desculpa para comer alimento animal; não é necessário tirar a vida de qualquer das criaturas de Deus para suprir nossas necessidades comuns. Em certos casos de doença ou exaustão, poderá ser considerado melhor usar alguma carne, mas grande cuidado deve ser tomado para adquirir carne de animais sadios. Tem chegado a ser questão muito séria se é seguro usar de algum modo alimento cárneo nesta época do mundo. Melhor nunca usar carne, do que usar a carne de animais que não sejam sadios. Quando não me foi possível obter o alimento de que necessitava, comi um pouco de carne algumas vezes, mas estou ficando cada vez mais atemorizada de fazê-la.” (Grifo nosso.)

Há outro parágrafo escrito em 1894, que lança alguma luz quanto a possíveis exceções à regra geral que a Sra. White estabelece como boa para os adventistas do sétimo dia:

“Alguns pensam sinceramente que o regime apropriado consiste principalmente em mingaus. Comer principalmente mingau

não promoveria saúde aos órgãos digestivos; pois se constitui demasiado de líquidos. Estimulem o comer frutas e verduras e pão. O regime cárneo não é o mais sã, e todavia eu não tomaria a atitude de que ele deva ser rejeitado por toda pessoa. Os que têm órgãos digestivos fracos, podem muitas vezes comer carne, quando não lhes é possível ingerir verduras, frutas e mingaus. Se quisermos conservar a melhor saúde, devemos evitar comer verduras e frutas na mesma refeição. Caso o estômago seja fraco, haverá perturbação, o cérebro ficará confuso, e incapaz de exercer esforço mental. Comam-se frutas em uma refeição e verduras na seguinte. ... — *Idem*, págs. 394 e 395.

Como sumário dos princípios e conselhos dados em 1909, lemos:

“Se pudéssemos auferir qualquer benefício da condescendência com o desejo de alimentos cárneos, eu não vos faria este apelo. Mas sei que tal não se dá. A alimentação cárnea é prejudicial ao bem-estar físico e devemos aprender a passar sem ela. Os que estão em condições de seguir o regime vegetariano, mas atêm-se às suas preferências, comendo e bebendo o que lhes apraz, e pouco a pouco se tornarão descuidosos das instruções que o Senhor lhes deu no tocante às outras verdades e serão por fim incapazes de discernir estas, colhendo o que semearam.” — *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 357.

“Não estabelecemos regra alguma para ser seguida no regime alimentar, mas dizemos que nos países onde abundam as frutas, cereais e nozes, os alimentos cárneos não constituem alimentação para o povo de Deus.” — *Idem*, pág. 359. (Grifo nosso.)

“Não nos compete fazer do uso da alimentação cárnea uma prova de comunhão; devemos, porém, considerar a influência que crentes professos, que fazem uso de carne, têm sobre outras pessoas. Como mensageiros de Deus, não devemos testemunhar ao povo: ‘Quer comais, quer bebais ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus?’ ... O comer e o beber impróprios resultam num pensar e agir impróprios também.” — *Testemunhos Seletos*, vol. 3, págs. 359 e 360.

Em várias ocasiões a Sra. White deu conselhos quanto ao cuidado que deve ser exercido em levar o povo a mudar seus hábitos dietéticos. Notai:

“Entre o povo em geral [na Austrália], a carne é usada largamente, por todas as classes. É o artigo de alimentação mais barato; e mesmo onde a pobreza impera encontra-se em geral a

carne sobre a mesa. Por isso, tanto maior a necessidade de usar de prudência ao lidar com a questão do comer carne. Com relação a este assunto não deve haver movimentos precipitados. Devemos considerar a situação do povo, e o poder de hábitos e práticas da vida inteira, e devemos ser cautelosos em não impor aos outros nossas idéias, como se esta questão fosse um teste, e os que comem carne fossem os maiores pecadores.

"Todos devem ser esclarecidos neste assunto, mas seja ele apresentado cuidadosamente. Hábitos que foram por toda a vida ensinados como sendo corretos, não devem ser mudados por medidas rudes ou precipitadas. Devemos educar o povo em nossas reuniões campais e outras reuniões grandes. Ao mesmo tempo em que são apresentados os princípios da reforma de saúde seja o ensino apoiado pelo exemplo. Não seja encontrada carne em nossos restaurantes ou tendas de refeições, mas seja ela substituída por frutas, cereais e verduras. Devemos praticar aquilo que ensinamos. Quando assentados a uma mesa onde haja carne, não devemos vibrar um ataque contra os que a usam, mas deixá-la intocada quanto a nós, e se nos perguntarem a razão de assim proceder, devemos de maneira bondosa explicar o motivo de não a usarmos." — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 462. (Grifo nosso.)

"Nunca julguei ser meu dever dizer que ninguém deveria provar carne, sob quaisquer circunstâncias. Dizer isto, quando o povo tem sido educado a viver de comer carne em tão grande medida, seria levar ao extremo a questão. Nunca senti ser dever meu fazer asserções arrasadoras. O que tenho dito, disse-o sob uma intuição do dever, mas tenho sido cautelosa em minhas afirmações, porque não queria dar ocasião para qualquer pessoa ser consciência para outro." — *Idem*, págs. 462 e 463. (Grifo nosso.)

Ora, que faríeis com todos esses conselhos e instruções? É correto comer carne sob todas as circunstâncias? Permitiria Deus alimentos cárneos em quaisquer condições?

Ele delinea primeiro o ideal — aquilo que é melhor para nós todos — e depois parece tomar providências para os que vivem em algumas partes do mundo onde aquele ideal não é viável. Semelhantemente, Ele toma providências para aqueles que, devido a alguma condição física, achassem necessário

usar carne de preferência a combinações de verduras e frutas, leite e açúcar, e outras coisas que pudessem mencionar.

Para mim, isto é deveras judicioso. Deus nos diz o que é melhor fazer, e quer que o façamos, e depois toma providências para o caso em que não seja possível fazer o melhor. Cheguei, em minha leitura, a este parágrafo, e creio que ele resume tudo no que respeita a comer:

“A reforma de saúde significa a escolha inteligente dos artigos alimentícios mais saudáveis, preparados da forma mais simples e saudável.” — *Minha Consagração Hoje*, pág. 132.

Prezados irmãos e irmãs, se seguirmos esta instrução, estaremos seguros e em harmonia com os melhores conselhos. Este é o desígnio primário em todos os escritos. O que apresentamos, é apenas uma pequena parte da massa de instruções que possuímos nos escritos da irmã E. G. White.

Infelizmente, alguns dentre nosso povo têm tido a tornar a questão do alimento a coisa todo importante em relação com os escritos da serva do Senhor. Parece-me deveras infeliz isto, pois dá-nos uma impressão errônea e tende a fazer com que muitos de nós percam o interesse em todos os outros assuntos que são de tão vital importância.

Ora, dizeis: “Há uma ocasião em que possamos e devamos usar com propriedade a carne?” Bem, em minhas viagens pelas várias partes do mundo, devo confessar que raramente me encontrei em uma situação em que parecesse necessário recorrer à carne. Várias vezes na China me achei em lugares em que eles tiraram as verduras da horta, depois de as haverem adubado a seu modo com estrume ou esterco humano, passaram-nas rapidamente num pouco de água suja, e colocando-as numa panela com

um pouco de gordura no fundo, mexeram-nas por um ou dois minutos, e puseram-nas num prato e me passaram para as comer. Francamente, eu não as podia comer, pois isso não teria estado em harmonia com a reforma de saúde. Eu poderia dessa forma apanhar certas espécies de micróbios que não podia receber em meu estômago sem pagar o preço em disenteria ou cólera ou coisa semelhante, e portanto não podia comer e não comi tais verduras.

Sim, estive em situação em que não havia nada para comer senão arroz e ovos fritos — três vezes ao dia, por oito ou dez semanas de uma vez. Isto, devo concordar, tornou-se um bocado penoso, porém não havia nada mais que eu pudesse comer. Não ousava tocar nas verduras, pois sabia que não eram seguras. E em tal situação penso que o Senhor espera que nos sirvamos do bom senso, e devemos fazer o melhor que nos for possível. Lembrai-vos da definição dada pela própria Sra. White: “A reforma de saúde significa a escolha inteligente dos artigos alimentícios mais saudáveis preparados da forma mais simples e saudável.” E creio, preza-
dos amigos, que o Senhor tomou providências para
emergências tais — a diferença de clima e as várias
regiões geográficas do campo mundial,

Mas então dizeis: “Estais-nos dando liberdade de comer carne em qualquer tempo, em qualquer parte?” Não, não encontrareis tal declaração no capítulo do volume 9 dos *Testimonies*. Ela só toma providência para a exceção. A dificuldade é que, se eu tornei a carne e o regime a coisa todo importante em minha vida, talvez me incline a pensar que onde quer que eu esteja haverá uma emergência todo o tempo, em toda parte. Isto, estou certo, não estaria de acordo com a instrução. Repito, Deus tomou medidas para emergências neste velho mundo em que nos encontramos hoje.

Desejo, caros amigos, acima de tudo o mais, que em toda igreja, em todo centro em que nosso povo vive e se reúne em serviços religiosos na igreja, alguém tome sobre si o encargo de ensinar a nosso povo a preparar alimentos bons, saudáveis, e então não teremos necessidade de ser como a irmã que encontrei em um acampamento no verão passado. Veio ter comigo em desespero. Torcendo as mãos, disse:

— Pastor Rebok, estou tão cansada de ouvir falar a respeito de comida, que nunca mais quero ouvir falar nela nem vê-la. Estou ansiosa de que o Senhor venha logo, de modo que eu não tenha de me preocupar com o que comer e o que não comer.

— Bem — disse eu — irmã, a senhora cometeu um erro. Nunca foi intenção de Deus que a senhora adorasse seu estômago e o tornasse a coisa todo-importante em sua vida. Esta deve ser a última de suas preocupações, e há de sê-lo, uma vez que a senhora haja feito do preparo para sua entrada no reino de Deus o único objetivo de sua estada aqui no mundo.

Creio que muitos de nós temos estado a pensar demasiado no que comemos e não comemos. Tenho aprendido por experiência que me é possível passar com um regime muito simples — maravilho-me com a simplicidade dele — e todavia há perfeito equilíbrio de todos os elementos de que preciso para meu organismo. Deus tomou amplas providências. Cumpre-vos a vós e cumpre-me a mim verificar o que podemos fazer a esse respeito, e de que maneira.

Há outro assunto que significa muito para nossos rapazes e moças. Tem que ver com a questão dos esportes. Mais uma vez segui aqui meu plano de dividir as instruções em três grupos. A primeira apresenta o ideal ou a mais forte declaração possível acerca da questão; a segunda oferece o equilíbrio das declarações; e depois o terceiro grupo apre-

senta o resumo das declarações. Assim fiz no assunto dos esportes. Notai:

“Foi-me apresentada uma visão das coisas, visão em que os alunos estavam jogando partidas de tênis e de *criket*. Foram-me dadas então instruções quanto ao caráter dessas diversões. Elas me foram mostradas como uma espécie de idolatria, como os ídolos das nações.” — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 350.

“Quanto tempo é gasto por seres humanos inteligentes em corridas de cavalo, partidas de *criket* e jogos de bola! Mas acaso a satisfação nesses esportes dá aos homens o desejo de conhecer a verdade e a justiça? Mantêm a Deus no pensamento? Levá-los-á a indagar: Como vai com a minha alma? Todas as energias de Satanás são postas em operação para prender a atenção em frívolas diversões, e está conseguindo seu objetivo.” — *Idem*, pág. 455.

“A opinião geral é que o trabalho manual seja degradante; todavia os homens se exercitam tanto quanto lhes apraz no *criket*, no basquetebol, ou em competições pugilísticas, sem serem olhados como pessoas que se degradam. Satanás deleita-se quando vê seres humanos empregando as faculdades físicas e mentais naquilo que não educa, não tem utilidade, não os ajuda a ser uma bênção aos que lhes necessitam do auxílio. Enquanto a juventude se adestra em jogos destituídos de valor para eles e para outros, Satanás joga a partida da vida por sua alma, tirando-lhes os talentos dados por Deus, substituindo-os por seus próprios atributos maus.” — *Idem*, pág. 274.

Parece como se não houvesse nenhum lugar para a partida de bola ou qualquer outro esporte dessa natureza na vida cristã de um adventista do sétimo dia. É assim? Ora, ouvi outra vez enquanto leio o conselho do grupo médio:

“Não condeno o simples exercício de brincar com uma bola; mas isto, mesmo em sua simplicidade, pode ser levado ao excesso.” — *O Lar Adventista*, pág. 499.

Ora, que faremos a esse respeito? Novamente encontramos a Sra. White muito humana e muito

sensata. Ela não condena o atirar uma bola. Não condena o bater uma bola. Ela não condena o correr depois de haver batido na bola. Que é, então, que condena? Ela adverte contra o excesso nessas coisas, contra o tornar qualquer coisa dessa espécie tão importante na vida, que o resto se torne insignificante.

Irmãos, irmãs, quando ponde as instruções todas juntas, há um lugar para o rapaz e sua bola. Há um lugar para o rapaz e sua raquete. A questão é: Até onde? e quando? Seja-me permitido dizer, prezados amigos, que o livro *O Lar Adventista* tem toda uma seção acerca de recreações, esportes e diversões, e apresenta um quadro equilibrado, de modo que nossos jovens saberão, lendo-o, o que podem fazer com os esportes, e o que não devem fazer. Repito: Gosto desses escritos porque são tão coerentes e tão razoáveis.

Os adventistas do sétimo dia necessitam de períodos de repouso e afrouxamento da tensão. Tendemos, como um povo, a ser demasiado sérios em nossa tarefa, e tão intensos, que não tomamos tempo para afastar-nos de nosso trabalho. Isto é bom até certo ponto, porém muitos dentre nosso povo esquecem que o corpo necessita de tempo para recriar-se. Portanto, para viver a reforma de saúde em todos os seus aspectos, precisamos ser coerentes e usar de bom discernimento.

Os escritos de Ellen G. White apresentam um programa de vida que fará honra a Deus e tudo quanto fazemos como bons cristãos adventistas do sétimo dia. Devemos dar ouvidos a todo aspecto de seus conselhos e instruções, pois apenas assim fazendo podemos ser coerentes e equilibrados representantes da mensagem da saúde.

A Mensagem de Ellen G. White Quanto ao Vestuário*

Não são muitos, relativamente, os que vêm a nossas igrejas ou reuniões evangelísticas para ouvir a mensagem; mas o povo em toda parte está observando os adventistas do sétimo dia. Estão aprendendo nossa mensagem pelo que vêm revelado em nossa vida diária. Na verdade, formam sua opinião de Deus e Sua igreja remanescente, pelo que vêm em vós e em mim.

“Vós sois as Minhas testemunhas”, diz o Deus do Céu. Aqui neste mundo cumpre-nos ser uma de-

*Este capítulo foi preparado pelo autor e sua esposa Florence Kneeland Rebok. Muito desta matéria apareceu em dois artigos em *The Review and Herald* de 4 de maio e 11 de maio de 1944. Usado com permissão.

monstração da espécie de povo que Deus que/r ter e há de ter em Seu reino eterno. Devemos andar pelas ruas de nossa cidade da mesma maneira por que esperamos andar nas ruas da Nova Jerusalém.

Esse parágrafo nos oferece bastante em que pensar. Se não somos as testemunhas de Deus em nossa cidade natal, não seremos testemunhas Suas na Nova Jerusalém. As conseqüências de nosso estudo têm toda essa seriedade. Nosso Testemunho em nossa cidade natal precisa ser tão correto, que faça o povo dizer: "Eis uma das mais amáveis, mais distintas e melhores pessoas desta cidade. Desejaria poder viver assim."

Disse alguém: "Vosso vestuário, e isto inclui todos os pormenores, deve ser perfeito fundo para toda a vossa personalidade. Deve emprestar confiança à vossa atitude, segurança e serenidade ao vosso porte." Uma vez que a roupa faz tanto para tornar uma pessoa atrativa ou desatrativa, bem-fazemos em começar com uma declaração feita por Ellen G. White sobre esse importante assunto ao tempo em que alguns pensavam que nossas irmãs deviam adotar traje saudável porém muito varonil, conhecido em princípios da década dos 1880 como costume americano:

"Não se deve dar aos descrentes nenhuma ocasião de vituperar a nossa fé. Somos considerados esquisitos e singulares, e não devemos tomar uma direção que leve os descrentes a pensar que o somos mais do que nossa fé requer que sejamos. Alguns que acreditam na verdade podem pensar que seria mais saudável para as irmãs adotarem o costume americano; todavia, se esse estilo de vestido prejudicar nossa influência entre os descrentes, de maneira que não nos seja possível ter tão fácil acesso a eles, não devemos de modo algum adotá-lo, ainda que soframos muito em conseqüência. Mas alguns estão enganados em pensar que há tanto benefício nesse costume. Se bem que talvez se demonstre um benefício para alguns, é um dano para outros." — Testimonies, vol. 1, págs. 456 e 457. (Grifo nosso.)

“A extravagância e o descuido no vestuário têm sido considerados por alguns especial virtude. Alguns tomam uma direção que lhes destrói a influência para com os descrentes. Desagravam aqueles a quem poderiam beneficiar.” — *Idem*, pág. 275.

Assim temos diante de nós a questão, e apressamo-nos a acrescentar que as mulheres adventistas do sétimo dia estão ansiosas de saber exatamente o que ensinava a Sra. White acerca do vestuário, a fim de estarem habilitadas a satisfazer o ideal de Deus a seu respeito neste ponto, da mesma maneira que em todas as outras questões essenciais. Uma delas escreveu uma carta a nossa revista denominacional, o *Review and Herald*, e ei-la aqui:

“PREZADO REDATOR-CHEFE:

“Li num dos últimos números da *Review* um artigo acerca do vestuário feminino. Sei que nosso povo se tem tornado negligente nesse particular, e seguido o mundo em seus usos e modas. Como foi dito, creio que devemos tomar a norma bíblica e o Espírito de Profecia como nossos guias. Mas é difícil saber exatamente qual seja essa norma, sem passar de um extremo para o outro, no sentido da extensão. Cito dos *Testimonies*, vol. 1, pág. 464:

“Foi-me mostrado que devemos evitar ambos os extremos. Usando o vestido até à altura do cano da botina da mulher, mais ou menos, evitaremos os males do vestido extremamente longo, e escaparemos aos males e notoriedade do vestido extremamente curto.”

“Por essa declaração e o contexto de todo o capítulo, no volume 1, eu julgaria que a norma são nove polegadas acima do chão. Isto é muito correto e conveniente para uma senhora de seus setenta ou oitenta anos, mas dificilmente o posso imaginar numa jovem ou pessoa de meia-idade. Cito novamente do volume 1, à página 458:

“Os cristãos não se devem dar a trabalhos para se tornarem objeto de ridículo com o vestirem-se diversamente do mundo. Mas se, seguindo as próprias convicções de dever com relação ao vestir modesta e saudavelmente, encontram-se fora da moda, não devem mudar seu vestuário a fim de tornarem-se semelhantes ao mundo; devem antes manifestar nobre independência e coragem moral para serem corretos, ainda que o mundo todo difira deles. Caso o mundo introduza uma moda modesta, conveniente e saudável de vestir, moda que se ache em harmonia com a Bíblia, não afetará nossas relações para com Deus ou para com o mundo o adotar tal estilo.”

“Naturalmente, o mundo não tem introduzido tal modo de vestir, e teremos de ser diferentes. Mas crê o senhor que as positivas declarações feitas no volume 1 são para o nosso tempo?”

“Minha irmã e eu estamos perto dos vinte, e temos ambas sincero desejo de fazer o que é correto e cumprir as instruções de Deus, fugindo ainda dos extremos. Acha o senhor que um vestido três ou quatro polegadas abaixo dos joelhos é de modesto comprimento para nós e que para uma senhora de cerca de cinqüenta, está bem umas seis polegadas abaixo dos joelhos?”

“Caso esse comprimento seja modesto para os nossos tempos, por que não nos deu a irmã White uma norma definida para nosso tempo como foi dada para o tempo dela? Pois ela podia ver adiante no futuro, não podia?”

“Sinto tomar o seu tempo, porém isto tem sido uma questão entre nós por vários anos, e gostaria de ter sua opinião.

Sinceramente,
.....”

“Prezada Irmã:

“O redator da *Review* apelou para mim, a fim de responder às perguntas feitas em sua carta com relação ao comprimento específico do vestido em nossos tempos, em face das normas bíblicas e do conselho do Espírito de Profecia. A irmã refere-se ao comprimento da saia segundo é mencionado no testemunho de 1867, bem como à admoestação contra os extremos, e pede a relação desse conselho à determinação de uma norma apropriada a nossos dias quanto ao comprimento da saia. A fim de responder satisfatoriamente passei algum tempo a ler, e agora desejo partilhar com a irmã algumas de minhas descobertas.”

O que se segue representa a resposta a esse apelo.

Recapitulação do Passado

Foi por volta do meado do século dezenove que, aqui e ali em nosso país, mulheres com sua longa cauda ou saias com anquinhas começaram a despertar para o fato de que as roupas que estavam usando tinham efeito decididamente pre-

judicial para sua saúde. Era como se estivesse raiando um novo dia, e algumas pessoas intrépidas se adiantaram para introduzir uma reforma muito necessária. Não era coisa fácil de fazer-se, pois até então não eram concedidos nenhuns "direitos" às mulheres, e na questão de vestuário seguira-se sempre os decretos do uso. A idéia de uma reforma de vestuário originou-se na verdade entre mulheres progressistas na Europa, porém foi prontamente patrocinada neste país por muitas pessoas de destaque. Aqui na América verificamos que a reforma do vestuário estava a princípio ligada, não somente com a reforma da saúde, mas também com a temperança e os direitos da mulher.

A primeira a usar realmente um vestido designado a operar um melhoramento no vestuário feminino, foi Elizabeth Smith Miller. Seu pai, membro do Congresso, Gerrit Smith, falara muito francamente em favor dessa necessária reforma; assim, ela tinha seu apoio, da mesma maneira que o de seu marido, nessa nova aventura. Usou primeiro o vestido nas ruas de Washington, D.C., onde foi saudada como objeto de notícias na imprensa. Depois de usá-lo por volta de três meses, a Sra. Miller foi para Seneca Falls, Nova Iorque, em visita a sua prima, Sra. Elizabeth Cady Stanton, uma das honradas senhoras da nação em virtude de seus esforços na causa das mulheres.

Falando das vantagens do novo vestuário em contraste com as inconveniências dos estilos dominantes, a Sra. Stanton escreveu:

"O ver minha prima [a Sra. Miller] subir as escadas com uma lâmpada em uma mão e o nenê na outra, com facilidade e graça, ao passo que eu, com os vestidos longos dificilmente me arrastava, sem se pensar em lâmpada nem em nenê,

convenceu-me de que havia grande necessidade de uma reforma no vestuário da mulher, e prontamente enverguei um costume semelhante. Que incrível liberdade fruí por dois anos! Como uma cativa libertada de suas cadeias, eu estava sempre pronta para uma caminhada em meio da geada e da neve e da chuva, para subir uma montanha, saltar uma cerca, e trabalhar no jardim, e de fato, para qualquer locomoção necessária." — Stanton and Blatch, *Elizabeth Cady Stanton*, vol. 1, Harper's.

A seguinte a unir-se a estas duas mulheres foi a Sra. Amélia Bloomer. Ela era redatora do *The Lily*, revista mensal feminina, publicada em Seneca Falls, Nova Iorque. Em sua posição, estava habilitada a dar grande publicidade à reforma do vestuário. De fato, seu nome foi dado a uma adaptação do novo costume, se bem que insistisse em que a honra pertencia na verdade à Sra. Miller.

Meses depois da visita da Sra. Miller a Seneca Falls, a Sra. Stanton e a Sra. Bloomer, juntamente com outras, visitaram o instituto de saúde do Dr. Jackson em Glen Haven, Nova Iorque. Ali encontraram a Dra. Harriete Austin que se tornou ardente patrocinadora da reforma do vestuário, e foi mediante sua influência que o modelo foi modificado e se tornou geralmente conhecido como o costume americano, acerca do qual a Sra. White diz:

"Ele consiste em um colete, calças, e um vestido semelhante a um casaco que chega a mais ou menos metade dos quadris aos joelhos. A esse vestuário tenho-me oposto." — *Testimonies*, vol. 1, pág. 465.

A Dra. Austin e o Dr. Jackson, como redatores do *Water Cure Journal*, deram grande preeminência a esse novo modelo de vestuário.

Posteriormente a reforma foi advogada em *Laws of Life*, sucessor de *Water Cure Journal*. Em todas

as regiões do país encontraram-se pessoas que adotaram o novo estilo no trajar. Também havia pessoas que criticavam e ridicularizavam qualquer tentativa de mudança da moda da época.

Razões Para a Reforma

Havia naquela época três aspectos dominantes do vestuário feminino que exigiam a atenção dos que advogavam uma reforma: (1) o decidido dano à saúde pela moda vigente; (2) a imodéstia das saias com anquinhas que se usavam; e (3) o incômodo para as que o usavam.

Certo articulista, no *Health Reformer* de março de 1868, fez as seguintes declarações quanto ao primeiro ponto:

“Quando foi estabelecido o Instituto da Reforma de Saúde, os médicos acharam que era desejável para as mulheres um estilo de vestido melhor que as saias longas, arrastando. ... Os médicos declararam ser não somente desejável, porém necessário no tratamento de alguns casos; e que assim sendo seria inútil e errado aceitar tais casos sem adotar o que lhes era assegurado ser essencial a efetuar a cura. Ainda mais, parecia ser compreendido e aceito por todos os reformadores da saúde que haviam investigado o assunto, que era necessária uma reforma do vestuário, e se ela não fosse adotada no Instituto, uma classe de doentes seria com certeza impelida para outras instituições, onde era adotada alguma coisa diferente da incômoda moda dominante. Portanto, negligenciar esta reforma seria sacrificar os máximos interesses do Instituto, e de uma certa classe que mais necessitava de seus benefícios.”

Talvez nos seja difícil imaginar o aspecto nocivo do vestuário daquele tempo quanto à saúde. As saias não somente eram tão longas que arrastavam no chão todo o tempo e sob variáveis circunstâncias, porém o peso dos vinte ou trinta metros de fazenda empregados para fazer uma saia, descansavam inteiramente

nos quadris em vez de serem suspensos dos ombros; nem havia nenhuma liberdade de movimentos.

Em um livro secular daquele tempo, *Four Years in a Boy's College*, a Sra. S. L. Anderson põe estas palavras na boca de uma de suas personagens:

Noventa e nove por cento de todas as doenças registradas pertencem às mulheres, e todas elas provêm de sua maneira de vestir. Que pensaríeis de atar um cavalo de corrida daquela maneira e depois fazê-lo correr? Igualmente absurdo é esperar que uma mulher corra esta corrida da existência de maneira satisfatória com seu atual modo de vestir."

Com relação ao ponto da imodéstia, um escritor fez esta observação na *Review and Herald* de 18 de junho de 1867:

"Quem quer que haja viajado tanto como eu, pode testificar comigo da imodéstia das saias de anquinhas. Uma senhora que ande com elas, raramente pode entrar em uma carruagem, ônibus, carro, e lugares assim, sem se expor imodestamente."

Ellen G. White escrevera anteriormente na *Review and Herald* de 27 de agosto de 1861, acentuando o mesmo ponto:

"As anquinhas, foi-me mostrado, são uma abominação, e a influência de todo observador do sábado deve ser uma repreensão a esta moda ridícula, que tem sido um manto para a iniquidade."

Em 1868 Ellen G. White escreveu um folheto intitulado: *A Reforma do Vestuário*. Falando aí da inconveniência dos vestidos da época, ela declarou:

"Se ela vai para o jardim a passear ou trabalhar entre as flores, para aproveitar o refrigerante ar matutino, a menos que as segure com ambas as mãos, suas saias arrastam pela lama e o orvalho, até que ficam úmidas e enlameadas. A moda se apega a essa roupa, que passa a ser usada nesse caso como uma espécie

de esfregão. Isto é excessivamente inconveniente. Mas por amor da moda precisa ser suportado.” — Pág. 4.

Na primeira apresentação do *Messias* de Haendel, Dublin, a 13 de abril de 1742, foi anunciado publicamente que “as senhoras não devem usar anquinhas nem os homens espadas”, de maneira que o auditório, que de ordinário acomodava seiscentas pessoas, pudesse ter lugar para setecentas, na apresentação.

Vemos assim que a agitação em toda essa questão do vestuário se originou fora das fileiras adventistas do sétimo dia, muitos anos antes da reforma do vestuário ser adotada por eles. Foi um grito de libertação de um fardo que a Senhora Moda impusera às mulheres daquele tempo.

Agora, que vimos o começo da reforma do vestuário nos Estados Unidos entre os que não pertenciam à nossa fé, vejamos como os primeiros adventistas se relacionaram para com ela. Vivendo naquela época e sob aquelas condições, estavam destinados a sentir-lhe a influência, pois eram deveras uma parte do tempo em que viviam, da mesma maneira que nós o somos hoje.

Instruções de Ellen G. White

Em *Life Sketches* Ellen Harmon escreveu acerca de sua experiência entre 1840 e 1844, a qual foi típica da experiência dos que estavam esperando o segundo advento de Cristo:

“Eu não tinha tentação de gastar meu ganho para satisfação pessoal. Meu vestuário era simples; coisa alguma era gasta para ornamento desnecessário, pois a vã ostentação me parecia pecaminosa. ... A salvação de almas era a preocupação de meu espírito.” — Págs. 47 e 48.

E quanto aos primitivos tempos da vida dos adventistas observadores do sábado, observamos:

“De tempos em tempos apareciam na *Review and Herald* artigos aconselhando simplicidade no vestuário, se bem que a consideração do assunto do ponto de vista da saúde fosse durante alguns anos subordinada ao pensamento das injunções escriturísticas contra o orgulho e a ostentação.” — D. E. Robinson, *Story of Our Health Message*, pág. 104.

Não foi senão a 5 de agosto de 1858, que foi dita qualquer coisa na *Review and Herald* em reprovação de um modelo específico de vestido. E foi treze anos depois que a Sra. Miller, a Sra. Stanton e a Sra. Bloomer haviam iniciado a reforma do vestuário que a Sra. White começou a advogar essa reforma para os adventistas do sétimo dia.

Como se verifica com qualquer movimento de reforma, havia alguns que estavam prontos a mover o pêndulo de um extremo ao outro, em vez de tomar a sã e judiciosa atitude do meio-termo nesse movimento de reforma do vestuário. Tirar as saias do chão era uma coisa, mas conservá-las à devida altura, era outra. No costume americano, como foi chamado o traje adotado por muitas mulheres do mundo era muito semelhante ao masculino, e ia ao extremo de subir as saias aos joelhos ou mais!

Com a agitação dos tempos e as várias reações à reforma do vestuário, não é de estranhar que nossas irmãs comessem a pedir conselho. Em visão, foram mostrados a Sra. White os princípios gerais que devem reger o assunto, e ela própria estava em busca de alguma coisa que satisfizesse as necessidades das mulheres cristãs. Durante uma visita a Dansville, Nova Iorque, onde era usado o vestuário da reforma em um instituto de saúde, ela escreveu:

“Eles têm toda sorte de estilos de vestidos aqui. Alguns são muito apropriados caso não sejam tão curtos. Arranjaremos modelos daqui, e creio que poderemos conseguir um tipo de vestido mais saudável do que o que usamos agora, e todavia não o Bloomer ou o costume americano. Nossos vestidos, segundo a minha idéia, devem ser de quatro a seis polegadas mais curtos do que o que se usa agora, e de maneira alguma deve ser mais comprido que o começo do salto do sapato, e pode ser mesmo mais curto que isto, com toda a modéstia. ... Vou arranjar um modelo de vestuário de minha própria iniciativa, o qual se harmoniza perfeitamente com *aquela que me foi mostrado*. A saúde o requer. As nossas mulheres que são fracas, precisam dispensar as saias pesadas e cinturas apertadas, caso valorizem a saúde. ...

“Nunca havemos de imitar a Srta. Dra. Austin ou a Sra. Dr. York. Elas se vestem muito à masculina. Não imitaremos nem seguiremos moda alguma que já tenhamos visto. Instituiremos um modelo que é ao mesmo tempo econômico e saudável.” — De uma carta ao irmão e à irmã Lockwood, datada de setembro de 1864.

Enquanto esta questão era um assunto tão palpitante, a Sra. White escreveu a respeito do vestuário de três grupos de mulheres como lhe haviam sido apresentados em visão:

“O primeiro era do comprimento segundo à moda, sobrecarregando os membros, impedindo o passo, varrendo a rua e juntando as sujidades; do qual declarei os maus resultados. Esta classe, serva da moda, parecia fraca e lânguida.

“O vestuário da segunda classe que passou diante de mim era a muitos respeitos como devia ser. Os membros estavam bem vestidos. Achavam-se livres das cargas que a tirana Moda impusera à primeira classe; fora, porém, a um extremo de curteza que desgostara e suscitara preconceitos a pessoas boas, destruindo em grande medida sua própria influência. Este é o estilo e a influência do ‘costume americano’, ensinado e usado por muitos em ‘Nosso Lar’, Dansville, Nova York. Esse não chega aos joelhos. Não preciso dizer que esse estilo me foi mostrado como sendo demasiado curto.

“Uma terceira classe passou diante de mim com semblantes animados, e passo desembaraçado e lépido. Seu vestuário era do comprimento que descrevi como apropriado, modesto e saudável. Estava umas poucas polegadas acima da sujeira da rua e do passeio e de acordo com todas as situações, como subir ou descer degraus, etc.” — *The Review and Herald*, 8 de outubro de 1876.

Evitar os Extremos

No mesmo artigo a Sra. White explicava a maneira por que esse assunto lhe fora mostrado:

“Se bem que eu seja tão dependente do Espírito do Senhor ao escrever minhas visões como ao recebê-las, todavia as palavras que emprego ao descrever o que vi são minhas mesmo, a menos que sejam as que me foram ditas por um anjo, as quais eu sempre ponho entre aspas. Quando escrevi sobre a questão do vestuário, a visão daqueles três grupos reavivou-se em minha mente de modo tão claro como quando a tive; mas foi-me permitido descrever o comprimento do vestuário em minha própria linguagem, o melhor que me fosse possível.” — *Ibidem.*

Quanto à sua experiência em idear um modelo de vestido que se harmonizasse com o que lhe fora mostrado em visão, a Sra. White escreveu adiante no mesmo artigo:

“Trajo o vestido, do comprimento mais aproximado do que eu vira e descrevera, segundo me foi possível julgar. Minhas irmãs, no Norte de Michigan o adotaram. E ao surgir a questão das polegadas a fim de assegurar uniformidade quanto ao comprimento em toda parte, foi trazida uma régua, e verificou-se que o comprimento de nossos vestidos mediava entre oito e dez polegadas acima do chão. Alguns deles eram um pouquinho mais compridos do que o modelo que me fora mostrado, ao passo que outros eram um pouco mais curtos.

“Numerosas cartas me chegaram de todas as partes do campo, indagando o comprimento do vestido que me fora mostrado. Tendo visto a régua aplicada à distância do chão a vários vestidos, e tendo ficado plenamente convencida de que nove polegadas é o mais aproximado do modelo que me foi mostrado, dei esse número de polegadas em *Testimonies* nº 12 [Vede *Testimonies*, vol. 1, pág. 521], como o comprimento apropriado, com o qual é muito desejável a uniformidade.” — *Ibidem.*

Quanto à experiência no Instituto de Saúde de Battle Creek, alguém escreveu:

“A meu pedido, os médicos do Instituto citaram uma porção de doentes internados, cujos vestidos consideravam os mais cor-

retos que se podiam achar no feitio e na aparência entre as muitas variedades. Medi a altura de doze delas com a distância de seus vestidos até ao chão. Elas variavam na altura de um metro e cinqüenta a um metro e sessenta e oito, e a distância dos vestidos do chão era de 8 a 10,5 polegadas. A média, nove polegadas, foi resolvido que fosse a distância justa, e está adotada como norma." — *The Health Reformer*, março de 1868.

Em 1865 a Sra. White advertiu contra a adoção do costume americano, em virtude de sua imitação do traje masculino:

"Os que adotam e advogam este estilo de vestuário, estão levando a chamada reforma do vestuário a alturas muito objetáveis. ... Poderiam ser instrumentos em efetuar muito maior bem se não levassem a questão do vestido a tais extremos." — *How to Live* nº 6, cap. 6 (1865).

Em 1866 a Sra. White estabeleceu certos princípios básicos para guiarem as irmãs da igreja em sua escolha das roupas:

"Os cristãos não se devem dar a trabalhos para se tornarem objeto de ridículo por vestir diferentemente do mundo. Mas, se seguindo suas convicções de dever a respeito do vestir *modesta e saudavelmente*, elas se acham fora da moda, não devem mudar de vestuário a fim de ser semelhantes ao mundo; porém manifestar nobre independência e coragem moral para ser corretas, ainda que o mundo inteiro delas difira. Caso o mundo introduza um modo de vestir decente, conveniente e saudável, que esteja em harmonia com a Bíblia, não muda nossa relação para com Deus ou para com o mundo o adotar tal vestuário. Os cristãos devem seguir a Cristo e fazer seus vestidos em conformidade com a Palavra de Deus. Devem evitar os extremos." — *Testimonies*, vol. 1, págs. 458 e 459. (Grifo nosso.)

"Foi-me mostrado que Deus quereria que tivéssemos uma direção coerente e sensata. Adotem as irmãs o costume americano, e destruirão a própria influência e a de seus maridos. *Tornar-se-iam um provérbio e uma irrisão.* ... Há uma grande obra para fazermos no mundo, e Deus não quereria que tomássemos uma direção de molde a diminuir ou destruir nossa influência para com o mundo." — *Idem*, pág. 458. (Grifo nosso.)

As citações que apresentei oferecem o fundo das condições existentes em geral naqueles tempos. Indicam também como nossas mulheres eram influenciadas por elas, e sua diligente tentativa de chegar a uma solução satisfatória. Houve entretanto muitas de nossas mulheres que, ou deixaram de adotar o recomendado modelo, ou foram para o extremo. Por esta razão, a reforma do vestuário tornou-se verdadeira pedra de tropeço para muitos.

Algumas tomaram a atitude de que usar o vestuário da reforma devia ser obrigatório, porém a Sr^a White escreveu (*Testimonies*, vol. 4, pág. 637); “Não fiz do vestido uma pedra-de-toque.”

Ainda outras, com mal dirigido zelo, puseram-no inteiramente fora de jeito:

“Da parte dos extremistas, esta reforma parecia constituir a suma e substância de sua religião. Era o assunto de conversa e a sua preocupação de alma; e a mente foi assim desviada de Deus e da verdade. ... Para as que o usavam com relutância, por um senso de dever, tornou-se penoso jugo. Ainda outras, que eram aparentemente as mais zelosas da reforma, manifestaram lamentável falta de ordem e alinhamento em seu vestuário.” — *Idem*, págs. 636 e 637.

“Procuravam conformar a consciência das outras pela sua própria. Se o usavam, as outras precisavam fazê-lo. Esqueciam que ninguém devia ser obrigado a usar o vestido da reforma.” — *Idem*, pág. 636.

“Algumas ficavam muito perturbadas por eu não tornar o vestuário uma questão de prova, e ainda outras, porque eu aconselhava as que tinham maridos ou filhos descrentes a não adotar o vestido da reforma, visto poder tal ato levar a infortúnio que contrabalançasse todo o bem a ser derivado de seu uso. Durante anos suportei o fardo dessa obra, e trabalhei para estabelecer uniformidade de vestuário entre nossas irmãs.” — *Idem*, pág. 637.

Por estas razões, cada vez menos foi dito em relação da reforma do vestuário, até que, como escreveu Jorge I. Butler:

“Chegou-se a um ponto em que se tornou evidente que o

vestido curto, destinado a ser um benefício para nosso povo, veio a ser real entrave à causa, devido à orientação irrazoável de muitos entre nós a esse respeito. A irmã White deixou de falar em seu favor, nem o usou mais ela própria, e dentro em pouco ele deixou de ser geralmente usado." — O Suplemento de *The Review and Herald*, 14 de agosto de 1883.

Combatido o Renovamento da Agitação

Foi em princípios e meados da década dos sessenta que se viu em nossas fileiras a maior agitação por causa da questão da reforma do vestuário feminino. Em razão dos extremistas e dos oponentes das mudanças no modo de vestir, a Sra. White deixou cair o assunto por vários anos. Bem pouco mais se ouviu sobre a questão entre nossos escritos até por volta de 1897, quando alguns indagaram por que a reforma específica do vestuário não estava sendo usada, e desejaram reviver o assunto. A Sra. White escreveu:

"Em resposta às perguntas que me têm chegado recentemente com respeito a reencetar a reforma do vestuário, desejaria dizer que aqueles que têm estado a agitar esta questão podem ficar certos de que não têm sido inspirados pelo Espírito de Deus. O Senhor não indicou que seja dever de nossas irmãs voltarem à reforma nesse sentido. As dificuldades que uma vez tivemos de enfrentar não devem ser suscitadas outra vez. Não precisa haver agora ramificações em formas singulares de vestido. Surgirão continuamente coisas novas e estranhas, para levar o povo de Deus a falsas excitações, reavivamentos religiosos e curiosas expansões; nosso povo, porém, não deve ser sujeito a quaisquer provas de invenção humana que venham criar conflitos em nenhum sentido.

"A defesa da velha reforma do vestuário demonstrou-se a cada passo uma batalha. Não havia da parte de alguns uniformidade nem gosto no arranjo do costume, e os que se recusaram a aceitá-lo causaram dissensão e discórdia. Assim foi a causa desonrada. Porque aquilo que foi dado como uma bênção tornou-se em maldição, foi removido o encargo de defender a reforma do vestuário.

"Havia certas coisas que tornavam a reforma do vestuário decidida bênção. Com ela, as anquinhas ridículas, então em moda, não podiam ser usadas; nem a saia longa, arrastando, varrendo a sujeira das ruas. *Nos últimos anos, porém, foi adotada pelo mundo uma moda mais sensata de vestir, que não envolve esses aspectos objetáveis; e se nossas irmãs desejam fazer seus vestidos segundo esses modelos, simples e singelos, o Senhor não será desonrado por assim fazerem.*

"Alguns têm pensado que a saia e o casaco mencionados em *Testimonies*, vol. 4, pág. 640, eram o modelo que todas deviam adotar. Não é assim; porém alguma coisa simples assim devia ser usada. Não me foi dado nenhum modelo preciso como regra exata a quiar todos em seu vestuário. Pensassem nossas irmãs que precisavam adotar um estilo uniforme de vestir, e surgiria o conflito, e aqueles cuja mente deve estar toda entregue à obra da mensagem do terceiro anjo, passariam o tempo em combate ativo quanto ao vestido exterior, com negligência daquela piedade interior, o ornamento de um espírito manso e quieto, de grande valor aos olhos de Deus.

"A questão do vestuário não tem de ser nossa verdade presente. Criar um caso a esse respeito agora, seria agradar ao inimigo. Ele se deleitaria em ver as mentes desviadas para qualquer assunto pelo qual pudesse criar divisão de sentimentos, e levar nosso povo a contenda.

"Rogo a nosso povo que ande cuidadosa e circunspectamente diante de Deus. Na questão do vestuário, sigam os usos até ao ponto em que eles estejam de acordo com os princípios da saúde. Trajem-se nossas irmãs com simplicidade, como fazem muitas, fazendo seus vestidos de fazenda boa e durável, apropriados para esta época, e não encha a mente a questão do vestuário. Nossas irmãs devem vestir-se de modo simples. Devem trajar-se com roupa modesta, com pudor e sobriedade. ..."

⇒ "A operação do Espírito de Deus manifestará uma mudança exterior. As que se arriscam a desobedecer às mais positivas declarações da Inspiração, não darão ouvidos a quaisquer esforços humanos feitos no intuito de induzi-los a usar um vestuário simples, correto, sem adornos e apropriado, que não as torne de maneira alguma esquisitas ou singulares. Continuarão a expor-se, arvorando sua bandeira ao mundo. ...

"Digo portanto a minhas irmãs: Não entreis em discussões quanto ao traje exterior, mas estai certas de possuir o adorno interior de um espírito manso e quieto. Que todos quantos aceitam a verdade mostrem seu verdadeiro pavilhão. Somos um espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens. A falsa prudência, a modéstia fictícia, podem manifestar-se pelo traje exterior, ao

passo que o coração se acha em necessidade do adorno interior. Permanecei sempre entregues ao direito.” — Manuscrito 167, 1897. Citado em *The Story of Our Health Message*, de D. E. Robinson, págs. 361-364. (Grifo nosso.)

Princípios Fundamentais

Há vários pontos apresentados aqui para nossa consideração. As instruções específicas dadas na década dos sessenta, deviam enfrentar uma crise definida. Naquele tempo, no entanto, certos princípios fundamentais de vestuário foram estabelecidos, os quais permanecerão sempre verdadeiros, e nossa maneira de agir hoje se deve basear nesses princípios. Por esse motivo não é necessário que sejam dadas às irmãs instruções particularizadas de tempos em tempos. Um dos primeiros princípios acentuados no programa da reforma do vestuário era o da saúde. Naquele tempo era especialmente necessário. Julgo que nunca houve tempo em que, falando em geral, a moda haja decretado um vestuário mais saudável do que agora. Assim a questão da saúde não é agora o ponto extremo.

A segunda questão acentuada era a da modéstia. O motivo para cultivar e nutrir esta virtude se acha tão presente hoje como oitenta ou cem anos atrás, ou em qualquer outra época. Espera-se da mulher cristã que se vista com decência. Se por qualquer motivo a Senhora Moda introduz um estilo que põe em dúvida esta virtude, repousa então sobre a mulher cristã que fique ao lado daquilo que sabe ser o correto, a despeito da moda predominante.

O terceiro aspecto do movimento da reforma do vestuário era a simplicidade e propriedade, as quais se aplicam tanto aos nossos dias como a qualquer outro tempo. Usar um vestido que arrasta no chão não seria mais apropriado hoje do que as saias muito curtas o eram em outros tempos. “Coerência, és uma jóia.”

Cuidadoso estudo da luz que nos foi dada sobre toda a questão do vestuário, forma como um quadro da mulher bem vestida em qualquer tempo. É-nos dito que as fazendas escolhidas devem ser as melhores que nos possamos permitir comprar, pois isto é economia. Nosso vestuário deve ser correto e não de natureza pomposa, que atraia indevida atenção. É aí que entra a modéstia também. Nenhuma mulher devidamente vestida precisa temer que lhe faltem ao respeito, uma vez que suas ações estejam em harmonia com seu modo de trajar; nem que se façam a seu respeito observações menos dignas. Acha-se de algum modo implantado no coração de toda mulher um senso de recato que pode e deve ser cultivado. Ora, sinceramente, podeis dizer quando vosso próprio vestido é modesto, ou quando não se sente realmente correto? A seguinte declaração vem mesmo a propósito:

“No vestuário, bem com em todas as outras coisas, temos o privilégio de honrar a nosso Criador. Ele deseja que não somente nosso vestuário seja limpo e saudável, mas próprio e decoroso.

“O caráter de uma pessoa é julgado pelo aspecto de seu vestuário. Um gosto apurado, um espírito cultivado, revelar-se-ão na escolha de ornamentos simples e apropriados. A casta simplicidade no vestir, aliada à modéstia das maneiras, muito farão no sentido de cercar uma jovem com aquela atmosfera de sagrada reserva que para ela será um escudo contra os milhares de perigos.” — *Educação*, pág. 248.

Ser-me-á permitido, só para mostrar como os verdadeiros princípios são reconhecidos em toda parte, chamar a vossa atenção à aplicação desses princípios em nossos dias? Como nos soa familiar esta instrução quanto aos princípios do vestuário:

“O bom gosto nas roupas começa com a simplicidade, continua com o recato, e culmina com a propriedade para a ocasião. Não importa quão belo seja qualquer artigo de vestuário, a menos que es-

teja adequado ao que o usa, a menos que tenha uma função e se adapte ao determinado desígnio e ocasião em que é usado, não é de bom gosto. Cores berrantes, espalhafatosas, tecidos ordinários e imperfeita mão-de-obra, bem como combinações em desarmonia, tudo contribui para o mau gosto. ...

“A simplicidade deve raiar pela ausência de atavios, mas com a distinção realizada pelo talhe bem ajustado e belo, pelo fino acabamento e a inteira propriedade à figura. A ausência de ornamentos ajuda a fazer sobressair a beleza do tecido e do talhe; roupa mal delineada trai-se muitas vezes pelo excesso de enfeites usados, numa tentativa de ocultar a mão-de-obra inferior. É possível, porém, encontrar vestidos pouco dispendiosos de linhas distintas e bom tecido, que foram ‘adornados’ para atrair aqueles que se comprazem em excessos de fantasias. Vosso olhar perspicaz vos ajudará a encontrar o bom estilo básico sob tudo isto. Removendo os laços, as flores, ou as bagatelas, podeis ter um vestido que parecerá tão dispendioso como outro de mais alto preço, com o acréscimo de um acessório bem escolhido.” — *Personality Unlimited*, de Verônica Dengel, págs. 366 e 367.

“Vossas roupas, e isto inclui todo detalhe, deve ser um perfeito fundo para vossa personalidade. Deve acrescentar confiança à vossa maneira, segurança e serenidade ao vosso porte. Isto não é vaidade; é meramente a compreensão de que vosso vestuário é tão impecável como vosso comportamento.

“É certo que o traje que usais deve atrair e atrair atenção; porém se ele é o que dá mais na vista, em vez de formar como um fundo, então foi mal escolhido, e estais vestido de maneira exagerada.

“Não protesteis que não podeis deixar de vestir com elegância. O bom estilo básico é sempre preferível à novidade da moda do momento. Vossa aparência manifesta a habilidade que tendes de fazer o máximo de vossos atributos naturais. Se usais vestidos fora da moda e vos penteais negligentemente, dareis a impressão de que também vossa mentalidade é atrasada, e não sois capazes de vos desenvolver nas correntes modernas. Tal reputação é um sério entrave para qualquer mulher.” — Pág. 387.

Talvez tenhamos dado o suficiente da consideração básica da questão do vestuário tal como aparece no Espírito de Profecia, e como é considerada hoje, mesmo pelos que estabelecem as melhores normas

para o mundo. Um estudo cuidadoso revela haver surpreendente harmonia entre os dois.

O Adequado Comprimento do Vestido

Agora passemos à consideração da questão definida quanto ao devido comprimento do vestido de jovens cristãs atualmente. Segundo os fatos apresentados, é claro que a norma das nove polegadas foi escolhida ao tempo em que a questão do vestuário era agitada em toda parte, como um equilíbrio entre o vestido que arrastava no chão e o que fora erguido até acima dos joelhos. Naquela época foram estabelecidos princípios que nos deviam servir a todos ao aplicá-los a nós mesmos. Não há necessidade de uma declaração separada quanto ao comprimento da saia a cada nova época ou tempo — a modéstia é a norma.

Com este pensamento da modéstia deve aliar-se “adequado para esta época”. Adequado significa “especialmente adaptado, adequado, próprio”; assim vemos que também isto põe a questão do vestuário em seu próprio encaixe no que respeita ao tempo, ao clima, à idade da que o usa. Não se exige de nós que sejamos tão diferentes em nosso traje que nos tornemos objeto do ridículo para os que nos rodeiam, mas antes o que é geralmente aceito como adequado para a época em que vivemos, uma vez que seja saudável e recatado. Também é geralmente aceito que o comprimento adequado do vestido varia com a idade da mulher. De uma senhora idosa não se espera que se vista como uma menina de menos de vinte anos, nem se deve esperar que uma jovem se traje como uma senhora de meia-idade. Não somente a idade entra na decisão do correto modelo de vestido, mas a constituição e o tipo da pessoa devem ser tomados em consideração. Algumas mulheres são altas, ao passo que outras são baixas; há também as que são gordas, as que são ma-

gras, as que são médias. Alguns vestidos são muito largos, outros muito apertados, e este é outro fator a ser considerado.

O livro anteriormente citado, tem o seguinte para dizer quanto à norma do comprimento dos vestidos:

“O comprimento da saia em vigor, é o que se deve adotar; se elas, porém, são usadas muito curtas, não vades ao extremo, fazendo a vossa no joelho ou acima dele, pois os joelhos não são uma vista atrativa nem de frente nem por trás. *Vossa saia deve sempre terminar na parte mais grossa da perna, ou justo acima dela. Um extremo é tão lamentável como o outro. Se tendes pernas muito grossas, não tenteis ocultá-las usando o vestido demasiado longo, pois só conseguis chamar a atenção para vós. Uma polegada ou polegada e meia mais comprido, será suficiente.*” — *Personality Unlimited*, de Verônica Dengel, págs. 385 e 386. (Grifo nosso.)

“Com o feitio apropriado, podeis fazer vossa figura parecer mais alta ou mais baixa, mais fina ou mais cheia, segundo for necessário. ...

“A moça alta deve evitar qualquer silhueta que lhe alongue mais a altura, ao passo que a mulher baixa ou a gorda pode dar a impressão de mais altura por fazer com que os olhos vão em sentido longitudinal por toda maneira possível. Por outro lado, a mulher gorda ou baixa deve evitar que os olhos vão no sentido horizontal, pois isto certamente a fará parecer mais baixa e gorda. As linhas horizontais, que tendem a encurtar a altura, são apenas para as pessoas altas e esbeltas. ...

“Uma saia muito curta como que corta a altura e aumenta a largura. Uma saia longa aumenta a altura.” — *Idem*, págs. 374-376.

Não posso assim dar uma resposta definida quanto a se “três polegadas e meia ou quatro abaixo dos joelhos é um comprimento recatado para uma jovem de vinte anos; e para uma senhora de cinqüenta, seis polegadas abaixo dos joelhos”, pois a constituição, a altura, o peso, o modelo escolhido ou a espécie de fazenda — tudo tem influência no comprimento apropriado do vestido. As instruções que consideramos concordam todas em que os joelhos devem estar sempre velados, quer a pessoa esteja de pé, quer sentada, e que o

vestido se deve estender o suficiente abaixo dos joelhos para atingir graciosamente a parte mais grossa da perna. Um espelho ajudará em determinar o devido comprimento segundo as necessidades individuais, da mesma maneira que a opinião sincera de uma pessoa que tem em mente essas normas.

Representa o Caráter

Nosso vestuário deve representar nosso caráter — o que somos e o que se encontra em nosso coração. A seguinte declaração traz-nos o pensamento que tenho em mente:

“Estamos nós confessando a Cristo em nossa vida diária? Confessamo-Lo em nosso vestuário, trajando-nos simples e recatadamente? É nosso adorno o de um espírito manso e quieto, tão precioso aos olhos de Deus? Estamos procurando promover a causa do Mestre? É distinta a linha de demarcação entre vós e o mundo, ou estais procurando seguir as modas desta época degenerada? Não há diferença entre vós e os mundanos? Opera em vós o mesmo espírito que opera nos filhos da desobediência? Se somos cristãos, seguiremos a Cristo, mesmo que a vereda que tenhamos de trilhar atravessasse diretamente as nossas inclinações naturais. Não adianta dizer-vos que não deveis usar isto ou aquilo, pois se o amor destas coisas vãs estiver em vosso coração o tirardes vossos adornos seria apenas como o cortar a folhagem de uma árvore. As inclinações do coração natural afirmar-se-iam novamente. Precisais ter uma consciência por vós mesmos.” — *The Review and Herald*, 10 de maio de 1892. (Grifo nosso.)

Como mulheres cristãs hoje, temos o privilégio de estar em todo tempo trajadas com tanto recato, que nosso vestuário seja um testemunho de nossa profissão de fé.

Ao terminar este capítulo, desejo citar a declaração de normas da vida cristã em matéria de vestuário, feita pela Associação Geral em 1946. Ela resume os conselhos da Sra. White e o melhor pen-

sar das pessoas mais bem informadas do mundo quanto a essa questão, e dá-nos nossa própria norma *denominacional* nesse importante assunto.

“Os adventistas do sétimo dia foram chamados do mundo. Somos reformadores. A verdadeira religião que penetra em todo aspecto da vida precisa exercer influência modeladora em todas as atividades. Nossos hábitos de vida devem brotar de um princípio e não do exemplo do mundo que nos rodeia. Os costumes e as modas podem mudar com os anos, porém os princípios de reta conduta são sempre os mesmos. O vestuário é um importante fator no caráter cristão. Nos princípios de nossa história, foram dadas instruções acerca da maneira por que os cristãos se devem vestir, instruções cujo desígnio era ‘proteger o povo de Deus das corruptoras influências do mundo, da mesma maneira que promover boa saúde física e moral’. — *Testimonies*, vol. 4, pág. 634. Certamente um desígnio que abrange muito. Não há virtude em se vestir diferentemente dos outros ao nosso redor, só para ser diferente, mas onde os princípios do refinamento ou da moralidade se acham envolvidos, o cristão consciencioso será fiel a suas convicções de preferência a seguir os usos dominantes.

“Os cristãos devem evitar a ostentação e ‘a ornamentação profusa’. A roupa deve ser, quando possível ‘de boa qualidade, de cores próprias e adequadas ao uso’. Deve ser escolhida mais com vistas à ‘durabilidade, do que à aparência’. Ela deve possuir a ‘graça’, a ‘beleza’, a ‘conveniência da simplicidade natural’. — *Mensagens aos Jovens*, págs. 351 e 352. Para que ela não chame a atenção, deve seguir os estilos conservadores e mais sensatos da época.

“O adotar usos e modas extremadas no vestuário masculino ou feminino, indica falta de atenção a assuntos sérios. A despeito de quão judiciosamente o povo se possa vestir em geral, há sempre extremos em modelos que transgridem as leis do recato, tendo assim direta ação sobre o predomínio de condições imorais. Muitos que seguem cegamente as modas estão, pelo menos em parte, inconscientes desses efeitos, mas os resultados não são menos desastrosos. O povo de Deus deve encontrar-se sempre entre os conservadores em matéria de vestuário, e não permitirão que ‘o vestuário lhes encha a mente’. — *Evangelismo*, pág. 273. Não serão os primeiros a adotar os novos modelos de vestuário ou os últimos a deixarem os velhos. Trajar com simplicidade, e abster-se de ostentação de jóias e ornamentos de toda espécie, está em harmonia com a nossa fé. — *Test. Seletos*, vol. I, pág. 350. É claramente ensinado nas Escrituras que o uso de

jóias é contrário à vontade de Deus. 'Não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos', é a admoestação do apóstolo Paulo (I Tim. 2:9.) O uso de enfeites de jóias é um convite à atenção, o qual não está em harmonia com o esquecimento cristão de si mesmo.

"Em alguns países o costume de usar a aliança conjugal é considerado imperioso, havendo-se tornado, na mente do povo, um critério de virtude, e portanto não é considerado adorno. Em tais circunstâncias não nos inclinamos a condenar esse costume.

"Lembremo-nos de que os elementos de beleza não se encontram tanto em feições e cor, como na expressão de inteligência e bondade. O uso do batom, esmalte de cor fora do natural no polimento das unhas e cosméticos semelhantes empregados no make-up comum, participam do artificial, está em desarmonia com a simplicidade cristã. O asseio e a modéstia cristãos também devem ser observados no cuidado e arranjo da pessoa, buscando em todo tempo agradar e representar devidamente a Cristo, nosso Senhor.

"Nossos pais cristãos devem fazer sentir o peso do exemplo e das instruções, da autoridade, a fim de levar os filhos e filhas a se trajarem recatadamente, granjeando assim o respeito e a confiança dos que os conhecem. Que nosso povo só se considere bem vestido quando satisfaz às exigências da modéstia." — *Normas do Viver Cristão* [em inglês], págs. 7-9.

Para obtenção de um agrupamento dos conselhos do Espírito de Profecia na questão do vestuário, convidamos o leitor a estudar atentamente a seção intitulada "Vestuário Adequado", que se encontra em *Orientação da Criança*, págs. 413-436.

C A P Í T U L O XIV

Que Espécie de Pessoas vos Convém Ser?

Estou hoje mais convencido que nunca de que os adventistas do sétimo dia têm a verdade para o nosso tempo, e de que Deus tem sido bom para com a igreja remanescente. Ele nos fala mediante Seus servos de outrora e Sua mensageira na atualidade. Como introdução ao capítulo e em harmonia com esses tão críticos dias da história do mundo, volvamos ao apóstolo Pedro em busca de nossa mensagem. Ele declara:

“O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a tem por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se.

Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a Terra e as obras que nela há, se queimarão. Havendo pois de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade, aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a Sua promessa, aguardamos novos céus e nova Terra, em que habita a justiça. Pelo que, amados, aguardando estas coisas, procurai que dEle sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz." (II S. Pedro 3:9-14.)

Meditando nestas solenes instruções dadas pelo apóstolo, cheguei à conclusão de que a advertência é para mim pessoalmente, e o apelo é para mim, quanto à espécie de pessoa que vou ser de hoje em diante. Não me pertence pensar primeiro em vós e em vossas condições — a espécie de pessoa que deveis ser. Este é o vosso problema. O meu, é: Que espécie de pessoa devo ser? Se cada um de nós responder por si mesmo à pergunta, estou certo de que estaremos preparados para esse grande acontecimento descrito em termos tais.

Nesta questão vital, volvo-me para os conselhos da mensageira do Senhor e, ao ler os conselhos por mim mesmo, espero que cada um de vós faça aplicação pessoal dele. Ellen G. White diz:

"Não faço de mim um critério para qualquer outro." — *Medicina e Salvação*, pág. 285.

"Ninguém se julgue um critério para todos — que cada um tenha que proceder exatamente como ele." — *Conselhos Sobre Saúde*, pág. 156.

"Alguns andam continuamente ansiosos de que seu alimento, embora simples e sadio, lhes possa fazer mal. Seja-me permitido dizer a estes: Não pensem que vossa comida vos vai fazer mal; não pensem absolutamente nela. Comei segundo vosso melhor discernimento; e havendo pedido ao Senhor que abençoe o alimento para revigorar o corpo, crede que Ele escuta a oração, e ficai descansados." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 321.

"Se há os que passam melhor de saúde tomando três refei-

ções, é direito seu tomarem três." — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 178.

"Não devemos ser como os fariseus, amarrados por regras e regulamentos fixos... Devemos ser cuidadosos para não fazer leis como as leis dos fariseus, ou ensinar como doutrinas os mandamentos de homens." — *Medicina e Salvação*, pág. 284.

"Os que não têm senão parcial compreensão dos princípios da reforma, são muitas vezes os mais rígidos, não somente em viver segundo suas próprias idéias, como em insistir nas mesmas para com a família e os vizinhos. O efeito dessas erradas reformas, tal como se manifesta em sua má saúde, e o esforço de incutir nos demais a todo transe seus pontos de vista, dão muitas idéias falsas da reforma dietética, levando outros a rejeitá-la inteiramente." — *A Ciência do Bom Viver*, págs. 318 e 319.

"Os que entendem as leis da saúde e são governados por princípios fugirão dos extremos, tanto da condescendência como da restrição." — *Idem*, pág. 319.

"Esses extremos fazem freqüentemente mais mal dentro de pouco tempo, do que se poderia desfazer em toda uma existência de vida coerente." — *Idem*, pág. 324.

"É impossível estabelecer uma regra fixa para regular os hábitos de cada um, e ninguém se deve considerar critério para todos." — *Idem*, pág. 319.

"Considerai cuidadosamente vosso regime. Estudai das causas para os efeitos. Cultivai o domínio de vós mesmos. Mantende o apetite sob o domínio da razão. Nunca abuseis do estômago, comendo excessivamente, mas não vos priveis da comida saudável e saborosa que a saúde exige." — *Idem*, pág. 323.

Quando estive na Índia, tive o privilégio de morar em casa do secretário da Divisão. Cada dia, na hora da refeição, era-me passado gentilmente um pratinho com mel e, se não me engano, o mel vinha de Assam, sendo portanto especialmente gostoso. Infelizmente, porém, a cada vez eu tinha de passar adiante o pratinho de mel, e dir-vos-ei a razão.

Havia muitos anos, eu descobrira que ao comer mel, por pouco que fosse, mesmo uma colherzinha de chá, isto me causava uma verdadeira dor de estômago como outrora, a qual durava uns três dias. Portanto, esta instrução é muito boa para mim: "Consi-

derai cuidadosamente vosso regime. Estudai das causas para os efeitos." Assim tenho feito, e ninguém me pode persuadir a comer mel, uma vez que eu o saiba. Ora, vós o podeis comer. Podeis deleitar-vos nele. Talvez não tenhais a reação que eu tenho. Uma vez, porém, que tenho essa reação, não gostaria que me forçásseis vossa idéia de que o mel é a melhor comida do mundo, não importa de onde venha.

Considerando meus hábitos quanto à saúde por anos, aprendi o que me convém, e o que não é bom para mim. Há uma porção de frutas e verduras que não me vão bem. Não as posso comer com segurança. Assim, passo-as adiante em harmonia com a boa instrução: "Mantende o apetite sob o domínio da razão." Entretanto, eu não quereria forçar minha restrição quanto ao mel a qualquer outra pessoa, pois sei que a maioria das pessoas gosta muito dele, e a Bíblia fala muito em abono de seu uso.

A Sra. White continua:

"As idéias acanhadas de alguns pseudo-reformadores têm sido um grande dano à causa da saúde." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 323.

"Os que são regidos por princípios serão firmes e decididos em colocar-se ao lado do direito; no entanto, manifestarão em todas as suas associações com os outros, um espírito generoso e cristão, e verdadeiro comedimento." — *Idem*, pág. 324.

"A reforma de saúde não deve ser recomendada de maneira radical... Devemos ser cautelosos em não fazer inovações, porque sob a influência de ensinamentos extremados, há almas conscienciosas que certamente irão a extremos. Sua aparência física prejudicará a causa da reforma de saúde; pois poucos sabem como substituir devidamente os alimentos que rejeitam... Destarte a reforma de saúde perde o seu prestígio." — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, págs. 352 e 353.

Ora, o que é estranho quanto aos que são muito radicais na reforma de saúde, e os que são mais insistentes em passar suas idéias a outras pessoas,

é que de ordinário são magros, fracos, ossudos — justo o oposto do que esperaríamos de um exemplo de saúde. Portanto, com a Sra. White, eu iria sugerir que se tal pessoa é o que sua reforma de saúde fez dela, melhor seria que não falasse sobre ela, pois é um pobre espécime das bênçãos que devem advir de um seguir coerente as mensagens da saúde.

Encerro esta parte de minha mensagem com o seguinte pensamento: O Deus que dá a Seus amados o sono, proveu-lhes também comida apropriada para sustentar o físico em condição saudável, e dou graças a Deus por isto. Bem poucos são os lugares que encontro no mundo em que não fruam as bênçãos do Céu em belo e abundante suprimento de alimento bom, saudável, nutritivo. Apenas poucos lugares há no mundo, segundo achei até aqui, em que eu tivesse de me afastar de meus hábitos de alimentação.

Sim, acho a reforma de saúde a mais admirável das mensagens para mim. Decidi vivê-la o mais cuidadosamente possível, incluindo não somente o que como, porém a maneira por que emprego meu tempo, minhas energias, minhas forças. Credo que Jesus deve vir em breve, que este mundo se acha no limiar da dissolução, é que o apóstolo escreve: "Que espécie de homem deve ser D. E. Rebok?" Resolvi estudar minha natureza física e procurar pô-la em completa harmonia com toda a instrução vinda por intermédio das Escrituras e dos escritos da serva do Senhor.

Há, porém, outra parte do ser humano. O homem não come simplesmente. Não vive para comer, mas antes me é dito que o homem deve comer para viver; que viver é primordial, e comer apenas um meio para determinado fim. Há alguma coisa incomparavelmente mais importante que meu ser físico. E quero salientar essa parte nestas palavras de várias passagens da Escritura.

Em Romanos 14, versículo 15, leio:

“Mas, se por causa da comida se contrista teu irmão, já não andas conforme o amor. Não destruas por causa da tua comida aquele por quem Cristo morreu. Não seja pois blasfemado o vosso bem; porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo. Porque quem nisto serve a Cristo, agradável é a Deus e aceito aos homens. Sigamos pois as coisas que servem para a paz e para a edificação de uns para com os outros.

Este aspecto de minha vida, isto é, meu caráter, minha vida moral, a espécie de pessoa que na verdade sou, é tão importante como o físico. Acho isto descrito nestas palavras de 1 Cor. 10:31:

“Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus.”

Tudo quanto faço inclui mais do que o que como e bebo. Minha comida e minha bebida tornaram-se apenas uma espécie de necessidade; de fato, em casa gastamos muito pouco tempo a pensar na comida e na bebida. Minha esposa diz que sou muito fácil de contentar, e portanto nosso problema de alimentação não é grande. Existe, porém, outro aspecto de minha vida que não é tão fácil de se lidar com ele, e esse é a maneira por que falo, a maneira por que me conduzo, minha atitude de espírito e de corpo, o modo por que trato meus semelhantes, por que lido com meus companheiros de trabalho, a espécie de exemplo que dou aos membros da igreja e ao povo fora dela. Aí está onde necessito por certa ênfase.

Colossenses 3 apresenta-me o método pelo qual posso dar ouvidos à instrução da serva do Senhor. Se as virtudes cristãs estão sendo desenvolvidas, cultivadas em minha vida diária, em minha experiência, eis uma parte muito importante de meu viver.

Leio em Colossenses 3:1-4:

Que Espécie de Pessoas vos Convém Ser?

“Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da Terra; porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a vossa vida, Se manifestar, então também vós vos manifestareis com Ele em glória.”

Este é o grande objetivo de minha vida hoje — aprender de algum modo a viver de tal maneira que me possa tornar a espécie de homem que Cristo foi, de modo que, quando Ele vier, eu seja semelhante a Ele, Ele me reconheça como um dos Seus, e eu tenha a coragem de olhar para o Seu rosto e reconhecê-Lo como meu Salvador pessoal e meu Rei dos reis. Esta é pois a espécie de instrução que agora leio para mim mesmo:

“Mortificai pois os vossos membros, que estão sobre a Terra: a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência, e a avareza, que é idolatria; pelas quais coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência; nas quais também em outro tempo andastes, quando vivíeis nelas.” Col. 3:5-7

É isto o fim? Não. Se tendes tido essa espécie de inclinações terrenas no passado, a instrução é: Mortificai-as, cortai-as fora. Livrai-vos delas.

Continuando:

“Mas agora despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes de vossa boca. Não mintais uns aos outros, pois já vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem dAquele que o criou.” Col. 3:8-10.

Como me posso eu libertar de todas essas coisas que tenderiam a puxar-me para baixo e manter-me ligado à Terra? — coisas como a ira, a cólera, a malícia, o falar mal dos outros, as palavras torpes? Como me posso delas libertar? A resposta é: sendo

talhado e moldado pelos profetas. Essa obra de moldagem é o desígnio específico de ter-se o dom de profecia na antiga igreja, bem como na moderna.

Na nova criação não haverá nem grego nem judeu, circuncisão ou incircuncisão, bárbaro nem cita, servo ou livre. E eu gostaria de acrescentar algumas coisas mais: Não haverá indiano nem chinês, japonês nem africano, alemão nem italiano, nem qualquer outra nacionalidade. Nada haverá assim. Não haverá divisões geográficas entre o povo de Deus, que vive em harmonia com as instruções dadas por meio dos profetas. "Mas Cristo é tudo em todos", e que diferença isto faz em todo homem que permite, pela fé, que o Senhor Jesus Cristo entre e faça morada em seu coração!

Um representante do governo da cidade, na Índia, veio ao nosso Estado para encontrar-se comigo, e enquanto estávamos esperando por Chad Israel, o homem das relações públicas, ele olhou em torno e perguntou:

— Senhor, tem estado na Índia já por muito tempo?

— Não muito; na verdade apenas duas semanas.
— respondi.

— Já viu a Índia? — indagou ele.

Hesitei por um momento, não sabendo exatamente o que responder.

— Vi Poona. Não, vi muito bem Poona — passei estas duas semanas aqui nesta sede, o Estado de Salisbury.

— Bem — disse ele — então o senhor ainda não viu a Índia.

— Estou certo de que o senhor tem razão — concordei.

— Na verdade — continuou ele — quando o senhor está aqui neste Estado, não está realmente vendo a Índia como é.

Perguntei-lhe francamente:

— Que faz a diferença?

Ele não respondeu à minha pergunta, porém eu vos posso dar a resposta. É o estar Jesus no coração de um homem, de uma mulher, de um rapaz ou de uma moça, que faz a diferença. Dou graças a Deus pelo que vi naquele Estado. Vi homens e mulheres, rapazes e moças, que tiveram esta experiência que estabelece a diferença. “Cristo é tudo em todos.” Oh, se pudéssemos ver essa diferença em milhões de criaturas no mundo!

“Revesti-vos” — vedes que acima ele diz que vos despojeis, liberteis, e agora volve-se para a idéia oposta, e diz para revestir-nos:

“Revesti-vos pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade; suportando-vos uns aos outros, e perdoados-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro.” Col. 3:12 e 13.

Não é esse um admirável modo de viver? Isto é o que significa ser a espécie de homem que Cristo acolherá no Seu reino. A espécie de pessoas que, se batidas em uma face, com um sorriso oferecem a outra, e dizem: “Irmão, faça-o a esta outra também.” A espécie de homem que, quando tratado rudemente e maltratado, quando injuriado, ou quando falam contra ele, sorri e diz: “Irmão, isto não é nada em comparação com a maneira por que trataram a meu Mestre, meu Salvador.” A qualidade de homem que, quando lhe dirigem palavras ferinas, sorri e dá uma resposta branda. A espécie de homem que, quando prejudicado ou enganado, sorri e diz: “Irmão, não se preocupe com isto; sei que o irmão está em dificuldades; permita-me dar-lhe mais do que lhe devo.”

É esta espécie de pessoa que quero ser — santo

e muito amado, benigno e bondoso, humilde de espírito, manso e longânimo, disposto a suportar os erros dos outros, e pronto a perdoar.

Em minha leitura, encontrei este parágrafo, e desejo partilhá-lo convosco:

“Como filhos de Deus devemos estar constantemente alcançando preparo para as mansões celestes que Cristo disse a Seus discípulos que lhes ia preparar. Aquele que lança mão da justiça de Cristo pode tornar-se homem perfeito em Cristo Jesus. Trabalhando de um ponto de vista elevado, procurando seguir o exemplo de Cristo, cresceremos até alcançar a Sua semelhança, possuindo cada vez maior refinamento.” — *Test. Para Ministros*, pág. 150.

Gostei desse parágrafo, e disse comigo mesmo: “Esta é a espécie de experiência que quero em minha vida diária, aumentando em adaptação para *minha* mansão celeste, que Ele está preparando lá para *mim*.” É isto tornar o caso demasiado real? É torná-lo demasiado comum, baixá-lo ao meu nível de compreensão?

“Todos os que quiserem entrar na cidade de Deus terão de, em sua vida terrestre, apresentar a Cristo em seus tratos. É isto que os constitui os mensageiros de Cristo, *Suas testemunhas*.” — *Serviço Cristão*, pág. 15.

Meu alvo é estar lá, caros amigos, e pretendo estar na cidade de Deus, em Seu reino eterno. A Sra. White diz que se eu quiser entrar na cidade de Deus, preciso, durante minha vida terrestre, aprender a apresentar a Cristo em todos os meus modos de agir.

Há alguns interessantes parágrafos mais nesse sentido:

“A religião significa a presença permanente de Cristo no coração, e onde Ele está, a alma prossegue em atividade espiritual, crescendo sempre em graça, sempre avançando para a perfeição.” — *The Review and Herald*, 24 de maio de 1892.

“Alguns de nós têm temperamento nervoso, e são naturalmente tão prontos como o relâmpago a pensar e agir; mas ninguém pense que não pode aprender a tornar-se paciente. A paciência é uma planta que fará rápido progresso, se cuidadosamente cultivada. Conhecendo-nos cabalmente a nós mesmos, e então aliando à graça de Deus uma firme determinação de nossa parte, podemos ser vitoriosos, e tornar-nos perfeitos em tudo, sem faltar em coisa alguma.” — *Historical Sketches*, pág. 134.

Naturalmente é tão fácil perder a calma e dar vasão ao temperamento que jaz lá no fundo! Ele parece vir tão pronto à superfície, e irrompe tão facilmente quando ocorre aquela explosão interior! Então procuro explicar: “Você sabe, sou assim por temperamento. Meu pai era assim mesmo. Era esse tipo de homem, e eu sou exatamente como ele.” É isto tudo o que é preciso para libertar-se dele? Oh, não! Não posso lançar a culpa sobre meu pai ou minha mãe. As instruções são que, sentindo eu que vou perder o domínio e dar vasão a meus sentimentos — falar precipitadamente como o relâmpago e proceder da mesma maneira — é então que necessito conter-me.

A Sra. White o exprime na seguinte maneira:

“Quando tentados a proferir coisas sarcásticas, refreai-vos. Não censureis ninguém, não condeneis ninguém. Que a vida seja um argumento em favor de Cristo, e os lábios se abram com sabedoria para defender a verdade. A vida coerente, a longanimidade, o espírito sereno ante a provocação, eis sempre o mais concludente argumento e o mais solene apelo. Somos levados muitas vezes a situações probantes, em que a natureza humana deseja irromper, mas em tais casos, calai-vos, não vos despiqueis.” — *Gospel Workers* (edição de 1893), pág. 467.

Seja-me permitido acrescentar apenas mais um parágrafo da pena da Sra. White, e depois tirarei minhas conclusões:

“A maior parte dos aborrecimentos da vida, seus pesares,

suas irritações, é devida ao temperamento irrefreado. Num momento, por palavras precipitadas, impensadas, pode ser produzido um mal que toda uma existência não pode desfazer. Oh, os corações despedaçados, os amigos alienados, as vidas arruinadas pelas palavras ásperas, precipitadas dos que poderiam haver levado alívio e cura! ... Em sua própria força, o homem não pode reger o seu espírito. Por Cristo, porém, pode obter o domínio de si mesmo." — *Signs of the Times*, 25 de maio de 1904.

Tenho dito muitas vezes a minha esposa que se eu tão-somente pudesse aprender a me conter quando me acontece alguma coisa, quando alguém fala de modo ferino, cáustico, não haveria discussão, não haveria perturbação. Minha dificuldade — e creio que alguns de vós sois um tanto como eu — é que quando alguém fala naquele tom de voz, minha tendência é devolver duas vezes mais duro do que me foi dado. É assim que acontece convosco?

Jamais haverá uma luta enquanto apenas uma pessoa quiser contender. É preciso que haja pelo menos duas; e eu, como cristão, não posso seguramente ser essa segunda pessoa.

"Não repliqueis a menos que o possais fazer de maneira agradável. Dizei a vós mesmos: 'Não decepcionarei meu Salvador.' A mulher cristã é uma dama. Em seus lábios está sempre a lei da bondade. Ela não profere palavras precipitadas. Proferir palavras brandas quando estais irritados é trazer luz ao coração, e tornar mais suave o trilho que palmilhais. Sendo pedido a uma menina de escola que definisse a mansidão, ela disse: 'As pessoas mansas são as que dão respostas brandas a perguntas duras.' Cristo diz: 'Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra.' Eles serão aptos cidadãos para o reino do Céu; pois estão dispostos a ser ensinados." — *The Review and Herald*, 7 de abril de 1904.

São conselhos e instruções como esses que ocupam lugar tão preeminente nos escritos de Ellen G. White.

Estas são as palavras que Deus fala à igreja remanescente — a vós e a mim — que guarda todos os mandamentos, e se apegava ao testemunho de Jesus Cristo, que é o Espírito de Profecia.

Minha Atitude Para com a Vida e Obra de Ellen G. White

Gostaria de transmitir-vos minha própria concepção quanto aos livros de Ellen G. White, e da filosofia que há nos escritos segundo os vejo hoje. Talvez se eu citar vários textos da Escritura, explique melhor minha própria reação à grande massa de instruções. O primeiro texto é Dan. 7:18, que diz:

“Mas os santos do Altíssimo receberão o reino, e possuirão o reino para todo o sempre, e de eternidade em eternidade.”

Ora, ao ler a Série do *Conflito dos Séculos*, e muitos outros volumes, cheguei à conclusão de que o que a Sra. White quer que eu faça, acima de tudo

o mais, é ser um dos santos do Altíssimo. Isto parece ser seu primeiro objetivo. O apelo que me faz é que esteja entre os que hão de estar diante do trono de Deus, entre os vencedores que desenvolverão caráter digno de um lugar no reino de Deus.

Coloco ao lado disto o versículo vinte e dois do mesmo capítulo:

“Até que veio o Ancião de dias, e foi dado o juízo aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino.”

O versículo vinte e sete, diz:

“E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo: o Seu reino será um reino eterno, e todos os domínios O servirão, e Lhe obedecerão.”

Quatro vezes neste capítulo temos a menção do reino eterno e da espécie de povo a quem o reino será dado. O versículo catorze:

“E foi-Lhe dado o domínio, e a glória, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas O servissem; o Seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o Seu reino o único que não será destruído.”

Lendo toda a Bíblia e os muitos volumes e artigos preparados por Ellen G. White, vejo sobressair em todos eles o pensamento do reino eterno. Isto parece ser mantido diante do povo de Deus aqui no mundo como o grande objetivo, e no sétimo capítulo de Daniel se menciona quatro vezes o pensamento de que este reino há de ser dado aos santos. Três vezes das quatro é precedido do pensamento de um juízo que precisa vir antes da segunda vinda de Cristo e do estabelecimento do reino. Portanto, Deus estabeleceu um juízo pelo qual há de determinar

quem está pronto para entrar no reino, e quem será chamado "os santos do Altíssimo".

Isto põe diante de mim, individualmente, meu grande objetivo, isto é, o reino eterno. Dá-me a base do juízo, a norma pela qual Deus há de determinar se estou ou não habilitado a entrar no reino e passar com Ele a eternidade. Ponde agora ao lado disto o versículo 33 do sexto capítulo de S. Mateus:

"Mas buscai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas."

Não há nada mais importante para mim como cristão do que o reino de Deus e o preparo necessário para que possa ser chamado um dos Seus santos. Isto é a primeira e suprema coisa em minha vida. Portanto, deixo que o pensamento do reino tome posse de mim — meu espírito, meu coração, meu corpo. Tudo se acha envolvido nesse único objetivo — estar preparado para o reino.

Agora ponho junto a isto I Cor. 6:9-11:

"Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito de nosso Deus."

Este texto nos dá uma lista das pessoas que não hão de achar-se no reino de Deus. "E isto foi o que alguns de nós" fomos até sermos lavados, santificados ou tornados sãos, até que fomos justificados no nome do Senhor Jesus e pelo Espírito de Deus. É esta experiência que cada um de nós precisa fruir antes de estar habilitado a ter um lugar no reino de Deus.

Ele nos diz outra vez a espécie de pessoas que não estarão ali, e penso que é importante, visto como várias vezes no Novo Testamento nos é enumerada essa lista, a fim de não nos enganarmos. Eis (Gál. 5:19-21):

“Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus.”

A Bíblia nos apresenta a qualidade de homens e mulheres a quem Deus *não* quer em Seu reino. Também nos adianta a espécie de homens e mulheres a quem Ele quer ali:

“Mas o fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências.” Versos 22-24.

Assim, se vós e eu quisermos cultivar estas virtudes, estes característicos que se encontram na espécie de povo que Deus quer em Seu reino, temos de fazê-lo mediante o crucificar as concupiscências da carne.

Alguma coisa terá de entrar em nossa vida, a qual nos ajude a apreciar o fato de que o reino de Deus é todo-importante; então tudo o mais se tornará insignificante. Não permitirei que coisa alguma se interponha entre mim e o Seu reino. Preciso chegar a esse ponto em minha maneira de pensar, a fim de eu apreciar os escritos do Espírito de Profecia. Eles se destinam a ajudar-me a pôr em primeiro lugar o reino de Deus, e a expulsar de minha vida todas estas outras coisas que não são ali toleradas.

Com essa idéia em mente, gostaria que lêsseis mais uma passagem, (II S. Pedro 3), começando com o versículo dez:

“Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a Terra, e as obras que nela há, se queimarão. Havendo pois de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade, aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a Sua promessa, aguardamos novos Céus e nova Terra, em que habita a justiça. Pelo que, amados, aguardando estas coisas, procurai que dEle sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz.”

Prezados amigos, ao completar meu estudo intensivo desse assunto, o Espírito de Profecia, detive-me nesse versículo. Parece-me que se eu puder compreender o sentido desse verso em relação com todos os escritos de Ellen G. White, não há nada que eu retenha de Deus quando Ele me tornar claro justamente o que espera de mim a fim de eu ter parte em Seu reino. Isto se torna meu dever e meu prazer.

Este foi o versículo que apareceu no *Post* de Washington ao tempo da explosão da primeira bomba atômica, quando uma cidade inteira foi arrancada da existência, quando edifícios e coisas materiais pareciam imergir no nada. O artista que desenhou os clichês para o *Post*, desenhou um quadro da Terra se desfazendo em pedaços, e ao fundo, escreveu as palavras deste texto: “Aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão.” Foi um clichê demasiado impressionante aparecendo na primeira página do *Post* de Washington, e sendo levado a milhares e milhares de casas. Isto proporcionou aos

ministros adventistas do sétimo dia texto para o sermão do sábado seguinte, àquela terrível experiência.

Tenho tido em mão ultimamente várias cartas do serviço de atividades confidenciais. Tratam da questão da bomba atômica e da energia atômica. São suficientes dois parágrafos para me darem razão de pensar mais seriamente acerca da espécie de pessoa que me convém ser a fim de poder ter um lugar no reino de Deus. O Presidente Eisenhower expressou seus temores e apreensões quanto a esse velho mundo. A mensagem especial que dirigiu às Nações Unidas tornou claro que só há uma alternativa quanto à paz, e esta é a própria aniquilação, feita pelo homem.

Quero acentuar aquilo que já sabeis: O povo do mundo hoje está grandemente interessado no átomo. O futuro poderá ser uma idade áurea para os homens que sabem dominar-se a si mesmos, porém vós e eu sabemos que não há de haver idade de ouro enquanto não houver completa destruição. Ao pensarmos nestas coisas, e procurar tê-las em mente, então começamos a compreender o sentido e a significação dos escritos de Ellen G. White. Pois eles se destinam a ajudar-nos a conhecer onde nos achamos hoje na história deste mundo, e a espécie de homens que devemos ser em face de estarmos vivendo nos últimos dias. É Deus quem manda as mensagens para nos moldar e ajustar, para talhar e dar forma segundo a semelhança divina e segundo ao modelo e a norma celestes. Isto, meus irmãos, é que eu gostaria de acentuar.

Posso eu apresentar-vos um pouco mais, das coisas interessantes contidas nesses escritos? Desde que, cuidadosa e refletidamente, tomei a decisão de que coisa alguma se interporá entre mim e meu Deus e Seu reino, longe esteja de mim permitir que chá e café ou qualquer outro artigo de alimentação me afastem do reino do Céu. Isto é o que os escritos da serva do Senhor têm significado para mim.

Quando alguns dentre nosso povo ficam terrivelmente excitados e alvoroçados quanto ao que devem ou não devem comer, sou constrangido a pensar que estão ainda combatendo um combate no interior, que ainda não se entregaram inteiramente ao Senhor Jesus, e que têm os olhos fixos em coisas erradas. Se compreendemos o reino de Deus, se entendemos os tempos em que vivemos, se compreendemos a proximidade do fim do tempo e a qualidade de homens e mulheres que Deus quer em Seu reino, nada há que não sacrifiquemos nem abandonemos a fim de podermos ser essa espécie de homens e mulheres.

Minha Salvação e os Escritos de Ellen G. White

Nosso estudo levou-nos bem longe do ponto de partida, e todavia existe íntima relação no que diz respeito — a vós e a mim. Minha crença nos três grandes fatos de fé sobre que se funda o cristianismo, leva-me à única conclusão possível, isto é, de que Deus falou aos homens por meio de Sua Palavra — as Escrituras e usou homens e mulheres santos como porta-vozes Seus nos tempos do Velho e do Novo Testamentos, bem como em nossos tempos.

As provas até aqui apresentadas demonstram que Ellen G. White foi escolhida por Deus como Sua mensageira na igreja remanescente. Ora, a questão diante de nós é simplesmente esta: “Como se relaciona minha salvação, como se relaciona a vossa com os escritos de Ellen G. White?”

Que Requer o Senhor?

Por “salvação” quero dizer o plano pelo qual o pecador pode ser salvo deste mundo de pecado, sendo-lhe concedida entrada, no reino como santo, eter-

no de Deus. A questão, pois, é: Que preciso eu ser ou fazer a fim de habilitar-me para esta transferência? Quais são os requisitos de Deus para uma entrada em Seu reino? Que importância têm os escritos de Ellen G. White em nossa adaptação para um lugar entre os santos de todos os séculos, a quem será dado o reino eterno?

Ellen G. White é muito coerente em sua resposta a estas perguntas, e não nos deixou em dúvida a esse respeito. Alguns parágrafos de sua pena são típicos do que encontramos em todos os seus escritos:

“Todos os que quiserem entrar na cidade de Deus, têm que, durante sua vida terrestre, representar a Cristo em seu procedimento. Isto é o que os torna mensageiros de Cristo, Suas testemunhas.” — *Test. Seletos*, vol. 3, pág. 291.

“Quem são os súditos do reino de Deus? — Todos quantos fazem Sua vontade. Eles têm justiça, paz e gozo no Espírito Santo. Os membros do reino de Cristo são filhos de Deus, sócios de Sua grande firma. Os eleitos de Deus são uma geração escolhida, um povo peculiar, uma nação santa, para manifestar os louvores dAquele que os chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz. São o sal da Terra, a luz do mundo. São pedras vivas, um sacerdócio real. Estão em sociedade com Jesus Cristo. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai.” — *Test. Para Ministros*, pág. 422.

“A condição de vida eterna é hoje justamente a mesma que sempre foi — exatamente a mesma que foi no Paraíso, antes da queda de nossos primeiros pais — perfeita obediência à lei de Deus, perfeita justiça. Se a vida eterna fosse concedida sob qualquer condição inferior a essa, correria perigo a felicidade do Universo todo. ... Não possuímos justiça em nós mesmos com a qual satisficamos os reclamos da lei de Deus. Mas Cristo nos proveu um meio de escape.” — *Caminho a Cristo* pág. 62 (edição de bolso).

“A lei requer justiça — vida justa, caráter perfeito; e isto não tem o homem para dar. Não pode satisfazer as reivindicações da santa lei divina. Mas Cristo, vindo à Terra como homem, viveu vida santa, e desenvolveu caráter perfeito. Estes oferece Ele como dom gratuito a todos quantos O queiram receber. Sua vida substitui a dos homens. Assim recebem remissão de pecados passados, mediante a paciência de Deus. Mais que isto, Cristo

lhes comunica os atributos divinos. Forma o caráter humano segundo a semelhança do caráter de Deus, uma esplêndida edificação de força e beleza espirituais. Assim, a própria justiça da lei se cumpre no crente em Cristo. Deus pode ser 'justo e justificador daquele que tem fé em Jesus'." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 762.

"Este vestido fiado nos teares do Céu não tem um fio de origem humana. Em Sua humanidade, Cristo formou caráter perfeito, e oferece-nos esse caráter. ... Ao nos sujeitarmos a Cristo nosso coração se une ao Seu, nossa vontade imerge em Sua vontade, nosso espírito torna-se um com Seu Espírito, nossos pensamentos serão levados cativos a Ele; vivemos Sua vida. Isto é o que significa estar trajado com as vestes de Sua justiça. ...

"Justiça é fazer o bem, e é pelos atos que todos serão julgados. Nosso caráter é revelado pelo que fazemos. As obras mostram se a fé é genuína." — *Parábolas de Jesus*, págs. 311 e 312.

"A filosofia do Senhor é a regra da vida cristã. O ser todo deve imbuir-se dos vivificantes princípios celestes. As coisas banais que consomem o tempo de tantos, assumem suas devidas proporções em face da saudável e santificadora piedade prática.

"A Bíblia, e a Bíblia tão-somente, pode produzir esses bons resultados. ... Toda a Bíblia é uma revelação da glória de Deus em Cristo. Recebida, crida, obedecida, ela é a grande instrumentalidade na transformação do caráter. E é o único meio seguro de cultura intelectual. ...

"As Escrituras são o grande agente na transformação do caráter. ... Caso seja estudada e obedecida, a Palavra de Deus opera no coração, subordinando todo traço profano. ... As verdades da Palavra de Deus satisfazem a grande necessidade prática do homem — a conversão da alma pela fé." — *Signs of the Times* de 10 de outubro de 1906, pág. 3.

As Conclusões de sua Própria Declaração

A conclusão é tão simples quão certa. Ellen G. White encaminha a atenção do pecador para a Bíblia e para Cristo como a única esperança de salvação do homem. Cada página de seus escritos exalta a Jesus, ergue a Cristo como único Salvador humano, aponta infalivelmente ao Filho de Deus como Aquele que tira os pecados do pecador contrito. *Caminho a Cristo, A Ciência do Bom Viver, O Maior*

Discurso de Cristo, Parábolas de Jesus e O Desejado de Todas as Nações, todos apresentam a doutrina da justiça pela fé no Senhor Jesus Cristo.

“Que faremos para executar as obras de Deus?” perguntaram eles. (S. João 6:28.) Foi o próprio Jesus que deu a resposta: “A obra de Deus é esta: Que creiais nAquele que Ele enviou.” (V. 29.)

Paulo e Silas deram resposta idêntica ao veemente apelo do carcereiro: “Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?” Eles não hesitaram por um momento, mas sabiam a resposta, e assim deveis vós e devo eu saber hoje como ministros de Cristo. Eles declararam: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa.” (Atos 16:30 e 31.)

“Mas a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no Seu nome.” (S. João 1:12.)

Toda a história do que Deus requer para nossa salvação, é contada em um único versículo — (S. João 3:16) em um capítulo — (Efésios 2); em um único livro — a Bíblia, “a luz maior”; e numa biblioteca — “a luz menor”, os mais de cinqüenta volumes encadernados e os vários milhares de artigos de Ellen G. White publicados em nossas revistas denominacionais durante uma centena de anos.

“A revelação do amor de Deus aos homens centraliza-se na cruz. Sua plena significação, a língua não pode exprimir; a pena é impotente para descrever; nem pode a mente do homem compreender. Olhando à cruz do Calvário, só nos é possível dizer: ‘Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.’ (S. João 3:16)

“Cristo crucificado por nossos pecados, Cristo ressurgido, Cristo assunto ao alto, eis a ciência da salvação que temos de aprender e ensinar.” — *Testimonies*, vol. 8, pág. 287. (Grifo nosso.)

Minha fé em Cristo como meu Salvador pessoal leva-me a fazer plena e completa entrega a Ele:

“Ele pede o inteiro coração; dai-Lho; é Seu, tanto pela criação como pela redenção. Ele pede o intelecto; dai-Lho; é Seu. Pede vosso dinheiro; dai-Lho; é Seu. ‘Não sabeis que ... não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço. (I Cor. 6:19 e 20). Deus requer a homenagem da alma santificada, que, pelo exercício da fé que opera por caridade se tenha preparado para servi-Lo. Ele ergue perante nós o mais alto ideal, a perfeição mesmo. Pede que estejamos completa e absolutamente por Ele neste mundo, como Ele está por nós na presença de Deus.” — *Atos dos Apóstolos*, pág. 566.

Ora, qual é o desígnio da Bíblia? Cristo e a cruz se acham em seu centro, e erguem-se, por assim dizer, do Livro, como um ponto focal de interesse para mim; porém Deus deu o Livro, do cap. 1 de Gênesis a 22 de Apocalipse, como a história da redenção, a norma de Seu reino eterno, num Livro Guia da Terra ao Céu, norma completa de viver cristão. (Ver II Tim. 3:15-17.)

Cumpre-nos conservar em mente que um homem não se salva meramente por assentir às doutrinas da Bíblia, mas por sua fé no Senhor Jesus. As doutrinas, as reprovações, as instruções, são dadas como especificações detalhadas para a formação de um perfeito caráter cristão, de um cristão inteligente. É isto que Pedro quer dizer por crescer na graça, como se encontra em II S. Ped. 1:5-11. Começamos com a fé em Jesus Cristo, e então Ele vem ao nosso coração pela fé, e aí faz morada. (Efés. 3:17) Esta presença permanente opera uma transformação de caráter, de modo que o cristão mostra as virtudes de Cristo em toda transação de negócio, em toda relação social, em todo aspecto de sua vida diária.

Ellen G. White o descreve da seguinte maneira:

“Todo momento de nossa vida é intensamente real, e repleto de solenes responsabilidades. A ignorância não será desculpa quanto à falta de compreensão e consecução espirituais; pois somos exortados a acrescentar à virtude o conhecimento. Muitos são demasiado ignorantes da verdade bíblica, e não compreem-

dem o dever e a necessidade de se tornarem cristãos inteligentes. ... Os iletrados pescadores tornaram-se homens refinados e de capacidade; e as lições que tiveram o privilégio de aprender se acham escritas para nossa admoestação e instrução. Somos convidados a tornar-nos discípulos na escola de Cristo. Precisamos adquirir todo conhecimento possível. Não nos podemos permitir ser ignorantes das coisas pertencentes ao nosso bem-estar eterno. Se todos deixassem os falatórios e as más conversações, dedicando o tempo à contemplação de Cristo e do plano da salvação, acrescentariam o conhecimento essencial ao crescimento na graça." — *The Review and Herald*, 21 de fevereiro de 1888, pág. 113.

Detenhamo-nos um momento e consideremos bem isto. É possível que nós, como pregadores e professores adventistas do sétimo dia, tenhamos estado a errar naquilo em que colocamos nossa ênfase? Temos nós deixado de focalizar os grandes fundamentos para fazê-lo a coisas acessórias, e talvez não essenciais? Está minha salvação ainda dependente de minha fé em Jesus Cristo? Ou depende ela de minha prontidão em dar mero assentimento intelectual a certas respostas designadas a questões específicas quanto a um sistema de teologia adventista do sétimo dia, e a certas interpretações de profecias destinadas originalmente a me ajudarem a conhecer a que distância me encontro hoje na vereda para o reino eterno?

Irmãos, bem fazemos em ponderar estas coisas para que não sejamos culpados de fazer aquilo mesmo contra que Ellen G. White nos adverte. Escutai-lhe as palavras:

"Há mais pessoas do que pensamos ansiando por encontrar o caminho para Cristo. Os que pregam a derradeira mensagem de misericórdia, devem ter em mente que Cristo tem de ser exaltado como o refúgio do pecador. Alguns pastores pensam não ser necessário pregar arrependimento e fé; julgam que seus ouvintes se acham relacionados com o evangelho, e que devem ser apresentados assuntos de diferente natureza, a fim de lhes

prender a atenção. Muitas pessoas, no entanto, são lamentavelmente ignorantes quanto ao plano da salvação; precisam mais de instrução quanto a esse tema todo-importante, do que sobre qualquer outro.

“São essenciais discursos teóricos, para que o povo veja a cadeia da verdade, elo após elo, ligando-se num todo perfeito; mas nunca se deve pregar um sermão sem apresentar a Cristo, e Ele crucificado, como a base do Evangelho. Os pastores alcançariam mais corações, se salientassem mais a piedade prática. ...

“O pensamento de que a justiça de Cristo nos é imputada, não por algum mérito de nossa parte, mas como um dom gratuito de Deus, é um precioso pensamento. O inimigo de Deus e do homem não quer que esta verdade seja claramente apresentada; pois sabe que, se o povo a aceitar plenamente, está despedaçado o seu poder. ...

“O povo deve estar instruído de que Cristo lhe é salvação e justiça. É o estudado desígnio de Satanás impedir as almas de crer em Cristo como sua única esperança.” — *Obreiros Evangélicos*, págs. 158, 159, 161 e 162.

Justiça Pela Fé — a Chuva Serôdia e o Alto Clamor

Posso chamar vossa atenção para mais uma questão importante? É possível que o deixarmos de dar a devida ênfase a este assunto da Justiça pela Fé esteja retardando o derramamento da chuva serôdia e o alto clamor?

“Em Sua grande misericórdia, enviou o Senhor preciosa mensagem a Seu povo ... Esta mensagem devia pôr de maneira mais preeminente diante do mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. Apresentava a justificação pela fé no Fiador; convidando o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. Muitos perderam Jesus de vista ... Esta é a mensagem que Deus manda proclamar ao mundo. É a terceira mensagem angélica que deve ser proclamada com alto clamor e regada com o derramamento de Seu Espírito Santo em grande medida.” — *Test. Para Ministros*, págs. 91 e 92. (Grifo nosso.)

Não, minha salvação não depende dos vinte e

cinco milhões de palavras escritas por Ellen G. White, mas de *Jesus Cristo, a quem elas apontam, o que unicamente, me pode salvar de meus pecados e dar-me uma entrada em Seu reino eterno*. Ela resume toda a sua mensagem para mim nestas palavras:

“A súpula e substância de toda matéria da graça e vida cristãs, consiste em crer em Cristo, em conhecer a Deus e a Seu Filho a quem Ele enviou.” — *The Review and Herald*, 24 de maio de 1892, pág. 322.

“Religião é a presença de Cristo no coração, e onde Ele está, a alma avança em atividade espiritual, crescendo sempre na graça, caminhando sempre para a perfeição.” — *Idem*, pág. 321.

Uma carta escrita pela irmã White em Melbourne, a 21 de dezembro de 1892, foi lida por W. W. Prescott à Associação Geral em sessão, no sábado, 28 de janeiro de 1893. Um parágrafo diz respeito a nosso assunto:

“Toda a Terra há de ser iluminada com a glória da verdade de Deus. O Senhor não encerrará o período de graça enquanto a mensagem de advertência não for proclamada mais distintamente. A trombeta precisa dar um somido certo. A lei de Deus tem de ser ampliada, suas reivindicações apresentadas em seu caráter verdadeiro e sagrado, para que o povo seja levado a decidir pró ou contra a verdade. Todavia a obra será abreviada em justiça. A mensagem da justiça de Cristo tem de soar de um a outro extremo do mundo. Esta é a glória de Deus que termina a obra do terceiro anjo.” — *Boletim da Associação Geral*, 27 e 28 de janeiro de 1893, pág. 16. (Grifo nosso.)

Como vedes, há partes do mundo que nada possuem dos escritos de Ellen G. White, outras têm apenas dois ou três livros de sua pena, ao passo que outras regiões são beneficiadas com todos os seus escritos. Este fato em si mesmo torna improvável que Deus estabelecesse os Testemunhos como basicamente necessários e essenciais à salvação do homem.

O mesmo se verifica quanto à Bíblia e sua acessibilidade a cada uma e a todas as línguas da Terra. É seguro concluirmos então que Deus há de julgar o homem e sua salvação, baseado na maneira por que ele viveu segundo a luz que teve ao seu dispor.

Eis um parágrafo sobre esse ponto, da pena da própria Ellen G. White:

“Disse o anjo: ‘Se a luz vem, e é posta de lado ou rejeitada, então vem a condenação e o desagrado de Deus; mas antes que venha a luz, não há pecado, pois não há luz para rejeitarem.’ — *Testimonies*, vol. 1, pág. 116.

A Atitude dos Irmãos Para com os Escritos de Ellen G. White

Uma das melhores declarações feitas pelos irmãos pioneiros demonstrativa de sua atitude para com os escritos de Ellen G. White, saiu da pena de Urias Smith em *Review and Herald* de 12 de junho de 1866.

“Além disto seus [dos Testemunhos] frutos são de molde a mostrar que a fonte de onde provêm é oposta ao mal. Tendem à mais pura moralidade. Desacoroçoam todo vício, e exortam à prática de toda virtude. Indicam os perigos por que temos de passar no caminho para o reino. Revelam os ardis de Satanás. Advêrtem-nos contra seus laços. Têm destruído, ponto por ponto, o fanatismo incipiente, que o inimigo procurou insinuar em nosso meio. Têm exposto a iniquidade escondida, trazido à luz erros ocultos, e posto a descoberto os maus motivos dos falsos de coração. Têm prevenido perigos de todos os lados para a causa da verdade. Têm-nos despertado e tornado a despertar para maior consagração a Deus, mais zelosos esforços quanto à santidade de coração e maior diligência na causa e serviço do Mestre. ...

“Com todo este séquito de bons frutos que são capazes de apresentar, com toda essa inocência de qualquer acusação de mal que possam assacar contra eles, encontram em toda parte a mais acerba oposição. São objeto do mais cego preconceito, do mais intenso ódio e mais maligna fúria. Mundanos e professos crentes formais de todas as denominações, unem-se em um grito geral contra eles, grito de vitupério e mau trato. Muitos sairão longo

trecho de seu caminho a fim de dar-lhes imerecido e maldoso golpe. E falsos irmãos em nossas fileiras o tornam o alvo de seus primeiros ataques, ao se lançarem na apostasia e na rebelião. *Por que tudo isto?* De onde toda esta guerra contra aquilo de que nenhum mal se pode dizer? Diante do exemplo de Caim que matou seu irmão, dos judeus que clamaram pelo sangue do imaculado Salvador, dos infiéis que atacam apaixonadamente o próprio nome de Jesus, e do princípio do coração carnal que se acha em inimizade contra tudo que é santo e espiritual, *deixamos ao leitor a resposta.*" (Grifo nosso.)

Em resposta à pergunta de Urias Smith, eu diria que oposição ou indiferença para com o Espírito de Profecia e os dons espirituais em geral brotam de:

① Deixar de aceitar um ou todos os três grandes fatos da fé em que se baseia o cristianismo.

② Deixar de ler todos os escritos de Ellen G. White ou bastante para compreender cabalmente suas instruções todo-abrangentes e bem equilibradas em qualquer assunto dado.

③ Deixar de compreender a devida relação de seus escritos para com as Escrituras, e de toda a Bíblia para com o único grande e fundamental requisito para a salvação e entrada no reino do Céu.

④ Deixar de apreender a verdadeira natureza de seus escritos quanto à inspiração e a infalibilidade.

⑤ Deixar de reconhecer o princípio do tempo e lugar em relação com os conselhos dados por ela.

⑥ Deixar de reconhecer que os conselhos dados nos primeiros dias da mensagem são seguros para estes dias finais.

⑦ Deixar de reconhecer que, ao passo que é dada prova suficiente para convencer os de coração sincero, o Senhor não Se propõe remover oportunidades para a dúvida, nem afastar os ganchos em que as dúvidas sejam penduradas. O Senhor requer o exercício da fé.

⑧ Deixar de reconhecer que a veracidade dos

conselhos do Espírito de Profecia não podem ser apreciados pelas mutáveis sentenças da Ciência, ou dos preconceitos ou moldadas asserções dos historiadores.

9. Indisposição de fazer sacrifício pessoal de algum hábito pessoalmente nutrido, algum costume ou prática que parece em desarmonia com o conselho dado na norma para a vida cristã segundo é apresentada nos escritos de Ellen G. White. A oposição individual brota do ponto em que “querido” gosto, fantasia, capricho, hábito ou costume do homem é tocado. Ele se vê livre daquele ponto particular, afastando de si a todos.

A oposição da maior parte dos adventistas desapareceria:

1. Se nossos pastores e leigos deixassem de usar certas sentenças ou parágrafos prediletos como clava para bater nos outros.

2. Se cada um de nós tomasse o conselho para si mesmo em vez de procurar aplicá-lo a outro.

3. Se todos nos lembrássemos de I Coríntios 14, que nos diz que a profecia e o profetizar são primeiramente para os membros da igreja e não para os de fora.

4. Se cada um decidisse não se servir nem passar adiante infundados boatos ou ditos sem o devido livro de referência, a página e o parágrafo.

5. Se não discutíssemos um assunto ou questão a menos que tenhamos estudado *plenamente todos* os escritos a esse respeito, enquanto não o fizemos. O conhecimento parcial é mais perigoso do que não se ter conhecimento nenhum. “Eu não sei” é um reconhecimento que pode ser desculpado, porém meia verdade ou uma mentira não se perdoa nem se esquece facilmente.

6. Se reconhecêssemos que o deixar uma pessoa ou muitas pessoas de pôr em prática o conselho

dado por Ellen G. White não tem absolutamente nada que ver com a autenticidade ou a fidedignidade das suas visões ou instruções.

Talvez mais uma declaração de J. N. Andrews publicada na *Review and Herald* de 15 de fevereiro de 1870, deva bastar.

“O objetivo dos dons espirituais é manter viva na igreja a obra de Deus. Eles habilitam o Espírito de Deus a falar na correção de erros, e na exposição da iniquidade. São o meio pelo qual Deus ensina a Seu povo quando estão em perigo de dar um passo errado. São o meio pelo qual o Espírito de Deus deita luz sobre as dificuldades da igreja, quando do contrário impossível seria seu ajustamento. Constituem, também, o meio pelo qual Deus guarda Seu povo da confusão indicando erros, corrigindo falsas interpretações das Escrituras, e fazendo com que a luz incida sobre aquilo que se acha em risco de ser mal interpretado, e portanto ser causa de mal e divisão para o povo de Deus. Em suma, sua obra é unir o povo de Deus no mesmo espírito e no mesmo juízo quanto à significação das Escrituras. ...

“Afinal, na recepção de membros em nossas igrejas, desejamos saber quanto a isto duas coisas: ① Que crêem na doutrina bíblica dos dons espirituais; ② Que se relacionarão sinceramente com as visões da Sra. White, as quais têm tido sempre lugar tão preeminente nesta obra. Cremos que toda pessoa que tiver essa atitude e realizar esse desígnio, será guiada no caminho da verdade e da justiça. E aos que se colocarem nesse terreno não será nunca recusado todo o tempo que quiserem para decidir esta questão.”

Minha Atitude Para com a Vida e Obra de Ellen G. White

Isto nos leva ao âmago de todo este estudo. O que até aqui temos apresentado, não é senão um fundo às questões de suma importância: Qual é minha atitude pessoal para com a vida e obra de Ellen G. White? Qual será a vossa, hoje, e para o tempo futuro?

Quanto a mim, faz muitos anos, assentei minha

atitude em relação aos três grandes fatos de fé em que assenta o cristianismo. Não há portanto necessidade alguma de provas e evidências para me convencerem do dom de profecia manifestado por meio de homens e mulheres escolhidos e chamados por Deus; não há necessidade de nenhuma prova posterior para me convencer de que Ellen G. White foi a pessoa escolhida por Deus como Sua mensageira à igreja remanescente. Além disto, creio que a igreja adventista do sétimo dia é a igreja remanescente, e as reivindicações de Deus para minha salvação deste mundo pecaminoso e para minha entrada em Seu reino eterno são ainda, como sempre têm sido, "obediência perfeita à lei de Deus, justiça perfeita", nenhuma das quais tenho em mim mesmo, mas ambas as quais me são acessíveis pela minha fé no Senhor Jesus Cristo. (*Caminho a Cristo*, pág. 62, edição de bolso.)

Creio que a Bíblia me é dada para mostrar-me como Deus pensa, como Deus opera, o que Ele quer que eu me torne como candidato à cidadania de Seu reino.

Creio também que as profecias da Bíblia me têm tornado claro onde nos encontramos hoje em relação à grande comunicação de todos os planos de Deus. Parece-me que minha tarefa como cristão não é tanto como entrar afinal no Céu, mas como fazer o Céu entrar em mim aqui e agora.

"Nossa felicidade não provém do que nos rodeia, mas do que se encontra dentro de nós; não do que possuímos, mas do que somos." — *The Youth's Instructor*, 23 de janeiro de 1902.

"A entrega de todas as nossas faculdades a Deus simplifica grandemente o problema da vida. Ela enfraquece e abrevia mil lutas com as paixões do coração natural. A religião é uma áurea corda que liga a Cristo as almas tanto de jovens como de idosos. Por meio dela os voluntários e obedientes

são levados a salvo através de caminhos escuros e intrincados à cidade de Deus." — *Idem*, 2 de fevereiro de 1893.

"A vida cristã não é uma modificação ou melhoramento da antiga, mas uma transformação da natureza. Tem lugar a morte do eu e do pecado, e uma vida toda nova. Essa mudança só se pode efetuar mediante a eficaz operação do Espírito Santo." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 172.

A purificação do templo da alma, eis o objetivo que nos é apresentado:

"Desde os séculos eternos era o desígnio de Deus que todos os seres criados, desde os luminosos e santos serafins até ao homem, fossem um templo para morada do Criador. Devido ao pecado, a humanidade cessou de ser o templo de Deus. Obscurecido e contaminado pelo pecado, o coração do homem não mais revelava a glória da Divindade. Pela encarnação do Filho de Deus, porém, cumpriu-se o desígnio do Céu. Deus habita na humanidade, e mediante a salvadora graça, o coração humano se torna novamente um templo. ... Purificando o templo dos compradores e vendilhões mundanos, Jesus anunciou Sua missão de limpar a alma da contaminação do pecado — dos desejos terrenos, das ambições egoístas, dos maus hábitos que a corrompem. ... Homem algum pode de si mesmo expulsar a turba má que tomou posse do coração. Unicamente Cristo pode purificar o templo da alma. Não forçar, porém, a entrada." — *Idem*, pág. 161.

À presença do espírito de Cristo opera inteira transformação:

"A graça de Cristo deve reger o temperamento e a voz. Sua operação será vista na polidez e terna consideração manifestada de irmão para com irmão, em palavras bondosas e encorajadoras. Há no lar uma presença angélica. A vida exala um suave perfume que ascende a Deus como incenso santo. O amor manifesta-se em afabilidade, cortesia, clemência e longanimidade.

"O semblante transforma-se. A presença de Cristo no coração, transparece na face dos que O amam e guardam Seus mandamentos. A verdade está ali escrita. Revela-se a doce paz do Céu. É expressa uma cortesia habitual, um amor mais do que humano.

“O fermento da verdade opera uma transformação no homem todo, tornando o áspero polido, o rude gentil, o egoísta generoso. Por Ele o corrupto é purificado, lavado no sangue do Cordeiro. Por Seu poder vivificante, leva toda mente, alma e força à harmonia com a vida divina. O homem com sua natureza humana, torna-se participante da divindade. Cristo é honrado na excelência e perfeição e caráter. Efetuando-se estas mudanças, os anjos rompem em cantos enlevantes, e Deus e Cristo Se regozijam pelas almas moldadas à semelhança divina.” — *Parábolas de Jesus*, pág. 102.

Creio que os escritos de Ellen G. White descrevem o que Deus quer de mim e o que por mim fará mediante Seu Filho Jesus Cristo. São palavras belas e poderosas. Elas me apresentam a norma da vida cristã. Aceito suas palavras segundo ela declarou que são, palavras de reprovação para o “errante”, palavras “de animação para o manso e humilde”, palavras de “conselho”, “instrução”, “correção”. Não são os “mandamentos do Decálogo”, mas o sábio conselho e veementes rogos de um bondoso Pai celestial por intermédio de Sua escolhida mensageira.

Encontro-me de perfeito acordo com a grande massa de conselhos dados, mas como tantos outros sou tentado a desprezar e rejeitar APENAS os *testemunhos que reprovam meus pecados favoritos, que se chocam com minhas idéias preconcebidas de teologia, e perturbam minha complacência comigo mesmo.*

Quanto a esses poucos pontos, bem poucos, oro diariamente para que me conforme inteira e perfeitamente com Sua vontade e Sua norma.

Creio estar exprimindo a opinião e descrevendo a experiência dos adventistas em geral, em todas as partes do mundo. Tal oposição e indiferença como se mostram aqui e ali, não se dirigem contra livros como os da série *Conflito*, *Caminho a Cristo*, *Parábolas de Jesus*, *O Maior Discurso de Cristo* e deze-

nas de livros como esses, mas justamente a alguns parágrafos, a uma pequena porcentagem, realmente, do total de mensagens dadas por Ellen G. White. Cada um de nós faria bem em anotar uma lista das coisas que nos causam preocupação ou que podemos ser inclinados a passar por alto, e dar então cuidadoso estudo, secundado de oração, a cada um desses pontos.

Talvez vossa experiência e a minha se achem descritas nas palavras desses parágrafos dos *Testemunhos*:

“Como a Palavra de Deus se acha circunvalada por estes livros e folhetos, assim também Ele vos circundou com repreensões, conselhos, advertências e animações. Aí estais clamando a Deus com a alma angustiada, suplicando-Lhe mais luz. Estou autorizada a declarar-vos que nenhum raio mais dessa luz há de incidir sobre a vossa vereda através de Testemunhos, a menos que façais uso prático da luz que já recebestes. O Senhor vos circundou de luz; não a tendes apreciado, antes tripudiais sobre a mesma. Enquanto uns a desprezaram, outros a negligenciaram ou a seguiram com indiferença. Poucos dispuseram o coração a obedecer à luz que Deus Se agradeu dispensar-lhes.” — *Test. Seletos*, vol. 2, pág. 281.

“Lembrem-se os ministros e o povo de que as verdades evangélicas, se não salvam, endurecem. A rejeição da luz torna os homens cativos, atados com cadeias de escuridão e incredulidade. ... ‘Quanto mais o *eu* for exaltado, tanto mais diminuirá a fé nos *Testemunhos* do Espírito de Deus. ... Os que têm a confiança posta em si mesmos, hão de reconhecer sempre menos a Deus nos *Testemunhos dados pelo Seu Espírito*’.” — *Idem*, págs. 291 e 292.

Parágrafos assim farão com que qualquer homem deseje no mais íntimo do coração viver vida melhor, ser homem melhor. Precisamos lembrar sempre, no entanto, que o poder de inspirar não se acha nas próprias palavras, mas no Deus que inspirou à mensageira Seus pensamentos, permitindo que o instrumento humano encontrasse pa-

lavras humanas para exprimir esses pensamentos inspirados.

Em uma carta da pena de Ellen G. White, em 1890, ela escreveu acerca da última obra de Satanás:

“Satanás está ... constantemente forçando a entrada do espúrio — para desviar da verdade. O último engano de Satanás será no sentido de tornar de nenhum efeito o testemunho do Espírito de Deus. ‘Não havendo profecia, o povo se corrompe.’ **Prov. 29:18** Satanás trabalhará engenhosamente, por maneiras diversas e por meio de diferentes instrumentos, para abalar a confiança do povo remanescente de Deus no testemunho verdadeiro.” — Carta 12, 1890.

“Caso o povo que hoje professa ser o peculiar tesouro de Deus obedecesse às Suas reivindicações, tais como se acham especificadas em Sua Palavra, não seriam dados testemunhos especiais para despertá-los para o dever e impressioná-los quanto a sua pecaminosidade e ao terrível perigo em negligenciar obedecer à Palavra de Deus. As consciências têm sido adormecidas porque a luz tem sido posta à margem, negligenciada e desprezada.” — *Testemunhos Para a Igreja*, pág. 24.

“Foi-me mostrado que alguns tinham tão pouca espiritualidade que não compreendiam o valor dos *Testemunhos* ou seu real objetivo. Falam petulantemente dos *Testemunhos* dados por Deus para benefício de Seu povo, e emitem juízo sobre eles, dando sua opinião e criticando isto e aquilo, quando deveriam antes ter posto a mão nos lábios, e se prostrado no pó; pois não lhes era possível apreciar o espírito dos *Testemunhos*, visto conhecerem tão pouco do Espírito de Deus.” — *Testimonies*, vol. 1, págs. 672 e 673.

“Se perderdes a confiança nos Testemunhos, apartar-vos-ei das verdades bíblicas ... Segundo reputais agora os Testemunhos, sentir-vos-feis em perfeita liberdade, caso vos fosse dado algum que cruzasse os vossos caminhos, corrigindo os vossos erros, de aceitá-lo ou rejeitá-lo no todo ou em parte? Aquilo, porém, que menos estiverdes inclinados a aceitar, é justamente o de que mais necessidade tendes.” — *Test. Seletos*, vol. 2, págs. 288 e 289. (Ver, também, vol. 1, pág. 98.)

“Meus irmãos, guardai-vos de um coração mau e incrédulo. A Palavra de Deus é clara e escrupulosa nas suas restrições. Vai de encontro às vossas inclinações egoístas, por isso não lhe obedecéis. Os Testemunhos do Espírito dirigem a vossa atenção às Escrituras, assinalam os vossos defeitos de caráter, e reprovam os vossos pecados; por isso não aten-

tais neles. E para justificardes a vossa conduta carnal, amante de comodismo, começais a duvidar de que os Testemunhos sejam de Deus. Se obedeceis aos seus ensinamentos, adquirirdes a certeza de sua divina origem. Lembrai-vos de que a vossa dúvida não afetará a sua veracidade. Se são de Deus, ficarão de pé.” — *Idem*, pág. 289.

“Foi-me mostrado que a incredulidade nos Testemunhos de advertência, animação e reprovação, está afugentando a luz do povo de Deus. A incredulidade fecha-lhes os olhos, de modo que se acham ignorantes de sua verdadeira condição.” — *Test. Seletos*, vol. 1, pág. 330.

“A dúvida para eles paira nisto: Devo eu renunciar-me a mim mesmo e aceitar como de Deus os Testemunhos que reprovam os meus pecados, ou devo rejeitar os Testemunhos porque os meus pecados são por eles censurados?” — *Test. Seletos*, vol. 2, pág. 289.

“Satanás tem a habilidade de sugerir dúvidas e suscitar objeções aos incisivos testemunhos enviados por Deus, e muitos julgam ser uma virtude, um sinal de inteligência de sua parte, ser incrédulo, questionar e sofismar. Os que desejam duvidar terão suficiente margem para isto. Deus não se propõe a remover toda ocasião para incredulidade.” — *Test. Seletos*, vol. 1, pág. 330. (Ver, também, vol. 2, pág. 290.)

“Deus dá aos espíritos sinceros suficientes evidências para crer; o que, porém, voltar os olhos da força dessas provas, somente porque deparou algumas coisas que sua inteligência finita não apreende, será abandonado à atmosfera glacial da incredulidade e da dúvida, vindo a experimentar o naufrágio da fé.” — *Test. Seletos*, vol. 2, pág. 290.

“Muitos desprezam agora a fiel reprovação dada por Deus no testemunho. ... Mas a oposição às ameaças de Deus não lhes impedirá a execução.” — *Test. Para a Igreja*, pág. 35.

Irmãos e irmãs da família do advento, demos a mais cuidadosa e refletida consideração aliada às orações ao assunto deste estudo, e tomemos nossa atitude juntamente com a igreja remanescente quanto à mensagem a nós dada, como um povo, e à mensageira a quem Deus escolheu para efetuar Sua vontade e desígnio em nós e para nós enquanto o tempo da graça chega a termo, a História chega ao seu capítulo final, Cristo finaliza

Sua obra de salvação dos homens, e enquanto os acontecimentos finais do grande conflito nos levam sempre mais perto da grande consumação de todas as coisas terrenas. Temos todo motivo de regozijar-nos como adventistas do sétimo dia nas abundantes providências tomadas pelo próprio Deus quanto à nossa salvação. Ele nos ama com terno amor. É benigno, bom e amável. Antecipou cada necessidade nossa, e deu-nos o auxílio de que precisamos em cada ocasião no caminho da vida. Está pronto a *habilitar-nos* para o Seu reino. Que cada um e todos nós sejamos moldados e ajustados segundo Seu divino modelo. Ele vos quer a vós e me quer a mim em Sua presença por toda a eternidade.

“Por isso os abati pelos profetas.” Oséias 6:5

Amém!
08. 11. 2000

Prezado leitor: Se você gostou desta leitura, recomende-a a outros. Lembre-se de que “livro é presente de amigo”.